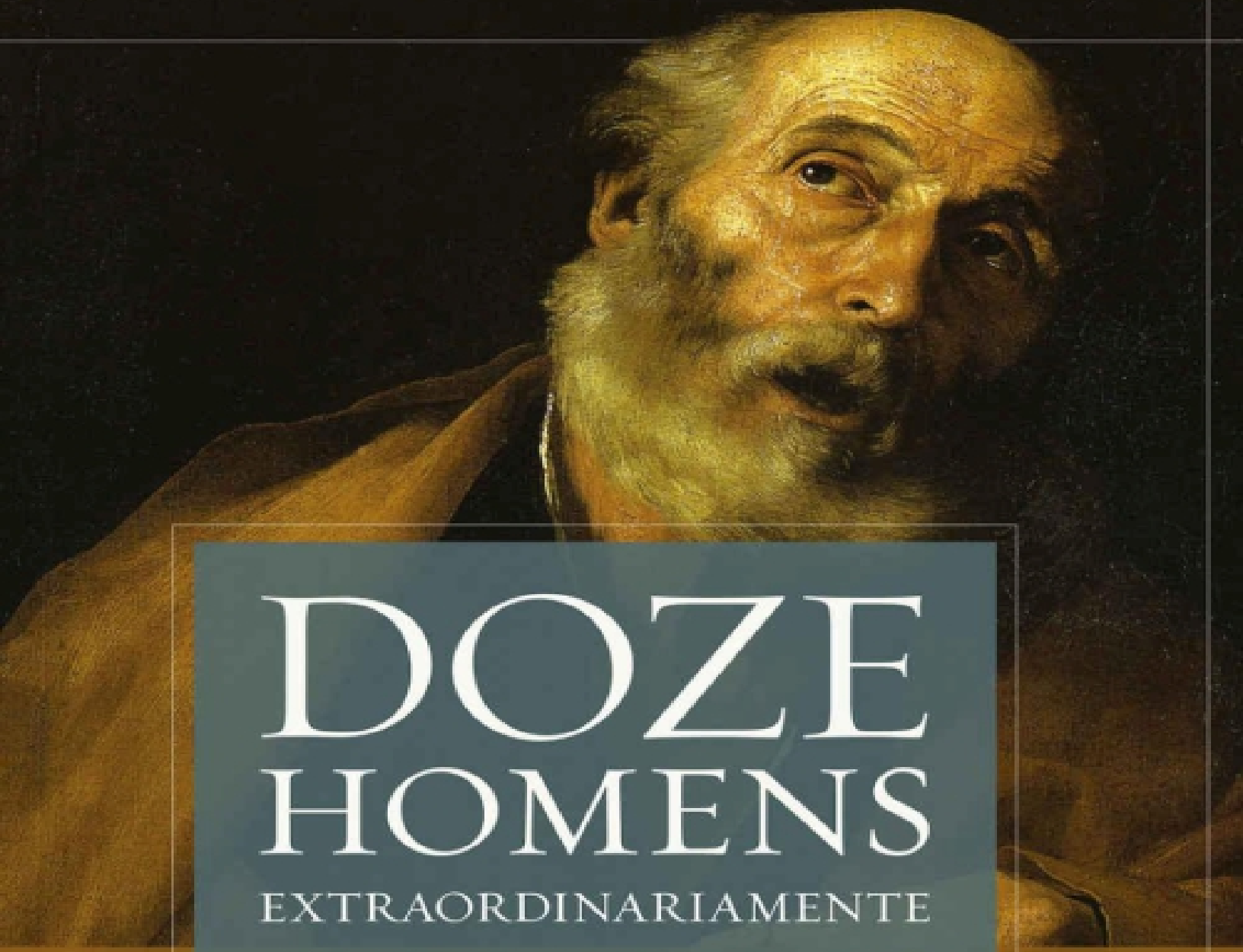
JOHN MACARTHUR



DOZE HOMENS EXTRAORDINARIAMENTE COMUNS

COMO *os* APÓSTOLOS FORAM MOLDADOS PARA ALCANÇAR *o* SUCESSO *em sua* MISSÃO

THOMAS NELSON
BRASIL®

JOHN MACARTHUR

DOZE HOMENS EXTRAORDINARIAMENTE COMUNS

COMO *os* APÓSTOLOS FORAM MOLDADOS PARA ALCANÇAR *o* SUCESSO *em sua* MISSÃO

THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro, 2019

Título original: *Twelve Ordinary Men: How the Master Shaped his Disciples for Greatness and What He Wants to Do with You*
Copyright © 2002 por John MacArthur
Edição original por Thomas Nelson. Todos os direitos reservados.
Copyright de tradução © Vida Melhor Editora, S.A., 2016.
Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora, S.A.

Gerente editorial	*Samuel Coto*
Editor	*André Lodos Tangerino*
Produção editorial	*Bruna Gomes*
Copidesque	*Daila Fanny*
Revisão	*Marcelo Figueiredo*
	Denis Benjamin da Silveira
Capa	*Jonatas Belan*
Diagramação	*Julio Fado*
Produção de ebook	S2 Books

As citações bíblicas são da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada. As posições doutrinárias e teológicas desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M113d

MacArthur, John, 1939-
Doze homens extraordinariamente comuns : como os apóstolos foram moldados para alcançar o sucesso em sua missão / John MacArthur ; [tradução Susana Klassen].
- 2. ed. - Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2019.
224 p.

Tradução de: Twelve ordinary men : how the master shaped his disciples for greatness and what he wants to do with you
ISBN 9788578605049

1. Apóstolos - Biografia. 2. Vida cristã. 3. Jesus Cristo - Ensinamentos. I. Klassen, Susana. II. Título.

18-53838

CDD: 232.95
CDU: 27-423.77

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.thomasnelson.com.br

Dedicatória

Para Irv Busenitz, por sua amizade leal e seu serviço dedicado ao longo de três décadas. Irv é um verdadeiro mestre e servo abnegado que investiu sua vida fielmente na vida de outros que estudaram no The Master's Seminary. Irv é o modelo ideal tanto de discípulo como de discipulador, tendo se dedicado a praticar 2Timóteo 2:2: "E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros."

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Introdução

1. Homens comuns, chamado incomum

2. Pedro, o apóstolo que falava demais

3. André, o apóstolo das pequenas coisas

4. Tiago, o apóstolo fervoroso

5. João, o apóstolo do amor

6. Filipe, o apóstolo que fazia as contas

7. Natanael, o apóstolo sincero

8. Mateus, o coletor de impostos. Tomé, o Dídimo

9. Tiago, o menor. Simão, o Zelote. Judas (não Iscariotes), o apóstolo com três nomes

10. Judas, o traidor

Notas

AGRADECIMENTOS

A realização deste livro se deve em muito ao apoio fiel e ao incentivo de David Moberg, Mark Sweeney e do restante da equipe da W Publishing Group. Temos desfrutado de uma parceria muito próxima e produtiva ao longo dos anos, e sou grato a Deus pelo ministério que esses caros amigos exerceram em tantas de minhas obras publicadas.

Sou particularmente grato a Mary Hollingsworth e Kathryn Murray, da W Group, que trabalharam com afinco em prazos extremamente curtos para manter este livro dentro do cronograma ao longo do processo editorial e da produção. Sua bondade, paciência e diligência foram exemplares, mesmo em circunstâncias difíceis.

Obrigado também a Gary Krussman, que revisou este material em vários estágios e ofereceu diversas sugestões editoriais proveitosas.

Meu agradecimento especial a Phil Johnson, que trabalhou comigo como meu principal editor ao longo de mais de vinte anos. Phil usou suas aptidões no processo de transcrição deste material a partir de meus sermões sobre Mateus 10 e Lucas 6, juntando as duas séries em um só volume, criando uma obra coesa e garantindo um texto claro e compreensível.

Introdução

Há mais de vinte anos, enquanto pregava sobre o evangelho de Mateus, ministrei uma série de estudos sobre os doze apóstolos. As mensagens foram extremamente bem recebidas e, a partir dessa série, produzimos um guia de estudos com o título *The Master's Men* [Os homens do Mestre]. Ao longo dos anos, temos transmitido a série toda em várias ocasiões no programa de rádio *Grace to You* [Graça para você]. Cada vez que vai ao ar, gera uma efusão de comentários favoráveis dos ouvintes. Depois de vinte anos, continua sendo uma das séries de maior aceitação que já produzimos até hoje.

Alguns anos atrás, comecei a apresentar uma exposição versículo por versículo do evangelho de Lucas em nossa igreja. Quando cheguei a Lucas 6:13-16 (quando Lucas relata sobre Jesus chamando os doze apóstolos), preguei uma nova série de mensagens sobre esses discípulos. Mais uma vez, ela foi recebida com um volume enorme de comentários entusiásticos. Enquanto pregava essa série, dei-me conta de que uma geração inteira havia nascido e atingido a idade adulta nos anos seguintes à primeira vez em que havíamos estudado a vida dos discípulos. Aquelas pessoas identificavam-se com esses homens da mesma forma que seus pais haviam feito mais de duas décadas atrás.

Até mesmo pessoas que haviam praticamente decorado a série anterior afirmaram que ainda consideravam a vida dos discípulos mais atual e relevante do que nunca. A nova série não demorou a tornar-se uma das favoritas de muitos, e algumas pessoas começaram a me pedir para reunir todo o material sobre os apóstolos em um livro. Não foi preciso muita

insistência para que eu me lançasse nesse projeto. O resultado é o livro em suas mãos.

Sempre tive verdadeiro fascínio pela vida dos doze apóstolos. Quem não tem? Os tipos de personalidade desses homens não nos são estranhos. Eles são como nós e como outras pessoas que conhecemos. São acessíveis. São personagens reais e cheios de vida, com os quais podemos nos identificar. Suas imperfeições, fraquezas, bem como suas vitórias e características mais amáveis são narradas em alguns dos relatos mais fascinantes da Bíblia. Trata-se de homens que *queremos* conhecer.

Isso acontece, pois, em tudo, são homens perfeitamente comuns. Nenhum deles era conhecido por ser um grande estudioso ou erudito. Não tinham o currículo de grandes oradores e teólogos. Na verdade, eles viviam à margem das instituições religiosas da época de Jesus. Não se destacavam por seus talentos naturais nem aptidões intelectuais. Pelo contrário, todos eles estavam sujeitos a cometer erros, ter atitudes equivocadas, lapsos na fé e terríveis fracassos — ninguém mais ilustra isso do que Pedro, o líder do grupo. Até mesmo Jesus comentou que eles eram lentos para aprender e um tanto obtusos nas coisas espirituais (Lucas 24:25).

Estavam relacionados às mais variadas tendências políticas. Um deles havia sido zelote — um radical determinado a derrubar o governo romano. No entanto, outro havia sido coletor de impostos — praticamente um traidor do povo judeu em conluio com Roma. Pelo menos quatro, e, possivelmente, sete deles, eram pescadores e bons amigos vindos de Cafarnaum, sendo bem provável que se conhecessem desde a infância. Quanto aos outros, pode ser que fossem comerciantes ou artesãos, mas não nos é dito o que faziam antes de se tornarem seguidores de Cristo. A maioria deles era da Galileia, uma região agrícola localizada num cruzamento de rotas comerciais. A Galileia continuou sendo a base de operação de Jesus durante grande parte de seu ministério; e não Jerusalém (como alguns poderiam pensar), na Judeia, que era a capital política e religiosa de Israel.

No entanto, depois da ascensão de Jesus, esses homens, com todos os seus defeitos e falhas de caráter — por mais notavelmente comuns que fossem —, deram continuidade a um ministério que teve um impacto indelével sobre o mundo. Este continua a nos influenciar até os dias de hoje. Em sua graça, Deus os capacitou e usou para darem início à propagação da mensagem do evangelho e para virarem o mundo de cabeça para baixo (Atos 17:6). Homens comuns, pessoas como você e eu, tornaram-se instrumentos para que a mensagem de Cristo fosse levada até os confins da terra. Não é de admirar que sejam personagens tão fascinantes.

Os doze apóstolos foram pessoalmente escolhidos e chamados por Cristo. Ele os conhecia como somente seu Criador poderia conhecê-los (leia João 1:47). Em outras palavras, ele sabia de todos os seus defeitos muito antes de escolhê-los. Sabia até mesmo que Judas o trairia (João 6:70; 13:21-27), e, ainda assim, de qualquer modo, escolheu o traidor e deu-lhe os mesmos privilégios e bênçãos que ofereceu aos outros.

Pense nas implicações disso: do ponto de vista humano, a propagação do evangelho e a fundação da igreja giraram inteiramente em torno desses doze homens cuja característica mais marcante foi sua trivialidade. Foram escolhidos por Cristo e treinados durante um tempo que é mais adequadamente medido em meses, e não em anos. Ele ensinou-os sobre as Escrituras e teologia. Discipulou-os em um viver piedoso, instruindo-os a orar, a perdoar e a servir uns aos outros com humildade. Deu-lhes instrução moral. Falou-lhes de coisas vindouras e usou-os como seus instrumentos para curar os enfermos, expulsar demônios e realizar outras obras miraculosas. Três deles — Pedro, Tiago e João — chegaram até mesmo a ver um lampejo da glória de Jesus no monte da Transfiguração (Mateus 17:1-9).

Foi um programa de discipulado rápido, porém intensivo. Quando acabou, na noite da traição de Jesus, “os discípulos todos, deixando-o, fugiram” (Mateus 26:56). Do ponto de vista terreno, esse programa de treinamento teve ares de um fracasso monumental. Ao que parece, os discípulos haviam esquecido ou ignorado tudo o que Cristo lhes havia

ensinado sobre tomar a cruz e segui-lo. Na verdade, a sensação de fracasso dos discípulos foi tão profunda que, durante algum tempo, retornaram às suas antigas ocupações. E até nisso parecia que estavam condenados ao fracasso (João 21:3-4).

No entanto, encorajados pelo Senhor ressurreto, voltaram ao seu chamado apostólico. Tendo recebido poder do Espírito Santo no Pentecostes, dedicaram-se com ousadia à tarefa para a qual Jesus os havia chamado. A obra que começaram depois disso continua até hoje, dois mil anos depois. Os apóstolos são prova viva de que a força de Deus se aperfeiçoa na fraqueza. Fica evidente que, por si mesmos, não estavam à altura da tarefa a ser cumprida (veja 2Coríntios 2:16). Contudo, Deus os conduziu à vitória em Cristo e, através deles, espalhou por "todo lugar a fragrância do seu conhecimento" (2Coríntios 2:14).

Para avaliar melhor a brevidade do tempo que eles passaram fisicamente com Cristo, considere o fato de que o ministério todo de Jesus, desde o batismo até a ressurreição, durou cerca de três anos. Assim, o período de treinamento intensivo dos discípulos foi equivalente a mais ou menos metade disso. Na obra clássica de A. B. Bruce, *O treinamento dos Doze*, ele afirma que quando Jesus identificou e chamou os doze apóstolos dentre um grupo maior de seus seguidores (Mateus 10:1-4; Lucas 6:12-16), metade de seu ministério terreno já havia terminado:

> A seleção dos doze por Jesus [...] é um marco importante na história do evangelho. Ela divide o ministério de nosso Senhor em duas partes, provavelmente quase iguais no que se refere à duração, porém desiguais no que se refere à extensão e importância do trabalho feito em cada uma, respectivamente. No primeiro período, Jesus trabalhou sozinho; seus feitos miraculosos limitaram-se, em sua maioria, a uma região mais restrita, e seus ensinamentos foram principalmente de caráter mais básico. No entanto, quando os doze foram escolhidos, o trabalho do reino já havia adquirido proporções tais que exigia uma organização e divisão do trabalho; além disso, os ensinamentos de Jesus estavam começando a ser de uma natureza mais profunda e complexa, e suas obras benevolentes adquiriam uma abrangência cada vez maior.
>
> É provável que a seleção de um número restrito de companheiros constantes havia se tornado uma necessidade para Cristo, em decorrência justamente de seu sucesso em atrair

> discípulos. Podemos imaginar que seus seguidores haviam se transformado num grupo tão numeroso a ponto de serem um embaraço e um estorvo para seu deslocamento, especialmente nas viagens mais longas que marcam a segunda parte de seu ministério. Era impossível que todos os que criam pudessem continuar, dali em diante, a segui-lo no sentido literal, onde quer que ele fosse: a maioria dos que estavam com ele só podia ser de seguidores ocasionais. No entanto, era seu desejo que certos homens escolhidos estivessem com ele a todo tempo e em todos os lugares — seus companheiros ao longo das viagens, testemunhando todo seu trabalho e ministrando às suas necessidades diárias. E assim, nas palavras singulares de Marcos, "chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então designou doze para estarem com ele". (Marcos 3:13-14) [1]

Isso significa que esse punhado de homens, cujas origens encontravam-se em ocupações comuns e terrenas, tiveram pouco mais de dezoito meses de treinamento para a tarefa monumental à qual foram chamados. Não havia um dispositivo de segurança, não havia jogadores reservas e nem um plano B caso os doze fracassassem.

A estratégia parece arriscada ao extremo. Em termos humanos, a fundação da igreja e a propagação da mensagem do evangelho dependeram inteiramente daqueles doze homens comuns com suas muitas e óbvias fraquezas, sendo um deles tão perverso a ponto de trair o Senhor do universo. E a totalidade do treinamento para tal missão levou menos da metade do tempo necessário para se completar, hoje em dia, o bacharelado em teologia num seminário.

No entanto, Cristo sabia o que estava fazendo. Com base em seu ponto de vista divino, em última análise, o sucesso da estratégia dependia, na verdade, do Espírito Santo operando naqueles homens de modo a realizar sua vontade soberana. Tratava-se de uma missão que não podia ser frustrada. Por esse motivo, o louvor e a glória devem ser dados somente a Deus. Esses homens foram simples instrumentos nas mãos divinas, assim como você e eu podemos ser instrumentos de Deus nos dias de hoje. Deus se compraz em usar meios tão comuns; "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo,

e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1Coríntios 1:27-29). O triunfo de dois mil anos do empenho apostólico é testemunho da sabedoria e do poder da estratégia divina.

Algumas vezes, nas Escrituras, os doze são chamados de "discípulos" — *mathetes*, no texto grego (Mateus 10:1; 11:1; 20:17; Lucas 9:1). Essa palavra significa "aprendizes", "estudantes". Essa é a descrição do que foram durante aqueles meses que passaram sob a tutela direta e pessoal do Senhor. Jesus possuía uma multidão de discípulos, mas esses doze foram chamados de modo específico e escolhidos para um ofício apostólico singular. Assim, também são chamados de "apóstolos" — no grego, *apostoloi*. A palavra significa simplesmente "mensageiros", "enviados". Receberam um ofício singular como embaixadores revestidos de autoridade e porta-vozes de Cristo. É especialmente Lucas quem usa esse termo em seu evangelho e ao longo do livro de Atos dos Apóstolos, e reserva o emprego do termo quase exclusivamente aos doze. Mateus fala dos "apóstolos" em apenas em uma ocasião (Mateus 10:2); em outras passagens, refere-se aos "doze discípulos" (11:1; 26:20), aos "doze" (26:14,47) ou aos "discípulos" (26:27).

Semelhantemente, Marcos usa o termo "apóstolos" apenas uma vez (Marcos 6:30). Em outras ocasiões, refere-se sempre aos apóstolos como "os doze" (3:14; 4:10; 6:7; 9:35; 10:32; 11:11; 14:10,17,20,43). João também usa a palavra "apóstolos" apenas uma vez, e não o faz num sentido técnico (João 13:16; a maioria das versões apresenta o termo "enviado"). Assim como Marcos, João refere-se sempre ao grupo apostólico como "os doze" (João 6:67,70-71; 20:24).

Em Lucas 10, descreve-se um episódio no qual setenta dos discípulos de Jesus foram chamados e enviados, dois a dois, para pregar. Eram, obviamente, "enviados" e, por isso, alguns comentaristas referem-se a eles como "apóstolos", mas Lucas não emprega esse termo ao descrevê-los.

Os doze foram chamados para um ofício específico. Nos evangelhos e em Atos dos Apóstolos, o termo *apostoloi* quase sempre se refere a esse

ofício e aos doze homens que foram especialmente chamados e ordenados para tal. Os textos de Atos 14:14 e das epístolas paulinas deixam claro que o apóstolo Paulo também foi chamado a fim de exercer um ofício apostólico especial, o de "apóstolo dos gentios" (Romanos 11:13; 1Timóteo 2:7; 2Timóteo 1:11). O apostolado de Paulo foi um chamado singular. Obviamente, ele possuía a mesma autoridade e os mesmos privilégios dos doze (2Coríntios 11:5). No entanto, o apostolado de Paulo não é o assunto a ser tratado neste livro, pois nosso enfoque é sobre os doze homens que compartilharam com Jesus de seu ministério público, sendo seus amigos e companheiros mais íntimos. A conversão de Paulo ocorreu somente depois da ascensão de Cristo (Atos 9). Ele falou com a mesma autoridade e manifestou a mesma habilidade miraculosa dos doze, e os doze aceitaram-no e reconheceram sua autoridade (veja 2Pedro 3:15-16), mas Paulo não era um deles.

O número doze era significativo, pois Lucas descreve como, depois da ascensão de Jesus, os apóstolos escolheram Matias para ocupar o lugar que Judas havia deixado vago (Atos 1:23-26).

O papel de um apóstolo (incluindo o ofício especial para o qual o apóstolo Paulo foi chamado), envolvia uma posição de liderança e autoridade exclusiva de ensino na igreja primitiva. As Escrituras do Novo Testamento foram inteiramente compiladas pelos apóstolos ou por seus cooperadores próximos. Além disso, antes de o Novo Testamento ser escrito, os ensinamentos dos apóstolos serviram de regra para a igreja primitiva. Começando com os primeiros convertidos em Pentecostes, todos os crentes sinceros aceitaram a liderança dos apóstolos (Atos 2:37). À medida que a igreja foi crescendo, sua observância rigorosa da verdade foi descrita nos seguintes termos: "e perseveravam na doutrina dos apóstolos" (Atos 2:42).

Os apóstolos receberam poderes sobrenaturais para realizar maravilhas e sinais (Mateus 10:1; Marcos 6:7,13; Lucas 9:1-2; Atos 2:3-4; 5:12). Esses sinais deram testemunho da verdade do evangelho, o qual os apóstolos

haviam recebido de Cristo e que apresentaram ao mundo em nome do Senhor (2Coríntios 12:12; Hebreus 2:3-4).

Em outras palavras, seu papel foi central e fundamental. Eles *são*, verdadeiramente, os alicerces da igreja cristã, "sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular" (Efésios 2:20).

Estes estudos sobre a vida dos apóstolos foram particularmente um motivo de grande prazer para mim, e um dos esforços mais produtivos de minha vida. Minha maior alegria é pregar sobre Cristo. Onze desses homens também possuíam essa mesma paixão, dedicaram-lhe sua vida e nela triunfaram contra toda oposição tirânica. Apesar de suas falhas, são heróis e modelos apropriados para nós. Estudar a vida deles é conhecer os homens que foram mais próximos de Cristo durante sua vida terrena. Perceber que eram pessoas comuns como nós é uma grande bênção. Que o mesmo Espírito de Cristo que os ensinou transforme-nos, da forma como os transformou, em vasos preciosos e úteis para o Mestre. E que possamos aprender com o exemplo deles sobre o que, de fato, significa ser discípulo.

1

HOMENS COMUNS, CHAMADO INCOMUM

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

1Coríntios 1:26-29

Desde o momento em que Jesus começou seu ministério público em sua cidade natal de Nazaré, ele foi motivo de enorme controvérsia. O povo de sua própria comunidade literalmente tentou matá-lo logo após sua primeira mensagem pública na sinagoga local: "Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. E levantando, expulsaram-no da cidade e o levaram até o cimo do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá o precipitarem abaixo. Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se" (Lucas 4:28-30).

Por ironia, Jesus tornou-se extremamente popular entre as pessoas da região mais ampla da Galileia. À medida que a notícia de seus milagres começou a circular por todo o distrito, multidões saíam para vê-lo e ouvi-lo falar. Lucas 5:1 relata: "ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus". Certo dia, o povo era tão numeroso e agressivo que Jesus entrou

num barco, distanciou-se da margem o suficiente para livrar-se da pressão de toda aquela gente e dali ensinou a multidão. Não foi por mero acaso que o barco escolhido por ele pertencia a Simão. Jesus lhe daria um novo nome: Pedro; e ele viria a ser a pessoa dominante no círculo mais íntimo dos discípulos de Jesus.

Alguns podem imaginar que, se Cristo desejava que sua mensagem tivesse o máximo de impacto, poderia ter se aproveitado melhor de sua popularidade. De acordo com a sabedoria convencional moderna, Jesus deveria ter feito todo o possível para explorar sua fama, acalmar as controvérsias geradas por seus ensinamentos e empregar toda e qualquer estratégia necessária para maximizar a multidão ao seu redor. No entanto, não foi o que ele fez. Na verdade, fez exatamente o contrário. Em vez de tomar o caminho do populismo e explorar sua fama, ele começou a enfatizar justamente aquelas coisas que tornavam sua mensagem controversa. Mais ou menos na mesma época em que o número de seus seguidores atingiu o ápice, ele pregou uma mensagem de modo tão ousado e confrontante, e de conteúdo tão ofensivo que a multidão se dissipou, ficando apenas os poucos que lhe eram mais devotos (João 6:66-67).

Entre aqueles que ficaram com Cristo estavam os doze, os quais ele havia pessoalmente escolhido e designado para representá-lo. Eram doze homens perfeitamente comuns, sem nada de extraordinário. Porém, a estratégia de Cristo para fazer seu reino avançar girava em torno desses homens, e não das agitadas multidões. Ele escolheu trabalhar através desses poucos indivíduos falíveis em vez de promover seus interesses por intermédio da força das massas, do poderio militar, da popularidade pessoal ou de uma campanha de relações públicas. Do ponto de vista humano, o futuro da igreja e o sucesso do evangelho, em longo prazo, dependiam inteiramente da fidelidade desse punhado de discípulos. Não havia um plano B caso fracassassem.

A estratégia escolhida por Jesus tipifica o caráter do próprio reino. “Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro em vós” (Lucas 17:20-21). O reino

avança "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (Zacarias 4:6). Uma dúzia de homens sob o poder do Espírito Santo é uma força mais potente do que as massas numerosas cujo entusiasmo inicial por Jesus aparentemente foi causado por pouco mais do que pura curiosidade.

Cristo escolheu pessoalmente os doze e investiu a maior parte de sua energia neles. Jesus os escolheu antes que eles o escolhessem (João 15:16). O processo de selecioná-los e chamá-los ocorreu em diferentes estágios. Leitores mais precipitados das Escrituras às vezes imaginam que João 1:35-51, Lucas 5:3-11 e o chamado formal dos doze, em Lucas 6:12-16, são relatos contraditórios de como Cristo chamou seus apóstolos. Contudo, não existe contradição alguma. Trata-se apenas de passagens que simplesmente descrevem diferentes estágios do chamado dos apóstolos.

Em João 1:35-51, por exemplo, André, João, Pedro, Filipe e Natanael encontram Jesus pela primeira vez. Esse episódio ocorre perto do início do ministério de Jesus, na erma região próxima ao rio Jordão, onde João Batista estava ministrando. André, João e os outros estavam lá, pois já eram discípulos de João Batista. No entanto, quando viram seu mestre apontar para Jesus e o ouviram dizer "eis o Cordeiro de Deus", seguiram Jesus.

Essa foi a primeira fase de seu chamado. Foi um chamado à *conversão*. Ilustra como todo discípulo é chamado, em primeiro lugar, à salvação. Devemos reconhecer Jesus como o verdadeiro Cordeiro de Deus e Senhor de tudo, e aceitá-lo pela fé. Esse estágio do chamado dos discípulos não envolveu um discipulado de tempo integral. As narrativas dos Evangelhos sugerem que, apesar de terem seguido a Jesus, no sentido de que, de boa vontade, ouviram seus ensinamentos e sujeitaram-se a ele como seu Mestre, esses homens continuaram suas ocupações de período integral, ganhando o sustento através de empregos comuns. É por isso que desse ponto até o momento em que Jesus os chamou para dedicarem-se exclusivamente ao ministério, nós os vemos com frequência pescando e consertando redes.

A segunda fase do chamado foi uma convocação para o *ministério*. Lucas 5 descreve o acontecimento em detalhes. Essa foi a ocasião em que

Jesus saiu das margens do lago de Genesaré, para escapar da pressão das multidões, e pregou de dentro do barco de Pedro. Depois de falar, instruiu Pedro a ir para águas mais profundas e lançar as redes. Pedro obedeceu, apesar de aquela não ser a hora certa (era mais fácil pescar durante a noite, quando as águas estavam mais frias e os peixes iam até a superfície para se alimentar), de não ser o lugar certo (os peixes, normalmente, se alimentavam nas águas mais rasas e era mais fácil pescá-los lá) e de Pedro estar exausto (tendo pescado a noite toda sem sucesso). Pedro disse a Jesus: "Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sobre a tua palavra lançarei as redes" (Lucas 5:5). Como resultado, apanhou tanto peixe que as redes se rompiam e dois barcos quase afundaram (veja versículos 6 e 7)!

Foi logo depois desse milagre que Jesus disse: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mateus 4:19). As Escrituras dizem que, nesse momento, "deixando tudo, o seguiram" (Lucas 5:11). De acordo com Mateus, André e Pedro "deixaram imediatamente as redes e o seguiram" (Mateus 4:20). Quanto a Tiago e João, "no mesmo instante deixando o barco e seu pai, o seguiram" (versículo 22). Desse ponto em diante, tornaram-se inseparáveis do Senhor.

Mateus 10:1-4 e Lucas 6:12-16 descrevem a terceira fase do chamado. Foi o seu chamado ao *apostolado*. Nessa ocasião, Cristo selecionou e nomeou doze homens em particular, e fez deles seus apóstolos. Eis o relato de Lucas sobre esse episódio:

> Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.

O apostolado começou com um tipo de programa de estágio. Cristo os enviou para pregar. Marcos 6:7 diz que foram enviados dois a dois. Nessa

fase, eles ainda não estavam preparados para irem sozinhos, de modo que Cristo os ajuntou em duplas para que um apoiasse o outro.

Ao longo dessa fase de treinamento, o próprio Senhor manteve-se bem perto deles. Era como a mãe águia, observando seus filhotes começarem a voar. Reportavam-se a ele com frequência, contando como estavam as coisas (veja Lucas 9:10; 10:17). Depois de duas temporadas de trabalho evangelístico, voltaram para o Senhor e ficaram com ele por um período mais prolongado de ensinamento, ministério, comunhão e descanso (Marcos 6:30-34).

O chamado teve uma quarta fase que ocorreu depois da ressurreição de Jesus. Judas já não estava mais no grupo, tendo se enforcado depois de trair a Cristo. Jesus apareceu para os outros onze em seu corpo ressurreto e os enviou ao mundo, ordenando que discipulassem as nações. Esse foi, com efeito, o chamado ao *martírio*. No final, cada um deles daria sua vida por amor ao evangelho. Diz-se que somente João viveu até a velhice e foi severamente perseguido por amor a Cristo e, depois, exilado na minúscula ilha de Patmos.

Apesar dos obstáculos que enfrentaram, eles triunfaram. Em meio à grande perseguição e até mesmo ao martírio, cumpriram sua missão. Tendo superado todas as adversidades, entraram na glória vitoriosos. E a continuidade da pregação do evangelho — que se estende por dois mil anos e alcançou praticamente todos os cantos da terra — é um testemunho à sabedoria da estratégia divina. Não é de se admirar que sejamos tão fascinados por esses homens.

Comecemos nosso estudo sobre os doze observando cuidadosamente a terceira fase de seu chamado: a seleção e nomeação para o *apostolado*. Observemos os detalhes conforme nos foram passados por Lucas.

O TEMPO

Em primeiro lugar, é importante o momento em que tal seleção ocorreu. Lucas observa esse fato na frase de abertura, em Lucas 6:12: “Naqueles

dias". Outras versões trazem expressões como "E foi nesse tempo". Lucas não está falando de tempo cronológico, ou dos dias específicos de um determinado mês. "Naqueles dias" e "nesse tempo" referem-se a um período, uma temporada, uma fase distinta no ministério de Jesus. Foi um intervalo de tempo no qual a oposição a ele alcançou o auge.

"Naqueles dias" remete imediatamente ao relato anterior. Essa seção do evangelho de Lucas registra a terrível oposição que Cristo estava começando a enfrentar da parte dos escribas e fariseus. Lucas 5:17 é a primeira menção que o evangelista faz aos fariseus, e o versículo 21 é a primeira ocasião em que usa o termo "escribas" (no versículo 17 são mencionados juntamente com os fariseus e chamados de "mestres da lei").

Assim, os principais adversários de Jesus nos são apresentados em Lucas 5:17, e o relato de Lucas sobre essa oposição toma o resto do capítulo e boa parte do capítulo 6. Ele descreve o conflito crescente entre Jesus e os líderes religiosos do judaísmo. Escribas e fariseus objetaram quando Jesus curou um paralítico e perdoou seus pecados (5:17-26). Contestaram quando Jesus comeu e bebeu com publicanos e pecadores (5:27-39). Rebateram quando ele permitiu que seus discípulos debulhassem grãos com as mãos e os comessem no sábado (6:6-11). Um após o outro, Lucas relata os principais incidentes e episódios da progressiva oposição dos líderes religiosos.

O conflito culmina em Lucas 6:11. Os escribas e fariseus "se encheram de furor e discutiam entre si quanto ao que fariam a Jesus". Tanto Marcos como Mateus são ainda mais explícitos. Relatam que os líderes religiosos desejavam destruir Jesus (Mateus 12:14; Marcos 3:6). Marcos diz que os líderes religiosos chegaram a envolver os herodianos em sua intriga. Os herodianos eram uma facção política que apoiava a dinastia de Herodes. Normalmente, não se aliavam aos fariseus, mas os dois grupos juntaram-se para conspirar contra Jesus. Nessa ocasião, já tramavam os primeiros planos para assassiná-lo.

É justamente nesse ponto que Lucas insere seu relato de como os doze foram escolhidos e designados para serem apóstolos. "Naqueles dias" —

quando a hostilidade contra Cristo havia atingido um fervor homicida. O ódio da elite religiosa contra ele havia chegado ao ápice. Jesus já podia sentir os primeiros sinais de sua morte iminente. A essa altura, faltavam menos de dois anos para a crucificação. Ele sabia que sofreria sua morte na cruz, que ressuscitaria dos mortos e que, depois de quarenta dias, ascenderia ao Pai. Consequentemente, ele também sabia que sua obra terrena teria de ser entregue a outras pessoas.

Era chegada a hora de selecionar e preparar os representantes oficiais. Sabendo do ódio dos líderes religiosos, plenamente cônscio da hostilidade contra ele, e vendo o caráter inevitável de sua execução, Jesus escolheu, portanto, doze homens-chave para dar continuidade à proclamação do evangelho para a salvação de Israel e a fundação da igreja. O tempo era essencial. Não restavam muitos dias (pela maioria das estimativas, cerca de dezoito meses) antes do fim de seu ministério terreno. Aquele era o momento de escolher os apóstolos. O treinamento mais intensivo começaria imediatamente, e seria concluído em questão de meses.

A partir de então, o enfoque do ministério de Cristo passou das multidões para aqueles poucos. Fica claro que foi a realidade iminente de sua morte, pelas mãos dos adversários, que sinalizou esse ponto crítico.

Há ainda outra realidade impressionante nessa questão. Quando Jesus escolheu os doze para serem seus representantes oficias — pregadores do evangelho que levariam consigo tanto a mensagem quanto a autoridade de Cristo —, não escolheu um único rabino. Não escolheu um escriba. Não escolheu um fariseu. Não escolheu um saduceu. Não escolheu um sacerdote. Nenhum dos homens selecionados por ele vinha de uma instituição religiosa. A escolha dos doze apóstolos foi um julgamento contra o judaísmo institucionalizado. Foi uma renúncia àqueles homens e suas organizações, que haviam se tornado completamente corruptos. Foi por esse motivo que o Senhor não escolheu um único líder religioso reconhecido. Em vez disso, selecionou homens que não eram treinados em teologia: pescadores, um coletor de impostos e outros homens comuns.

Jesus já estava em guerra havia muito tempo contra aqueles que se consideravam a elite religiosa de Israel. Viam Jesus com olhos cheios de rancor. Rejeitavam a ele e sua mensagem. Odiavam-no. O evangelho de João expressa tal realidade nos seguintes termos: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11). Os líderes religiosos do judaísmo constituíam o cerne da rejeição a Cristo.

Quase um ano e meio antes disso, em um dos primeiros atos oficiais do ministério de Jesus, ele desafiou a instituição religiosa de Israel em seu próprio terreno, em Jerusalém, durante a Páscoa — a época do ano em que a cidade estava mais cheia de peregrinos, que iam oferecer sacrifícios. Jesus foi ao monte do templo, fez um chicote com cordas finas, expulsou os prósperos cambistas do templo, derramou pelo chão o dinheiro deles, virou as mesas e espantou os animais (João 2:13-16). Ao fazê-lo, deu um golpe devastador no judaísmo institucionalizado. Desmascarou a nobreza religiosa ao chamá-la de bando de ladrões e hipócritas. Condenou sua degeneração espiritual. Expôs a todos sua apostasia. Condenou-os por sua corrupção desavergonhada. Denunciou sua falsidade. Foi assim que ele *começou* seu ministério. Foi um ataque por todas as frentes contra a instituição religiosa judaica.

Vários meses depois, no auge de seu ministério na Galileia, afastado de Jerusalém, a afronta que havia começado naquele primeiro episódio chegou ao ponto mais alto. Sedentos de sangue, os líderes religiosos começaram a tramar para que Jesus fosse morto.

Rejeitavam-no completamente. Eram hostis para com o evangelho que ele pregava. Desprezavam as doutrinas da graça que ele apresentava, rejeitavam o arrependimento que requeria, olhavam com desdém para o perdão que ofereceria e repudiavam a fé que simbolizava. Apesar dos muitos milagres que provavam suas credenciais messiânicas — apesar de terem-no visto expulsar demônios, curar todo tipo concebível de enfermidade e ressuscitar pessoas dentre os mortos — os líderes religiosos não aceitavam que ele era Deus em carne humana. Odiavam-no. Odiavam

sua mensagem. Jesus era uma ameaça para o seu poder, e queriam desesperadamente vê-lo morto.

Assim, quando chegou a hora de Jesus escolher os doze apóstolos, naturalmente, ele não selecionou pessoas da instituição que estava tão determinada a destruí-lo. Em vez disso, voltou-se para seus próprios seguidores humildes e escolheu doze homens simples e comuns, membros da classe trabalhadora.

Os doze

Se você já visitou as grandes catedrais da Europa, é possível que imagine os apóstolos como santos absolutos, feitos de vitrais, com auréolas representando um grau elevado de espiritualidade. Mas o fato é que se tratavam de doze homens muito, muito comuns.

É uma pena que tenham sido colocados com tanta frequência em pedestais como majestosas figuras de mármore ou retratados em pinturas como se fossem uma espécie de deuses romanos. Isso os desumaniza. Eram apenas doze homens normais — perfeitamente humanos em todos os aspectos. Devemos sempre ter em mente qual era a verdadeira natureza deles.

Há pouco tempo, li uma biografia de William Tyndale, pioneiro na tradução das Escrituras para o inglês. Ele considerava errado que as pessoas comuns só ouvissem a Bíblia sendo lida em latim e não em sua própria língua. Os líderes religiosos da época, inacreditavelmente, não queriam a Bíblia na linguagem do povo, pois (como os fariseus do tempo de Jesus), temiam perder seu poder eclesiástico. No entanto, enfrentando oposição, Tyndale traduziu o Novo Testamento para o inglês e providenciou para que fosse publicado. Seu empenho foi recompensado com o exílio, a pobreza e a perseguição. Por fim, em 1536, ele foi estrangulado e queimado na fogueira.

Uma das principais motivações de Tyndale para traduzir as Escrituras para a linguagem comum foi um levantamento feito entre clérigos, que

revelou que a maioria deles nem sequer sabia quais eram os doze apóstolos. Apenas uns poucos eram capazes de dar o nome de cada um dos doze. Pode ser que os líderes da igreja e cristãos da atualidade não se saiam muito melhor nesse teste. A forma como a igreja institucionalizada canonizou esses homens, na verdade, teve o efeito de desprovê-los da sua humanidade e torná-los distantes e sobrenaturais. Uma estranha ironia, pois quando Jesus os escolheu, não os selecionou por sua superioridade espiritual. Parece ter escolhido propositadamente homens notáveis por sua irrelevância.

O que qualificava esses homens para serem apóstolos? Obviamente, não era qualquer aptidão intrínseca ou talento patente de si próprios. Eram galileus, e não a elite. Galileus eram camponeses de classe baixa e ignorantes. Um galileu era só mais um membro do povo, um joão-ninguém. Mas, como já dissemos, os discípulos não foram selecionados por serem mais distintos ou aptos do que outros israelitas daquela época.

Sem dúvida, há alguns requisitos morais e espirituais um tanto claros que precisam ser preenchidos por aqueles que vão desempenhar esse ou qualquer outro papel de liderança na igreja. Na realidade, os padrões para a liderança espiritual na igreja são extremamente altos. Observe, por exemplo, as qualificações necessárias a um presbítero ou pastor, conforme apresentadas em 1Timóteo 3:2-7:

> É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo.

Tito 1:6-9 apresenta uma lista semelhante. Hebreus 13:7 também sugere que os líderes da igreja devem ser exemplares em seu caráter moral e espiritual, pois é preciso que sua fé seja tal que outros possam segui-la, e

será exigido desses líderes prestar contas a Deus quanto a sua conduta. Trata-se de padrões extremamente elevados.

Aliás, os padrões não são inferiores para os membros da congregação. Os líderes servem de exemplo para todos os outros. Não há um padrão mínimo aceitável para os membros da igreja em geral. Na verdade, em Mateus 5:48, Jesus disse a *todos* os crentes: "sede vós perfeitos como perfeito é o vosso pai celeste."

Francamente, ninguém se encaixa em um padrão como esse. Em termos humanos, ninguém é "qualificado" quando o padrão é a perfeição absoluta. Ninguém é apto a entrar no reino de Deus, e ninguém é inerentemente digno de estar a serviço de Deus. Todos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23). Não há justo, nem sequer um (Romanos 3:10). Lembre-se que foi o apóstolo Paulo, quando já era mais maduro, que confessou: "Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum" (Romanos 7:18). Em 1Timóteo 1:15, ele chamou-se de principal dos pecadores.

Assim, não há ninguém que seja naturalmente qualificado. O próprio Deus deve salvar pecadores, santificá-los e então transformá-los de seres inaptos em instrumentos úteis a ele.

Os doze eram como o resto de nós; foram selecionados dentre os indignos e inaptos. Como Elias, cada um era "homem semelhante a nós" (Tiago 5:17). Não chegaram ao mais elevado grau de utilidade por serem, de algum modo, *diferentes* de nós. Sua transformação em vasos de honra foi obra exclusiva do Oleiro.

Muitos cristãos sentem-se desencorajados e desalentados quando sua vida espiritual e seu testemunho são atingidos pelo pecado ou pelo fracasso. Nossa tendência é de nos considerar seres insignificantes — e se fôssemos abandonados aos nossos próprios recursos, isso seria verdade! No entanto, seres insignificantes são justamente o tipo de pessoa que Deus usa, pois é só isso que ele tem para usar.

É possível até que Satanás procure nos convencer de que nossas falhas nos tornam inaproveitáveis para Deus e sua igreja. No entanto, a escolha de

Cristo dos doze apóstolos serve de testemunho em favor do fato de que Deus pode usar os indignos e inaptos. Pode usar os seres insignificantes. Esses doze homens viraram o mundo de cabeça para baixo (Atos 17:6). Não foi por terem talentos extraordinários, aptidões intelectuais singulares, poderosa influência política ou uma posição social especial. Viraram o mundo de cabaça para baixo, pois Deus operou através deles para que isso acontecesse.

Deus escolhe o humilde, o pequeno, o manso e o fraco para que não haja qualquer dúvida quanto à fonte de poder quando a vida dessas pessoas mudar o mundo. Não é o homem que conta; é a verdade de Deus e o poder de Deus *no* homem. (Alguns pregadores de hoje precisam ser lembrados disso. Não é sua sagacidade ou personalidade que contam. O poder encontra-se na Palavra — na verdade que pregamos — e não em nós.) E exceto por uma Pessoa — um ser humano extraordinário que foi Deus encarnado, o Senhor Jesus Cristo — a história da obra de Deus é a história dele usando pessoas indignas e moldando-as para serem usadas por ele, como um oleiro modela o barro. Os doze não foram nenhuma exceção.

É claro que os apóstolos ocupam, justificadamente, uma posição exaltada na história da redenção. Sem dúvida são dignos de serem considerados heróis da fé. O livro de Apocalipse descreve como o nome deles servirá de adorno para as doze portas na cidade celestial, a Nova Jerusalém. Assim, o próprio céu apresenta um tributo eterno a eles. No entanto, isso não torna menos verdadeiro o fato de que eram comuns como você e eu. Precisamos nos lembrar deles, não como são retratados nos vitrais, mas, sim, do modo realista como nos são apresentados pela Bíblia. Precisamos removê-los de sua obscuridade sobrenatural e conhecê-los como pessoas de verdade. Precisamos pensar neles como homens de carne e osso, e não apenas como algum tipo de imagem exaltada, parte do panteão do ritualismo religioso.

Não vamos, porém, subestimar a importância de seu ofício. Ao serem escolhidos, com efeito, os apóstolos tornaram-se os verdadeiros líderes espirituais de Israel. A elite da Israel *apóstata* foi simbolicamente colocada

de lado quando Jesus escolheu os doze. Os apóstolos tornaram-se os primeiros pregadores da nova aliança. A eles foi confiado o evangelho cristão. Representaram a verdadeira Israel de Deus — um povo sinceramente arrependido e crente. Também se tornaram os alicerces da igreja, sendo o próprio Jesus a pedra angular (Efésios 2:20). Essas verdades são ressaltadas, e não diminuídas, pelo fato de esses homens serem tão comuns.

Além do mais, isso é perfeitamente coerente com a forma com que o Senhor sempre age. Em 1Coríntios 1:20-21, lemos: "Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que creem pela loucura da pregação". Essa é justamente a razão pela qual, no meio dos doze homens escolhidos por Cristo, não havia filósofos, escritores brilhantes, argumentadores famosos, professores eminentes e ninguém que, em algum momento, tivesse alcançado a distinção de grande orador. Eles *tornaram-se* grandes líderes espirituais e grandes pregadores sob o poder do Espírito Santo, e não por causa de qualquer aptidão oratória, capacidade de liderança ou qualificação acadêmica inatas que pudessem ter. Sua influência deveu-se única e exclusivamente a uma coisa: o poder da mensagem que pregaram.

Humanamente falando, o evangelho era considerado uma mensagem tola, e os apóstolos, vistos como pregadores simplórios. Seus ensinamentos estavam abaixo da elite. Eram simples pescadores e trabalhadores sem importância. Peões. Ralé. Era assim que seus contemporâneos os reputavam. (O que também vale para a verdadeira igreja de Cristo ao longo da história. Vale igualmente para o mundo evangélico de hoje. Onde estão as mentes brilhantes, os grandes escritores e os grandes oradores que o mundo tanto preza? Em sua maioria, não se encontram na igreja.) "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento" (1Coríntios 1:26).

"Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (versículos 27-29). Um joão-ninguém é o instrumento predileto de Deus, para que nenhum homem possa vangloriar-se diante do Senhor. Em outras palavras, Deus escolhe quem escolhe a fim de que *ele* receba a glória. Ele escolhe instrumentos fracos para que ninguém atribua o poder a instrumentos humanos em vez de Deus, que maneja tais instrumentos. Tal estratégia é inaceitável a qualquer um cujo propósito na vida esteja voltado para alcançar a glória humana.

Com a exceção notável de Judas Iscariotes, esses homens não eram assim. Certamente, lutavam contra o orgulho e a arrogância, como todo ser humano caído. No entanto, a paixão que impulsionou a vida deles veio a ser a glória de Cristo. E essa paixão, sujeitada à influência do Espírito Santo — e não a qualquer aptidão ou talento humano inatos — explica porque tiveram um impacto tão indelével sobre o mundo.

O MESTRE

Tenha em mente, portanto, que a seleção dos doze ocorreu num momento em que Jesus foi confrontado com a iminência de sua morte. Havia sentido a hostilidade crescente dos líderes religiosos. Sabia que sua missão terrena iria culminar com a morte, ressurreição e ascensão. E desse ponto em diante todo o caráter de seu ministério mudou. Sua maior prioridade passou a ser o treinamento dos homens que seriam os principais porta-vozes do evangelho depois que ele partisse.

Como foi que Cristo os escolheu? Começou afastando-se para ter comunhão com seu Pai. "Retirou-se para o monte, a fim de orar" (Lucas 6:12). Ele costumava sair sem ser notado para ficar sozinho e falar com seu Pai. Quando se encontrava nas cidades e vilas da Galileia, estava sempre

sob a pressão de enormes multidões. O deserto e as regiões montanhosas ofereciam o isolamento adequado para que ele pudesse orar.

Não sabemos *qual* é o monte para onde ele se retirou. Se importasse, as Escrituras nos diriam. Há muitos montes e montanhas ao redor do norte da Galileia. É provável que esse monte ficasse bem perto de Cafarnaum, que foi uma espécie de base central para o ministério de Jesus. Ele foi até lá e passou a noite orando.

Com frequência, vemos Jesus orando antes dos acontecimentos decisivos de seu ministério. (Lembre-se de que era isso que ele estava fazendo na noite em que foi traído: orando em um jardim onde encontrava um pouco de isolamento do ambiente caótico de Jerusalém. Judas sabia que o acharia ali, pois, de acordo com Lucas 22:39, o mestre costumava ir àquele lugar e orar.)

Aqui, vemos Jesus em sua verdadeira humanidade. Via-se numa situação bastante instável. A crescente hostilidade contra ele já ameaçava sua vida. Restava-lhe um tempo muito curto para treinar os homens que iriam levar o evangelho ao mundo depois de sua partida. A dura realidade dessas questões o levou ao topo de um monte para que ele pudesse orar a Deus em total solitude. Ele abriu mão de sua glória e assumiu a forma de servo ao vir à terra como homem. O momento em que iria humilhar-se até a morte, e morte de cruz, estava cada vez mais próximo. Assim, ele aproximou-se de Deus como um homem o faria, para buscar a face de Deus em oração e ter comunhão com o Pai, a fim de falar dos homens que ele escolheria para esse ofício de suma importância.

Observe que ele passou a noite toda em oração. Se foi ao monte antes de escurecer, era, provavelmente, cerca de 19 ou 20 horas. Se desceu de lá depois de o sol nascer, era por volta de 6h da manhã. Em outras palavras, ele orou por, no mínimo, dez horas seguidas.

É necessária uma série de palavras em nossa língua para dizer que ele passou a noite inteira lá. No grego, se usa apenas uma palavra: *dianuktereuo*. Trata-se de um termo significativo. Quer dizer perseverar numa tarefa durante toda a noite. Essa palavra não podia ser usada para

referir-se a dormir a noite toda. Não se usaria essa expressão para dizer que a noite toda foi escura. Seu sentido é de labutar durante toda a noite. Sugere que ele ficou acordado durante toda a escuridão até o amanhecer e que, nesse tempo, perseverou em oração, sob o peso do dever que se encontrava sobre ele.

Outro detalhe interessante é passado pela língua grega, apesar de não podermos detectá-lo em português. Nossa tradução diz que ele "passou a noite orando a Deus." Na verdade, a expressão grega significa que ele passou a noite na oração *de* Deus. Sempre que ele orava, num sentido bastante literal, era a oração de Deus. Estava na comunhão intertrinitária. A oração que estava sendo oferecida, era a oração do próprio Deus. Os membros da Trindade estavam tendo uma conversa íntima uns com os outros. Suas orações eram todas perfeitamente coerentes com a mente e a vontade de Deus, uma vez que ele próprio é Deus. Nisso, vemos o incrível mistério de sua humanidade e de sua divindade reunidas. Em sua humanidade, Jesus precisou passar a noite orando, e em sua divindade, estava fazendo a oração do próprio Deus.

É importante que a questão principal fique clara: em pouco tempo, Cristo iria escolher homens cuja importância era tal, que foi preciso passar de dez a doze horas preparando-se para essa seleção. O que pedia em sua oração? Clareza sobre quem escolher? Creio que não. Como Deus onisciente encarnado, a vontade divina não era mistério para ele. Sem dúvida, estava orando pelos homens que em breve iria eleger, comunicando-se com o Pai sobre a sabedoria absoluta de sua escolha e intercedendo por eles de acordo com seu papel de Mediador.

Quando a noite de oração chegou ao fim, Jesus voltou para onde seus discípulos estavam e os chamou. ("E quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos"; Lucas 6:13.) Não chamou apenas os doze. Neste contexto, a palavra *discípulo* refere-se aos seus seguidores de um modo geral. O termo em si significa "estudante, aprendiz". Devia haver muitos discípulos, e dentre eles, Jesus escolheria doze para serem apóstolos.

Tanto na cultura grega como na judaica, nos tempos de Jesus, era comum que um rabino ou filósofo proeminente atraísse aprendizes. Esses mestres não usavam necessariamente uma sala de aulas para lecionar. Grande parte deles consistia de instrutores peripatéticos, e era comum seus discípulos os seguirem ao longo das atividades normais de sua vida diária. Foi esse o tipo de ministério que Jesus teve com seus seguidores. Era um mestre itinerante. Simplesmente ia de um lugar para outro e, enquanto ensinava, atraía pessoas que seguiam seus passos e ouviam seus ensinamentos. Vemos uma ilustração disso voltando a Lucas 6:1: "Aconteceu que, num sábado, passando Jesus pelas searas, os seus discípulos colhiam e comiam espigas, debulhando-as com as mãos". Estavam andando com ele, seguindo-o de um lugar a outro enquanto ele ensinava, debulhando grãos com as mãos para se alimentarem.

Não sabemos quantos discípulos Jesus tinha. A certa altura, ele enviou setenta deles, dois a dois, para evangelizarem comunidades que ele se preparava para visitar (Lucas 10:1). No entanto, o número total de seus seguidores era sem dúvida muito maior do que setenta. As Escrituras indicam que multidões o seguiam. E por que não? Com sua clareza e incontestável autoridade inerente, seus ensinamentos eram absolutamente distintos de qualquer coisa que já tivessem ouvido. Podia curar enfermidades, expulsar demônios e ressuscitar mortos. Era cheio de graça e de verdade. Não é de se admirar que atraísse tantos discípulos. Admirável, sim, é que alguém o rejeitasse. Mas foi o que fizeram, pois sua mensagem era mais do que podiam suportar.

Vemos um pouco da dinâmica dessa questão no capítulo 6 de João. No início do capítulo, Jesus alimenta mais de cinco mil pessoas que tinham ido vê-lo (o versículo10 diz que cinco mil era o número só de homens. Contando com as mulheres e crianças, é bem possível que a multidão tivesse o dobro ou mais de pessoas). Foi um dia maravilhoso. Muitos já eram seus discípulos e seguiam-no; vários outros, sem dúvida, estavam se preparando para fazê-lo. De acordo com João, "Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que

devia vir ao mundo" (versículo 14). Quem era esse homem que podia produzir comida do nada? *Eles* passavam a maior parte da vida cultivando as terras, colhendo, cuidando de rebanhos e preparando refeições. *Jesus* podia simplesmente criar comida! Isso mudaria a vida deles. É bem possível que visões de lazer e comida pronta e de graça tenham enchido a mente daqueles que estavam lá. Aquele era o Messias que haviam esperado! Nas palavras de João, "estavam com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei" (versículo 15). Ele escapou através de uma série de acontecimentos sobrenaturais, culminando com o episódio em que caminhou sobre as águas.

No dia seguinte, o povo encontrou-o em Cafarnaum, do outro lado do lago. Multidões tinham ido procurá-lo, esperando, obviamente, que ele lhes desse mais comida. Ele os repreendeu por seguirem-no com a motivação errada: "Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes" (versículo 26). Quando eles continuaram a pedir mais comida, ele disse-lhes: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne" (versículo 51). Essas palavras foram tão difíceis de compreender que pediram a Jesus que as explicasse. Ele continuou, dizendo:

> Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá. Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente. Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum. (versículos 53-59)

Esse discurso foi tão ofensivo que até mesmo muitos de seus discípulos começaram a ter dúvidas sobre segui-lo. João escreve: "À vista disso,

muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele" (versículo 66).

Assim, havia discípulos indo e vindo. Pessoas que se sentiam atraídas e depois ficavam desiludidas. Nessa ocasião específica, descrita em João 6, Jesus chegou a dizer para os doze: "Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?" (versículo 67). Pedro falou em nome do grupo quando respondeu: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus" (versículos 68-69).

Aqueles que ficaram eram pessoas que Deus havia conduzido de modo soberano ao seu próprio Filho (versículo 44). Jesus também os havia atraído para si em particular. Disse-lhes: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça" (João 15:16). Em sua soberania, ele os escolheu e (com exceção de Judas Iscariotes, o qual Jesus sabia que iria traí-lo) trabalhou soberanamente neles, e por meio deles, para garantir que iriam perseverar com ele, que dariam fruto e que seu fruto permaneceria. Aqui, vemos em ação o princípio da graça eletiva de Deus.

A soberania de sua escolha é vista de um modo extraordinário na seleção dos doze. De um grupo maior de discípulos, talvez centenas deles, ele escolheu doze homens em particular e designou-os para o ofício apostólico. Não foi um trabalho para o qual procurou candidatos ou voluntários. Cristo os *escolheu* soberanamente e os nomeou na presença de um grupo maior.

Foi um momento marcante para aqueles doze. Até esse ponto, Pedro, Tiago, João, André, Natanael, Mateus e os outros eram apenas parte da multidão. Eram aprendizes como todos os outros no grupo. Vinham seguindo, ouvindo, observando e assimilando os ensinamentos de Jesus. No entanto, ainda não tinham nenhuma função oficial de liderança. Ainda não haviam sido designados para qualquer função que os distinguisse dos outros. Eram rostos na multidão, até que Cristo os selecionou e fez de doze deles seus apóstolos.

Por que doze? Por que não oito? Por que não vinte e quatro? O número doze era repleto de importância simbólica. Havia doze tribos em Israel. Mas Israel era apóstata. O judaísmo do tempo de Jesus representava uma corrupção da fé do Antigo Testamento. Israel havia abandonado a graça divina em troca de uma religião de obras. A religião era legalista. Estava corroída pela hipocrisia e pelas cerimônias sem sentido. Uma religião herética. Baseava-se na descendência física de Abraão e não na *fé* do patriarca. Ao escolher os doze apóstolos, Cristo estava, com efeito, nomeando uma nova liderança para uma nova aliança. Os apóstolos representavam os novos líderes da verdadeira Israel de Deus, que consistia de pessoas que criam no evangelho e estavam seguindo a fé de Abraão (veja Romanos 4:16). Em outras palavras, os doze apóstolos simbolizavam julgamento contra as doze tribos da Israel do Antigo Testamento.

O próprio Jesus deixou clara essa associação. Em Lucas 22:29-30, disse aos apóstolos: "Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel."

O significado do número doze ficava imediatamente óbvio para quase todo israelita. As declarações messiânicas de Jesus eram claras para todos que ouviam seus ensinos. Ele falava constantemente de seu reino vindouro. Enquanto isso, por toda Israel, era grande a expectativa de que o Messias logo surgiria e estabeleceria seu reino. Alguns haviam pensado que João Batista seria esse Messias, mas João indicou-lhes Cristo (veja João 1:19-27). Eles sabiam muito bem que Cristo possuía todas as credenciais messiânicas (João 10:41-42). Não era o tipo de líder político que esperavam, de modo que demoraram a crer (João 10:24-25). Contudo, certamente, entenderam as declarações que ele estava fazendo e encheram-se de esperança.

Assim, quando ele nomeou doze homens publicamente para serem seus discípulos, o significado daquele número ficou mais do que claro. Os apóstolos representavam uma Israel completamente nova sob a nova aliança. E a nomeação dos doze — sem passar pela instituição religiosa do

judaísmo oficial — significou uma mensagem de julgamento contra Israel como nação. Obviamente, esses doze homens comuns não estavam destinados a desempenhar um papel trivial. Estavam no lugar dos líderes das doze tribos. Eram prova viva de que o reino que Jesus estava prestes a estabelecer era absolutamente distinto do reino que a maioria dos israelitas esperava.

Lucas 6:13 diz: "escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos". Só o título já era significativo. O verbo grego *apostello* significa "enviar". A forma de substantivo, *apostolos*, quer dizer "aquele que é enviado." A palavra portuguesa *apóstolo* é uma transliteração e não uma tradução da palavra grega. Os apóstolos eram "enviados". No entanto, não eram simples mensageiros. A palavra grega para mensageiro era *angelos*, de onde temos o termo "anjo". Um *apostolos* era alguém mais importante do que um mensageiro ou arauto; o termo *apostolos* transmitia uma ideia de embaixador, emissário, representante oficial.

A palavra tem um equivalente exato no aramaico: *shaliah*. (Lembre-se de que a língua comum em Israel no tempo de Jesus — a língua que o próprio Jesus falava — não era o hebraico, mas o aramaico.) Naquela cultura judaica do primeiro século, o *shaliah* era um representante oficial do sinédrio, o conselho governante de Israel. Um *shaliah* exercia os plenos direitos do sinédrio. Falava em nome deles, e quando falava, era com a autoridade deles. No entanto, nunca transmitia sua própria mensagem; sua incumbência era transmitir a mensagem do grupo que ele representava. O cargo de *shaliah* era bastante conhecido. Tais representantes eram enviados para resolver controvérsias legais ou religiosas e atuavam com a plena autoridade de todo o conselho. Alguns rabinos proeminentes também tinham seus *shaliah*, "enviados", que ensinavam sua mensagem e os representavam com plena autoridade. Até mesmo o Mishná judaico (uma coleção de tradições orais criadas originalmente como um comentário da lei) reconhece o papel do *shaliah*. Diz: "Aquele que é enviado pelo homem é como o próprio homem". Assim, os judeus tinham plena consciência da natureza de tal cargo.

Desse modo, quando Jesus nomeou apóstolos, estava dizendo algo bastante conhecido do povo daquela cultura. Esses eram seus emissários. Seus *shaliah* de confiança. Falavam com a autoridade dele, transmitiam sua mensagem e exerciam sua autoridade.

A INCUMBÊNCIA

O papel conhecido do *shaliah,* naquela cultura, praticamente definia a incumbência dos apóstolos. Era óbvio que Cristo delegaria sua autoridade àqueles doze e os enviaria com sua mensagem. Eles iriam representá-lo como emissários oficiais. Quase todos daquela cultura devem ter compreendido imediatamente a natureza do cargo. Esses doze homens, comissionados como apóstolos de Jesus, falariam com e usariam a mesma autoridade daquele que os enviou. O título "apóstolo", portanto, era uma designação de grande respeito e privilégio.

Marcos 3:14 registra esse mesmo acontecimento: "Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar". Observe o processo composto de duas etapas. Antes de serem enviados para fora, a fim de pregarem, foi preciso se aproximarem de Jesus. Era absolutamente essencial que estivessem com Jesus antes de serem enviados. Na verdade, é só em Lucas 9:1 que Jesus reúne os doze e lhes dá autoridade sobre demônios e poder para curar enfermidades. Nesse momento, ele literalmente delega seu poder de realizar milagres. Assim, em Lucas 6, ele os identifica e nomeia e coloca-os direta e pessoalmente sob sua tutela ("para estarem com ele"; Marcos 3:14). Em Lucas 9, vários meses depois, ele lhes dá poder de realizar milagres e expulsar demônios. Só então, "os enviou a pregar."

Até esse ponto, durante a maior parte do tempo, Jesus falava a grandes multidões. Com o chamado dos doze, em Lucas 6, seu ministério de ensino tornou-se mais íntimo, voltando-se principalmente para eles. Ainda atraía grandes multidões e as ensinava, mas concentrou seus esforços nos discípulos e no treinamento deles.

Observe a progressão natural no programa de treinamento. A princípio, simplesmente seguiram Jesus, aprendendo com seus sermões para a multidão e ouvindo suas instruções juntamente com um grupo maior de discípulos. Ao que parece, não passavam o tempo todo fazendo isso, mas, sim, conforme a oportunidade se apresentava ao longo de sua vida normal. Em seguida (de acordo com o relato de Mateus 4), ele os chamou a deixar tudo e segui-lo de modo exclusivo. Depois disso (no episódio registrado em Lucas 6 e Mateus 10), ele escolhe doze homens, dentre os outros daquele grupo de discípulos de tempo integral, identifica-os como apóstolos, e começa a dedicar a maior parte de suas energias à instrução pessoal desses homens. Mais tarde, confere-lhes autoridade e poder de realizar milagres. Por fim, envia-os. A princípio, realizam viagens missionárias breves, mas continuam voltando para reportar-se. No entanto, quando Jesus volta para o Pai, são enviados em caráter definitivo e desacompanhados. Existe uma progressão clara em seu treinamento e transição para o ministério de tempo integral.

Não apenas discípulos; agora são apóstolos — *shaliah*. Ocupam um cargo importante. Lucas usa a palavra "apóstolos" seis vezes em seu evangelho e cerca de trinta vezes no livro de Atos. O papel deles nos Evangelhos, refere-se principalmente a levar a mensagem do reino a Israel. Em Atos, dedicam-se à fundação da igreja.

Apesar de serem homens comuns, tinham um chamado incomum. Em outras palavras, é a incumbência à qual foram chamados, e não algo sobre os homens em si, que os torna tão importantes. Pense em como seu papel viria a ser singular.

Eles não apenas fundaram a igreja e desempenharam um papel importantíssimo de liderança à medida que a igreja primitiva começou a crescer e se espalhar, como também se tornaram o canal pelo qual seria transmitida a maior parte do Novo Testamento. Receberam a verdade de Deus por meio da revelação divina. Efésios 3:5 é bastante claro. Paulo diz que o mistério de Cristo, que em tempos anteriores não foi dado a conhecer, "agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito". Os

apóstolos não pregaram uma mensagem humana. A verdade lhes foi concedida por revelação direta.

Assim, foram à fonte de toda a doutrina da igreja. Atos 2:42 descreve as atividades da igreja primitiva nestes termos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”. Antes de o Novo Testamento ser concluído, os ensinamentos dos apóstolos eram a única fonte da verdade sobre Cristo e a doutrina da igreja. Seus ensinamentos foram recebidos com a mesma autoridade que a Palavra escrita. Na verdade, o Novo Testamento escrito não é outra coisa senão o registro inspirado dos ensinamentos dos apóstolos.

Em resumo, os apóstolos foram dados para edificar a igreja. Efésios 4:11-12 diz que Cristo concedeu os apóstolos “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”. Foram os primeiros mestres e pregadores cristãos. Seus ensinamentos, conforme registrados no Novo Testamento, são, até hoje, a única verdadeira regra pela qual a sã doutrina pode ser testada.

Também foram exemplos de virtude. Efésios 3:5 refere-se a eles como “santos apóstolos”. Constituíram um padrão de piedade e verdadeira espiritualidade. Foram o primeiro exemplo a ser imitado pelos crentes. Foram homens de caráter e integridade, e servem de padrão comparativo para todos os líderes da igreja depois deles.

Tinham o poder singular de realizar milagres que confirmavam sua mensagem. Hebreus 2:3-4 diz que a palavra do evangelho “tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo segundo a sua vontade”. Em outras palavras, Deus confirmou sua Palavra através dos apóstolos pelos milagres que podiam realizar. O Novo Testamento indica que *somente* os apóstolos e aqueles que eram intimamente ligados a eles tinham o poder de realizar milagres. É por isso que 2Coríntios 12:12 refere-se a tais milagres como “credenciais do apostolado”.

Em decorrência de tudo isso, os discípulos foram grandemente abençoados e tidos em alta estima pelo povo de Deus. As expectativas de Jesus com relação a eles foram preenchidas através da fiel perseverança desses homens. E as promessas de Jesus a eles foram cumpridas no crescimento e expansão de sua igreja. É possível que você se lembre de que, em Lucas 18:28, Pedro disse a Jesus: "Eis que nós deixamos nossa casa e te seguimos". Ao que parece, os discípulos estavam preocupados com o andamento das coisas e o que poderia acontecer com eles. As palavras de Pedro foram, na verdade, uma súplica. Era como se ele estivesse dizendo em nome dos outros: "O que vai ser de nós?".

Jesus respondeu: "Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos por causa do reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna" (versículo 29-30). Eles não haviam deixado para trás nada que ficasse aquém da recompensa que receberiam de Cristo. E, de fato, Deus os abençoou nesta vida (apesar de a maioria deles, como veremos quando estudarmos a vida de cada um, ter sido martirizada). Deus os abençoou nesta vida através da fundação e do crescimento da igreja. Eles não apenas ganharam respeito, influência e honra no meio do povo de Deus, como também um lar e uma família, além de uma multidão de filhos e irmãos espirituais à medida que a igreja foi crescendo, e os crentes, se multiplicando. Além disso, também serão grandemente honrados na era vindoura.

O TREINAMENTO

Tudo isso pode ter parecido remoto e incerto na manhã em que Jesus convocou seus discípulos e nomeou os doze. Ainda era preciso que fossem ensinados. Todas as fraquezas e os defeitos humanos pareciam obscurecer seu potencial. O tempo era curto. Eles já haviam renunciado quaisquer que fossem as ocupações nas quais eram aptos. Haviam abandonado as redes e deixado as lavouras e coletorias de imposto para trás. Haviam abdicado de

tudo o que conheciam, a fim de serem treinados em uma ocupação para a qual não possuíam nenhuma aptidão natural.

No entanto, quando renunciaram suas atividades, de modo algum ficaram desocupados. Tornaram-se estudantes, aprendizes de tempo integral — *discípulos*. Nos dezoito meses seguintes, sua vida seria ocupada com treinamento ainda mais intensivo, o melhor ensino de seminário de todos os tempos. Tinham o exemplo de Cristo permanentemente diante deles. Podiam ouvir seus ensinamentos, fazer perguntas, observar como ele lidava com as pessoas e gozar comunhão íntima com ele nos mais diversos contextos. Jesus deu-lhes oportunidades de ministrar, instruindo-os e enviando-os em missões especiais. Encorajou-os com bondade, corrigiu-os com amor e instruiu-os com paciência. É assim que sempre se desenvolve o melhor aprendizado. Não se trata apenas de informação sendo passada adiante. É uma vida sendo investida em outra.

No entanto, não foi um processo *fácil*. Os doze conseguiam ser de uma obstinação impressionante. Não era por acaso que não faziam parte de uma elite acadêmica. Com frequência, o próprio Jesus tecia comentários como: "Também vós não entendeis ainda?" (Mateus 15:16-17; veja 16:9). "Ó néscios e tardos de coração para crer" (Lucas 24:25). O fato de as Escrituras não encobrirem seus defeitos é significativo. O objetivo não é retratá-los como luminares super santos ou elevá-los acima dos meros mortais. Se essa fosse a intenção, não haveria motivo nenhum para registrar suas falhas de caráter. No entanto, ao invés de encobrir os defeitos, as Escrituras parecem dar um bocado de atenção a suas fraquezas humanas. É uma lembrança muito clara "para que [nossa] fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus" (1Coríntios 2:5).

Por que o processo de aprendizado foi tão difícil para os apóstolos? Em primeiro lugar, faltava-lhes o entendimento espiritual. Eram lentos para ouvir e compreender. Em vários momentos, foram grosseiros, ineptos, estúpidos e cegos. Todos esses termos, ou seus equivalentes, são usados para descrevê-los no Novo Testamento. Então, de que modo Jesus remediou essa falta de entendimento espiritual? Ele simplesmente continuou

ensinando. Mesmo depois de sua ressurreição, ficou quarenta dias na terra. Atos 1:3 diz que ele gastou esse tempo "falando das coisas concernentes ao reino de Deus". Ainda estava ensinando-os com persistência até o momento de sua ascensão ao céu.

Em segundo lugar, outro problema que dificultou o processo de aprendizado dos discípulos foi a falta de humildade. Eram egoístas, egocêntricos, interesseiros e orgulhosos. Passaram tempo considerável discutindo sobre quem seria o maior entre eles (Mateus 20:20-28; Marcos 9:33-37; Lucas 9:46). De que modo Jesus superou a falta de humildade deles? Ao ser um exemplo de humildade. Jesus lavou os pés de seus discípulos. Ele foi um modelo de servo. Humilhou-se a si mesmo, a ponto de morrer na cruz.

Em terceiro lugar, não apenas lhes faltava entendimento e humildade, como também careciam de fé. Só no evangelho de Mateus, Jesus lhes diz em quatro ocasiões: "homens de pequena fé" (6:30; 8:26; 14:31; 16:8). Em Marcos 4:40, Jesus lhes perguntou: "Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé?" No final do evangelho de Marcos, depois que haviam passado por meses de treinamento intensivo com Jesus — até mesmo depois de ele ter ressuscitado dos mortos — Marcos escreve que Jesus "censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração" (16:14). Que solução Jesus ofereceu para a incredulidade e dureza de coração? Ele continuou realizando milagres e maravilhas. Os milagres não eram principalmente para os incrédulos; a maioria dos milagres foi propositadamente realizada "diante dos discípulos", para que a fé *dos discípulos* fosse fortalecida (João 20:30).

Em quarto lugar, faltava-lhes comprometimento. Enquanto as multidões continuavam empolgadas, e os milagres se multiplicavam, os discípulos estavam extasiados. No entanto, assim que os soldados chegaram ao jardim para prender Jesus, todos eles o abandonaram e fugiram (Marcos 14:50). Seu líder acabou negando Jesus e jurando que nem sequer o conhecia. De que maneira Jesus remediou essa predisposição a desertá-lo? Ao interceder

por eles em oração. João 17 relata que Jesus orou para que permanecessem fiéis até o fim e para que o Pai os conduzisse ao céu (versículos 11-26).

Em quinto lugar, faltava-lhes poder. Sozinhos, eram fracos e desamparados, especialmente ao serem confrontados pelo inimigo. Houve ocasiões em que tentaram, porém não conseguiram expulsar demônios. Sua falta de fé, tornava-os incapazes de usar com eficácia o poder que se encontrava a sua disposição. O que fez Jesus para remediar essa fraqueza? No dia de Pentecostes ele enviou o Espírito Santo para habitar neles e dar-lhes poder. Fez a seguinte promessa: "recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (Atos 1:8). Essa promessa foi cumprida em grande poder.

Nossa tendência é olhar para esse grupo com todas as suas fraquezas e perguntar por que Jesus não escolheu outro conjunto de homens. Por que separar homens sem entendimento, sem humildade, sem fé, sem comprometimento e sem poder? Simplesmente por isso: seu poder se aperfeiçoa na fraqueza (2Coríntios 12:9). Vemos mais uma vez o motivo de ele escolher as coisas fracas deste mundo para confundir as poderosas. Ninguém jamais poderia analisar esse grupo de homens e concluir que alcançaram todas as suas realizações em função de suas próprias aptidões inatas. Não há nenhuma explicação humana para a influência dos apóstolos. A glória pertence somente a Deus.

Atos 4:13 fala sobre como o povo de Jerusalém reputou os apóstolos: "Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus". O texto grego diz que as pessoas os viram como "*agramatoi* [...] *idiotai"* — literalmente "ignorantes iletrados". E do ponto de vista do mundo, isso era verdade. No entanto, haviam, obviamente, estado com Jesus. A mesma coisa deve ser dita do verdadeiro discípulo. Conforme Lucas 6:40, "O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre".

O tempo relativamente curto de treinamento dos discípulos com Jesus deu frutos eternos. A princípio, pode ter parecido ser tudo em vão. Na noite em que Jesus foi traído, eles se espalharam como ovelhas cujo pastor foi ferido (Mateus 26:31). Mesmo depois da ressurreição, pareciam tímidos, cheios de remorso por seu fracasso e conscientes demais de suas fraquezas para poderem ministrar com segurança.

No entanto, depois da ascensão de Jesus ao céu, veio o Espírito Santo, encheu-os de seu poder e capacitou-os para realizarem aquilo que haviam sido treinados por Cristo para fazer. O livro de Atos relata como a igreja teve início, e sabemos o resto da história. Através do legado das Escrituras do Novo Testamento e do testemunho que deixaram, esses homens ainda estão transformando o mundo nos dias de hoje.

2

Pedro
O apóstolo que falava demais

Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.

Lucas 22:31-32

Temos quatro listas dos doze apóstolos no Novo Testamento: Mateus 10:2-4, Marcos 3:16-19, Lucas 6:13-16 e Atos 1:13. No evangelho de Lucas, a lista aparece da seguinte forma: "escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor".

Nas quatro listas bíblicas, são apresentados os nomes dos mesmos doze homens, sendo impressionante a semelhança na ordem em que aparecem. Pedro é o primeiro nome nas quatro listas. Assim, ele se destaca como líder e porta-voz de todo grupo dos doze. Além disso, os doze são organizados em três subdivisões de quatro elementos cada. Na primeira, encontram-se sempre Pedro, como primeiro da lista, seguido de André, Tiago e João. O segundo grupo é sempre formado de Filipe, em primeiro lugar, e inclui Bartolomeu, Mateus e Tomé. Tiago, filho de Alfeu, sempre aparece no

início do terceiro grupo, que também inclui Simão o Zelote; Judas filho de Tiago (chamado "Tadeu", em Mateus e Marcos); e por fim, Judas Iscariotes. (Judas Iscariotes não aparece na lista em Atos, uma vez que, naquela época, já estava morto. Nas três listas em que o nome de Judas é incluído, sempre vem por último, juntamente com o comentário que o identifica como o traidor.)

Os três nomes no começo de cada conjunto parecem ter sido dos líderes do grupo. Os três conjuntos aparecem sempre na mesma ordem: primeiro o de Pedro, depois aquele liderado por Filipe e, em seguida, o que tem Tiago à frente.

- Mateus 10:2-4: Pedro, André, Tiago, João / Filipe, Bartolomeu, Tomé, Mateus / Tiago (filho de Alfeu), Tadeu, Simão, Judas Iscariotes.
- Marcos 3:16-19: Pedro, Tiago, João, André / Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé / Tiago (filho de Alfeu), Tadeu, Simão, Judas Iscariotes.
- Lucas 6:14-16: Pedro, André, Tiago, João / Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé / Tiago (filho de Alfeu), Simão, Judas (filho de Tiago), Judas Iscariotes.
- Atos 1:13: Pedro, Tiago, João, André / Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus / Tiago (filho de Alfeu), Simão, Judas (filho de Tiago).

Ao que parece, os grupos são listados em ordem decrescente, tomando por base seu nível de intimidade com Cristo. É bem provável que os membros do primeiro grupo tivessem sido os primeiros a serem chamados por Jesus (João 1:35-42). Assim, estavam com ele a mais tempo e ocupavam a posição de maior confiança em seu círculo mais íntimo. Com frequência, são vistos juntos na presença de Cristo em momentos críticos. Dos quatro membros do primeiro grupo, três — Pedro, Tiago e João — formam um círculo ainda mais íntimo. Esses três veem-se com Jesus nos principais acontecimentos de seu ministério, quando os outros apóstolos

não estão presentes ou não se encontram tão próximos. Os três membros desse círculo mais íntimo estavam, por exemplo, no monte da Transfiguração e no lugar mais interior do Getsêmani (veja Mateus 17:1; Marcos 5:37; 13:3; 14:33).

O segundo grupo não era assim tão chegado, mas ainda é composto de figuras importantes dos relatos dos Evangelhos. O terceiro grupo é mais distante, e seus membros raramente são mencionados nos relatos do ministério de Cristo. O único membro do terceiro grupo sobre o qual sabemos mais é Judas Iscariotes, sendo que o conhecemos apenas por causa de sua traição no final. Deste modo, apesar de haver doze apóstolos, apenas três deles parecem ter desfrutado um relacionamento mais íntimo com Cristo. Aparentemente, os outros gozavam diferentes graus de familiaridade pessoal com ele.

Tal fato sugere que até mesmo um grupo relativamente pequeno de doze ainda é grande demais para uma pessoa manter a mais próxima intimidade com cada membro do grupo. Jesus manteve três homens perto de si: Pedro, Tiago e João. Em seguida, vinha André e depois os outros, numa ordem, obviamente, decrescente de amizade íntima. Se Cristo, em sua perfeita humanidade, não podia oferecer quantias iguais de tempo e energia a todos que chamou para seu redor, nenhum líder deve esperar fazê-lo.

Os doze são um grupo incrivelmente variado. A personalidade e os interesses de cada um incluíam todo o espectro de diversidade. Os quatro membros do primeiro grupo parecem ser os únicos ligados entre si por denominadores em comum. Eram pescadores, dois pares de irmãos, vinham da mesma comunidade e, ao que parece, amigos há um bom tempo. Contrastando com eles, Mateus era um coletor de impostos e um solitário. Simão era um zelote — um ativista político — e outro tipo de solitário. Os outros vinham de ocupações desconhecidas.

Todos possuíam personalidades consideravelmente distintas. Pedro era afoito, agressivo, ousado e franco — tendo o hábito de pôr sua boca para funcionar quando o cérebro ainda estava em ponto morto. Com frequência, chamo-o de apóstolo que falava demais. João, por outro lado, era de

poucas palavras. Nos doze primeiros capítulos de Atos, ele e Pedro são companheiros constantes, mas, em nenhum momento é registrada alguma palavra de João. Bartolomeu (também conhecido às vezes como Natanael) era um crente verdadeiro, confessando abertamente sua fé em Cristo e não tardando em crer (veja João 1:47-50). É significativo o fato de estar no mesmo grupo (e às vezes aparecer junto) de Tomé, que era abertamente cético e desconfiado e queria provas de tudo.

Suas origens políticas também eram diferentes. Mateus (às vezes chamado de Levi), o ex-coletor de impostos, era considerado uma das pessoas mais desprezíveis de Israel antes de Jesus chamá-lo. Ele trabalhava com o governo romano, extorquindo tributos de seu próprio povo, os quais serviam para pagar o exército romano que, na época, ocupava Israel. O menos conhecido dos dois Simões, por outro lado, é chamado de "Zelote" em Lucas 6:15 e Atos 1:13. Os zelotes eram um partido político ilegal que levavam ao extremo seu ódio contra Roma e conspiravam para depor o governo romano. Muitos deles eram violentos fora-da-lei. Uma vez que não possuíam um exército, os zelotes lançavam mão de sabotagem e assassinatos para alcançarem seus objetivos políticos. Na realidade, não passavam de terroristas. Uma facção dos zelotes era conhecida como *sicarri* (literalmente, "homens de adagas"), por causa das pequenas lâminas curvas que carregavam consigo. Escondiam essas armas sob seus mantos e usavam-nas para se livrarem de pessoas que consideravam inimigos políticos — pessoas como os coletores de impostos. Os soldados eram os alvos preferidos para tais assassinatos. Normalmente, os *sicarri* realizavam essas execuções em eventos públicos, a fim de gerar ainda mais medo. O fato de Mateus, um ex-coletor de impostos e Simão, um ex-zelote, serem capazes de fazer parte do mesmo grupo é prova do poder que a graça de Cristo tem de transformar vidas.

É interessante que os homens-chave do primeiro e segundo grupos de apóstolos foram chamados logo no início do ministério de Cristo. João 1:35-42 descreve como Jesus chamou João e André. Eles, por sua vez, trouxeram Pedro, irmão de André, naquele mesmo dia. Tiago, o outro

membro desse grupo, era irmão de João, de modo que, sem dúvida, André e João também o levaram a Cristo. Em outras palavras, a relação do primeiro grupo com Jesus vinha desde o começo de seu ministério público.

João 1:43-55 descreve ainda o chamado de Filipe e Natanael (também conhecido como Bartolomeu). Foram chamados "no dia imediato" (versículo 43). Assim, a história desse grupo teve sua origem igualmente no início do ministério de Jesus. Eram homens que conheciam bem a Jesus e que o seguiram de perto durante um longo tempo.

A primeira pessoa do primeiro grupo — o homem que se tornou porta voz e líder dos demais — era "Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro" (Lucas 6:14).

"Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro"

Simão era um nome bastante comum. Há pelo menos sete Simões só nos relatos dos Evangelhos. Dentre os doze, havia dois discípulos chamados Simão (Simão Pedro e Simão, o Zelote). Em Mateus 13:55, são mencionados os meios-irmãos de Jesus e um deles também se chamava Simão. O pai de Judas Iscariotes era, igualmente, chamado Simão (João 6:71). Mateus 26:6 menciona que, em Betânia, Jesus comeu na casa de um homem chamado Simão, o leproso. Outro Simão — um fariseu — também recebeu Jesus para uma refeição em sua casa (Lucas 7:36-40). Da mesma forma, o homem convocado para carregar a cruz de Cristo, em parte do caminho, chamava-se Simão, o cirineu (Mateus 27:32).

O nome completo do Simão que estamos estudando era Simão Barjonas (Mateus 16:17), que significa "Simão, filho de Jonas" (João 21:15-17). Assim, o pai de Simão Pedro era João (às vezes traduzido como Jonas). Não sabemos mais nada sobre seus pais.

No entanto, observe que o Senhor lhe deu um outro nome. Lucas apresenta-o da seguinte forma: "Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro" (Lucas 6:14). As palavras escolhidas por Lucas são importantes. Jesus não lhe deu simplesmente um novo nome para ser usado no lugar do

antigo. Ele "acrescentou" o nome de Pedro. Esse discípulo era conhecido ora como Simão, ora como Pedro, ora como Simão Pedro.

"Pedro" era uma espécie de apelido. Significa "rocha" (*petros* é a palavra grega para "um pedaço de rocha, uma pedra"). O termo equivalente no aramaico é *cephas* (veja 1Coríntios 1:12; 3:22; 9:5; 15:5; Gálatas 2:9). João 1:42 descreve o primeiro encontro pessoal de Jesus com Simão Pedro: "Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)". Ao que parece, essas foram as primeiras palavras de Jesus a Pedro. Dali em diante, seu apelido tornou-se "Rocha".

Em algumas ocasiões, porém, o Senhor continuou, ainda assim, a chamá-lo de Simão. Quando vemos isso nas Escrituras, normalmente, trata-se de um sinal de que Pedro fez alguma coisa que precisa ser repreendida ou corrigida.

O apelido era significativo, e o Senhor teve uma razão específica para escolhê-lo. Simão era, por natureza, impetuoso, inconstante e inconfiável. Sua tendência era fazer grandes promessas que não poderia cumprir. Era uma daquelas pessoas que parecem atirar-se de cabeça em alguma coisa e, depois, abandoná-la antes de ter concluído. Com frequência, era o primeiro a aceitar um desafio, mas, muitas vezes, também era o primeiro a pular fora. Quando Jesus o encontrou, Simão encaixava-se na descrição feita por Tiago, de um homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos (Tiago 1:8). Ao que parece, Jesus mudou o nome de Pedro pois queria que o apelido servisse para lembrá-lo sempre daquilo que *deveria* ser. Dali em diante, a forma que Jesus o chamava transmitia uma mensagem sutil. Se o chamava de Simão, indicava que ele estava agindo de acordo com sua antiga natureza. Se o chamava de Rocha, era um elogio por agir da forma como deveria.

Tommy Lasorda, antigo dirigente do time de beisebol Los Angeles Dodgers, conta a história de um jovem jogador magricela que começou a jogar num dos times secundários do Dodgers. O rapaz era um tanto tímido, mas lançava bolas com grande precisão e força. Lasorda estava convencido

de que o jovem tinha potencial para ser um dos maiores lançadores de todos os tempos. No entanto, de acordo com Lasorda, ele precisava ser mais bravo e competitivo. Era necessário que perdesse a timidez. Assim, Lasorda, deu-lhe um apelido que era exatamente o oposto de sua personalidade: "Buldogue". Ao longo dos anos, foi nisso que Orel Hershiser transformou-se: num dos competidores mais obstinados da primeira divisão. O apelido tornou-se uma lembrança constante daquilo que ele *deveria* ser, e não tardou para que desse nova forma à toda sua atitude.

Esse jovem chamado Simão, que viria a ser Pedro, era impetuoso, impulsivo e precipitado. Precisava tornar-se como uma rocha, e foi esse o apelido que Jesus lhe deu. Dali em diante, o Senhor podia gentilmente repreendê-lo ou elogiá-lo só pelo uso de um nome ou de outro.

Depois do primeiro encontro de Cristo com Simão Pedro, vemos dois contextos distintos em que o nome Simão é empregado com regularidade. Um deles é o contexto *secular*. Quando as Escrituras se referem à sua casa, por exemplo, normalmente, fala-se da "casa de Simão". Semelhantemente, ao referir-se à mãe de sua esposa: "a sogra de Simão" (Marcos 1:30; Lucas 4:38). Ao descrever sua atividade de pesca, a passagem de Lucas 5 refere-se a "um dos barcos, que era o de Simão" (versículo 3); e Lucas diz que Tiago e João eram "seus sócios [de Simão Pedro]" (versículo 10; veja o versículo 8). Todas essas expressões referem-se a Simão usando seu primeiro nome em contextos exclusivamente seculares. Quando é chamado de Simão em tais ocasiões, geralmente o uso de seu antigo nome não tem relação nenhuma com sua espiritualidade ou seu caráter. Trata-se apenas da maneira normal de referir-se ao que era dele como ser humano: seu trabalho, sua casa e sua vida familiar. Diz-se dessas coisas que pertenciam a "Simão".

A segunda categoria de referências nas quais ele é chamado de Simão é encontrada sempre que Pedro estava demonstrando características de sua natureza não regenerada, ao pecar em palavras, atitudes ou ações. Sempre que ele começa a agir de acordo com seu velho homem, Jesus e os Evangelhos voltam a chamá-lo de Simão. Em Lucas 5:5, por exemplo, Lucas escreve: "Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a

noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes". Esse era o jovem pescador Simão falando, mostrando sua incredulidade e relutância. No entanto, ao obedecer, seus olhos se abrem e ele vê quem Jesus é de fato, e Lucas passa a chamá-lo pelo seu novo nome. O versículo 8 diz: "Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador".

Vemos Jesus chamando-o de Simão nos momentos mais cruciais de fracasso ao longo da carreira do apóstolo. Em Lucas 22:31, predizendo a negação de Pedro, Jesus diz: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo!" Mais tarde, no jardim do Getsêmani, Pedro adormeceu quando deveria estar vigiando e orando com Cristo. Marcos escreve: "Voltando [Jesus], achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Marcos 14:37-38). Assim, normalmente, quando Pedro necessitava de repreensão ou admoestação, Jesus referia-se a ele como Simão. Deve ter chegado a um ponto em que, quando o Senhor dizia "Simão", Pedro já encolhia-se todo. Talvez pensasse: "Por favor, me chame de Rocha!", e o Senhor talvez replicasse: "Eu o chamarei de Rocha quando você agir como uma rocha".

De acordo com as narrações dos Evangelhos, fica evidente que o apóstolo João conhecia Pedro muito, muito bem. Eram amigos desde a infância, sócios no trabalho e vizinhos. É interessante que no evangelho que escreveu, João refere-se ao seu amigo quinze vezes como "Simão Pedro". Ao que parece, João não conseguia decidir qual nome usar, pois a todo tempo, via os dois lados de Pedro. Assim, simplesmente juntou os dois nomes. Na verdade, o próprio Pedro chama-se de "Simão Pedro", em sua segunda epístola: "Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo" (2Pedro 1:1). Com efeito, ele tomou para si o apelido que Jesus lhe deu e fez dele o seu sobrenome (veja Atos 10:32).

Depois da ressurreição, Jesus instruiu seus discípulos a voltarem para a Galileia, onde ele planejava aparecer a eles (Mateus 28:7). Em sua

impaciência, ao que parece, Simão cansou-se de esperar e, assim, anunciou que voltaria a pescar (João 21:3). Como sempre, os outros discípulos obedientemente seguiram seu líder. Entraram no barco, pescaram a noite toda e não pegaram nada.

Jesus, porém, encontrou-se com eles na praia, onde havia lhes preparado um café da manhã. Aparentemente, o propósito maior dessa reunião matinal era a restauração de Pedro (que, sem dúvida alguma, havia pecado flagrantemente ao negar Cristo com maldições na noite em que o Senhor fora traído). Jesus dirigiu-se a ele três vezes chamando-o de Simão e perguntou, "Simão, filho de João, tu me amas?" (João 21:15-17). E três vezes Pedro afirmou seu amor.

Essa foi a última ocasião em que Jesus o chamou de Simão. Algumas semanas depois, em Pentecostes, Pedro e os outros apóstolos foram enchidos do Espírito Santo. Naquele dia, foi Pedro, a Rocha, quem pregou.

Pedro era exatamente como a maioria dos cristãos: tanto carnal como espiritual. Por vezes, sucumbia aos hábitos da carne; em outras ocasiões, agia de acordo com o Espírito. Por vezes, era pecador e, em outras ocasiões, agia como deve fazer um homem justo. Esse homem inconstante — às vezes Simão, às vezes Pedro — era o líder dos doze.

"Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens"

Simão Pedro era pescador profissional. Ele e seu irmão André eram herdeiros de um comércio de pesca em Cafarnaum. Apanhavam peixes no mar da Galileia. Na época de Jesus, os pescadores comerciais daquele lago pescavam três tipos de peixe. Os "peixinhos" — mencionados em João 6:9, na ocasião em que cinco mil pessoas foram alimentadas — eram *sardinhas*. As sardinhas, juntamente com uma espécie de pão semelhante a uma panqueca, eram a alimentação básica da região. Outro tipo de peixe, conhecido como *barbilhão* (por causa dos filamentos carnosos no canto de sua boca), é uma espécie de carpa e, portanto, um tanto cheio de ossos, mas

pode crescer até um bom tamanho, chegando a pesar quase oito quilos. (Provavelmente, em Mateus 17:27, o peixe que Pedro pescou, e que tinha na boca uma moeda, era um barbilhão. Isso porque era o único peixe no mar da Galileia grande o suficiente para engolir uma moeda e ser pego com um anzol.) O terceiro tipo de peixe comercial, e também o mais comum, era a *carapeba* — um peixe que se alimenta em cardumes e tem uma barbatana dorsal em forma de pente. As carapebas comestíveis têm de treze a sessenta centímetros. Carapebas fritas ainda são servidas à beira do mar da Galileia e são conhecidos popularmente como "peixe de São Pedro".

Simão e André passavam as noites apanhando esses peixes. Os dois irmãos eram originalmente de um vilarejo chamado Betsaida, à margem norte do lago (João 1:44), mas haviam se mudado para Cafarnaum, uma cidade maior não muito longe de lá (Marcos 1:21,29).

Nos tempos de Jesus, Cafarnaum era a principal cidade da extremidade norte do mar da Galileia. Jesus usou Cafarnaum como base operacional de seu ministério durante vários meses. No entanto, proferiu um "ai", tanto sobre Cafarnaum como sobre Betsaida, em Mateus 11:21-24. Nos dias de hoje, essas cidades não passam de ruínas. Ainda pode-se ver o pouco que restou da sinagoga de Cafarnaum. Perto delas (apenas uma quadra para o sul), arqueólogos encontraram as ruínas de uma igreja da antiguidade. Tradições remotas, desde o século 3 ou até mesmo antes, afirmam que essa igreja foi construída sobre a casa de Pedro. De fato, os arqueólogos encontraram diversos sinais de que cristãos do século 2 veneravam esse local. É bem possível que fosse a casa em que Pedro morava. Uma caminhada curta leva da casa até a beira do lago.

Simão Pedro tinha uma esposa. Sabemos disso, pois em Lucas 4:38, Jesus curou a sogra dele. Em 1Coríntios 9:5, o apóstolo Paulo diz que Pedro levou a esposa em sua missão apostólica. Tal fato pode indicar tanto que não tinham filhos como que seus filhos já estavam crescidos quando Pedro levou a esposa consigo. No entanto, as Escrituras não dizem explicitamente que tinham filhos. Pedro era casado. Isso é tudo o que sabemos com certeza sobre sua vida doméstica.

Sabemos que Simão Pedro era o líder dos apóstolos, e isso não apenas porque seu nome aparece no começo de todas as listas dos doze. Também temos a seguinte declaração expressa em Mateus 10:2: "Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro Simão, por sobrenome Pedro". A palavra traduzida como "primeiro", nesse versículo, é o termo grego *protos*. Não se refere ao primeiro de uma lista; significa o chefe, o líder de um grupo. A liderança de Pedro fica ainda mais evidente pela maneira com que, normalmente, age, falando em nome do grupo. Ele encontra-se sempre no primeiro plano, tomando a frente. Ao que parece, sua personalidade era naturalmente dominante, e o Senhor fez bom uso da mesma em meio aos discípulos.

Afinal, foi o Senhor que o escolheu para ser o líder. Pela vontade soberana de Deus, Pedro foi formado e capacitado para ser o líder. Além disso, o próprio Cristo instruiu e treinou Pedro para liderar. Deste modo, quando olhamos para Pedro, vemos como Deus constrói um líder.

O nome de Pedro é mencionado mais do que qualquer outro nome nos evangelhos, exceto o de Jesus. Ninguém fala com tanta frequência quanto ele e nem o Senhor dirige-se tantas vezes a outro como a Pedro. Nenhum discípulo é repreendido com tanta frequência quanto Pedro e nenhum discípulo censura o Senhor, exceto Pedro (Mateus 16:22). Ninguém confessou a Cristo com mais ousadia ou reconheceu seu senhorio mais explicitamente. No entanto, nenhum discípulo negou verbalmente a Cristo de modo tão veemente ou público quanto Pedro. Ninguém é louvado e abençoado por Cristo como Pedro foi; contudo, Pedro foi o único a quem Cristo alguma vez chamou de Satanás. O Senhor tinha coisas mais duras a dizer para Pedro do que para qualquer outro discípulo.

Tudo isso contribuiu para fazer dele o líder que Cristo desejava que ele fosse. Deus tomou um homem comum, com uma personalidade ambivalente, inconstante, impulsiva e insubmissa, e transformou-o num líder firme como rocha — o maior pregador dentre os apóstolos e, em todos os sentidos, a figura dominante nos doze primeiros capítulos de Atos, que falam de como nasceu a igreja.

Vemos na vida de Pedro três elementos-chave que fazem parte da constituição de um verdadeiro líder: a matéria-prima certa, as experiências de vida certas e as qualidades de caráter certas. Deixe-me mostrar exatamente o que quero dizer.

A MATÉRIA-PRIMA DO VERDADEIRO LÍDER

Há uma eterna controvérsia quanto à liderança ser inata ou adquirida. Pedro é um forte argumento em favor da crença de que os líderes nascem com certos dons, mas que devem ser moldados e transformados em verdadeiros líderes.

Pedro possuía a liderança dada por Deus entretecida na trama de sua personalidade desde o princípio. Ele era constituído da matéria-prima certa. É claro que foi o Senhor quem o criou desse modo no ventre de sua mãe (veja Salmos 139:13-16).

Existem certas características óbvias na disposição natural de Pedro que foram críticas para sua capacidade de liderança. De modo geral, não se trata de características que podem ser desenvolvidas simplesmente através de treinamento; são particularidades inatas do temperamento de Pedro.

A primeira delas é sua *curiosidade*. Quando você está à procura de um líder, deseja encontrar alguém que faça muitas perguntas. Pessoas que não são curiosas simplesmente não servem para ser bons líderes. A curiosidade é crítica para a liderança. Pessoas que se contentam com aquilo que não sabem, que se satisfazem em continuar ignorantes a respeito daquilo que não compreendem, que são complacentes com o que não analisaram e sentem-se à vontade vivendo com problemas que não resolveram — estas não podem ocupar posições de liderança. Os líderes precisam ter uma curiosidade insaciável. Precisam ser pessoas famintas por respostas. Se você deseja encontrar um líder, procure alguém que esteja fazendo as perguntas certas e verdadeiramente buscando respostas.

Esse tipo de curiosidade, normalmente, manifesta-se na mais tenra infância. A maioria de nós já encontrou crianças que fazem uma pergunta

depois da outra, cansando os pais e outros adultos com uma enxurrada incessante de pequenas indagações. (Alguns de nós podem até mesmo se lembrar de serem assim quando crianças!) Isso faz parte da matéria-prima do líder. As melhores pessoas para resolver problemas são sempre motivadas por um entusiasmo insaciável de conhecer e compreender as coisas.

Nos relatos dos Evangelhos, Pedro faz mais perguntas do que todos os outros apóstolos juntos. Normalmente, era Pedro quem pedia para o Senhor explicar suas palavras mais difíceis (Mateus 15:15; Lucas 12:41). Foi Pedro quem perguntou quantas vezes deveria perdoar (Mateus 18:21). Foi Pedro quem perguntou qual seria a recompensa dos discípulos por terem deixado tudo para seguir a Jesus (Mateus 19:27). Foi Pedro quem perguntou sobre a figueira que secou (Marcos 11:21). Foi Pedro quem fez perguntas sobre o Cristo ressuscitado (João 21:20-22). Ele sempre queria saber mais, entender melhor. Esse tipo de curiosidade é um elemento fundamental do verdadeiro líder.

Outro ingrediente necessário é a *iniciativa*. Se uma pessoa é apta para liderar, ela terá motivação, ambição e energia. Um verdadeiro líder deve ser o tipo de pessoa que faz as coisas acontecerem. É um iniciador. Observe que Pedro não apenas *fazia* perguntas; normalmente, ele também era o primeiro a *responder* as questões apresentadas por Cristo. Com frequência, ele avançava com ousadia até onde os anjos temiam pisar.

Numa ocasião bastante conhecida, Jesus perguntou: "Quem diz o povo ser o Filho do Homem?" (Mateus 16:13). Havia várias opiniões sobre isso circulando no meio do povo. Assim, responderam: "Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas" (versículo 14). Então, Jesus fez uma pergunta específica para os discípulos: "Mas *vós* [...] quem dizeis que eu sou?" (versículo 15, ênfase minha). Foi nesse momento que Pedro falou, mais alto que o resto: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (versículo 16). Os outros discípulos ainda estavam pensando na pergunta, como alunos com medo de dar a resposta errada. Pedro foi ousado e categórico. Essa é uma característica essencial dos grandes líderes. Às

vezes, ele teve de voltar atrás, retirar o que havia dito, retratar-se ou ser repreendido. Mas o fato de estar sempre disposto a agarrar as oportunidades com unhas e dentes marcava-o como um verdadeiro líder.

No jardim do Getsêmani, quando os soldados romanos do forte de Antônia foram prender Jesus, os três escritores dos Evangelhos sinópticos dizem que havia "uma grande turba com espadas e porretes" (Mateus 26:47; veja Marcos 14:43; Lucas 22:47). Uma típica coorte romana era formada de seiscentos soldados, de modo que é bem possível que, naquela noite, houvesse centenas de soldados romanos prontos para lutar dentro e ao redor do jardim. Sem hesitar, Pedro puxou sua espada e brandiu-a contra a cabeça de Malco, o servo do sumo sacerdote. (O sumo sacerdote e seus empregados, provavelmente, encontravam-se à frente da turba, uma vez que ele era o dignitário que estava dando a voz de prisão.) Sem dúvida, Pedro estava tentando cortar fora a cabeça do servo. Malco desviou-se e teve sua orelha decepada. Então, Jesus "tocando-lhe a orelha, o curou" (Lucas 22:51). Em seguida, disse a Pedro: "Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão" (Mateus 26:52). (Assim, ele afirmou a equidade da pena capital como uma lei divina.)

Pense nesse episódio. Havia ali todo um destacamento de soldados romanos, talvez centenas de homens. O que Pedro pensou que iria fazer? Cortar a cabeça de todos eles, um a um? Às vezes, em seu arrebatamento de tomar a iniciativa, Pedro não enxergava a realidade mais óbvia.

No entanto, com toda a sua temeridade, Pedro possuía a matéria-prima da qual seria possível fazer um líder. É melhor trabalhar com um homem como esse do que com alguém passivo e hesitante. Como diz o ditado, é mais fácil acalmar um fanático do que ressuscitar um morto. Algumas pessoas precisam ser fastidiosamente arrastadas para frente. Não era o caso de Pedro. Ele queria sempre avançar. Queria saber o que não sabia. Queria compreender o que não compreendia. Era o primeiro a fazer perguntas e tentar responder questões. Era um homem que sempre tomava a iniciativa, aproveitava o momento e avançava. É disso que é feita a liderança.

Lembre-se que essas características são apenas a matéria-prima a partir da qual é constituído um líder. Pedro precisava ser treinado, moldado e amadurecido. No entanto, a fim de realizar a incumbência que Cristo havia reservado para ele, Pedro precisava de pique, de garra, de coragem para colocar-se de pé, em Jerusalém, no dia de Pentecostes, e pregar o evangelho diante do mesmo povo que, pouco antes, havia executado seu próprio Messias. Contudo, Pedro era exatamente o tipo de sujeito que podia ser treinado para tomar tal iniciativa corajosa.

Há um terceiro elemento da matéria-prima que constitui o verdadeiro líder: *envolvimento*. Os verdadeiros líderes estão sempre no meio da ação. Não ficam sentados nos bastidores dizendo a todos o que fazer enquanto vivem de modo confortável e distante da luta. Um verdadeiro líder passa pela vida cercado por uma nuvem de poeira. É justamente por isso que as pessoas o seguem. Não se pode *seguir* alguém que permanece distante. O verdadeiro líder indica o caminho. Ele entra na batalha antes de seus seguidores.

Certa noite, Jesus chegou até os discípulos, no meio do mar da Galileia, andando sobre as águas durante uma tormenta. Qual dos discípulos pulou do barco? Pedro. Deve ter pensado: "Lá está o Senhor. Eu estou aqui. Preciso ir para onde a coisa está acontecendo". Os outros discípulos ficaram imaginando se estavam vendo um fantasma (Mateus 14:26). Pedro, porém, disse: "Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele [Jesus] disse: Vem!" (versículos 27-28) — e antes que os outros se dessem conta, Pedro havia descido do barco e estava andando sobre as águas. O resto dos discípulos ainda estava agarrado aos seus assentos, tentando garantir que não seriam atirados para fora pela tempestade. Mas, sem pensar duas vezes, Pedro saiu do barco. Isso é envolvimento *para valer*. Só depois que havia descido do barco, e caminhado uma certa distância, é que Pedro pensou sobre o perigo e começou a afundar.

Com frequência, as pessoas olham para esse episódio e criticam Pedro por sua falta de fé. Vamos, porém, dar crédito pela fé que ele teve a ponto de deixar o barco. Antes de desprezarmos Pedro pela fraqueza que quase foi

o seu fim, devemos nos lembrar de onde ele estava quando começou a afundar.

Semelhantemente, apesar de Pedro haver negado Cristo, é preciso ter em mente um fato expressivo: ele e um outro discípulo (provavelmente, João, seu amigo inseparável) foram os únicos que seguiram Jesus até a casa do sumo sacerdote para ver o que seria feito do Senhor (João 18:15). E, no pátio da casa do sacerdote, Pedro era o único que estava próximo o suficiente para que Jesus fitasse-o nos olhos quando o galo cantou (Lucas 22:61). Muito depois que os discípulos haviam abandonado Cristo e fugido, cada um temendo por sua própria vida, Pedro estava praticamente sozinho, numa posição em que podia cair no laço de tal tentação, pois, apesar de seu medo e fraqueza, ele não havia conseguido abandonar a Cristo completamente. Esse é o sinal de um verdadeiro líder. Quando quase todos haviam debandado, ele tentou ficar o mais próximo possível de seu Senhor. Pedro não era o tipo de líder que se contentava em ficar à distância e mandar uma mensagem para as tropas. Tinha paixão pelo envolvimento pessoal, de modo que podia sempre ser encontrado próximo ao epicentro da ação.

Pedro era feito dessa matéria-prima: curiosidade insaciável, disposição de tomar a iniciativa e paixão pelo envolvimento pessoal. Estava a encargo do Senhor treiná-lo e moldá-lo, pois, francamente, se esse tipo de matéria-prima não for submetido ao controle do Senhor, pode tornar-se absolutamente perigosa.

As experiências de vida que formam o verdadeiro líder

De que modo o Senhor tomou um homem feito de um material tão rudimentar e refinou-o, a ponto de transformá-lo num líder? Em primeiro lugar, certificou-se de que Pedro passasse pelas experiências de vida que fariam dele o tipo de líder que Cristo desejava que fosse. Nesse sentido, os verdadeiros líderes são formados, e não apenas inatos.

A experiência pode ser uma forma dura de educar. No caso de Pedro, os altos e baixos de suas experiências foram dramáticos e, com frequência, dolorosos. Sua vida foi cheia de ziguezagues tortuosos. O Senhor o fez passar por três anos de provações e dificuldades para dar-lhe toda uma vida de experiências, do tipo que o verdadeiro líder deve suportar.

Por que Jesus fez isso? Sentia algum prazer em atormentar Pedro? De forma alguma; as experiências — até mesmo aquelas difíceis — foram todas necessárias para transformar Pedro no homem que precisava tornar-se.

Há pouco tempo, li os resultados de um estudo com jovens dos Estados Unidos que se envolveram em tiroteios em escolas. Descobriu-se que um denominador comum entre os atiradores era o fato de que praticamente todos eles tomavam Ritalin ou outro antidepressivo para controlar problemas de comportamento. Em vez de serem disciplinados por suas atitudes erradas, haviam sido drogados até o estupor. Em vez de serem treinados para se comportarem e ensinados a ter domínio próprio, os psicólogos infantis receitaram entorpecentes que apenas controlavam o comportamento rebelde deles em caráter temporário. As atitudes indisciplinadas e rebeldes, que eram a origem do problema, nunca foram confrontadas nem tratadas. No início da infância, essas crianças haviam sido artificialmente protegidas das consequências de sua rebeldia. Perderam as experiências de vida que teriam moldado seu caráter de forma diferente.

O apóstolo Pedro aprendeu muita coisa através de experiências difíceis. Aprendeu, por exemplo, que a derrota arrasadora e a humilhação profunda, muitas vezes, vêm pouco depois das maiores vitórias. Logo depois que Cristo o elogiou por sua magnífica confissão em Mateus 16:16 (“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”), Pedro sofreu a mais dura repreensão dada a um discípulo da qual se tem registro no Novo Testamento. Num momento, Cristo chamou Pedro de bem-aventurado e prometeu-lhe as chaves do reino dos céus (versículos 17-19). No parágrafo seguinte, Cristo dirigiu-se a Pedro chamando-o de Satanás e dizendo “Arreda!” (versículo 23), o que significa “Não fique no meu caminho!”

Esse episódio ocorreu logo depois da esplêndida confissão de Pedro. Jesus anunciou aos discípulos que estava indo para Jerusalém, onde seria entregue ao sumo sacerdote e aos escribas e seria morto. Ao ouvir isso, "Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá" (Mateus 16:22). Essa ideia de Pedro é perfeitamente compreensível. No entanto, ele estava pensando apenas do ponto de vista humano. Não tinha conhecimento do plano de Deus. Sem perceber, estava procurando dissuadir Cristo justamente daquilo que era seu propósito aqui na terra. Como sempre, estava falando quando deveria estar ouvindo. As palavras de Jesus a Pedro estão entre as mais severas ditas por ele a um indivíduo: "Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens" (versículo 23).

Pedro havia acabado de saber que Deus revelaria a verdade a ele e que orientaria suas palavras à medida em que submetesse sua mente à verdade. Ele não dependia de uma mensagem humana. A mensagem que deveria proclamar lhe seria dada por Deus (versículo 17). Ele também receberia as chaves do reino dos céus — o que significa que sua mensagem abriria o reino de Deus para a salvação de muitos (versículo 19).

Mas agora, através da experiência dolorosa de ser repreendido pelo Senhor, Pedro também soube que era vulnerável a Satanás. O diabo podia encher sua boca de palavras, tanto quanto o Senhor. Se Pedro cogitasse das coisas dos homens, ao invés das coisas de Deus, ou se não fizesse a vontade de Deus, poderia ser um instrumento do inimigo.

Posteriormente, Pedro foi mais uma vez vitimado por Satanás na noite em que Jesus foi preso. Dessa vez, aprendeu da forma difícil que era humanamente fraco e não podia confiar em sua própria força de vontade. Todas as suas grandes promessas e propósitos sinceros não o impediram de cair. Depois de declarar diante de todos que *jamais* negaria a Cristo, ainda assim negou-o e ressaltou suas negações com fervorosas maldições. Satanás o estava peneirando como trigo. Assim, Pedro aprendeu quanto restolho e

quão pouca substância havia nele, e como deveria ser vigilante e cauteloso, confiando somente na força do Senhor.

Ao mesmo tempo, aprendeu que apesar de suas próprias inclinações pecaminosas e de sua fraqueza espiritual, o Senhor desejava usá-lo, e o sustentaria e preservaria em qualquer circunstância.

Pedro aprendeu todas essas coisas por experiência. Por vezes, as experiências foram amargas, angustiantes, humilhantes e dolorosas. Em outras ocasiões foram animadoras, sublimes e absolutamente gloriosas — como quando Pedro viu o esplendor divino de Cristo no monte da transfiguração. De qualquer modo, Pedro aproveitou ao máximo suas experiências, colhendo delas lições que o ajudaram a transformar-se num grande líder.

AS QUALIDADES DE CARÁTER QUE DEFINEM UM VERDADEIRO LÍDER

O terceiro elemento da constituição de um líder — além da matéria-prima certa e das experiências de vida certas — é o caráter certo. O caráter, obviamente, é de importância fundamental para a liderança. O atual declínio dos Estados Unidos está diretamente relacionado ao fato de que elegemos, nomeamos e contratamos muitos líderes sem nenhum caráter. Nos últimos anos, procuramos argumentar que o caráter na realidade não é importante para a liderança; aquilo que uma pessoa faz em sua vida particular supostamente não deve ser levado em consideração quando essa pessoa é candidata a um cargo público de liderança. Essa perspectiva encontra-se em total oposição àquilo que a Bíblia ensina. Na liderança, o caráter importa sim. E muito.

Na verdade, é o caráter que possibilita a liderança. É simplesmente impossível as pessoas respeitarem ou confiarem em alguém que não tem caráter. Se não respeitam um líder, não irão segui-lo. O tempo e a verdade andam de mãos dadas. Líderes sem caráter acabam decepcionando seus seguidores e perdem a confiança deles. O único motivo pelo qual tais

pessoas, muitas vezes, têm aceitação popular é o fato de que fazem outras pessoas sem caráter sentirem-se melhor a respeito de si mesmas. No entanto, não são *verdadeiros* líderes.

A liderança duradoura é fundamentada no caráter. O caráter gera respeito. O respeito gera confiança. E a confiança é o que motiva os seguidores.

Mesmo na esfera puramente humana, a maioria das pessoas reconhece que a verdadeira liderança está devidamente associada a qualidades de caráter como integridade, confiabilidade, respeitabilidade, altruísmo, humildade, autodisciplina, autocontrole e coragem. Tais virtudes refletem a imagem de um homem de Deus. Apesar de a imagem divina encontrar-se gravemente corrompida na humanidade, ela não foi inteiramente apagada. Por esse motivo, até os incrédulos reconhecem tais qualidades como virtudes desejáveis, requisitos importantes para a verdadeira liderança.

O próprio Cristo é a epítome do que um verdadeiro líder deve ser. Ele é perfeito em todos os atributos que compõem o caráter de um líder. Ele é a personificação de todas as qualidades mais verdadeiras, puras, elevadas e nobres de liderança.

É evidente que, em termos de liderança *espiritual*, o grande alvo e objetivo é levar as pessoas a tornarem-se mais semelhantes a Cristo. Por isso, o próprio líder deve manifestar características semelhantes às de Cristo. Esse é o motivo dos padrões de liderança na igreja serem tão elevados. O apóstolo Paulo resumiu o espírito do verdadeiro líder quando escreveu: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Coríntios 11:1).

Pedro poderia muito bem ter escrito a mesma coisa. Seu caráter foi moldado e formado através dos exemplos que observou em Cristo. Ele possuía a matéria-prima necessária para tornar-se um líder e isso foi importante. Suas experiências de vida ajudaram-no a aprimorar e aperfeiçoar suas aptidões naturais para a liderança, e isso também foi de importância crítica. No entanto, a verdadeira chave de tudo — a fundação essencial que faz com que a liderança autêntica sempre seja exaltada ou

venha a cair — é o caráter. Foram as qualidades do caráter de Pedro, desenvolvidas através de um relacionamento íntimo com Cristo, que, em última análise, fizeram dele um grande líder.

Nas palavras de J. R. Miller, "A única coisa que os pranteadores levam do túmulo consigo e aquilo que se recusa a ser sepultado é o caráter de um homem. Aquilo que um homem é vive muito além dele. Jamais pode ser sepultado". [2] Essa é uma opinião válida, mas há algo mais relevante do que aquilo que as pessoas pensam de nós depois que morremos. Muito mais importante do que isso é o impacto que causamos enquanto estamos aqui.

Quais foram algumas qualidades de um líder espiritual desenvolvidas na vida de Pedro? Uma delas foi a *submissão*. À primeira vista, pode parecer uma qualidade estranha para ser cultivada por um líder. Afinal, o líder é a pessoa que está no comando e espera que outros submetam-se a ele, certo? Contudo, um verdadeiro líder não apenas exige submissão; ele é um exemplo de submissão através da forma que se submete ao Senhor e àqueles que têm autoridade sobre ele. Tudo o que o verdadeiro líder espiritual faz deve ser marcado pela submissão a todas as autoridades legítimas, especialmente submissão a Deus e à sua Palavra.

A tendência dos líderes é de serem seguros e agressivos. São naturalmente dominantes. Pedro possuía tal inclinação dentro si. Falava sem hesitar e agia sem hesitar. Como vimos, era um homem de iniciativa. Isso significa que estava propenso a assumir o controle de todas as situações. A fim de equilibrar esse lado dele, o Senhor ensinou-lhe a submissão.

Ele o fez de maneiras um tanto admiráveis. Um exemplo clássico pode ser encontrado em Mateus 17. Esse relato refere-se a uma ocasião em que Jesus estava voltando com os doze para Cafarnaum, sua base de operações, depois de um período de ministério itinerante. Encontrava-se na cidade um publicano, realizando a coleta costumeira do imposto de duas dracmas (meio estáter) de cada pessoa com 20 anos ou mais. Não se tratava de um imposto pago a Roma, mas sim de um imposto para a manutenção do templo. Havia sido determinado em Êxodo 30:11-16 (veja 2Cr 24:9). O

imposto equivalia ao pagamento por dois dias de trabalho, de modo que não era uma quantia pequena.

De acordo com Mateus, "Dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas, e perguntaram: Não paga o vosso mestre as duas dracmas?" (Mateus 17.24). Pedro garantiu-lhes que Jesus pagava seus impostos.

No entanto, ao que parece, esse determinado imposto gerou um certo problema na mente de Pedro. Como Filho de Deus encarnado, Jesus tinha a obrigação moral de pagar pela manutenção do templo como um simples ser humano? Os filhos dos reis aqui na terra não pagavam impostos nos reinos de seus pais; por que Jesus deveria? Jesus sabia o que Pedro estava pensando, de modo que "Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos?" (versículo 25).

Pedro respondeu: "Dos estranhos". Os reis não cobram impostos de seus próprios filhos.

Jesus tirou a conclusão lógica para Pedro: "Logo, estão isentos os filhos" (versículo 26). Em outras palavras, se assim o desejasse, Jesus possuía autoridade celestial absoluta para não pagar o imposto do templo.

No entanto, se ele assim o fizesse, estaria transmitindo a mensagem errada no que se referia à sua autoridade *terrena*. Seria melhor submeter-se, pagar o imposto e evitar uma situação que a maioria das pessoas não iria compreender. Assim, apesar de não ser tecnicamente *obrigado* a pagar, Jesus disse: "Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti" (versículo 27).

A moeda na boca do peixe era um estáter, uma única moeda equivalente a quatro dracmas. Era a quantia exata para pagar o imposto de duas pessoas. Em outras palavras, Jesus também providenciou para que o imposto de Pedro fosse pago em sua totalidade.

É curioso como o milagre realizado por Jesus demonstrou sua absoluta *soberania,* ao mesmo tempo em que ele estava sendo um exemplo de

submissão humana. De modo sobrenatural, Cristo dirigiu um peixe que havia engolido uma moeda até ao anzol de Pedro. Se Jesus era Senhor da natureza a esse ponto, certamente, possuía autoridade para não pagar o imposto do templo. No entanto, ao dar o exemplo, ele ensinou Pedro a submeter-se de boa vontade.

A submissão é uma qualidade de caráter indispensável a ser cultivada pelos líderes. Se desejam ensinar as pessoas a se submeterem, eles próprios devem ser exemplos de submissão. Às vezes, um líder deve submeter-se mesmo quando há excelentes argumentos *contrários* a essa submissão.

Pedro aprendeu bem essa lição. Anos depois, em 1Pedro 2:13-18, ele escreveu:

> Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos; como livre que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus. Tratai a todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai ao rei.
>
> Servos, sede submissos, com todo temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso.

Essa foi a mesma lição que Pedro aprendeu de Cristo: num certo sentido, vocês têm liberdade, mas não usem da mesma como pretexto para fazerem o mal. Antes, considerem-se servos do Senhor. Vocês são cidadãos do céu e meros peregrinos aqui na terra, mas submetam-se a todas as prescrições *por amor ao Senhor*. Antes de tudo, vocês são súditos do reino de Cristo e simples forasteiros ou peregrinos na terra. Ainda assim, para evitar escândalo, honrem o rei terreno. Honrem a todas as pessoas. Essa é a vontade de Deus e, ao submeterem-se, vocês calarão a ignorância dos homens iníquos.

Lembre-se de que o homem que escreveu essa epístola é o mesmo homem que, quando jovem e afoito, cortou a orelha de um servo do sumo sacerdote. É o mesmo homem que se debateu com a ideia de Jesus pagar

impostos. No entanto, ele *aprendeu* a submeter-se — o que não é uma lição fácil para um líder nato. Especialmente para Pedro, que tendia a ser dominante, impetuoso, agressivo e a resistir à ideia de submissão. Contudo, Jesus o ensinou a submeter-se de bom grado, mesmo quando Pedro acreditava ter um bom argumento para recusar-se a fazê-lo.

A segunda qualidade de caráter que Pedro aprendeu foi o *domínio próprio*. Não é natural à maioria das pessoas com aptidões para a liderança ter como ponto forte o exercício do domínio próprio. O autocontrole, a disciplina, a moderação e a reserva não são necessariamente características naturais daquele que se encontra à frente do grupo. É por isso que tantos líderes têm problemas com a raiva e com as paixões incontidas. Talvez você tenha observado como as palestras sobre gerenciamento da raiva tornaram-se a última moda entre presidentes de companhias e pessoas em cargos elevados de administração no mundo dos negócios em nosso país. Fica claro que a raiva é um problema comum e grave entre pessoas que chegaram a um nível tão alto de liderança.

Pedro possuía tendências semelhantes. Uma cabeça quente faz parte do tipo de personalidade voltada para a ação, decisão e iniciativa que fez dele um líder. Uma pessoa como Pedro impacienta-se facilmente com outros cuja visão ou desempenho ficam aquém do desejado. Pode, ainda, irritar-se rapidamente com aqueles que colocam obstáculos para o seu sucesso. Desse modo, a fim de ser um bom líder, deve aprender a ter domínio próprio.

De certa forma, o Senhor colocou um freio na boca de Pedro e o ensinou sobre o domínio próprio. Esse é um dos principais motivos pelos quais Pedro sofreu tantas repreensões quando falou antes da hora ou agiu precipitadamente. O Senhor estava ensinando-o *constantemente* a ter domínio próprio.

O episódio no jardim em que Pedro decepou a orelha de Malco é um exemplo clássico de sua falta natural de domínio próprio. Mesmo cercado de centenas de soldados romanos, todos armados até os dentes, Pedro impensadamente puxou sua espada e estava pronto para pôr-se a brandi-la no meio da multidão. Felizmente para ele, Malco perdeu apenas uma orelha

e Jesus imediatamente reparou o estrago. Como vimos anteriormente, Pedro foi repreendido com severidade.

Aquela repreensão deve ter sido especialmente difícil para Pedro, uma vez que aconteceu na frente de uma multidão de inimigos. No entanto, ele aprendeu muita coisa com o que testemunhou naquela noite. Mais tarde ele escreveria: "pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (2Pedro 2:21-23).

Que diferença daquele rapaz que tentou tomar a espada e abrir caminho no meio de seus adversários. Pedro havia aprendido a lição do domínio próprio.

Ele também teve de aprender *humildade*. Com frequência, os líderes são tentados a cair no pecado do orgulho. Na verdade, o pecado mais comum da liderança é considerar-se maior do que se deve. Quando as pessoas estão seguindo sua liderança, constantemente elogiando-o, tomando-o como exemplo e admirando-o, é muito fácil ser tomado de orgulho.

Podemos observar em Pedro uma tremenda segurança. Ela fica evidente pelo modo que ele responde imediatamente a todas as perguntas. Fica evidente também em grande parte de suas ações, como no caso em que ele saiu do barco e começou a andar sobre as águas. Ficou evidente da pior e mais trágica maneira naquela fatídica ocasião em que Jesus predisse que seus discípulos iriam negá-lo.

Jesus disse: "Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas" (Mateus 26:31).

No entanto, Pedro estava absolutamente seguro: "Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, *nunca* o serás para mim" (versículo 33, ênfase minha). Então, acrescentou: "Senhor, estou pronto para ir contigo, tanto para a prisão como para a morte" (Lucas 22:33).

É claro que, como sempre, Pedro estava errado e Jesus estava certo. Pedro *de fato* negou a Cristo não apenas uma vez, mas várias, exatamente como Jesus o havia advertido. A vergonha e desgraça de Pedro por ter desonrado a Cristo de modo tão flagrante só foram aumentadas pelo fato de que ele havia se orgulhado com tanta obstinação sobre sua imunidade a tais pecados!

Porém, o Senhor usou tudo isso para tornar Pedro um homem humilde. E quando Pedro escreveu sua primeira epístola, disse: "cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" (1Pedro 5:5-6). Aos líderes da igreja, disse especificamente: "[Não ajam] como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho" (versículo 3). A humildade tornou-se uma das virtudes que caracterizaram a vida de Pedro, sua mensagem e seu estilo de liderança.

Pedro também aprendeu sobre o *amor*. Todos os discípulos tiveram dificuldade de aprender que a verdadeira liderança espiritual significa servir uns aos outros em amor. O verdadeiro líder é alguém que serve, não alguém que exige ser servido.

Essa é uma lição muito difícil para muitos líderes natos. Sua tendência é ver as pessoas como meios de alcançar um fim. Normalmente, os líderes voltam-se para os objetivos e não para as pessoas. Desse modo, com frequência usam as pessoas ou passam por cima delas, a fim de alcançarem seus objetivos. Pedro e os outros discípulos precisavam aprender que a liderança encontra-se arraigada e fundamentada no serviço de amor aos outros. O verdadeiro líder ama e serve aqueles a quem ele lidera.

Jesus disse: "Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos" (Marcos 9:35). O próprio Senhor serviu constantemente de modelo aos seus discípulos desse tipo de liderança de serviço. No entanto, em momento algum isso foi demonstrado mais claramente do que no cenáculo, na noite em que ele foi traído.

Jesus e seus discípulos tinham ido a Jerusalém para celebrar a Páscoa em um cômodo alugado na cidade. A ceia de Páscoa era uma refeição longa e cerimoniosa, chegando a durar quatro ou cinco horas. Naquela cultura, em vez de sentarem-se em cadeiras, os participantes, normalmente, se reclinavam ao redor de uma mesa baixa. Isso significava que a cabeça de uma pessoa ficava perto dos pés da outra. É claro que todas as ruas eram lamacentas ou empoeiradas e os pés estavam sempre sujos. Assim, o costume da época era que, quando os convidados entrassem numa casa para fazer uma refeição, normalmente, havia um servo cujo trabalho era lavar os pés deles. Esse era, praticamente, o trabalho mais humilde de todos. No entanto, qualquer anfitrião que deixasse de providenciar para que os pés de seus convidados fossem lavados cometia uma grave afronta (veja Lucas 7:44).

Ao que parece, nessa noite agitada de Páscoa, no cômodo alugado, não haviam providenciado para que um servo lavasse os pés dos hóspedes. Fica evidente que os discípulos estavam preparados para deixar passar essa falha de etiqueta em vez de oferecerem-se para uma tarefa tão servil. Reuniram-se, portanto, ao redor da mesa como se estivessem prontos para começar a refeição sem lavar os pés. Assim, de acordo com as Escrituras, o próprio Jesus "levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido" (João 13:4-5). [3]

O próprio Jesus — aquele que, por direito, era chamado de Senhor — tomou sobre si o papel do mais humilde dos escravos e lavou os pés sujos de seus discípulos. De acordo com Lucas, aproximadamente no mesmo momento em que isso aconteceu, os discípulos estavam no meio de uma discussão sobre qual deles era o maior (Lucas 22:24). Estavam interessados em serem exaltados, não humilhados. Assim, Jesus fez o que nenhum deles quis fazer. Deu-lhes uma lição sobre a humildade do verdadeiro amor.

A maioria, provavelmente, ficou lá sentada, num silêncio aturdido. Mas quando o Senhor aproximou-se de Simão Pedro, "este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?" (João 13:6). O sentido dessa pergunta é: *O que você pensa que está fazendo?* Eis o impetuoso e ousado Simão, falando sem pensar. Chegou até mesmo a dizer, "Nunca me lavarás os pés" (versículo 8).

Pedro era especialista em declarações absolutas: "*Nunca* o serás [tropeço] para mim" (veja Mateus 26:33). "*Nunca* me lavarás os pés". Não havia meio-termo na vida de Pedro; tudo é absolutamente preto ou branco.

Jesus lhe respondeu: "Se eu não te lavar, não terás parte comigo" (João 13:8). É claro que Jesus estava falando da necessidade de purificação *espiritual*. Obviamente, não era a limpeza física que tornava os discípulos dignos de terem comunhão com Cristo. Jesus estava se referindo à purificação dos pecados. Era essa a realidade espiritual que o ato humilde de lavar os pés tinha a intenção de simbolizar. (A prova de que ele estava falando de purificação *espiritual* encontra-se no versículo 10, quando Jesus diz: "Ora, vós estais limpos, mas não todos". Ele havia acabado de lhes lavar os pés, de modo que estavam limpos num sentido exterior e físico. No entanto, o apóstolo João diz no versículo 11: "Ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos" — significando que Judas não estava limpo no sentido espiritual em que Jesus estava falando).

A resposta de Pedro é típica de sua costumeira franqueza incontida: "Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (versículo 9). Mais uma vez, não havia meio-termo para Pedro. Era sempre tudo ou nada. Assim, Jesus assegurou-o de que ele já estava "todo limpo". (O Senhor continua falando em termos espirituais, referindo-se ao perdão dos pecados.) Naquele momento, Pedro não precisava que mais nada além de seus pés fosse purificado.

Em outras palavras, como crente, Pedro já estava plenamente justificado. O perdão e a purificação de que ele precisava não era o tipo de perdão sumário que se pede ao Juiz do universo — como se Pedro estivesse procurando acertar seu destino eterno. Ele já havia recebido esse tipo de perdão e purificação. Naquele momento, Pedro dirigia-se a Deus como uma

criança aproxima-se do pai ou da mãe, buscando graça e perdão paternos das suas transgressões. Era desse tipo de perdão que Pedro necessitava. O mesmo tipo de perdão que Jesus ensinou todos os crentes a buscarem diariamente em oração (Lucas 11:4). Aqui, Jesus compara tal perdão diário ao ato de lavar os pés.

Essas verdades encontravam-se todas envoltas no simbolismo quando Jesus lavou os pés dos discípulos. No entanto, a lição central consistia da forma como deve-se demonstrar amor. O exemplo de Jesus é um ato consumado de serviço humilde e amoroso.

Mais tarde naquela noite, depois que Judas havia partido, Jesus disse as outros onze: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (João 13:34-35). De que modo ele os amou? Ele lavou seus pés. Enquanto estavam discutindo sobre quem era o maior, ele mostrou-lhes o que é servir de maneira humilde, amorosa e mútua.

Para a maior parte dos líderes, é difícil abaixar-se e lavar os pés daqueles que consideram seus subordinados. No entanto, esse foi o exemplo de liderança que Jesus deu e que instou seus discípulos a seguirem. Na verdade, ele disse-lhes que mostrar amor uns pelos outros dessa maneira era a marca do verdadeiro discípulo.

Pedro aprendeu a amar? Certamente, que sim. O amor tornou-se uma das marcas registradas de seus ensinamentos. Em 1Pedro 4:8, escreveu: "Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados". A palavra grega traduzida como "intenso", nesse versículo, é *ektenes*, que significa "esticado até o limite". Pedro estava nos chamando a amar até o máximo de nossa capacidade. O amor do qual ele falou não é um sentimento. Não consiste em corresponder à pessoas que são naturalmente amáveis. Trata-se de um amor que cobre e compensa pelas falhas e fraquezas dos outros: "O amor cobre uma multidão de pecados". Esse é o tipo de amor que lava os pés sujos de um irmão. O próprio Pedro aprendeu essa lição através do exemplo de Cristo.

Outra qualidade de caráter importante que Pedro precisou aprender foi a *compaixão*. Quando o Senhor advertiu Pedro de que ele iria negá-lo, disse: "Eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo" (Lucas 22:31). Normalmente, o trigo era separado do restolho ao ser sacudido e jogado para o alto no vento forte. O restolho ia embora com o vento e o trigo caía num monte, sem as impurezas.

Seria de se esperar que Jesus assegurasse a Pedro: "Não vou permitir que Satanás te peneire". Mas não foi o que ele fez. Em outras palavras, informou Pedro de que havia dado a Satanás a permissão que este havia pedido. Permitiria que Satanás provasse Pedro (como Deus fez no caso de Jó). Na verdade, disse: "Permitirei que Satanás o faça, permitirei que sacuda as próprias fundações de tua vida. Então, deixarei que ele te lance ao vento — até que não reste nada além da realidade da tua fé". No entanto, Jesus garantiu a Pedro que a fé do apóstolo sobreviveria à provação. Disse-lhe: "Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (versículo 32).

Foi então que, em sua arrogância, Pedro insistiu que jamais tropeçaria. No entanto, apesar de seus protestos, antes de aquela noite terminar, ele *de fato* negou a Jesus e seu mundo todo foi vigorosamente sacudido. Seu ego foi esvaziado. Sua segurança foi aniquilada. Seu orgulho sofreu profundamente. Sua fé, porém, jamais desfaleceu.

Do que se tratava tudo isso? Jesus estava capacitando Pedro para que este pudesse fortalecer seus irmãos. Pessoas com aptidão nata de liderança, com frequência, tendem a ter pouca compaixão, a ser péssimos consoladores e impacientes com os outros. Enquanto procuram alcançar seus objetivos, não param muito tempo para cuidar dos feridos. Pedro precisava aprender a ter compaixão através de seu próprio sofrimento, de modo que quando este tivesse acabado, ele pudesse fortalecer outros em meio à sua dor.

Ao longo da vida, depois disso, Pedro precisaria mostrar compaixão pelas pessoas que estavam se debatendo. Depois de ser peneirado por Satanás, Pedro estava devidamente preparado para ter empatia com as

fraquezas dos outros. Não era difícil para ele ter compaixão daqueles que sucumbiam à tentação ou caíam em pecado. Ele havia passado por isso. Através daquela experiência, havia aprendido a ser compassivo, brando, bondoso, gentil e consolador a outros que estavam feridos pelo pecado e pelo fracasso pessoal.

Em 1Pedro 5.8-10, escreveu: "Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo. Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar".

Pedro entendia a fraqueza humana e entendia bem. Ele havia chegado ao fundo do poço. Ele havia sido confrontado com sua própria fraqueza. No entanto, havia sido aperfeiçoado, fortificado e fundamentado pelo Senhor. Como de costume, estava escrevendo a partir de sua própria experiência, e não ensinando preceitos teóricos.

Por fim, era preciso que ele aprendesse a ter *coragem*. Não o tipo falso de "coragem" impetuosa e atirada que o levara a brandir sua espada de modo tão selvagem contra Malco, mas uma disposição madura, determinada e intrépida de sofrer por amor a Cristo.

O reino das trevas opõe-se ao reino da luz. As mentiras opõem-se à verdade. Satanás opõe-se a Deus. Assim, aonde quer fosse, Pedro enfrentaria dificuldades. Cristo lhe disse: "Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres" (João 21:18).

O que ele queria dizer? A resposta do apóstolo João é clara: "Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus" (versículo 19).

Para Pedro, o preço de pregar seria a morte. Perseguição. Opressão. Dificuldades. Tortura. Por fim, o martírio. Pedro precisaria de coragem tão

sólida quanto uma rocha para perseverar.

Pode-se praticamente ver a coragem nascendo no coração de Pedro em Pentecostes, quando ele foi enchido pelo Espírito Santo e dele recebeu poder. Antes disso, o apóstolo havia mostrado lampejos de um tipo inconstante de coragem. Foi por isso que, num instante, impetuosamente brandiu sua espada na frente de uma multidão de soldados armados, mas, algumas horas depois, negou a Jesus quando foi questionado por uma jovem serva. Sua coragem, como tudo em sua vida, era marcada pela instabilidade.

Depois de Pentecostes, porém, vemos um Pedro diferente. Atos 4 descreve como Pedro e João foram levados perante o sinédrio, o conselho governante dos judeus. Foram enfaticamente instruídos para que "não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus" (versículo 18).

Pedro e João responderam com ousadia. "Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos" (versículos 19-20). Não tardou para que fossem levados perante o sinédrio novamente por continuarem a pregar. Mais uma vez, disseram a mesma coisa: "Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens" (Atos 5:29). Cheio do Espírito Santo e impelido pelo conhecimento de que Cristo havia ressuscitado dos mortos, Pedro havia adquirido uma coragem inabalável, firme como uma rocha.

Na primeira epístola de Pedro, vemos de relance o motivo pelo qual havia nele tanta coragem. Ao escrever para os cristãos dispersados por todo o império romano por causa da perseguição, ele diz:

> Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo. Nisso exultais, embora no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito

> mais preciosa do que ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo. (1Pedro 1:3-7)

Pedro sabia que, em Cristo, estava seguro. Ele havia visto o Cristo ressurreto, de modo que sabia que Cristo havia conquistado a morte. Sabia que, quaisquer que fossem as provações sofridas aqui na terra, eram simplesmente temporárias. Apesar de serem muitas vezes dolorosas e amargas, as provações não eram nada se comparadas à esperança da glória eterna (veja Romanos 8:18). Ele sabia que a autenticidade da verdadeira fé era infinitamente mais preciosa do que quaisquer riquezas perecíveis da terra, pois sua fé redundaria no louvor e glória a Cristo quando ele voltasse. Era essa esperança que dava coragem a Pedro.

À medida que Pedro aprendeu todas essas lições e seu caráter foi transformado — à medida que se tornou o homem que Cristo desejava que ele fosse — pouco a pouco deixou de ser Simão e passou a ser a Rocha. Aprendeu submissão, domínio próprio, humildade, amor, compaixão e coragem através do exemplo do Senhor. E por causa do Espírito Santo trabalhando em seu coração, tornou-se, de fato, um grande líder.

Ele pregou em Pentecostes e três mil pessoas foram salvas (Atos 2:14-41). Ele e João curaram um homem coxo (Atos 3:1-10). Era tão poderoso que pessoas foram curadas em sua sombra (Atos 5:15-16). Ressuscitou a Dorcas dentre os mortos (Atos 9:36-42). Apresentou o evangelho aos gentios (Atos 10). E escreveu duas epístolas, 1 e 2Pedro, nas quais colocou algumas das mesmas lições que havia aprendido do Senhor sobre um caráter verdadeiro.

Pedro foi um homem e tanto! Era perfeito? Não. Em Gálatas 2, o apóstolo Paulo relata um episódio no qual Pedro cedeu. Agiu como um hipócrita. Vemos um lampejo do antigo Simão. Pedro estava comendo com gentios, tendo comunhão com eles como verdadeiros irmãos em Cristo — até que surgiram alguns falsos mestres. Esses hereges insistiram que, a menos que os gentios fossem circuncidados de acordo com as leis cerimoniais do Antigo Testamento, não poderiam ser salvos e não deveriam

ser tratados como irmãos. Ao que parece, intimidado pelos falsos mestres, Pedro parou de comer com os irmãos gentios (Gálatas 2:12). O versículo 13 diz que quando Pedro fez isso, todos o imitaram, pois ele era seu líder. Assim, o apóstolo Paulo escreve: "Resisti-lhe face a face, porque tornara-se repreensível" (versículo 11). Paulo repreendeu a Pedro na presença de todos.

Em favor de Pedro, deve-se dizer, porém, que ele respondeu à correção de Paulo. Quando a heresia dos judaizantes finalmente foi confrontada num concílio de todos os líderes da igreja e apóstolos, em Jerusalém, Pedro foi o primeiro falar em defesa do evangelho da graça divina. Foi ele quem apresentou o argumento definitivo (Atos 15:7-14). Com efeito, defendeu o ministério do apóstolo Paulo. Esse episódio todo mostra como Simão Pedro continuou pronto a aprender, humilde e sensível à convicção e correção do Espírito Santo.

Que fim teve a vida de Pedro? Sabemos que Jesus disse a Pedro que ele morreria como mártir (João 21:18-19). No entanto, as Escrituras não relatam a morte de Pedro. Todos os registros da história da igreja primitiva indicam que Pedro foi crucificado. Eusébio cita o testemunho de Clemente, o qual diz que, antes de Pedro ser crucificado, foi forçado a assistir à crucificação de sua própria esposa. De acordo com Clemente, ao vê-la sendo levada para a morte, Pedro chamou-a pelo nome e disse: "Lembre-se do Senhor". Quando chegou a vez de Pedro morrer, ele pediu para ser crucificado de cabeça para baixo pois não era digno de morrer como seu Senhor havia morrido. E assim, ele foi pregado a uma cruz invertida. [4]

A vida de Pedro pode ser resumida nas palavras finais de sua segunda epístola: "Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno" (2Pedro 3:18). Foi exatamente isso que Pedro fez e por isso tornou-se Rocha — o grande líder da igreja primitiva.

3

ANDRÉ
O apóstolo das pequenas coisas

Era André o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus. Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus.

João 1:40-42

André, o irmão de Pedro, é o menos conhecido dos quatro apóstolos do primeiro grupo. Apesar de ser um membro daquele quarteto de discípulos mais chegados, de um modo geral, André fica em segundo plano. Ele não é incluído em vários dos acontecimentos importantes nos quais vemos Pedro, Tiago e João juntos com Cristo (Mateus 17:1; Marcos 5:37; 14:33). Em outros momentos críticos, porém, André encontra-se participando do círculo mais íntimo (veja Marcos 1:29; 13:3). Não há dúvidas de que ele possuía um relacionamento particularmente próximo com Cristo, uma vez que, em tantas ocasiões, outras pessoas foram apresentadas pessoalmente ao Mestre através dele.

André foi o primeiro de todos os discípulos a ser chamado (João 1:35-40). Como veremos em breve, ele foi responsável por apresentar seu irmão Pedro, mais dominante, a Cristo (versículos 41-42). Seu desejo ardente de seguir Cristo, combinado com o zelo em apresentar outros a ele, tipifica razoavelmente o caráter de André.

Pedro e André eram, originalmente, da vila de Betsaida (João 1:44). Os arqueólogos ainda não conseguiram determinar a localização exata de Betsaida, mas a partir de descrições no Novo Testamento, fica claro que se encontrava na região da Galileia, ao norte. A certa altura, os dois irmãos mudaram-se para a cidade de Cafarnaum, um pouco maior e mais perto de sua cidade natal. Na verdade, Pedro e André dividiam uma casa em Cafarnaum (Marcos 1:29) e, de lá, tocavam juntos um comércio de pesca. Cafarnaum era um ponto especialmente privilegiado, uma vez que se situava na margem norte do mar da Galileia (onde a pesca era boa) e encontrava-se na interseção de importantes rotas comerciais.

É provável que, desde a infância, Pedro e André tivessem amizade com outros dois pescadores, também irmãos e nascidos em Cafarnaum, Tiago e João, filhos de Zebedeu. Ao que parece, os quatro possuíam certo interesse espiritual em comum, mesmo antes de encontrarem-se com Cristo. Fica evidente que tiraram um ano sabático da pescaria e visitaram o deserto em que João Batista estava pregando e tornaram-se discípulos de João. Foi lá que se encontraram com Cristo pela primeira vez. E ao voltarem a pescar (antes de Jesus chamá-los para serem seus discípulos em tempo integral), continuaram trabalhando juntos. Assim, era bastante natural que esse pequeno grupo formasse uma unidade coesa dentro do conjunto dos doze. Em muitos aspectos, esses quatro pareciam ser inseparáveis.

Todos os quatro, obviamente, *desejavam* ser líderes. Como grupo, exerciam uma espécie de liderança coletiva sobre os outros discípulos. Já vimos que Pedro era, sem dúvida, o membro dominante do grupo e aquele que costumava falar em nome dos doze, quer ele quisesse, quer não. No entanto, fica claro que os quatro discípulos do círculo mais íntimo tinham aspirações de liderança. É por isso que, em certas ocasiões, envolviam-se naquelas discussões vergonhosas sobre quem era o maior.

Esse desejo fervoroso de liderar, que foi a causa de tantos conflitos quando estavam juntos como grupo, acabou sendo imensamente valioso quando esses homens seguiram cada um o seu caminho como apóstolos na igreja primitiva. Jesus os estava treinando para a liderança e, no final, eles

ocuparam importantes posições de autoridade na igreja primitiva. Por esse motivo, as Escrituras assemelham-lhes à própria fundação da igreja, "sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular" (Efésios 2:20).

Dos quatro que faziam parte do círculo mais íntimo, porém, André é o que menos aparece. As Escrituras não nos relatam muita coisa a seu respeito. Pode-se praticamente contar nos dedos quantas vezes ele é mencionado especificamente nos Evangelhos. (Na verdade, exceto pelas passagens em que são relacionados os doze discípulos, o nome de André aparece apenas nove vezes no Novo Testamento, e a maioria dessas referências apenas menciona-o de passagem).

André viveu sua vida à sombra de seu irmão mais conhecido. Muitos dos versículos que citam seu nome acrescentam que ele era irmão de Pedro, como se esse fosse o fato que lhe conferia importância.

Em situações como essas, em que um irmão se destaca tão mais do que o outro, é comum encontrar ressentimento, rivalidade ou até mesmo separação entre os irmãos. Mas no caso de André, não há qualquer evidência de que ele se ressentia com a dominância de Pedro. Como vimos, para começar, foi André quem levou Pedro a Cristo. Ele o fez imediatamente e sem hesitar. André devia ter plena consciência da tendência de Pedro para liderar. Devia saber muito bem que, assim que Pedro passasse a fazer parte do grupo de discípulos, ele assumiria o comando, e André seria relegado a uma posição secundária. Ainda assim, André levou seu irmão mais velho a Cristo. Só esse fato já diz muito sobre seu caráter.

Quase tudo o que as Escrituras nos contam sobre André mostra que ele possuía a atitude certa para exercer um ministério nos bastidores. Ele não procurava ser o centro das atenções. Não parecia incomodar-se com aqueles que trabalhavam por detrás das cenas. Evidentemente, tinha prazer em fazer aquilo que podia com os dons que Deus lhe concedera e com o chamado que havia recebido, e também permitia que os outros fizessem o mesmo.

De todos os discípulos do círculo mais íntimo, André parece ser o menos contencioso e o mais meditativo. Como já sabemos, a tendência de

Pedro era ser impetuoso, de precipitar-se tolamente e dizer a coisa errada na hora errada. Com frequência era atirado, desajeitado, apressado e impulsivo. Tiago e João tinham o apelido de "filhos do trovão", por causa de suas tendências temerárias. Fica evidente que também foram eles que provocaram várias das discussões sobre quem era o maior. Mas não se vê nada disso em André. Sempre que ele fala — o que é raro nas Escrituras — diz a coisa certa, e não a errada. Sempre que age separadamente dos outros discípulos, faz o que é certo. Ao citá-lo pelo nome, as Escrituras nunca relacionam a ele qualquer desonra.

Certamente, houve ocasiões em que, seguindo a liderança de Pedro ou agindo em conjunto com todos os outros discípulos, André cometeu os mesmos erros que eles. No entanto, sempre que seu nome é mencionado expressamente — sempre que ele se destaca dos outros e age ou fala como um indivíduo — as Escrituras o elogiam por aquilo que ele faz. Mesmo não tendo chamado atenção sobre si, André foi um líder eficiente.

Apesar de serem irmãos, André e Pedro possuíam estilos de liderança completamente diferentes. Contudo, assim como Pedro encaixava-se perfeitamente em seu chamado, André adequava-se ao seu. Na verdade, é possível que André seja um modelo *melhor* para a maioria dos líderes da igreja do que Pedro, pois grande parte daqueles que entram para o ministério trabalha em certa obscuridade, como André, ao invés de ter renome e ser proeminente como Pedro.

O nome de André significa "varonil" e parece ser uma descrição apropriada. É claro que o tipo de pesca com rede, que ele e os outros realizavam, exigia um bocado de força física e hombridade. No entanto, André também possuía outras características relativas à varonilidade. Era ousado, decidido e ponderado. Não havia nada de frágil nem melindroso nele. Ele era impulsionado por uma fervorosa paixão pela verdade e estava disposto a sujeitar-se a dificuldades e rigores mais extremos, a fim de alcançar esse objetivo.

Lembre-se de que quando Jesus encontrou-se com ele pela primeira vez, André já era um homem devoto que havia se juntado aos discípulos de João

Batista. João Batista era conhecido por sua aparência rude e estilo de vida espartano. Usava "vestes de pelos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre" (Mateus 3:4). Ele vivia e ministrava no deserto, isolado de todos os confortos e conveniências da vida urbana. Uma pessoa que seguia a João Batista como seu discípulo dificilmente era do tipo frágil.

O evangelho de João descreve o primeiro encontro de André com Jesus. Ocorreu no deserto, onde João Batista estava pregando o arrependimento e batizando os convertidos. O apóstolo João registra o episódio como uma testemunha ocular, pois tanto ele como André eram discípulos de João Batista. (O apóstolo João não se identifica pelo nome. Mantém-se anônimo em seu evangelho até o final. No entanto, a maneira que ele relata detalhes desse encontro, dando-nos até a hora do dia, sugere que ele possuía informações de primeira mão sobre esse acontecimento. Fica evidente que ele era o outro discípulo mencionado no relato).

O encontro pessoal de André com Jesus ocorreu no dia depois do batismo de Jesus (João 1:29-34). André e João estavam ao lado de João Batista quando Jesus passou por eles e João Batista disse: "Eis o Cordeiro de Deus!" (versículo 36). Imediatamente, os dois deixaram João Batista e passaram a seguir a Jesus (versículo 37). Não imagine que estavam sendo volúveis ou infiéis ao seu mentor. Pelo contrário, João Batista já havia negado explicitamente ser o Messias: "Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo" (versículos 19-20). Quando o povo pressionou João Batista, pedindo uma explicação sobre quem ele era, esta foi sua resposta: "Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías" (versículo 23).

João Batista, portanto, já havia dito nos termos mais claros e diretos que era apenas um precursor do Messias. Tinha vindo para preparar o caminho e colocar o povo na direção certa. Na verdade, o cerne da mensagem de João Batista era a preparação para o Messias, que viria muito em breve. Assim,

André e João estavam envolvidos pela emoção da expectativa messiânica, aguardando apenas que a Pessoa certa fosse identificada. Por esse motivo, logo que ouviram João Batista identificar a Cristo como o Cordeiro de Deus, os dois discípulos sem demora e ansiosamente deixaram João para seguir Cristo. Fizeram o que era certo. O próprio João Batista, certamente, aprovou a decisão deles.

O relato bíblico prossegue: "E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais? Disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde assistes? Respondeu-lhes: Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com ele aquele dia" (versículos 38-39).

Era por volta das 16 horas ("a hora décima", de acordo com o versículo 39) quando encontraram Cristo. Seguiram-no até o lugar onde estava hospedado e passaram o resto do dia com ele. Uma vez que esse lugar ficava perto de João Batista, no deserto, provavelmente, tratava-se de uma casa alugada ou, possivelmente, de um quarto numa hospedaria simples. No entanto, esses dois discípulos tiveram o privilégio de passar a tarde e a noite em comunhão particular com Jesus e partiram convencidos de que haviam achado o verdadeiro Messias. Eles encontraram, conheceram e começaram a ser ensinados por Jesus naquele mesmo dia. Assim, André e João tornaram-se os primeiros discípulos de Cristo.

Observe a primeira coisa que André fez: "Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus" (versículos 41-42). A notícia era boa demais para ele guardá-la só para si, de modo que André foi procurar aquela pessoa que ele mais amava no mundo, que ele mais desejava que conhecesse Jesus, e a levou até Cristo.

Como vimos no capítulo anterior, Pedro e André voltaram para Cafarnaum e continuaram a trabalhar como pescadores depois de terem se encontrado com Cristo pela primeira vez. Foi numa ocasião posterior, talvez vários meses depois, que Jesus foi à Galileia para ministrar. Ele havia começado seu ministério em Jerusalém e nos arredores da cidade, onde

havia purificado o templo e incitado a hostilidade dos líderes religiosos. No entanto, quando voltou para a Galileia, a fim de pregar e curar, acabou chegando a Cafarnaum. Lá, encontrou novamente os quatro irmãos enquanto estes pescavam.

Mateus 4 registra esse encontro:

> Caminhando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles deixaram imediatamente as redes, e o seguiram. Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Então eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram. (versículos 18-22)

Foi então que deixaram a pescaria para dedicar-se a um discipulado mais permanente e de tempo integral.

Lucas 5:1-11 apresenta um relato paralelo desse episódio. No entanto, no relato de Lucas, o nome de André não é mencionado. Sabemos que ele estava lá e foi incluído, pois o registro de Mateus deixa isso claro. No entanto, André ocupava de tal forma o segundo plano, que Lucas nem sequer mencionou seu nome. Era, como dissemos, o tipo de pessoa que raramente tomava a frente. Permanecia um tanto escondido. Certamente, era parte do grupo e deve ter seguido a Cristo tão ansiosa e prontamente quanto os outros, no entanto, desempenhou um papel silencioso na sua obscuridade.

Ele havia passado toda a sua vida à sombra de Pedro e, ao que parece, aceitava esse papel. Era justamente isso que o tornava tão útil. Sua disposição em ser um ator coadjuvante, com frequência, permitia que ele percebesse coisas que os outros discípulos apresentavam dificuldade em compreender. Assim, sempre que ele aparece em primeiro plano, o que pode ser visto é sua capacidade enigmática de encontrar imenso valor em coisas pequenas e modestas.

Ele enxergava o valor das pessoas como indivíduos

Em se tratando de lidar com pessoas, por exemplo, André apreciava plenamente o valor de uma única alma. Era conhecido por levar indivíduos, e não multidões, a Jesus. Quase toda vez que o vemos nos relatos dos Evangelhos, ele está levando alguém a Jesus.

Lembre-se de que a primeira coisa que fez ao descobrir Cristo foi buscar Pedro. Esse episódio indica o estilo de ministério de André. Quando Jesus alimentou a multidão de cinco mil pessoas, foi André quem levou o menino até o Senhor e disse: "Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos" (João 6:9).

João 12:20-22 fala de alguns gregos que procuraram Filipe e pediram para ver Jesus. Tratava-se, provavelmente, de gentios que conheciam a reputação de Jesus e desejavam vê-lo. João 12:21 diz que esses homens "se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus. Filipe foi dizê-lo a André, e André e Filipe o comunicaram a Jesus".

É importante o fato desses homens terem ido falar com Filipe, mas Filipe levou-os a André e deixou que André os apresentasse ao Mestre. Por que o próprio Filipe simplesmente não os levou até Jesus? Talvez porque fosse naturalmente tímido, ou talvez não tivesse confiança suficiente em seu relacionamento com Cristo. Talvez Filipe tenha se atrapalhado e ficado confuso quanto ao protocolo correto. Ou ainda, é possível que Filipe não estivesse certo de que Jesus desejava *vê-los*. De qualquer modo, Filipe sabia que André podia apresentar pessoas para Cristo.

André não ficava confuso quando alguém desejava ver Jesus. Ele simplesmente os levava ao Mestre. Ele entendia que Jesus iria querer encontrar-se com qualquer pessoa que desejasse conhecê-lo (veja João 6:37).

André, obviamente, não perdia a compostura e nem se sentia desconfortável em apresentar pessoas a Cristo, pois ele o fazia o com

frequência. Ao que parece, ele conhecia bem a Jesus e não se sentia inseguro quanto a levar outros a ele. Em João 1, ele levou Pedro a Cristo, tornando-se, assim, o primeiro missionário. Depois, levou os gregos a Cristo, fazendo dele o primeiro missionário internacional.

Uma coisa que tenho observado em todos os meus anos de ministério é que os aspectos mais importantes do evangelismo, normalmente, ocorrem com o indivíduo de maneira pessoal. A maior parte das pessoas não se aproxima de Cristo em resposta direta a um sermão que ouviu num lugar lotado. Elas vão até Cristo por causa da influência de um indivíduo.

A igreja que pastoreio procura nutrir um ambiente evangelístico, e as pessoas estão aproximando-se de Cristo com regularidade. Quase todo domingo, em nosso culto da noite, batizamos vários crentes novos. Cada um dá um testemunho antes de ser batizado. Na maioria dos casos, eles falam como chegaram a Cristo principalmente por causa do testemunho de um colega de trabalho, vizinho, parente ou amigo. De vez em quando, ouvimos pessoas dizerem que converteram-se numa resposta direta a uma mensagem na igreja ou um sermão no rádio. No entanto, mesmo nesses casos, a conversão, normalmente, deve-se à influência de um indivíduo que, para começar, encorajou pessoa a escutar o programa de rádio ou ir à igreja. Não há dúvidas de que a maneira mais eficaz de levar pessoas a Cristo é conduzi-las uma a uma, de modo individual.

Tanto André como seu irmão Pedro possuíam um coração evangelista, mas seus métodos eram completamente distintos. Pedro pregou em Pentecostes e três mil pessoas passaram a fazer parte da igreja. Não há nada nas Escrituras indicando que André em algum momento tenha pregado para uma multidão ou movido grandes massas. Mas lembre-se de quem levou Pedro a Cristo. De acordo com a providência soberana de Deus, o ato de fidelidade de André, ao conduzir seu irmão a Cristo, foi o ato individual que levou à conversão do homem que iria pregar o magnífico sermão em Pentecostes. Todos os frutos do ministério de Pedro são também, em última análise, frutos do testemunho fiel e individual de André.

Muitas vezes é assim que Deus trabalha. Poucos já ouviram falar de Edward Kimball. Seu nome é uma nota de rodapé nos registros da história da igreja. Contudo, ele foi o professor de escola dominical que levou D. L. Moody a Cristo. Certa tarde, ele foi à loja de sapatos em que Moody, na época com 19 anos, trabalhava em Boston, encurralou-o num canto do depósito onde ficava o estoque e apresentou-lhe Cristo.

Kimball era a antítese do evangelista ousado. Ele era um homem tímido e de fala mansa. Foi até a loja de sapatos atemorizado, tremendo e sem saber ao certo se tinha coragem suficiente para confrontar aquele rapaz com o evangelho. Na época, Moody era rude e claramente iletrado, mas a ideia de falar-lhe de Cristo fazia Kimball tremer na base. Anos depois, Kimball relembrou esse episódio. Moody havia começado a frequentar sua classe de escola dominical. Era evidente que Moody não sabia absolutamente nada sobre a Bíblia. De acordo com Kimball,

> Decidi conversar com Moody sobre Cristo e sobre sua alma. Dirigi-me à loja de sapatos Holton's. Quando estava quase lá, perguntei-me se era uma boa ideia visitá-lo em horário comercial. Pensei, ainda, que minha missão poderia envergonhar o rapaz e que quando eu fosse embora os outros vendedores iriam zombar de Moody e perguntar se eu estava tentando transformá-lo num bom menino. Enquanto refletia sobre essas coisas, passei reto pela loja e nem sequer percebi. Então, quando descobri que havia passado em frente a porta, decidi correr até ela e acabar com aquilo o mais rápido possível. [5]

Kimball encontrou Moody trabalhando no depósito, embrulhando sapatos e colocando-os nas prateleiras. De acordo com Kimball, seu discurso foi "hesitante". Mais tarde comentou: "Jamais consegui lembrar-me exatamente daquilo que *falei*: foi algo sobre Cristo e seu amor — e só." Ele admitiu que foi um "apelo fraco". [6]No entanto, naquela mesma hora e naquele lugar, Moody entregou seu coração a Cristo.

É claro que D. L. Moody foi usado poderosamente pelo Senhor como evangelista tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra. Seu ministério teve um impacto enorme nos dois lados do Atlântico, ao longo de quase toda a segunda metade do século 19. Milhares de pessoas testemunharam

ter encontrado a Cristo por causa de seu ministério. Entre aqueles que se converteram através de Moody, estavam homens como C. T. Studd, o grande missionário pioneiro, e Wilbur Chapman, que também se tornou um conhecido evangelista. Posteriormente, Moody fundou o Moody Bible Institute, onde milhares de missionários, evangelistas e outros obreiros cristãos foram treinados ao longo do último século e enviados para todo o mundo. Tudo isso começou quando um homem foi fiel em levar outra pessoa a Cristo.

Ao que parece, era assim que André costumava ministrar: face a face. Muitos pastores adorariam ver suas igrejas abarrotadas de pessoas com a mentalidade de André. Um número excessivamente grande de cristãos acha que, pelo fato de não poderem falar diante de grupos ou por não terem dons de liderança, estão isentos da responsabilidade de evangelizar. Há poucos que, como André, compreendem o valor de cultivar a amizade com uma só pessoa e levá-la a Cristo.

Ele enxergava o valor das dádivas insignificantes

Algumas pessoas têm uma visão mais clara da situação geral simplesmente porque apreciam o valor das pequenas coisas. André encaixa-se nessa categoria. Isso fica claro no relato de João sobre os cinco mil que foram alimentados.

Jesus havia se dirigido para o alto de um monte a fim de tentar ficar a sós com seus discípulos. Como acontecia com frequência quando ele tirava uma folga do seu ministério público, as multidões clamorosas foram atrás dele. Era pouco antes da Páscoa, o feriado mais importante do calendário judaico. Esse episódio ocorreu, portanto, exatamente um ano antes de Cristo ser crucificado.

De repente, uma turba enorme se aproximou. Haviam descoberto, de algum modo, onde Jesus estava. Era quase hora de comer e, ao pregar para o povo, Jesus iria usar o pão como ilustração. Assim, ele deixou claro que desejava alimentar a multidão. Perguntou a Filipe onde poderiam comprar

pão. João acrescenta um comentário editorial para enfatizar o fato de que Cristo estava soberanamente no controle dessas circunstâncias: "Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer" (João 6:6).

Filipe fez as contas rapidamente e concluiu que tinham apenas duzentos denários em dinheiro. Um denário era o pagamento de um dia para um trabalhador comum, de modo que duzentos denários equivaliam aproximadamente ao salário de oito meses. Era uma quantia considerável, mas a multidão era tão grande que mesmo duzentos denários não eram o suficiente para comprar comida para todos. A visão de Filipe foi sobrepujada pelo tamanho da necessidade. Ele e os outros discípulos ficaram sem saber o que fazer. Ao relatar o mesmo episódio, Mateus informa que os discípulos disseram: "O lugar é deserto, e vai adiantada a hora: despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, compre para si o que comer" (Mateus 14:15).

Mas Jesus respondeu: "Não precisam retirar-se, dai-lhes, vós mesmos, de comer" (versículo 16). Os discípulos devem ter ficado em estado de choque. O que Jesus estava pedindo parecia absurdo.

Foi então que André falou. "Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?" (João 6:9). É claro que até mesmo André sabia que cinco pães de cevada e dois peixinhos não seriam suficientes para alimentar cinco mil pessoas; mas, (a seu modo típico) ainda assim levou o menino a Jesus. O Senhor havia ordenado aos seus discípulos que alimentassem o povo e André sabia que ele não daria uma ordem como essa sem torná-la possível de ser cumprida. Assim, André fez o melhor que pôde. Identificou a única fonte de comida disponível e certificou-se de que Jesus soubesse dela. Algo dentro dele parecia entender que nenhuma dádiva é insignificante nas mãos de Jesus.

João prossegue com sua narração:

> Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se; pois havia naquele lugar muita relva. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil. Então Jesus tomou os pães e, tendo dado

> graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam. E, quando já estavam fartos, disse Jesus aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca. Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido. (versículos 10-13)

Que lição incrível! O fato de tão pouco poder ser usado para realizar tanto foi um testemunho do poder de Cristo. Nenhuma dádiva é insignificante em suas mãos.

O próprio Senhor ensinou aos seus discípulos a mesma lição em Lucas 21:1-4: "Estando Jesus a observar, viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio. Viu também certa viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas; e disse: Verdadeiramente, vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento".

Em outras palavras, a pessoa pobre que dá tudo o que tem está dando uma oferta muito maior do que a pessoa rica que contribui com ofertas mais altas, mas que são apenas parte de sua abundância. A capacidade que Deus tem de usar uma dádiva não é de forma alguma influenciada pelo tamanho dessa dádiva. É a fidelidade sacrificial do ofertante, e não o tamanho da oferta, que serve como verdadeira medida da importância de sua dádiva.

Trata-se de um conceito de difícil compreensão para a mente humana. No entanto, de alguma forma, André parecia saber instintivamente que não estava desperdiçando o tempo de Jesus ao levar a ele uma oferta tão ínfima. Não é a grandeza de uma dádiva que conta, mas sim a grandeza do Deus a quem ela é ofertada. André preparou o caminho para o milagre.

É claro que, para servir a multidão, Jesus nem precisava do almoço daquele menino. Ele poderia ter criado alimento do nada com a mesma facilidade. No entanto, o modo que ele alimentou os cinco mil serve de ilustração para o modo que Deus sempre opera. Ele toma as dádivas sacrificiais e insignificantes de pessoas que contribuem fielmente e as multiplica de modo a realizar coisas monumentais.

Ele enxergava o valor do serviço imperceptível

Algumas pessoas não querem participar da banda, a menos que possam tocar o bumbo. Essa era a tendência de Tiago e João. O mesmo valia para Pedro. Mas não era o caso de André. Em momento algum ele é citado como participante de grandes discussões. Estava mais preocupado em levar pessoas a Jesus do que com quem recebia o crédito ou quem estava no poder. Não almejava a honra. Nunca o ouvimos dizer qualquer coisa, a menos que esteja relacionada a levar alguém a Jesus.

André é o retrato perfeito daqueles que trabalham em silêncio nos lugares humildes, "não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus" (Efésios 6:6). Ele não era uma coluna impressionante como Pedro, Tiago e João. Era uma pedra mais humilde. Era uma daquelas pessoas raras, dispostas a ficar em segundo lugar e dar apoio. Ele não se importava em ficar escondido, desde que o trabalho estivesse sendo realizado.

Essa é uma lição que muitos cristãos de hoje fazem bem em aprender. As Escrituras advertem sobre buscar posições de proeminência e alerta aqueles que desejam ser mestres, que serão julgados de acordo com padrões mais elevados: "Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo" (Tiago 3:1).

Jesus ensinou aos discípulos: "Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos" (Marcos 9:35). É preciso um tipo especial de pessoa para ser um líder com um coração de servo. André era assim.

Tanto quanto sabemos, André jamais pregou para multidões ou fundou igrejas. Ele nunca escreveu uma epístola. Não é mencionado no livro de Atos nem em qualquer uma das epístolas. André é mais uma silhueta do que um retrato nas páginas das Escrituras.

Na verdade, a Bíblia não relata o que aconteceu a André depois de Pentecostes. Seja qual for o papel que tenha desempenhado na igreja primitiva, ele permaneceu nos bastidores. Diz a tradição que ele levou o evangelho para o norte. Eusébio, o historiador da igreja na antiguidade, diz

que André chegou até o leste europeu. (Por isso André é o santo padroeiro da Rússia. Também é o padroeiro da Escócia). Acabou sendo crucificado na Acaia, na região sul da Grécia, próximo a Atenas. Um relato diz que levou a Cristo a esposa de um governador provincial romano, enfurecendo o marido. Ele exigiu que sua esposa renunciasse sua devoção a Jesus Cristo e ela se recusou. O romano ordenou, então, que André fosse crucificado.

De acordo com as ordens do governador, aqueles que crucificaram o apóstolo, amarraram-no à cruz em vez de pregá-lo, a fim de prolongar seu sofrimento. (Diz a tradição que se tratava de uma cruz em forma de X). Conforme a maioria dos relatos, ele ficou pendurado na cruz durante dois dias, exortando aqueles que passavam por ele a buscarem a salvação em Cristo. Depois de uma vida toda de ministério à sombra de seu irmão mais famoso e a serviço do Senhor, ele teve uma sina semelhante à de outros discípulos, permanecendo fiel e ainda procurando levar as pessoas a Cristo até o fim.

Ele foi desprezado? Não. Ele foi privilegiado. Foi o primeiro a ouvir que Jesus era o Cordeiro de Deus. Foi o primeiro a seguir Cristo. Foi parte do círculo mais íntimo e que teve mais acesso a Cristo. Seu nome será gravado, juntamente com o nome dos outros apóstolos, nas fundações da cidade eterna, a Nova Jerusalém. O melhor de tudo é que ele teve uma vida toda de privilégio, fazendo o que ele mais gostava: apresentando indivíduos ao Senhor.

Graças a Deus por pessoas como André. São elas que, trabalhando em silêncio, de modo fiel, porém, imperceptível, dando ofertas ínfimas, mas sacrificiais, alcançam as maiores realizações para o Senhor. Não recebem muito reconhecimento, mas não é isso que buscam. Só querem ouvir o Senhor dizer: “Fizeste um bom trabalho.”

O legado de André é o exemplo que ele deixou para nos mostrar que em um ministério eficaz, muitas vezes, são as pequenas coisas que contam — as pessoas como indivíduos, as dádivas insignificantes e o trabalho discreto. Deus se compraz de tais coisas, pois “escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para

envergonhar os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1Coríntios 1:27-29).

4

Tiago
O apóstolo fervoroso

Por aquele tempo mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar, fazendo passar ao fio de espada a Tiago, irmão de João.

Atos 12:1-2

Dos três discípulos do círculo mais íntimo de Jesus, sabemos menos coisas sobre Tiago. O relato bíblico é praticamente destituído de qualquer detalhe mais claro sobre sua vida e caráter. Ele nunca aparece sozinho nas narrações dos Evangelhos, mas sempre junto com João, seu irmão mais jovem e mais conhecido. A única vez em que é mencionado isoladamente é no livro de Atos, onde é registrado o seu martírio.

Esse silêncio relativo sobre Tiago é irônico, pois do ponto de vista humano, é possível que ele desse a impressão de ser a pessoa mais lógica para liderar o grupo. Dos irmãos Tiago e João, Tiago era o mais velho. (Sem dúvida é por isso que seu nome é sempre colocado primeiro quando os dois nomes aparecem juntos). E entre os dois pares de irmãos, ao que parece, a família de Tiago e João era bem mais proeminente que a família de Pedro e André. Isso fica implícito no fato de que Tiago e João são chamados com frequência de "filhos de Zebedeu" (Mateus 20:20; 26:37; 27:56; Marcos 10:35; Lucas 5:10; João 21:2), o que significa que Zebedeu era um homem importante.

O prestígio de Zebedeu pode ter vindo de seu sucesso financeiro, da linhagem de sua família, ou de ambas as coisas. As aparências indicam que ele era abastado. Seu negócio de pesca era grande o suficiente para empregar vários servos (Marcos 1:20). Além disso, a família toda de Zebedeu tinha prestígio suficiente para que o apóstolo João fosse "conhecido do sumo sacerdote" e, desse modo, conseguisse que Pedro entrasse no pátio do sumo sacerdote na noite em que Jesus foi preso (João 18:15-16). Há algumas evidências da igreja primitiva de que Zebedeu era um levita e que fazia parte do círculo íntimo da família do sumo sacerdote. Seja qual for o motivo da proeminência de Zebedeu, fica claro pelas Escrituras que ele era um homem importante e que a reputação de sua família se estendia da Galileia até a casa do sumo sacerdote, em Jerusalém.

Como filho mais velho de uma família tão proeminente, é possível que Tiago tivesse achado que, por todos os direitos, deveria ter sido o principal dos apóstolos. Na verdade, essa pode ser uma das primeiras razões pelas quais há tantas discussões "sobre qual deles parecia ser o maior" (Lucas 22:24). No entanto, em momento algum, Tiago chegou, de fato, a ocupar o primeiro lugar entre os apóstolos, exceto em um sentido: foi o primeiro a ser martirizado.

Tiago é uma figura muito mais importante do que poderíamos considerá-la tomando por base o pouco que sabemos sobre ele. Em duas das listas de apóstolos, seu nome vem logo depois do de Pedro (Marcos 3:16; Atos 1:13). Assim, há fundamento para se supor que ele era um líder forte — e, provavelmente, o segundo em termos de influência depois de Pedro.

É claro que Tiago também ocupa uma posição de destaque dentro do círculo mais íntimo de três apóstolos. Ele, Pedro e João foram os únicos que Jesus permitiu acompanhá-lo quando ressuscitou a filha de Jairo (Marcos 5:37). Esses mesmos três discípulos testemunharam a glória de Cristo no monte da transfiguração (Mateus 17:1). Tiago estava entre os quatro discípulos que fizeram perguntas a Jesus em particular no monte das Oliveiras (Marcos 13:3). Foi incluído mais uma vez, juntamente com João e Pedro, na ocasião em que o Senhor instou esses três a orarem com ele em

particular no Getsêmani (Marcos 14:33). Assim, como membro do pequeno círculo mais íntimo, ele foi uma testemunha privilegiada do *poder* de Jesus de ressuscitar os mortos, viu sua *glória* quando Jesus foi transfigurado, a *soberania* de Cristo na maneira que o Senhor revelou o futuro a eles no monte das Oliveiras e a *agonia* do Salvador no jardim. Todos esses acontecimentos devem ter fortalecido sua fé imensamente e o capacitado para o sofrimento e martírio que um dia teria de enfrentar.

Se há uma palavra-chave que se aplica à vida do apóstolo Tiago, essa palavra é *intensidade*. Do pouco que sabemos sobre ele, fica evidente que Tiago era um homem de intenso fervor e entusiasmo. Aliás, Jesus deu a Tiago e João um apelido: *Boanerges* — "filhos do trovão". Isso define a personalidade de Tiago em termos vívidos. Ele era zeloso, impetuoso, intenso e fervoroso. Ele nos faz lembrar de Jeú no Antigo Testamento, que era conhecido por guiar sua carruagem a uma velocidade alucinante (2Rs 9:20) e que em certa ocasião disse: "Venham comigo e vejam o meu zelo pelo Senhor" — e então aniquilou a casa de Acabe e eliminou da terra o culto a Baal. No entanto, o fervor intenso de Jeú era descontrolado e seu "zelo pelo Senhor" acabou sendo manchado de ambições mundanas e egoístas e dos tipos mais sanguinários de crueldade. As Escrituras dizem: "Mas Jeú não teve cuidado de andar de todo o seu coração na lei do SENHOR, Deus de Israel, nem se apartou dos pecados que Jeroboão fez pecar a Israel" (2Rs 10:31). O zelo do apóstolo Tiago misturava-se com tendências ambiciosas e sanguinárias semelhantes (porém em proporções muito menores), e é possível que estivesse indo pelo mesmo caminho que acabava em ruína quando Jesus o encontrou. Pela graça divina, porém, ele foi transformado num homem de Deus e tornou-se um dos apóstolos a ocupar uma posição de liderança.

Marcos, que relata como Jesus chamou Tiago e João de "filhos do trovão", inclui esse fato em sua relação dos doze, mencionando-o da mesma forma como observa que Simão era chamado Pedro (Marcos 3:17). Não sabemos com que frequência Jesus usava esse apelido para Tiago e João; a menção feita em Marcos é a única em todas as Escrituras. Ao contrário do

nome de Pedro, que tinha a intenção clara de servir de encorajamento e de moldar o caráter de Pedro para que se tornasse firme como uma rocha, o apelido "Boanerges" parece ter sido dado aos filhos de Zebedeu para repreendê-los quando seu temperamento naturalmente ardoroso fugia ao controle. Talvez o Senhor o tivesse usado com humor ao mesmo tempo em que o empregava como uma bondosa admoestação.

O pouco que sabemos sobre Tiago ressalta o fato de que ele era um homem de disposição impetuosa e veemente. Enquanto André calmamente levava indivíduos a Jesus, Tiago desejava ter poder de pedir fogo dos céus para destruir vilas inteiras cheias de pessoas. Até mesmo o fato de Tiago ter sido o primeiro a sofrer o martírio — e de esse martírio ter sido realizado pelas mãos de Herodes — sugere que ele não era um homem passivo e sutil, mas sim, que era parte de sua personalidade causar agitação, de modo que fez inimigos mortais com grande rapidez.

Existe um devido lugar na liderança espiritual para pessoas com uma personalidade intensa. Elias era um homem desse tipo. (Na verdade, Elias era o modelo que Tiago pensava estar seguindo quando pediu fogo do céu). Neemias possuía semelhante intensidade (veja Neemias 13:25). João Batista também era de temperamento ardoroso. Ao que parece, Tiago era feito de matéria-prima igual à deles. Era franco, intenso e impaciente com aqueles que praticavam o mal.

Não há nada inerentemente errado com tal zelo. Lembre-se que o próprio Jesus fez uso de um chicote e livrou o templo de seus comerciantes. E quando isso aconteceu, "Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá" (João 2:17; veja Salmos 69:9). Tiago sabia melhor que ninguém o quer era ser consumido de zelo pelo Senhor. Muito daquilo que Tiago viu Jesus fazer, provavelmente, ajudou a alimentar esse zelo — como quando o Senhor repreendeu os líderes judeus, quando amaldiçoou as cidades de Corazim e Betsaida e quando confrontou e destruiu poderes demoníacos. O zelo é uma virtude quando é, verdadeiramente, zelo pela justiça.

No entanto, por vezes o zelo fica aquém da justiça. O zelo sem entendimento pode ser condenatório (veja Romanos 10:2). O zelo sem sabedoria é perigoso. O zelo misturado à insensibilidade é cruel. Sempre que se transforma em cólera desenfreada, pode ser mortal. E em certas ocasiões, Tiago demonstrou uma tendência a deixar-se dominar por tal zelo mal-empregado. Dois incidentes específicos ilustram esse fato. Um deles é o episódio em que ele pediu fogo do céu. O outro é a ocasião em que Tiago e João chamaram sua mãe para ajudá-los a conseguir os lugares mais elevados no reino. Vejamos cada um desses episódios separadamente.

Fogo do céu

O melhor lampejo daquilo que levou Tiago e João a ficarem conhecidos como filhos do trovão encontra-se em Lucas 9:51-56. Jesus estava se preparando para passar por Samaria. Dirigia-se a Jerusalém para a última Páscoa, a qual ele sabia que iria culminar com sua morte, sepultamento e ressurreição. Lucas escreve: "E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém e enviou mensageiros que o antecedessem. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe preparar pousada. Mas não o receberam porque o aspecto dele era de quem, decisivamente, ia para Jerusalém" (versículos 51-53).

É importante o fato de Jesus ter escolhido passar por Samaria. Mesmo que o caminho mais curto da Galileia para Jerusalém fosse exatamente por lá, a maioria dos judeus que viajava entre esses dois lugares fazia questão de tomar uma direção que os obrigava a percorrer vários quilômetros fora da rota, passando pelo deserto da Pereia — fazendo com que tivessem que cruzar o rio Jordão duas vezes — só para evitar passar por Samaria.

Os samaritanos eram uma etnia de mestiços dos israelitas do reino do norte. Quando Israel foi conquistada pelos assírios, as pessoas mais proeminentes e influentes das tribos foram levadas para o cativeiro e a terra foi reassentada com pagãos e estrangeiros leais ao rei da Assíria (2Reis

17:24-34). Os israelitas mais pobres que permaneceram na terra casaram-se com esses pagãos.

Desde o princípio, os pagãos mestiços não prosperaram na terra, pois não temiam ao Senhor. Assim, o rei da Assíria enviou de volta um dos sacerdotes que havia levado para o cativeiro, a fim de que ele ensinasse o povo a temer o Senhor (2Reis 17:28). O resultado foi uma religião que misturava elementos da verdade e do paganismo. "Temiam o SENHOR e, ao mesmo tempo, serviam os seus próprios deuses, segundo o costume das nações dentre as quais tinham sido transportados" (versículo 33). Em outras palavras, *diziam* ser adoradores de Jeová, como Deus (e aceitavam o Pentateuco ostensivamente, como Escritura), mas fundaram seu próprio sacerdócio, construíram seu próprio templo e criaram seu próprio sistema de sacrifícios. Em resumo, inventaram uma nova religião baseada, em grande parte, nas tradições pagãs. A religião samaritana é um exemplo clássico do que acontece quando a autoridade das Escrituras é subjugada pela tradição humana.

O primeiro templo dos samaritanos havia sido construído sobre o monte Gerizim, em Samaria. Esse templo tinha sido edificado na época de Alexandre, o Grande, mas havia sido destruído cerca de cento e vinte e cinco anos antes do nascimento de Cristo. No entanto, Gerizim ainda era considerado pelos samaritanos como um lugar sagrado, e estavam convencidos de que aquele era o único local em que Deus podia ser devidamente adorado. Por esse motivo, a mulher samaritana, no relato de João 4:20, disse a Jesus: "Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar". Obviamente, esse era um dos principais motivos de contenda entre judeus e samaritanos. (Até hoje, um pequeno grupo de descendentes de samaritanos ainda adora no monte Gerizim).

Muitos dos primeiros descendentes israelitas que mais tarde voltaram do cativeiro para Samaria também eram filhos de casamentos mistos com pagãos, de modo que a cultura de Samaria lhes convinha perfeitamente. É claro que os judeus consideravam os samaritanos uma raça mestiça e sua

religião como também sendo mestiça. É por isso que, no tempo de Cristo, iam a extremos para evitar passar por Samaria. A região toda era considerada impura.

No entanto, nessa ocasião, Jesus estava determinado a ir para Jerusalém, como havia feito anteriormente (João 4:4). Ele escolheu o caminho mais direto, passando por Samaria. Ao longo da viagem, ele e seus seguidores precisariam de lugares em que pudessem comer e passar a noite. Tendo em vista que o grupo que viajava com Jesus era relativamente grande, ele enviou mensageiros adiante deles para providenciar as acomodações.

Pelo fato de ser óbvio que Jesus dirigia-se a Jerusalém para celebrar a Páscoa, e porque os samaritanos acreditavam que tais festas e cerimônias deveriam ser observadas no monte Gerizim, os mensageiros de Jesus não conseguiram acomodações. Os samaritanos não apenas odiavam os judeus, como também odiavam o culto que se realizava em Jerusalém. Assim, não tinham interesse algum nos planos de Cristo. Ele representava tudo o que era judeu e que eles mais desprezavam. Desse modo, rejeitaram categoricamente o pedido. O problema não era a falta de espaço para eles na hospedaria; o problema era a falta de hospitalidade intencional dos samaritanos. Se Jesus desejava passar pela cidade deles a caminho de Jerusalém, onde iria adorar no templo, eles dificultariam ao máximo sua viagem. Para os samaritanos, a desforra era mais do que justificada.

É claro que Jesus jamais havia demonstrado outra coisa que não fosse boa vontade para com os samaritanos. Ele havia curado um samaritano de sua lepra e elogiado esse homem por sua gratidão (Lucas 17:16). Ele havia aceitado água de uma mulher samaritana e dado a ela a água viva (João 4:39-43). Ele havia transformado um samaritano em herói numa de suas parábolas mais conhecidas (Lucas 10:30-37). Mais tarde, iria ordenar aos discípulos que pregassem o evangelho em Samaria (Atos 1:8). Jesus sempre usara de bondade e boa vontade para como os samaritanos.

No entanto, eles o estavam tratando com desprezo propositado.

Tiago e João, os filhos do trovão, encheram-se imediatamente da mais intensa cólera. Não tardou para que pensassem numa forma de retificar a

situação. Disseram: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?” (Lucas 9:54).

Essa referência ao que Elias havia feito é cheia de significado. O episódio ao qual Tiago e João estavam se referindo havia ocorrido nessa mesma região. Eles conheciam o relato do Antigo Testamento e sabiam de sua relevância histórica para Samaria. Vemos aqui quão profundo era o ressentimento dos judeus com relação a Samaria.

Era um fato histórico que o nome Samaria já possuía uma associação com a idolatria e apostasia muito antes da conquista assíria. Originalmente, *Samaria* era o nome de uma das cidades mais importantes do reino do norte. Durante o reinado de Acabe, no tempo de Elias, Samaria havia se transformado num centro de adoração a Baal (1Reis 16:32). Também era o local em que Acabe havia construído seu famoso palácio de marfim (1Reis 22:39; veja Amós 3:12-15).

Esse palácio havia se tornado a residência permanente dos reis que sucederam Acabe no reino do norte. Aliás, foi nessa mesma residência que o rei Acazias caiu pelas grades de um quarto no piso superior e ficou gravemente ferido (2Reis 1:2).

O termo que foi traduzido nessa passagem como *grades,* referia-se a uma espécie de treliça feita com ripas cruzadas de madeira. É possível que fosse um elemento decorativo de uma janela. No entanto, é mais provável que fosse um substituto frágil de um parapeito colocado no perímetro do telhado. Ao que parece, por descuido ou imprudência, Acazias esbarrou nessas grades ou apoiou-se nelas e quando elas cederam, ele caiu no piso inferior do palácio.

Acazias era filho e sucessor de Acabe. Sua mãe, Jezabel, ainda estava viva durante seu reinado e exercia influência maligna através do trono do filho. Quando Acazias se acidentou, aparentemente chegou a correr risco de morte por causa dos ferimentos e quis saber qual seria sua sina. Assim, despachou mensageiros, dizendo-lhes: “Ide, e consultai a Baal-Zebube, deus de Ecrom, se sararei desta doença” (versículo 2).

É claro que consultar adivinhos era estritamente proibido pela lei de Moisés (Deuteronômio 18:10-12). Buscar as profecias de adivinhos de Baal-Zebube era ainda pior. Baal-Zebube era uma divindade filisteia. Seu nome significava "senhor das moscas". A terra dos filisteus era cheia de moscas e os filisteus acreditavam que o senhor das moscas vivia em sua terra, de modo que o transformaram em uma de suas principais divindades. Tinham alguns oráculos famosos que afirmavam ser capazes de prever o futuro. Costumavam fazer profecias agradáveis e previsões tão ambíguas que dificilmente podiam errar, mas ainda assim esses oráculos adquiriram renome por toda Israel. Eram as cartomantes do tempo de Elias.

Contudo, Baal-Zebube era a divindade mais odiosa já inventada. Supunha-se que ele possuía domínio sobre as moscas, esses insetos repugnantes que voam em torno de todo tipo de dejeto e sujeira, espalham doenças e criam larvas. Era uma imagem adequada para esse tipo de deus. Quem iria pensar em adorar uma divindade cujo reino era tudo o que havia de imundo e impuro? Um deus como esse era tão repulsivo para os judeus que eles mudaram ligeiramente o nome de *Baal-Zebube* para "Belzebu", que significa "deus do estrume". Esse ser odioso constituía uma síntese de tudo o que era impuro e profano — tudo o que se opunha ao verdadeiro Deus. (Por isso, no tempo de Jesus, o nome *Belzebu* havia se transformado numa referência a Satanás — Lucas 11:15). Foi esse o deus que Acazias consultou para saber o futuro.

Então, o Senhor enviou Elias para interceptar os mensageiros. De acordo com as Escrituras, "o Anjo do SENHOR disse a Elias, o tesbita: Dispõe-te, e sobe para te encontrares com os mensageiros do rei de Samaria, e dize-lhes: Porventura, não há Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom?" (2Reis 1:3). O anjo também mandou a Acazias uma mensagem sentenciosa: "Por isso assim diz o SENHOR: Da cama, a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás" (versículo 4).

Elias fez conforme lhe foi ordenado e transmitiu a profecia a Acazias através dos mensageiros do rei. Os mensageiros nem sequer sabiam quem

Elias era. Quando se reportaram ao rei, simplesmente contaram-lhe a profecia que haviam recebido de "um homem [que] nos subiu ao encontro" (versículo 6).

Acazias perguntou: "Qual era a aparência do homem que vos veio ao encontro e vos falou tais coisas?" (versículo 7).

E eles responderam: "Era homem vestido de pelos, com os lombos cingidos dum cinto de couro" (versículo 8).

Acazias soube na hora a quem se referiam: "É Elias, o tesbita" (versículo 8).

Elias havia sido o oponente de Acabe e Jezabel durante anos, de modo que Acazias o conhecia bem. Naturalmente, Acazias o odiava, e é provável que naquele mesmo instante tenha decidido matá-lo. Assim, enviou "um capitão de cinquenta, com seus cinquenta soldados", para confrontar Elias. O fato de Acazias ter mandado tantos soldados prova que suas intenções não eram pacíficas. As ordens, provavelmente, eram para que prendessem Elias e trouxessem-no para Acazias, a fim de que o rei pudesse presenciar a execução do profeta e regozijar-se perversamente com ela.

"Subiram [o capitão e seus cinquenta] ao profeta, pois este estava assentado no cimo do monte" (versículo 9). Elias não ficou nem um pouco intimidado com o tamanho do regimento que foi buscá-lo. Não se escondeu nem fugiu deles; estava sentado tranquilamente no alto do monte, onde por certo iriam encontrá-lo.

O capitão disse: "Homem de Deus, o rei diz: Desce" (versículo 9).

A resposta de Elias foi direta: "Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então, fogo desceu do céu, e o consumiu a ele e aos seus cinquenta" (versículo 10). A expressão hebraica sugere que a companhia inteira foi completamente destruída, reduzida a cinzas num instante. Ao que parece, isso ocorreu na presença de testemunhas, que relataram ao rei o que havia acontecido.

Mas Acazias era um homem tolamente obstinado. "Tornou o rei a enviar-lhe outro capitão de cinquenta, com os seus cinquenta; este lhe falou e disse: Homem de Deus, assim diz o rei: Desce depressa. Respondeu-lhe

Elias e disse-lhe: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então, fogo de Deus desceu do céu e o consumiu a ele e aos seus cinquenta" (versículos 11-12).

Por incrível que pareça, ainda assim Acazias não desistiu. Enviou ainda *outra* companhia de cinquenta homens. No entanto, o capitão desse terceiro grupo foi sábio. Aproximou-se de Elias humildemente e rogou pela vida de seus homens. Assim, dessa vez o anjo do Senhor instruiu Elias a ir junto com os soldados e confrontar Acazias pessoalmente. Elias foi com eles e transmitiu pessoalmente a mensagem de perdição para o rei.

Acazias "morreu segundo a palavra do Senhor, que Elias falara" (versículos 13-17).

Tudo isso ocorreu exatamente na mesma região que Jesus propôs que atravessassem, a fim de dirigirem-se a Jerusalém. Os discípulos conheciam bem a história do triunfo abrasador de Elias. Era um dos episódios clássicos do Antigo Testamento, que teria vindo-lhes à memória só de passarem por aquela região.

Assim, quando Tiago e João sugeriram fogo do céu como uma resposta adequada à falta de hospitalidade dos samaritanos, provavelmente, pensaram estar fazendo um comentário incontestável. Afinal, Elias não foi condenado por seus atos. Pelo contrário, naquele momento e sob aquelas circunstâncias, foi a resposta adequada da parte do profeta.

No entanto, aquela não era a reação correta para Tiago e João. Em primeiro lugar, sua motivação era errada. Um tom de arrogância fica evidente na maneira como fizeram a pergunta: "Senhor, queres que [*nós*] mandemos descer fogo do céu para os consumir?". É claro que eles não tinham poder de pedir fogo do céu. Cristo era o único daquele grupo que possuía tal poder. Se aquela fosse uma reação apropriada, ele mesmo poderia muito bem tê-lo feito. Tiago e João estavam atrevidamente sugerindo que Jesus *lhes* desse poder de pedir fogo do céu. Em várias ocasiões, o próprio Cristo havia sido desafiado por seus adversários a realizar tais milagres cósmicos e havia sempre se recusado a fazê-lo (veja

Mateus 12:39). Tiago e João estavam, com efeito, pedindo a Jesus que os capacitasse a fazer aquilo que ele próprio não faria.

Além disso, a missão de Jesus era muito diferente da missão de Elias. Cristo tinha vindo para salvar e não para destruir. Assim, sua resposta aos "Irmãos Boanerges" foi uma firme repreensão: "O Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido" (Lucas 19:10). Ele estava numa missão de resgate, e não de julgamento. Apesar de ter todo o direito de exigir adoração absoluta, "o Filho do homem [...] não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mateus 20:28). "Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (João 3:17). O próprio Jesus disse: "Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e, sim para salvá-lo" (João 12:46-47).

É claro que virá o dia em que Jesus *irá* julgar o mundo. As Escrituras dizem que ele irá "do céu se manifestar [...] com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder" (2Tessalonicenses 1:7-9). No entanto, aquele não era o lugar nem o momento para isso.

Como escreveu Salomão, "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu [...] tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar [...] tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras [...] tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz" (Eclesiastes 3:1-8). Por um momento, Tiago e João se esqueceram que "eis, agora, o dia da salvação" (2Coríntios 6:2).

No entanto, talvez haja um toque de nobreza em sua indignação contra os samaritanos. O zelo em defender a honra de Cristo, certamente, é uma grande virtude. É muito melhor acalorar-se com uma ira zelosa do que

sentar-se passivamente e suportar insultos contra Cristo. Assim, seu ressentimento ao verem Cristo sendo propositadamente desprezado é, até certo ponto, admirável, mesmo que sua reação fosse marcada pela arrogância e a solução proposta fosse completamente inapropriada.

Observe também que, de modo algum, Jesus estava condenando o que Elias havia feito no tempo dele. Tampouco estava defendendo uma abordagem puramente pacifista para todos os conflitos. O que Elias fez foi para a glória de Deus e com a permissão categórica de Deus. O fogo do céu foi uma expressão da ira de *Deus* (não de Elias) e um julgamento merecidamente rigoroso contra um regime de malignidade impensável que havia ocupado o trono de Israel durante várias gerações. Tais extremos de perversidade exigiam medidas extremas de julgamento.

É claro que esse tipo de destruição instantânea seria adequado toda vez que alguém pecasse, supondo que essa fosse a maneira de Deus lidar conosco. Mas felizmente, não é assim que Deus costuma nos tratar. "As suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras" (Salmos 145:9). Ele é "compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade" (Êxodo 34:6). Ele diz: "não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho, e viva" (Ezequiel 33:11).

O exemplo de Jesus ensinou a Tiago que a bondade amorosa e a misericórdia são virtudes a serem cultivadas tanto quanto (e às vezes mais do que) a justa indignação e o zelo fervoroso. Observe o que aconteceu. Em vez de pedirem fogo do céu, "seguiram para outra aldeia" (Lucas 9:56). Simplesmente encontraram acomodações em outro lugar. Talvez tenha sido um pouco inconveniente, mas naquelas circunstâncias foi melhor e mais apropriado do que a retificação proposta por Tiago e João para a falta de hospitalidade dos samaritanos.

Alguns anos depois disso, à medida que a igreja primitiva foi crescendo e a mensagem do evangelho espalhou-se para além da Judeia, Filipe, o diácono, "descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo" (Atos 8:5). Algo maravilhoso aconteceu. "As multidões atendiam, unânimes, às

coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquela cidade" (versículos 6-8).

Sem dúvida, muitos dos que foram salvos através da pregação de Filipe eram algumas das mesmas pessoas a quem Jesus poupou quando Tiago quis incinerá-las. Podemos estar certos de que até mesmo o próprio Tiago regozijou-se grandemente com a salvação de tantos que outrora haviam desonrado a Cristo de modo tão evidente.

Tronos no reino

Mateus 20:20-24 nos dá um outro vislumbre sobre o caráter de Tiago. Nessa passagem descobrimos que Tiago não era apenas fervoroso, intenso, zeloso e insensível; também era ambicioso e demasiadamente confiante. Nesse caso, ele e seu irmão envolveram-se numa tentativa dissimulada de alcançar uma posição mais elevada que a dos outros apóstolos:

> Então, se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos e, adorando-o, pediu-lhe um favor. Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda. Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos. Então, lhes disse: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é porém para aqueles a quem está preparado por meu Pai. Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos.

Marcos também relata esse incidente, mas não menciona que Tiago e João usaram da intercessão de sua mãe. Apesar de Mateus registrar que é ela quem faz o pedido a Jesus, uma comparação com o relato de Marcos deixa claro que ela foi colocada ali pelos seus filhos.

Ao comparar Mateus 27:56 com Marcos 16:1, descobrimos ainda que a mãe de Tiago e João se chamava Salomé. Era uma das "muitas mulheres [...] que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem" (Mateus 27:55) — o que significa que elas ofereciam apoio financeiro e,

provavelmente, ajudavam a preparar refeições (veja Lucas 8:1-3). Por causa da influência de sua família, é possível que Salomé tivesse condições de passar bastante tempo com seus filhos, viajando na companhia daqueles que seguiam a Jesus por toda a parte, ajudando a suprir necessidades logísticas, práticas e financeiras.

Sem dúvida a ideia do pedido ousado de Salomé desenvolveu-se na mente de Tiago e João por causa da promessa de Jesus em Mateus 19:28: "Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel". Logo depois dessa promessa, Jesus acrescentou uma lembrança: "Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (versículo 30). Contudo, foi a promessa dos tronos que chamou a atenção de Tiago e João. Assim, decidiram pedir a intercessão materna para que recebessem os tronos de maior proeminência.

Já se encontravam dentro do círculo de três discípulos mais íntimos. Haviam sido discípulos por tanto tempo quanto qualquer outro. É provável que tivessem pensado numa porção de motivos pelos quais mereciam essa honra. Então, por que simplesmente não a pediram?

Da sua parte, fica claro que Salomé era uma participante voluntária. Obviamente, ela havia incentivado as ambições de seus filhos, o que pode ajudar a explicar a origem de algumas das atitudes deles.

A resposta de Jesus lembrou com sutileza que o sofrimento era o prelúdio da glória: "Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber?". Apesar de Jesus haver lhes explicado muitas vezes que estava prestes a ser crucificado, eles claramente não compreendiam a que tipo de cálice ele estava se referindo. Não tinham uma ideia exata do que havia nesse cálice que ele estava pedindo que bebessem.

Então, obviamente, com sua extremada confiança tola e ambiciosa, garantiram-lhe: "Podemos". Estavam rogando por honra e posições de destaque, de modo que *ainda* queriam que ele lhes prometesse os tronos mais proeminentes.

No entanto, Cristo não fez tal promessa. Em vez disso, garantiu-lhes que iriam beber do seu cálice. (Naquele momento, não tinham capacidade de calcular para o que haviam acabado de se oferecer). Jesus, porém, afirmou que os principais tronos não faziam parte do acordo. "O assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é porém para aqueles a quem está preparado por meu Pai" (Mateus 20:23).

A ambição dos dois acabou gerando conflitos entre os apóstolos, pois os outros dez ficaram sabendo do ocorrido e desgostaram-se disso. A questão de quem merecia os tronos mais proeminentes tornou-se o grande tópico de discussão entre eles e continuaram a debatê-la até na mesa da última ceia. (Lucas 22:24).

Tiago desejava uma coroa de glória; Jesus deu-lhe um cálice de sofrimento. Desejava poder; Jesus deu-lhe serventia. Desejava um lugar de proeminência; Jesus deu-lhe o túmulo de um mártir. Desejava exercer domínio; Jesus deu-lhe uma espada — não para brandir, mas como instrumento de sua própria execução. Quatorze anos depois disso, Tiago viria a ser o primeiro dos doze a ser morto por causa de sua fé.

O CÁLICE DE SOFRIMENTO

O fim da história de Tiago, do ponto de vista humano, encontra-se registrado em Atos 12:1-3: "Por aquele tempo, mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar, fazendo passar ao fio de espada a Tiago, irmão de João. Vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu, prendendo também a Pedro".

Lembre-se de que essa é a única passagem nas Escrituras em que Tiago aparece sozinho, separado até mesmo de seu irmão. São apresentados poucos detalhes sobre o martírio de Tiago. As Escrituras relatam que foi Herodes quem ordenou sua morte e que o instrumento de execução foi uma espada (o que significa, obviamente, que ele foi decapitado). Não se tratava de Herodes Antipas, aquele que matou João Batista e levou Jesus a ser julgado; este era seu sobrinho e sucessor, Herodes Agripa I. Não sabemos

que motivos esse Herodes tinha para ser tão hostil à igreja. Claro que era de conhecimento geral que seu tio havia participado da conspiração para matar Cristo, de modo que a pregação da cruz, certamente, causava embaraço à dinastia herodiana em si (veja Atos 4:27). Além disso, fica claro que Herodes desejava aproveitar-se das tensões entre a igreja e os líderes religiosos judeus. Começou uma campanha de perseguição aos cristãos e logo passou a assassiná-los. Quando viu o quanto isso agradava os líderes judeus, decidiu atacar também a Pedro.

Pedro escapou por um milagre e o próprio Herodes morreu sob o julgamento de Deus pouco tempo depois. As Escrituras dizem que depois da fuga de Pedro, Herodes mandou matar os guardas da prisão e foi para Cesareia (Atos 12:19). Enquanto estava lá, aceitou para si o tipo de adoração que deve ser dada somente a Deus. “E o povo clamava: É voz de um deus, e não de homem! No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou” (versículos 22-23). Assim teve fim a ameaça mais direta contra a igreja, representada pela campanha de perseguição e assassinato organizada por Herodes.

No entanto, o fato de Tiago ter sido o primeiro apóstolo a ser morto é significativo. (Tiago é o único apóstolo cuja morte encontra-se, de fato, registrada nas Escrituras.) Evidentemente, Tiago ainda era um homem intenso. Sua intensidade, agora sob o controle do Espírito Santo, tinha sido um instrumento para a propagação da verdade que havia incitado de tal modo a fúria de Herodes. Fica claro que Tiago encontrava-se exatamente onde sempre havia desejado e onde Cristo o havia treinado para estar: na linha de frente, à medida que o evangelho avançava e a igreja crescia.

Esse filho do trovão havia sido ensinado por Cristo, recebido poder do Espírito Santo e sido transformado por esses meios num homem cujo zelo e ambição eram instrumentos proveitosos nas mãos de Deus para a propagação do reino. Ainda corajoso, zeloso e comprometido com a verdade, ao que parece, ele havia aprendido a usar essas qualidades para o serviço do Senhor e não para o engrandecimento próprio. Naquele

momento, sua força era tão grande que, quando Herodes decidiu deter a igreja, Tiago foi o primeiro homem a ter de morrer. Assim, ele bebeu do cálice que Cristo lhe deu. Sua vida foi curta, porém sua influência permanece até os dias de hoje.

A história registra que o testemunho de Tiago deu frutos até o momento de sua execução. Eusébio, o historiador da igreja primitiva, transmite um relato da morte de Tiago, apresentado por Clemente de Alexandria: "[Clemente] diz que aquele que levou Tiago até o tribunal, ao ouvir seu testemunho, foi tocado e confessou que ele próprio era um cristão. Assim, de acordo com Clemente, os dois foram levados juntos e no caminho, ele implorou a Tiago que o perdoasse. Depois de refletir por um instante, [Tiago] disse: 'A paz seja contigo', e beijou-o. Os dois foram, então, decapitados ao mesmo tempo".[7] Assim, no final, Tiago havia aprendido a ser mais parecido com André, levando as pessoas a Cristo em vez de estar sempre tentando julgá-las.

Tiago é o protótipo do intenso e zeloso soldado que combate na linha de frente e que é dinâmico, forte e ambicioso. Sua intensidade foi, por fim, temperada pela sensibilidade e pela graça. Em algum ponto ao longo do caminho, ele teve de aprender a controlar a raiva, refrear a língua, redirecionar o zelo, eliminar a sede de vingança e perder inteiramente a ambição egoísta. O Senhor usou-o para realizar uma obra magnífica na igreja primitiva.

Tais lições são, por vezes, difíceis de ser aprendidas por pessoas intensas como Tiago. Se, porém, eu precisar escolher entre alguém de entusiasmo ardente, fervoroso e intenso e que tem a possibilidade de fracassar, e alguém que é frio e compromitente, fico, sem dúvida, com aquele que tem intensidade. Tal zelo deve ser sempre controlado e temperado com o amor. No entanto, se é entregue ao controle do Espírito Santo e misturado com paciência e longanimidade, esse zelo é um instrumento maravilhoso nas mãos de Deus. A vida de Tiago é prova incontestável desse fato.

5

João
O apóstolo do amor

Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava.

João 13:23

O apóstolo João nos é conhecido, pois foi ele quem escreveu uma parte considerável do Novo Testamento. Ele é o autor humano de um dos Evangelhos e de três epístolas com o seu nome, bem como do livro de Apocalipse. Exceto por Lucas e pelo apóstolo Paulo, João escreveu mais textos do Novo Testamento do que qualquer outro autor humano. As Escrituras estão, portanto, cheias de vislumbres de sua personalidade e seu caráter. Na verdade, a maior parte daquilo que sabemos sobre João vem de seus próprios escritos. Através de seu evangelho, entendemos como ele via Cristo. Observamos em suas epístolas como ele tratou a igreja. E no livro de Apocalipse, enxergamos o futuro através das visões que ele recebeu de Deus.

Tantos as Escrituras como a história relatam que João desempenhou um papel importante na igreja primitiva. É claro que era membro do círculo mais íntimo de discípulos do Senhor, mas de forma alguma, era o membro mais dominante desse grupo. João era o irmão mais novo de Tiago e, apesar de ser um companheiro frequente de Pedro nos doze primeiros capítulos de

Atos, Pedro assumiu o primeiro plano e João permaneceu em segundo plano.

No entanto, João também teve de exercer liderança. No fim, por ter vivido mais do que todos os outros, ele desempenhou um singular papel patriarcal na igreja primitiva que durou quase até o final do primeiro século e alcançou os recônditos da Ásia Menor.

Quase tudo o que comentamos sobre a personalidade e caráter de Tiago também vale para João, o membro mais jovem da dupla "Irmãos Boanerges". Os dois homens possuíam temperamento semelhante e, como observamos no capítulo anterior, nos relatos dos Evangelhos, os dois eram inseparáveis. João estava lá, ao lado de Tiago, ávido por pedir fogo do céu contra os samaritanos. Também estava no meio das discussões acirradas sobre quem era o maior. Seu zelo e ambição espelhavam tais características de seu irmão mais velho.

Assim, é ainda mais surpreendente que João seja chamado com frequência de "apóstolo do amor". De fato, ele escreveu mais do que qualquer outro autor do Novo Testamento sobre a importância do amor, dando ênfase especial ao amor do crente por Cristo, ao amor de Cristo por sua igreja e ao amor de uns pelos outros, que deve ser a insígnia do verdadeiro cristão. O tema do amor flui por todos os seus escritos.

Contudo, o amor foi uma virtude que ele *aprendeu* de Cristo, e não algo que lhe era inato. Em sua juventude, João era tanto um filho do trovão quanto Tiago. Se você imagina João da forma como ele foi retratado pela arte medieval — como uma pessoa frágil, mansa, pálida e efeminada, reclinado sobre o ombro de Jesus, fitando-o com grandes olhos brilhantes — esqueça essa caricatura. Ele era rude e vigoroso, como todos os outros discípulos pescadores. Era também tão intolerante, ambicioso, zeloso e explosivo quanto seu irmão mais velho. Aliás, na única vez em que os escritores dos Evangelhos sinópticos registraram João falando por conta própria, ele mostrou a marca da intolerância agressiva, arrogante e impertinente.

Se você estudar Mateus, Marcos e Lucas, irá observar que o nome de João quase sempre aparece com o de alguma outra pessoa — Jesus, Pedro ou Tiago. Só em um momento ele aparece sozinho e fala por si. Nessa ocasião, ele confessou ao Senhor que havia repreendido um homem por expulsar demônios em nome de Jesus, pois o tal homem não fazia parte do grupo de discípulos (Marcos 9:38). Estudaremos esse episódio em alguns instantes.

Assim, fica claro a partir dos relatos dos Evangelhos que João era capaz de comportar-se de modo extremamente partidário, ignorante, inflexível, inconsequente e impetuoso. Era uma pessoa inconstante. Era atrevido. Era agressivo. Era intenso, zeloso e pessoalmente ambicioso — exatamente como seu irmão Tiago. Os dois eram farinha do mesmo saco.

No entanto, João amadureceu. Sob o controle do Espírito Santo, suas deficiências foram substituídas por virtudes. Compare o jovem discípulo com o patriarca idoso e você verá que, à medida que foi amadurecendo, suas áreas de maior fraqueza transformaram-se em seus pontos mais fortes. João é um exemplo admirável do que deve acontecer conosco quando crescemos em Cristo, permitindo que a força do Senhor se aperfeiçoe em nossa fraqueza.

Hoje em dia, quando pensamos no apóstolo João, normalmente, pensamos num apóstolo idoso e de bom coração. Como líder mais velho da igreja perto do final do primeiro século, ele contava com apreço e aceitação universais por sua devoção a Cristo e seu grande amor pelos santos de todo o mundo. É justamente isso que lhe conferiu o título de "apóstolo do amor".

Como veremos, porém, o amor não anulou o fervor do apóstolo João pela verdade. Antes, deu-lhe o equilíbrio do qual necessitava. Até o fim de sua vida, manteve um amor profundo e constante pela verdade de Deus e continuou sendo ousado em sua proclamação até o fim.

O zelo de João pela verdade deu forma à maneira que ele escrevia. De todos os escritores do Novo Testamento, ele é quem expressa suas ideias pondo o preto no branco. Ele pensa e escreve em termos absolutos. Trata de certezas. Com ele, tudo é definido. Não há muito espaço para ambiguidades

em seus ensinamentos, pois sua tendência é fazer declarações em linguagem firme e antitética.

Em seu evangelho, por exemplo, ele contrasta a luz com a escuridão, a vida com a morte, o reino de Deus com o reino do diabo, os filhos de Deus com os filhos de Satanás, o julgamento dos justos com o julgamento dos perversos, a ressurreição para a vida com a ressurreição para a condenação, receber a Cristo com rejeitar a Cristo, ser produtivo com ser infrutífero, obediência com desobediência e amor com ódio. Ele gosta de tratar da verdade em termos absolutos e opostos. Ele entende que é necessário fazer uma divisão clara.

A mesma abordagem pode ser observada em suas epístolas. Ele nos diz que ou estamos andando na luz ou vivendo em trevas. Se nascemos de Deus, não vivemos na prática do pecado — na verdade, não *podemos* viver em pecado (1João 3:9). Somos "de Deus" ou "do mundo" (1João 4:4-5). Se amamos, somos nascidos de Deus, e se não amamos, não somos nascidos de Deus (versículos 7-8). João escreve: "Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu" (1João 3:6). Ele diz todas essas coisas de forma categórica e sem atenuações.

Em sua segunda epístola, ele pede uma completa e total separação de tudo o que é falso: "Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más" (2João 9-11). Ele termina sua terceira epístola com estas palavras, no versículo 11: "Aquele que pratica o bem procede de Deus, aquele que pratica o mal jamais viu a Deus."

Com João é tudo preto no branco.

É claro que, mesmo ao escrever tais coisas, João sabia e compreendia muito bem que os crentes *de fato* pecam (veja 1João 1:8,10; 2:1), mas ele não se estendeu na questão e nem a desenvolveu mais. Sua preocupação

maior é com a forma que a pessoa vive de modo geral. Seu desejo é ressaltar o fato de que a justiça, e não o pecado, é o princípio dominante na vida de um verdadeiro cristão. Aqueles que leem João descuidada ou superficialmente podem chegar quase a pensar que ele nega a existência de exceções.

Paulo é o apóstolo das exceções. Ele gastava tempo explicando a luta de todos os crentes com o pecado em sua vida (Romanos 7). Paulo também afirma que aqueles que nasceram de Deus não continuam a viver em pecado (Romanos 6:6-7), ainda assim, ele reconhece que devemos guerrear contra o que ainda resta de pecado em nossos membros, resistir às tendências da nossa carne, despir-nos do velho homem, revestirmo-nos do novo e assim por diante. Ao ler João, pode-se pensar que a justiça é algo que ocorre tão natural e facilmente ao cristão, que todo erro seria suficiente para arrasar completamente nossa segurança. É por isso que, quando leio trechos extensos de João, às vezes preciso buscar um pouco de espaço para respirar nas epístolas de Paulo.

É claro que tanto as epístolas de Paulo como as de João são Escrituras inspiradas e ambas as ênfases são necessárias. As exceções das quais Paulo trata não anulam as verdades declaradas de modo tão categórico por João. E as afirmações incansavelmente absolutas de João não excluem as restrições cautelosas apresentadas por Paulo. Ambas são aspectos indispensáveis da verdade revelada de Deus.

No entanto, a maneira que João escrevia refletia sua personalidade. A verdade era sua grande paixão e temos a impressão de que ele faria o possível e o impossível para não torná-la indistinta. Ele falava em termos explícitos, absolutos e definidos. Não desperdiçava tinta tratando de questões mais controversas. Apresentava as diretrizes básicas sem apresentar uma relação de todas as exceções. O próprio Jesus, com frequência, falava em termos absolutos como esses e, sem dúvida, João aprendeu seu estilo de ensino com o Senhor. Apesar de João escrever sempre num tom caloroso, pessoal e pastoral, aquilo que escrevia nem

sempre era uma leitura tranquilizadora. Sempre reflete, porém, suas profundas convicções e absoluta devoção à verdade.

Provavelmente, é justo dizer que uma das tendências perigosas de pessoas com a personalidade de João é uma propensão natural a levar as coisas a extremos. E de fato, ao que parece, em sua juventude, João tinha algo de extremista. Parecia faltar-lhe um senso espiritual de equilíbrio. Seu zelo, partidarismo, intolerância e ambição egoísta eram todos pecados de *desequilíbrio*. Todas essas coisas eram virtudes em potencial, levadas a extremos pecaminosos. Por esse motivo, as maiores forças de seu caráter, por vezes, ironicamente, *causavam* suas imperfeições mais proeminentes. Pedro e Tiago tinham uma tendência parecida de transformar suas maiores virtudes em fraquezas. Suas *melhores* características com frequência tornavam-se armadilhas para eles.

Todos nós somos vítimas desse princípio de vez em quando. Ele é um dos efeitos da depravação humana. Ao serem corrompidas pelo pecado, até nossas melhores características tornam-se, por vezes, pedras de tropeço. É maravilhoso ter a verdade em alta consideração, mas o zelo pela verdade deve ser contrabalançado pelo amor às pessoas, ou dará lugar à condenação, severidade e falta de compaixão. É ótimo trabalhar arduamente e ter ambição, mas se a ambição não é contrabalançada pela humildade, torna-se orgulho pecaminoso — autopromoção às custas dos outros. A segurança também é uma excelente virtude, mas quando se converte numa *autoconfiança* pecaminosa, tornamo-nos presunçosos e espiritualmente descuidados.

É evidente que não há nada de errado com certas coisas em si: o zelo pela verdade, o desejo de ser bem-sucedido ou uma sensação de confiança. São todas virtudes legítimas. Contudo, mesmo uma virtude, quando desequilibrada, pode ser um impedimento para a saúde espiritual, assim como a verdade, sem equilíbrio, pode levar a ao erro grave. Uma pessoa que não tem equilíbrio é instável. O desequilíbrio no caráter pessoal é uma forma de intemperança — falta de autocontrole — e isso é um pecado em si

e por si mesmo. Assim, há um grande perigo em levar qualquer ponto da verdade ou qualquer qualidade de caráter a um extremo indevido.

É isso que vemos na vida do jovem discípulo João. Em várias ocasiões, comportou-se como um homem extremista, intolerante, ríspido e inconsequente. Em sua mocidade, ele era o candidato mais *improvável* a ser lembrado como o apóstolo do amor.

No entanto, três anos com Jesus começaram a transformar um fanático egocêntrico num homem maduro e equilibrado. Três anos com Jesus colocaram esse filho do trovão no caminho certo para tornar-se um apóstolo do amor. Exatamente naqueles pontos em que ele era mais descomedido, Cristo dava-lhe equilíbrio e, ao longo desse processo, João foi transformado de um "cabeça quente" intolerante em um líder amoroso e devoto para a igreja primitiva.

Ele aprendeu o equilíbrio entre a verdade e o amor

Ao que parece, João já era comprometido com a verdade bem cedo na vida. Desde o princípio, podemos vê-lo como um homem que possuía consciência espiritual e procurava conhecer e seguir a verdade. Ao nos depararmos com João pela primeira vez (João 1:35-37), tanto ele como André são discípulos de João Batista. Mas tal como André, João começou a seguir a Jesus sem hesitar assim que João Batista indicou que Jesus era o Messias. Não se tratava de serem volúveis ou desleais para com João Batista. O próprio João Batista disse a respeito de Jesus: "Convém que ele cresça e que eu diminua" (João 3:30). O discípulo João estava interessado na verdade; não havia seguido João Batista a fim de juntar-se a uma seita ligada à personalidade do pregador. Assim, ele deixou João para seguir a Cristo tão logo o pregador identificou Jesus como o Cordeiro de Deus.

O amor de João pela verdade é evidente em todos os seus escritos. Ele usa a palavra grega para *verdade* vinte e cinco vezes em seu evangelho e mais vinte vezes em suas epístolas. Escreve: "Fiquei sobremodo alegre em

ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade" (2João 4). O maior insulto que usava para alguém que afirmava ser um crente enquanto, na realidade, andava em trevas, era descrevê-lo como "mentiroso, e nele não está a verdade" (1João 2:4; veja 1:6,8). Ninguém, em todas as Escrituras, a não ser o Senhor, teve mais coisas a dizer exaltando o puro conceito da verdade.

No entanto, quando era mais jovem, o zelo de João pela verdade era desprovido de amor e compaixão pelas pessoas. Era preciso que aprendesse a ter equilíbrio. O episódio de Marcos, capítulo 9, no qual João proibiu um homem de expulsar demônios em nome de Jesus, é uma boa ilustração desse fato.

Como dissemos, essa é a única passagem nos Evangelhos sinópticos em que João fala e age por si, de modo que se trata de um a amostra importante de seu caráter. Nesse incidente, vemos um raro momento de João sem Tiago e sem Pedro, falando por si só. Essa é a essência de João. O mesmo episódio também se encontra registrado em Lucas 9, logo depois do relato de Lucas sobre o caso da vila samaritana, quando Tiago e João quiseram pedir fogo do céu. Em ambos os casos, João demonstra impressionante intolerância, elitismo e falta de amor verdadeiro. No episódio com os samaritanos, Tiago e João evidenciaram falta de amor com os incrédulos. Neste caso, João é culpado de um espírito semelhante de desamor, porém, contra outro crente. Ele proibiu o homem de ministrar em nome de Jesus "porque não seguia conosco" (Marcos 9:38), ou seja, não era oficialmente um membro do grupo.

Esse episódio ocorreu depois da transfiguração de Jesus. Aquela experiência gloriosa no alto da montanha, que foi testemunhada apenas pelos três membros do círculo mais íntimo (Pedro, Tiago e João), na verdade, serve de contexto para o que ocorreu posteriormente nesse capítulo. Como sempre, é de suma importância compreendermos o contexto.

Em Marcos 9:1, Jesus diz aos discípulos, "Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão

pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus". É claro que, para os discípulos, essas palavras soavam como uma promessa de que o reino milenar se concretizaria enquanto ainda estivessem vivos. Contudo, até aos dias de hoje, mais de dezenove séculos depois da morte do último discípulo, ainda estamos aguardando o estabelecimento do reino milenar na terra. Então, a que se refere essa promessa?

Fica claro que a resposta se encontra naquilo que ocorreu imediatamente em seguida. Jesus estava prometendo uma "pré-estreia" das próximas atrações. Três deles teriam o privilégio de testemunhar um estado resplandecente de glória divina. Veriam um lampejo da glória e do poder do reino vindouro. Isso aconteceu menos de uma semana depois de Jesus haver prometido que alguns deles veriam o reino presente com poder: "Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles" (versículo 2).

Cristo levou seus três amigos e discípulos mais fiéis e íntimos para um monte, onde ergueu o véu de sua carne humana de modo que a glória *shekinah* — a mais pura essência da natureza do Deus eterno — brilhasse com ardente resplendor. "As suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar" (versículo 3). Mateus diz que essa cena foi tão chocante que os discípulos caíram de bruços (Mateus 17:6). Ninguém na terra havia experimentado nada remotamente parecido com isso desde Moisés. Ele havia visto de passagem as costas de Deus depois de ser colocado na fenda de uma rocha, a fim de ser protegido da manifestação plena da glória divina (Êxodo 33:20-23). Foi uma experiência transcendental, como os discípulos jamais haviam imaginado.

Para complementar isso tudo, "Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus" (Marcos 9:4). De acordo com o versículo 6, os discípulos ficaram tão amedrontados que não sabiam o que dizer.

Pedro, com seu jeito típico, falou mesmo assim: "Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias" (versículo 5). Pedro, provavelmente, pensou que essa

aparição de Elias e Moisés significava o início do reino e estava ansioso para torná-la permanente. Ao que parece, também estava equivocadamente pensando nos três como um tipo de triunvirato de iguais, sem perceber que Moisés e Elias haviam apontado para Cristo, tornando-o superior a eles. Então, naquele exato momento ("Falava ele ainda" — Mateus 17:5), "veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi" (Marcos 9:7). Essas foram praticamente as mesmas palavras que vieram do céu no batismo de Jesus (Marcos 1:11).

Foi uma experiência extraordinária aos olhos de Pedro, Tiago e João. Um privilégio sem paralelos nos registros da história redentora estava sendo concedido a eles. Contudo, Marcos 9:9 diz: "Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem as coisas que tinham visto, até ao dia quando o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos".

Você pode imaginar como foi difícil? Haviam acabado de testemunhar a coisa mais incrível que alguém já havia contemplado, mas não tinham permissão de contar a mais ninguém. Encontravam-se sob uma restrição colossal.

Afinal de contas, os discípulos — especialmente esses três — estavam sempre discutindo sobre qual deles era o maior. Esse assunto parecia rondar seus pensamentos constantemente (e estão prestes a dar prova disso alguns versículos adiante na narração de Marcos). Assim, deve ter sido extremamente difícil para eles não usar essa experiência como munição para benefício próprio. Poderiam ter descido do monte e dito: "Rapazes, adivinhem onde estivemos? Fomos até o alto do monte e sabem quem apareceu? Elias e Moisés!" Eles haviam contemplado um lampejo do reino. Haviam visto coisas que jamais poderiam ser vistas nem conhecidas por qualquer outra pessoa. Tinham visto antecipadamente a vívida imagem da glória vindoura. Como deve ter sido difícil guardar para si essa experiência!

Na verdade, ao que parece, ela colocou mais lenha na fogueira da discussão sobre quem era o maior. Mais adiante nesse mesmo capítulo, Marcos diz que chegaram a Cafarnaum. "Estando ele em casa, interrogou os discípulos: De que é que discorríeis pelo caminho?" (Marcos 9:33). Jesus

não perguntou porque precisava de *informação*; estava buscando uma *confissão*. Ele sabia exatamente sobre o que estavam falando.

Os discípulos, porém, ficaram envergonhados. Assim, "eles guardaram silêncio; porque pelo caminho haviam discutido entre si qual era o maior" (versículo 34). Não é difícil de entender como a discussão começou. Pedro, Tiago e João, transbordando de autoconfiança depois de sua experiência no alto do monte, certamente, pensaram que haviam tomado a dianteira. Tinham visto coisas tão maravilhosas que nem sequer lhes era permitido falar sobre elas. É provável que cada um deles estivesse procurando um sinal de que ele era o maior dos três — possivelmente, discutindo entre si coisas como quem estava mais perto de Jesus quando ele foi transfigurado, lembrando Pedro de que ele havia sido repreendido por uma voz do céu e assim por diante.

No entanto, quando Jesus lhes perguntou sobre o que discorriam, calaram-se imediatamente. Perceberam como estavam errados em discutir tais coisas. Obviamente, cada um estava sentindo as pontadas de sua própria consciência. Por isso, não podiam nem pensar em admitir sobre o que estavam criando caso.

É claro que Jesus sabia. E ele aproveitou a oportunidade para ensiná-los mais uma vez. "Assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos. Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou" (versículos 35-37).

Haviam entendido tudo ao contrário. Se desejavam ser os primeiros no reino, precisavam ser servos. Se desejavam ser verdadeiramente grandes, precisavam ser mais parecidos com uma criança. Em vez de discutirem e brigarem entre si, e exaltarem-se a si mesmos, precisavam assumir o papel de servos.

Era uma lição sobre o amor. "O amor [...] não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus

interesses" (1Coríntios 13:4-5). O amor manifesta-se no serviço mútuo e não no domínio de uns sobre os outros.

Ao que parece, as palavras de Jesus tocaram profundamente no coração de João. Foi uma repreensão severa e, com certeza, João captou a mensagem. É nesse ponto que encontramos a única ocasião em que João fala nos Evangelhos sinópticos: "Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o que não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco" (versículo 38). Repreender um homem por ministrar em nome de Jesus só porque ele não pertencia ao grupo era partidarismo. Mostrava a intolerância de João, um filho do trovão. Era a visão limitada, a ambição, o desejo de ter todos os privilégios para si e não dividi-los com mais ninguém — coisas estas que, com demasiada frequência, caracterizavam João nos tempos em que era mais jovem.

Nesse episódio, vemos claramente que João não possuía uma personalidade passiva. Era agressivo. Era competitivo. Condenou um homem por ministrar no nome de Jesus pelo simples fato de não fazer parte do grupo. Na verdade, João havia interferido e procurado acabar com o ministério desse homem unicamente por esse motivo.

Estou propenso a crer que João confessou isso a Jesus, pois sabia que havia feito mal. Creio que estava sentido remorso depois da repreensão de Jesus e disse essas palavras na condição de penitente. Algo dentro de João estava começando a mudar e ele estava começando a considerar sua própria falta de amor como algo indesejável. O fato de João ter feito essa confissão indica que uma transformação estava em andamento dentro dele. Sua consciência o estava incomodando. Ele estava sendo sensibilizado. Tinha sido sempre tão zeloso e fervoroso para com a verdade, mas naquele momento Jesus estava ensinando-o a amar. Esse foi um ponto crítico em sua vida e em seu pensamento. Estava começando a compreender a necessidade de equilíbrio entre o amor e a verdade.

O reino precisa de pessoas que tenham coragem, ambição, iniciativa, fervor, ousadia e zelo pela verdade. João, certamente, possuía todas essas

características. Contudo, para realizar todo o seu potencial, precisava contrabalançá-las com o amor. Creio que esse episódio foi uma repreensão de suma importância. Começou a transformá-lo no apóstolo do amor que um dia ele veio a ser.

João sempre teve um compromisso com a verdade e, certamente, não há nada de errado nisso, mas tal compromisso não basta. O zelo pela verdade deve ser contrabalançado pelo amor às pessoas. Não há honradez alguma na verdade sem o amor; ela não passa de *indelicadeza*. Por outro lado, não há caráter algum no amor sem a verdade; ele não passa de *hipocrisia*.

Muitas pessoas são tão descomedidas quanto era João, porém para o outro lado. Colocam ênfase excessiva no amor. Algumas são meramente ignorantes; outras, são iludidas; outras ainda, simplesmente não se preocupam com o que é verdade. Em todos esses casos, falta verdade e só o que resta é o engano, envolto num sentimentalismo superficial e tolerante. Essas pessoas falam de amor e tolerância, mas não têm absolutamente nenhuma preocupação com a verdade. Assim, até mesmo o "amor" do qual falam é um sentimento corrompido. O verdadeiro amor "não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade" (1Coríntios 13:6).

Por outro lado, há muitos que têm todo o aparato teológico e conhecem toda a doutrina, mas estão cheios de desamor e arrogância. O que resta é somente a verdade na forma de fatos sem qualquer vivacidade, liberdade ou atratividade. Sua falta de amor incapacita o poder da verdade que dizem honrar.

A pessoa verdadeiramente devota deve cultivar as duas virtudes em proporções iguais. Se há uma coisa a ser almejada na santificação, é isso. Se há algo a ser buscado na esfera espiritual, é o perfeito equilíbrio entre a verdade e o amor. Conhecer a verdade e defendê-la em amor.

Em Efésios 4, o apóstolo Paulo descreve esse equilíbrio entre verdade e amor como o ápice da maturidade espiritual. Ele escreve sobre "a medida da estatura da plenitude de Cristo" (versículo 13). Paulo está falando da plena maturidade, da perfeita semelhança a Cristo. É assim que ele resume o objetivo que devemos lutar para atingir: "seguindo a verdade em amor,

cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (versículo 15). É isso que significa compartilhar da semelhança de Cristo. Ele é a perfeita expressão da verdade e a perfeita expressão do amor. Ele é nosso modelo.

A manifestação tanto da verdade como do amor só é possível para o cristão maduro que cresceu na medida da estatura da plenitude de Cristo. Assim é definida a verdadeira maturidade espiritual. A pessoa cuja semelhança a Cristo é autêntica sabe a verdade e a diz em amor. Ela sabe a verdade conforme Cristo a revelou, e ama como Cristo amou.

Como um apóstolo maduro, João aprendeu bem a lição. Sua breve segunda epístola oferece provas significativas do como ele equilibrava bem as virtudes da verdade e do amor. Ao longo dessa epístola, João associa repetidamente os conceitos de verdade e amor. Escreve: "à senhora eleita e aos seus filhos, a quem eu amo na verdade" (versículo 1). Diz: "Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade" (versículo 4), e então passa a primeira metade da epístola instando-os a também andarem em amor. Lembra-os do novo mandamento que, obviamente, não é novo, mas simplesmente reafirma o mandamento que ouvimos desde o princípio: "que amemos uns aos outros" (versículo 5).

Assim, a primeira metade dessa epístola curta é toda sobre o amor. Ele insta essa senhora e seus filhos a não apenas continuarem andando na verdade, mas também lembrarem-se de que a essência e natureza da lei de Deus é o *amor*. Não existe, portanto, maior verdade do que o amor. Os dois são inseparáveis. Afinal, o primeiro e grande mandamento é este: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mateus 22:37). E o segundo, semelhante a este: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (versículo 39). Em outras palavras, a essência suprema da verdade legítima é o amor.

No entanto, João contrabalança essa ênfase no amor na segunda metade da epístola, ao instar essa senhora a não colocar em risco seu amor, ao receber a bênção de falsos mestres que insidiosamente enfraquecem a verdade. O verdadeiro amor não é um sentimento adocicado que desconsidera a verdade e tolera tudo:

> Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo. Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão. Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más. (versículos 7-11)

João não está mais pedindo fogo do céu contra os inimigos da verdade, mas acautela essa senhora a também não ir ao outro extremo. Ela não deve abrir sua casa e nem sequer dar uma bênção verbal a pessoas que ganham a vida distorcendo a verdade e opondo-se a ela.

É claro que o apóstolo não está pedindo a essa senhora que seja indelicada ou insulte alguma pessoa. Foi-nos ordenado que fizéssemos o bem àqueles que nos perseguem, usássemos de bondade para com aqueles que nos odeiam, bendisséssemos aqueles que nos maldizem e orássemos por aqueles que nos caluniam (Lucas 6:26-27). Contudo, a bênção que damos aos nossos inimigos não deve chegar ao ponto de encorajarmos ou ajudarmos um falso mestre que esteja desvirtuando o evangelho.

O amor e a verdade devem ser mantidos em perfeito equilíbrio. A verdade jamais deve ser abandonada em nome do amor. Porém, o amor não deve ser deixado de lado em nome da verdade, foi isso que João aprendeu de Cristo e foi o que lhe deu o equilíbrio de que tanto precisava.

Ele aprendeu o equilíbrio entre a ambição e a humildade

Em sua juventude, João tinha alguns planos ambiciosos para sua vida. Não há nada de errado no desejo em si de ter influência ou sucesso. Contudo, é errado ter motivações egoístas, como parece ter sido o caso de João. Também é especialmente errado ser ambicioso sem ser humilde.

Eis um outro equilíbrio importante que deve ser encontrado para que uma virtude não se transforme numa fraqueza: a ambição sem humildade torna-se egoismo ou até mesmo megalomania.

Em Marcos 10, um capítulo depois de João repreender um homem que estava ministrando em nome de Jesus, encontramos Marcos descrevendo como Tiago e João abordaram Jesus com o pedido de assentarem-se à sua direita e à sua esquerda no reino. A ironia é que Jesus havia acabado de reiterar a importância da humildade. Em Marcos 10:31, disse-lhes: "muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros". (Lembre-se de que essa é praticamente a mesma declaração que levou João a fazer sua confissão anteriormente em Marcos 9. Naquele caso, Jesus colocou uma criança no meio deles para servir de ilustração sobre a humildade e disse: "Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos"; Marcos 9:35). Jesus estava simplesmente repetindo a mesma lição sobre a humildade que lhes havia ensinado repetidamente.

Ainda assim, alguns versículos depois (10:35-37), Marcos relata que Tiago e João foram até Jesus com seu pedido infame pelos principais tronos. Em nosso estudo do apóstolo Tiago, vimos o relato de Mateus sobre esse episódio e ficamos sabendo que, na verdade, Tiago e João chegaram a pedir a colaboração de sua mãe para interceder por eles. Nessa passagem de Marcos, descobrimos que estavam buscando esse favor em segredo, pois os outros discípulos só ficaram sabendo do caso depois (versículo 41).

Uma vez que foi feito depois de tantas admoestações de Jesus sobre a humildade, o pedido dos irmãos demonstra uma audácia espantosa. Mostra como eram absolutamente desprovidos de verdadeira humildade.

Não há nada de errado em ter ambição. Na verdade, não havia nada de errado com o desejo em si de Tiago e João, de assentarem-se ao lado de Jesus no reino. Quem não iria querer isso? Os outros discípulos, certamente, queriam e, por isso, não ficaram nada contentes com Tiago e João. Jesus não os repreendeu por causa do desejo em si.

Seu erro foi querer *obter* a posição mais do que desejavam *ser dignos* de ocupar tais lugares. Sua ambição não era temperada pela humildade. E

Jesus havia deixado claro repetidamente que as posições mais elevadas do reino estavam reservadas para os santos mais humildes na terra. Observe a resposta dele nos versículos 42-45:

> Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiorais exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

Aqueles que desejam ser grandes precisam, em primeiro lugar, aprender a ser humildes. O próprio Cristo foi o modelo de perfeição da verdadeira humildade. Além disso, o seu reino é propagado pelo serviço humilde e não por política, *status*, poder ou domínio. Era isso que Jesus queria mostrar quando colocou uma criança no meio dos discípulos e falou-lhes sobre como o verdadeiro crente deve assemelhar-se a uma criança. Em outra passagem, também lhes disse: "todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado" (Lucas 18:14). Mesmo antes disso, Jesus já havia dito:

> Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu, vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá o lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima. Ser-te-á isto uma honra diante de todos os mais convivas. Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado. (Lucas 14:8-11)

Cristo havia enfatizado essa verdade em repetidas ocasiões: se você deseja ser grande no reino, deve tornar-se um servo de todos.

É impressionante como tão pouco dessa verdade havia penetrado à consciência dos discípulos mesmo depois de três anos com Jesus. No entanto, na última noite de seu ministério terreno, nenhum deles teve a

humildade de pegar a tolha e a bacia e fazer o trabalho de um servo (João 13:1-17). Assim, o próprio Jesus lavou os pés deles.

João acabou aprendendo o equilíbrio entre ambição e humildade. Na realidade, a humildade é uma das grandes virtudes que transparecem em seus escritos.

Ao longo do evangelho de João, por exemplo, em momento algum ele menciona seu próprio nome. (O único "João" cujo nome é mencionado no evangelho de João, é João Batista.) O apóstolo João recusa-se a falar diretamente sobre si mesmo. Em vez disso, fala de si mesmo com referência a Jesus. Em momento algum ele coloca-se no primeiro plano, como um herói, mas sim, usa todas as referências a si mesmo para honrar a Cristo. Ao invés de escrever seu nome, algo que poderia chamar a atenção sobre si, ele refere-se a si mesmo como "aquele a quem ele [Jesus] amava" (João 13:23; 20:2; 21:7,20), dando glória a Jesus por ter amado um homem como ele. Na verdade, ele parece absolutamente pasmo com o fato maravilhoso de que Cristo o amava. É claro que, de acordo com João 13:1-2, Jesus amava *todos* os seus discípulos com o mais perfeito amor. No entanto, ao que parece, João captou essa realidade de modo singular e isso o conduziu à humildade.

Aliás, é somente o evangelho de João que registra em detalhes o gesto de Jesus lavar os pés dos discípulos. Fica claro que a humildade do próprio Jesus na noite em que foi traído causou uma impressão duradoura em João.

A humildade de João também transparece na forma bondosa que trata os leitores em todas as suas epístolas. Ele os chama de "filhinhos", "amados", e inclui-se como um irmão e como um filho de Deus (veja 1João 3:2). Há um carinho e uma compaixão nessas expressões que mostram sua humildade. Sua última contribuição ao cânon foi o livro de Apocalipse, onde ele descreve a si mesmo como "irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus" (Apocalipse 1:9). Apesar de ele ser o último apóstolo vivo e o patriarca da igreja, em momento algum o vemos usando isso para exercer domínio sobre alguém.

Em algum ponto ao longo do caminho, a ambição de João encontrou equilíbrio na humildade. Apesar de continuar sendo corajoso, confiante,

ousado e intenso, João foi abrandado.

Ele aprendeu o equilíbrio entre o sofrimento e a glória

Conforme foi observado, quando era mais jovem, o apóstolo João tinha sede de glória e aversão ao sofrimento. Sua sede de glória é vista em seu desejo de ocupar o trono principal. Sua aversão ao sofrimento é notada no fato de que ele e os outros apóstolos abandonaram Jesus e fugiram na noite em que Cristo foi preso (Marcos 14:20).

Esses dois desejos são perfeitamente compreensíveis. Afinal, João havia contemplado pessoalmente a glória de Jesus no monte da transfiguração e prezava pela promessa de Jesus de que ele iria compartilhar dessa glória (Mateus 19:28-29). Como poderia *não* querer tal bênção? Por outro lado, exceto pelos loucos, ninguém gosta de sofrer.

Não havia nada de pecaminoso no desejo em si que João demonstrava de participar da glória do reino eterno de Jesus. Cristo havia lhe prometido um trono e uma herança na glória. Além do mais, tenho convicção de que quando vermos a glória de Cristo plenamente revelada, iremos finalmente compreender por que ela é a maior recompensa de todas no céu. Um lampejo de Jesus na plenitude de sua glória valerá por toda dor, tristeza e todo sofrimento que suportamos aqui na terra (veja Salmos 17:15; 1João 3:2). A participação da glória de Cristo é, portanto, um desejo apropriado para todo filho de Deus.

No entanto, se desejamos participar da glória celestial, também devemos estar dispostos a tomar parte dos sofrimentos aqui na terra. Esse era o desejo do apóstolo Paulo: “para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte” (Filipenses 3:10). Paulo não estava dizendo que tinha um desejo masoquista de sentir dor; estava simplesmente reconhecendo que a glória e o sofrimento são inseparáveis. Aqueles que desejam a recompensa da glória devem estar dispostos a suportar o sofrimento.

O sofrimento é o preço da glória. Somos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofrermos, também com ele seremos glorificados" (Romanos 8:17). Jesus ensinou esse princípio sempre e de novo. "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á" (Mateus 16:24-25). "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna" (João 12:24-25).

O sofrimento é o prelúdio da glória. Nosso sofrimento como crentes é a certeza da glória por vir (1Pedro 1:6-7). E "os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Romanos 8:18). Enquanto isso, aqueles que têm sede de glória devem equilibrar esse desejo com uma disposição a sofrer.

Todos os discípulos precisavam aprender isso. Lembre-se de que *todos* queriam os principais lugares na glória. Jesus, porém, disse que esses lugares têm um preço. Não apenas estão reservados para os humildes, como também aqueles que se assentarem nesses lugares serão, antes de tudo, preparados para o lugar de honra, ao suportarem a humilhação do sofrimento. Por esse motivo, Jesus disse a Tiago e João que antes de receberem qualquer trono, seria preciso "beber o cálice que eu bebo" e "receber o batismo com que eu sou batizado" (Marcos 10:38).

Com que avidez e ingenuidade Tiago e João garantiram ao Senhor que poderiam beber do cálice que ele beberia e ser batizados com um batismo de sofrimento! "Disseram-lhe: Podemos" (versículo 39). Naquele momento, não faziam a mínima ideia do que estavam se oferecendo a fazer. Eram como Pedro, gabando-se de que seguiriam Jesus até a morte; mas quando foram confrontados com a oportunidade, todos eles o abandonaram e fugiram.

Felizmente, Cristo não considerou tais erros como algo definitivo. Todos os onze discípulos fugiram na noite em que Jesus foi traído e preso.

No entanto, todos eles foram regenerados e todos eles aprenderam, por fim, a sofrer de bom grado por amor a Cristo.

Na verdade, exceto por João, todos eles acabaram morrendo pela fé. Um a um, foram martirizados na flor da idade. João foi o único discípulo que viveu até a velhice. Contudo, ele também sofreu, mesmo que de maneiras diferentes que os outros. Ainda estava suportando as angústias e perseguições deste mundo bem depois que os outros já estavam na glória.

Na noite em que Jesus foi preso, é provável que João tenha começado a compreender quão amargo era o cálice do qual teria de beber. Seu relato do julgamento de Jesus nos informa que ele e Pedro seguiram o Senhor até a casa do sumo sacerdote (João 18:15). Lá, observaram enquanto Jesus era amarrado e espancado. Tanto quanto sabemos, João foi o único discípulo que foi testemunha ocular da crucificação de Jesus. Ele estava tão perto da cruz, que Jesus foi capaz de vê-lo (João 19:26). É provável que tenha assistido aos soldados romanos batendo os pregos. Estava lá quando um soldado abriu o lado do Senhor com uma lança. E talvez, ao ver essas coisas, tenha se lembrado de que havia concordado em participar desse mesmo batismo. Se foi esse o caso, certamente, percebeu quão terrível era o cálice do qual ele havia se oferecido a beber com tanta facilidade!

Quando Tiago, o irmão de João, tornou-se o primeiro mártir da igreja, João sofreu a perda de modo mais pessoal do que os outros. À medida que, um a um, os outros discípulos foram sendo martirizados, João sofreu a profunda tristeza e dor de perdê-los. Eram seus amigos e companheiros. Logo só restava ele. De certa forma, talvez esse tenha sido o sofrimento mais doloroso de todos.

Praticamente, todas as fontes confiáveis de história da igreja primitiva atestam o fato de que João tornou-se o pastor da igreja que o apóstolo Paulo fundou em Éfeso. De lá, durante uma grande perseguição da igreja sob o imperador romano Domiciano (irmão e sucessor de Tito, que destruiu Jerusalém), João foi exilado em uma comunidade de prisioneiros em Patmos, uma das pequenas doze ilhas no mar Egeu, próximo à costa oeste da atual Turquia. Lá, ele viveu numa caverna. Foi ali que recebeu e

registrou as visões apocalípticas descritas no livro de Apocalipse (veja Apocalipse 1:9). Estive na caverna na qual acredita-se que ele morou e escreveu Apocalipse. Era um lugar inóspito para um homem de idade. Foi isolado daqueles a quem amava, tratado com opróbrio e obrigado a dormir numa laje, tendo uma pedra por travesseiro, enquanto os anos passavam lentamente.

No entanto, João aprendeu a suportar de bom grado o sofrimento. Em nenhuma de suas epístolas nem no livro de Apocalipse há queixas sobre suas aflições. Por certo, ele escreveu Apocalipse sob condições de extrema penúria e privação. Contudo, faz pouca menção de suas dificuldades, referindo-se a si mesmo como "irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus" (Apocalipse 1:9). Observe que de uma só vez ele fala de "tribulação" e da perseverança que permitiu que ele suportasse de bom grado o seu sofrimento. Ele ansiava calmamente pelo dia em que poderia ser participante da glória do reino que lhe fora prometida. Esse é o equilíbrio correto e a perspectiva saudável. Ele havia aprendido a olhar além dos sofrimentos deste mundo antevendo a glória celestial.

João compreendeu a mensagem. Ele aprendeu a lição. Tornou-se um excelente modelo humano do que deve ser o caráter justo e semelhante a Cristo.

Uma prova poderosa disso pode ser encontrada na cena da cruz. Lembre-se de que João foi o único apóstolo indicado pelos registros bíblicos como testemunha ocular da crucificação. O próprio João descreve a cena em que, da cruz, Jesus viu sua mãe, Maria, juntamente com a irmã dela; viu também outra Maria (esposa de Clopas), Maria Madalena e João (João 19:5). Nas palavras de João, "Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe. Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa" (versículos 26-27).

Obviamente, João havia aprendido as lições que lhe eram tão necessárias. Havia aprendido a ser um servo humilde e amoroso — de outro modo, Jesus não o teria encarregado de cuidar de sua própria mãe. O

Senhor disse a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (João 21:17). E disse a João: “Cuida da minha mãe”. Na história da igreja primitiva, várias testemunhas relatam que João, em momento algum, saiu de Jerusalém e nem deixou de cuidar de Maria até que ela viesse a falecer.

João me faz lembrar de muitos seminaristas que conheço, inclusive eu mesmo. Recordo-me de quando saí do seminário. Estava transbordando com a verdade, mas um tanto sem paciência. Era extremamente tentador irromper na igreja, jogar a verdade sobre todo mundo ali e esperar um resultado imediato. Precisava aprender a ser paciente, tolerante, misericordioso, bondoso, perdoador, afetuoso, compassivo — a ter todas as características do amor. É maravilhoso ser ousado e estrondoso, mas o amor é o equilíbrio necessário. João é um esplêndido modelo de jovens desse tipo.

Pode parecer surpreendente que Jesus tenha amado um homem que desejava incinerar os samaritanos. Ele amou um homem que era obcecado por *status* e distinção. Amou um homem que o abandonou e fugiu em vez de sofrer por ele. Contudo, ao amar a João, Jesus transformou-o numa pessoa diferente, um homem que serviu de modelo para o mesmo tipo de amor que Jesus havia demonstrado por ele.

Observamos anteriormente que João usou a palavra *verdade* quarenta e cinco vezes em seu evangelho e nas epístolas. No entanto, é interessante que ele também usou a palavra *amor* mais de oitenta vezes. É evidente que ele aprendeu o equilíbrio que lhe foi ensinado por Cristo. Aprendeu a amar os outros como o Senhor o amou. O amor tornou-se a âncora e o centro da verdade com a qual ele se preocupava tão intensamente.

Na realidade, a teologia de João é mais bem descrita como uma teologia do amor. Ele ensinou que Deus é um Deus de amor, que Deus amou seu próprio Filho, que Deus amou o mundo, que Deus é amado por Cristo, que Cristo amou seus discípulos, que os discípulos de Cristo amaram-no, que todos os homens devem amar a Cristo, que devemos nos amar uns aos outros, e esse amor é o cumprimento da lei. O amor era uma parte essencial

de todos os ensinamentos de João. Era o tema predominante de sua teologia.

Ainda assim, esse amor não caiu num sentimentalismo complacente. Até o fim de sua vida, João continuou sendo um vigoroso defensor da verdade. Não perdeu nem um pouco de sua intolerância para com as mentiras. Em suas epístolas, escritas quase no final de sua vida, ainda esbravejava contra cristologias errôneas, contra falsidades anticristãs, contra o pecado e contra a imoralidade. Nesse sentido, foi um filho do trovão até o fim. Creio que o Senhor sabia que o mais forte defensor do amor precisava ser um homem que em momento algum abriria mão da verdade.

Outra palavra preferida de João era *testemunho*. Ele usou-a quase setenta vezes. Ele refere-se ao testemunho de João Batista, ao testemunho das Escrituras, ao testemunho do Pai, ao testemunho de Cristo, ao testemunho de milagres, ao testemunho do Espírito Santo e ao testemunho dos apóstolos. Em cada caso, tratava-se de testemunhos da *verdade*. Assim, seu amor pela verdade permaneceu inalterado.

Aliás, estou convencido de que João recostou-se no ombro de Jesus (João 13:3), não apenas porque desfrutava do amor puro que o Senhor lhe dava, mas também porque desejava ouvir cada palavra da verdade que saía da boca de Cristo.

De acordo com a maioria dos relatos, João morreu por volta do ano 98 d.C., durante o reinado do imperador Trajano. Jerônimo diz, em seu comentário sobre Gálatas, que o apóstolo idoso estava tão fraco em seus últimos dias em Éfeso que precisava ser carregado para a igreja. Uma frase estava constantemente em seus lábios: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros”. Ao ser perguntado por que dizia isso, ele respondeu: “É o mandamento do Senhor e, se de todas as coisas, somente esta for feita, já será suficiente”.

Assim, os pescadores da Galileia — Pedro, André, Tiago e João — tornaram-se pescadores de homens em escala monumental, juntado almas para a igreja. Num certo sentido, eles continuam lançando suas redes ao mar do mundo através de seu testemunho nos Evangelhos e em suas

epístolas. Até hoje, ainda levam multidões a Cristo. Apesar de serem homens comuns, possuíam um chamado extraordinário.

6

Filipe
O apóstolo que fazia as contas

Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço.

João 6:7

Nas quatro listas bíblicas dos doze apóstolos, o quinto nome de cada uma delas é o de Filipe. Como observamos no capítulo 2, ao que parece, isso significa que Filipe era o líder do segundo grupo de quatro discípulos. No que se refere ao registro bíblico, o papel de Filipe é um tanto secundário, comparado àquele dos quatro homens do primeiro grupo, mas ainda assim ele é mencionado em várias ocasiões, de modo que se destaca do grupo maior dos doze como um indivíduo com personalidade própria.

Filipe é um nome grego e significa "aquele que gosta de cavalos". Ele também devia ter um nome judeu, uma vez que todos os doze apóstolos eram judeus. Contudo, seu nome judeu não é apresentado em nenhuma passagem. A civilização grega havia se espalhado por toda a região do Mediterrâneo depois das conquistas de Alexandre, o Grande, no século 4 a.C., e muitas pessoas do Oriente Médio haviam adotado a língua, a cultura e os costumes gregos. Tais pessoas eram conhecidas como "helenistas" (veja Atos 6:1). Talvez Filipe viesse de uma família de judeus helenistas. De acordo com os costumes da época, ele também devia ter um nome

hebraico, mas por algum motivo, ao que parece, ele usava somente seu nome grego. Assim, nós o conhecemos apenas como Filipe.

Não o confunda com Filipe, o diácono, o homem que vemos em Atos 6, que se tornou um evangelista e levou o eunuco etíope a Cristo. Filipe, o apóstolo, era outra pessoa.

O apóstolo Filipe "era de Betsaida, cidade de André e Pedro" (João 1:44). Uma vez que todos eles eram judeus tementes a Deus, é bem provável que Filipe tenha crescido frequentando a mesma sinagoga que Pedro e André. Em função do relacionamento existente entre eles e os filhos de Zebedeu — Tiago e João —, é possível que Filipe conhecesse os quatro. Há fortes evidências bíblicas de que Filipe, Natanael e Tomé eram todos pescadores da Galileia, pois em João 21, depois da ressurreição, quando os apóstolos voltaram para a Galileia e Pedro disse "Vou pescar", outros que também estavam lá responderam "Também nós vamos contigo". De acordo com João 21:2, faziam parte desse grupo "Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos". O mais provável é que os outros "dois dos seus discípulos" fossem Filipe e André, pois em outras ocasiões são sempre vistos na companhia dos homens que são mencionados nessa passagem.

Se esses sete homens eram todos pescadores profissionais, é bem possível que fossem todos amigos chegados e companheiros de trabalho muito antes de seguirem a Cristo. Isso mostra quão unido era o grupo dos apóstolos, tendo pelo menos a metade do grupo — incluindo todos os membros mais íntimos — vindo de uma pequena região, trabalhando, mais provavelmente, na mesma ocupação e sendo conhecidos e amigos uns dos outros bem antes de tornarem-se discípulos.

Em certo sentido, isso é um tanto surpreendente. Seria de se esperar que Jesus usasse uma abordagem diferente na escolha dos doze. Afinal, ele os estava designando para a tarefa monumental de serem apóstolos, companheiros dele até que deixasse a terra, homens com plenos poderes de falar e agir em seu nome. Seria de se pensar que ele iria percorrer toda a terra em busca dos homens mais talentosos e qualificados. Mas, em vez

disso, ele separou um pequeno grupo de pescadores, um grupo de homens diferentes, porém com pontos em comum, sem talentos especiais, com aptidões medianas e que já se conheciam. E então ele disse: “Eles servem.”

Tudo o que Jesus, de fato, exigiu deles foi sua disponibilidade. Eles os traria para perto de si, ensinaria, concederia dons e poder para servirem-no. Tendo em vista que pregariam a mensagem *de Jesus* e fariam milagres pelo poder *dele*, esses pescadores rudes eram mais adequados para a tarefa em questão do que talvez teria sido um grupo de gênios brilhantes, tentando usar de seus próprios talentos. Afinal de contas, de vez em quando até esses homens incultos também comportavam-se como prima-donas. Assim, talvez um dos motivos pelos quais Cristo escolheu e chamou esse determinado grupo tenha sido o fato de que, de um modo geral, eles já se davam bem. De qualquer modo, depois de já haver escolhido Pedro, André e João, Jesus encontrou e chamou Filipe, que era do mesmo vilarejo no qual Pedro e André haviam nascido.

O que sabemos sobre Filipe? Mateus, Marcos e Lucas não apresentam detalhes sobre ele. Todas as cenas em que Filipe aparece encontram-se no evangelho de João. E, tomando por base esse evangelho, descobrimos que Filipe era um tipo de pessoa completamente diferente de Pedro, André, Tiago e João. Dentro da narração de João, Filipe aparece com frequência junto com Natanael (também conhecido como Bartolomeu), de modo que podemos supor que os dois eram amigos chegados. No entanto, Filipe é particularmente distinto até mesmo de seu companheiro mais próximo. Dentre todos os discípulos, ele é singular.

Ao juntar as peças do que o apóstolo João relata sobre ele, temos a impressão de que Filipe era a típica “pessoa de processos”. Era um sujeito ligado em fatos e números — o tipo de indivíduo que fazia tudo nos conformes, de modo prático e tradicional. Era o tipo de pessoa que, dentro de uma empresa, costuma ser considerada “estraga prazeres”, tacanha, por vezes, alguém sem uma visão mais ampla, com frequência, obcecada em descobrir razões pelas quais as coisas não podem ser feitas, em vez de

buscar uma forma de fazê-las. Tinha uma predisposição a ser pragmático e cínico — e às vezes derrotista —, e não um visionário.

Seu chamado

Encontramos Filipe pela primeira vez em João 1, no dia em que Jesus chamou André, João e Pedro. Você deve se lembrar de que Jesus havia chamado os três primeiros no deserto, onde estavam sentados aos pés de João Batista. João indicou-lhes o Messias e eles deixaram seu antigo mestre para seguir a Jesus.

O apóstolo João escreve: "No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galileia, e encontrou Filipe, a quem disse: Segue-me" (João 1:43). Ao que parece, Filipe também estava no deserto com João Batista e, antes de voltar para a Galileia, Jesus procurou-o e convidou-o para juntar-se aos outros discípulos.

Pedro, André e João (e, possivelmente, Tiago também) haviam, de certa forma, encontrado Jesus. Para ser exato, eles haviam sido dirigidos a ele por João Batista. Assim, essa é a primeira vez que o próprio Jesus de fato procurou e encontrou um dos apóstolos.

Isso não significa que, em sua soberania, não buscou e chamou os outros. Na verdade, sabemos que havia escolhido todos eles antes da fundação do mundo. Em João 15:16, Jesus lhes disse: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei". Contudo, na descrição de como eles encontraram-se com Cristo pela primeira vez, essa linguagem é usada exclusivamente no chamado de Filipe. Ele foi o primeiro a ser procurado por Jesus em termos humanos e o primeiro a quem Jesus disse "Segue-me."

A propósito, é interessante observar que no *final* de seu ministério terreno, Jesus precisou dizer "Segue-me" a Pedro (João 21:19,22). Ao que parece, Pedro ainda precisava de encorajamento depois de ter falhado na noite em que Jesus fora traído. Porém, Filipe foi o primeiro a ouvir e obedecer a essas palavras. Desde o princípio, Jesus buscou Filipe

ativamente. Ele encontrou-o e convidou-o a segui-lo. E descobriu nele um discípulo desejoso e disposto.

Evidentemente, Filipe já possuía um coração que estava buscando algo mais. É claro que esse anseio é sempre prova de que Deus, em sua soberania, está chamando a pessoa, pois, como Jesus disse, "Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer" (João 6:44) e também "ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido" (João 6:65).

Essa busca interior de Filipe fica evidente na maneira que ele respondeu a Jesus. "Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José" (João 1:45). É óbvio que Filipe e Natanael, assim como os quatro primeiros discípulos, haviam estudado a lei e os profetas e estavam buscando o Messias. Por esse motivo, todos eles tinham ido ao deserto para ouvir João Batista. Assim, quando Jesus abordou Filipe e disse "Segue-me", seus ouvidos, seus olhos e seu coração já estavam abertos e preparados para segui-lo.

Observe algo interessante na expressão usada por Filipe ao falar com Natanael: "*Achamos*". No que se referia a Filipe, ele havia achado o Messias e não sido encontrado por ele. Vemos aqui a conhecida tensão que existe entre a eleição soberana e a escolha do ser humano. O chamado de Filipe é uma ilustração perfeita de como as duas existem em perfeita harmonia. O Senhor encontrou Filipe, mas Filipe sentiu que ele havia encontrado o Senhor. Do ponto de vista humano, as duas coisas eram verdade. Contudo, de um ponto de vista bíblico, sabemos que a escolha determinante pertence a Deus. "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros" (João 15:16).

Ainda assim, do ponto de vista humano — do ponto de vista *de Filipe* — sua busca havia chegado ao fim. Pela graça de Deus, ele havia procurado fielmente em verdade. Dedicou-se à leitura da Palavra de Deus e creu na promessa do Antigo Testamento sobre o Messias. Então, ele o achou — ou, na verdade, foi encontrado por ele.

Filipe não apenas tinha um coração que estava buscando o Senhor, como também possuía o coração de um evangelista. Sua primeira reação ao deparar-se com Jesus foi encontrar seu amigo Natanael e falar-lhe do Messias.

A propósito, estou convencido de que essa amizade propiciou o mais fértil dos solos para o evangelismo. Quando a realidade de Cristo é introduzida num relacionamento de amor e confiança que já foi firmado, seu efeito é poderoso. Parece que, invariavelmente, quando alguém se torna um verdadeiro seguidor de Cristo, o primeiro impulso dessa pessoa é querer encontrar um amigo e apresentá-lo ao Senhor. Essa dinâmica é vista na espontaneidade de Filipe, ao buscar Natanael e falar-lhe do Messias.

A linguagem usada por Filipe denunciou seu espanto ao descobrir quem era o Messias. Aquele sobre o qual Moisés escreveu e a quem se referiram os profetas, não é outro senão "Jesus, o Nazareno, filho de José", o humilde filho de um carpinteiro.

Como veremos no capítulo seguinte, a princípio, Natanael ficou perplexo. "Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa?" (João 1:46). Betsaida encontrava-se ligeiramente ao norte de Nazaré, mas as duas cidades ficavam na Galileia, não muito distantes uma da outra. O próprio Natanael era de Caná (João 21:2), um vilarejo próximo de Nazaré, ao norte. Em todos os sentidos, Nazaré era um lugar mais importante do que Caná, sendo possível que houvesse uma certa rivalidade regional que se refletiu na incredulidade de Natanael.

Mas Filipe não se abalou: "Vem e vê" (1:46). É admirável a facilidade com que Filipe creu. Em termos humanos, ninguém havia levado Filipe a Jesus. Ele era como Simeão, "que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele" (Lucas 2:25). Ele conhecia as promessas do Antigo Testamento. Estava pronto. Estava esperando. Seu coração estava preparado. Alegremente e sem hesitação, ele aceitou Jesus como o Messias. Não houve relutância. Não houve incredulidade. Não lhe importava em que cidade mais ou menos importante o Messias havia crescido. Ele soube imediatamente que sua busca havia chegado ao fim.

Isso é claramente atípico de Filipe e revela o quanto o Senhor já havia preparado seu coração. Sua tendência *natural* poderia ter sido de conter-se, duvidar, questionar e esperar para ver o que aconteceria. Como veremos em breve, ele, normalmente, não era uma pessoa muito decidida. Contudo, felizmente, nesse caso, ele já estava sendo atraído para Cristo pelo Pai. E Jesus disse: "Todo aquele que o Pai me dá, esse *virá* a mim" (João 6:37, ênfase minha).

Comida para os cinco mil

O próximo lampejo que temos de Filipe encontra-se em João 6, na ocasião em que as cinco mil pessoas foram alimentadas. Referimo-nos a esse episódio no capítulo 1. Pudemos observá-lo mais de perto no capítulo 3, quando estudamos o caráter de André. Agora, voltamos para ver novamente os cinco mil sendo alimentados, dessa vez do ponto de vista de Filipe. E aqui, descobrimos como era o homem natural de Filipe. Já sabemos que ele estudava o Antigo Testamento. Sabemos que ele havia interpretado as Escrituras literalmente e crido no Messias. Assim, quando o Messias abordou-o e disse "Segue-me", ele aceitou a Jesus imediatamente e seguiu-o sem hesitar. Esse era o lado espiritual de Filipe. Seu coração tinha a disposição correta. Era um homem de fé. No entanto, com frequência era um homem de uma fé *frágil*.

Nesta passagem sua personalidade começa a aparecer. João descreve como uma grande multidão foi atrás de Jesus e encontrou-o na encosta de uma montanha junto com seus discípulos. Como vimos no capítulo 1, dizer que eram cinco mil pessoas não faz justiça ao tamanho daquela multidão. João 6:10 diz que havia ali cinco mil *homens*. É bem provável que houvesse vários milhares mais de mulheres e crianças. (Não seria impossível dizer dez ou vinte mil). De qualquer modo, era uma turba imensa e, de acordo com Mateus 14:15, o fim da tarde se aproximava. As pessoas precisavam comer.

João 6:5 diz: “Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer?”

Por que ele escolheu justamente Filipe para fazer-lhe essa pergunta? João relata que “dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer” (versículo 6).

Ao que parece, Filipe era o administrador apostólico — aquele que fazia as contas. É bem provável que ele estivesse encarregado de providenciar as refeições e cuidar dos aspectos logísticos. Sabemos que Judas era encarregado de guardar o dinheiro (João 13:29), de modo que faz sentido que alguém também fosse responsável pela coordenação da compra e distribuição de refeições e suprimentos. Certamente, era uma tarefa adequada para a personalidade de Filipe. Quer oficialmente ou não, ele parecia ser aquele que se preocupava com a organização e o protocolo. Era o tipo de pessoa que em toda reunião diz: “Não creio que seja possível fazermos isso” — o mestre dos impossíveis. E pelo que podemos ver, no que lhe dizia respeito, quase tudo se encaixava nessa categoria.

Assim, Jesus o estava testando. Não queria descobrir o que ele estava pensando; isso Jesus já sabia (veja João 2:25). Não estava pedindo que apresentasse um plano; João diz que Jesus já sabia o que ele próprio iria fazer. Estava testando Filipe para que o apóstolo revelasse a si mesmo como ele era. Foi por isso que Jesus voltou-se para Filipe, a típica personalidade administrativa, e perguntou: “Qual é sua proposta para que alimentemos toda essa gente?”.

É claro que Jesus sabia exatamente o que Filipe estava pensando. Creio que Filipe já havia começado a contar as cabeças. Quando a multidão começou a se aproximar, ele já estava calculando quantos eram. Já era quase o fim do dia; o povo era muitíssimo numeroso; ficariam famintos. E naquele tempo, comer não era nada fácil. Não havia nenhuma franquia de *fast-food* na encosta daquele monte. Assim, quando Jesus lhe fez a pergunta, Filipe já havia preparado suas estimativas: “Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu

pedaço" (João 6:7). Ao que parece, ele já havia refletido sobre a dificuldade de alimentá-los desde que havia visto a multidão. Em vez de pensar: "Que ocasião maravilhosa! Jesus vai ensinar a essa multidão. Que tremenda oportunidade para o Senhor!", tudo o que o pessimista Filipe pôde ver foi a impossibilidade da situação.

Filipe estava presente quando o Senhor transformou água em vinho (João 2:2). Já havia presenciado uma porção de vezes como Jesus havia curado pessoas, incluindo vários milagres de criação e regeneração. No entanto, quando viu a imensa plateia, começou a sentir-se sobrepujado pelo impossível. Voltou a ter um pensamento materialista. E quando Jesus testou sua fé, ele respondeu com evidente incredulidade. "Não tem jeito."

De um ponto de vista puramente humano, ele estava coberto de razão. Um denário equivalia ao salário de um dia de um trabalhador comum (veja Mateus 20:2). Em outras palavras, juntando todos os discípulos — pelo menos doze deles e, provavelmente, muitos mais —, eles não tinham mais do que o equivalente a oito meses de salário diário de um trabalhador para suprir suas próprias necessidades. Não era uma grande soma em dinheiro, tendo em vista tudo o que precisava ser feito para cuidar da alimentação e hospedagem dos discípulos. Com uma quantia tão pequena, não podiam nem pagar por um pequeno lanche para tantas pessoas. Filipe, provavelmente, estava pensando: "Com um denário pode-se comprar doze bolos de trigo. Cevada é mais barata. Assim, com um denário, podemos comprar vinte bolos de cevada. Se comprarmos dos bolos pequenos e os dividirmos ao meio... Não tem jeito mesmo". Ele já havia calculado que quatro mil bolos de cevada não iriam nunca ser suficientes para distribuir a todos. Seus pensamentos foram pessimistas, analíticos e pragmáticos, completamente materialistas e terrenos.

Um dos elementos essenciais da liderança é ter senso de visão — e isso vale especialmente para qualquer pessoa cujo Mestre é Cristo. No entanto, Filipe estava obcecado com questões materiais e, portanto, abalado pela impossibilidade do problema em questão. Ele sabia matemática demais para ter um espírito de aventura. A realidade dos fatos objetivos obscurecia sua

fé. Estava tão obcecado com sua situação neste mundo que não teve consciência das possibilidades transcendentais do poder de Cristo. Estava tão envolvido com os cálculos que seu bom senso o obrigava a fazer, que não viu a oportunidade que aquela situação oferecia. Ele *deveria* ter dito: "Senhor, se você deseja alimentá-los, então, alimente-os. Eu vou ficar aqui e ver o que o Senhor vai fazer. Sei que você pode fazê-lo, Senhor. Você fez vinho em Caná e alimentou seus filhos com maná no deserto. Faça-o. Vamos pedir para todos formarem filas e o Senhor faz a comida". Essa teria sido a resposta certa. Contudo, Felipe estava convencido de que simplesmente não tinha jeito. O poder sobrenatural ilimitado de Cristo havia lhe fugido completamente à memória.

Por outro lado, André aparentemente teve um lampejo do que era possível. Encontrou um menino com dois peixes em conserva e cinco biscoitos de cevada e levou-o até Jesus. Até mesmo André viu sua fé ser desafiada pelas proporções colossais desse problema de logística. Ele disse a Jesus: "Eis aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?" (versículo 9). Ou André tinha um fio de esperança de que Jesus faria *alguma coisa* (pois, de qualquer modo, levou o menino até ele), ou foi influenciado pelo pessimismo de Filipe e com esse gesto, apoiou a ideia de que a situação era inviável.

De qualquer modo, Filipe perdeu a oportunidade de ver a recompensa da fé; e o gesto de André (que, provavelmente, indicou um grau ínfimo de fé) foi honrado. Conforme Jesus ensinou em outra passagem, "se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível" (Mateus 17:20).

Filipe precisava aprender essa lição. Para ele, *tudo* parecia impossível. Precisava colocar de lado suas preocupações materialistas, pragmáticas, sempre ditadas pelo bom senso e aprender a se apropriar do potencial sobrenatural da fé.

A VISITA DOS GREGOS

João 12 nos mostra uma outra faceta do caráter de Filipe. Mais uma vez, vemos seu temperamento excessivamente analítico. Era preocupado demais com métodos e protocolos. Faltava-lhe ousadia e visão, fazendo dele um homem tímido e apreensivo. Quando ele teve outra oportunidade de dar um passo de fé, ele a deixou escapar novamente.

João 12:20-21 diz: "Ora, entre os que subiram para adorar, durante a festa, havia alguns gregos; estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver a Jesus". Ou esses homens eram gentios tementes a Deus ou eram prosélitos do judaísmo que estavam indo a Jerusalém para adorar a Deus na Páscoa. Era a última Páscoa do sistema do Antigo Testamento, durante a qual o próprio Jesus seria sacrificado com o verdadeiro Cordeiro de Deus. Ele estava a caminho de Jerusalém para morrer pelos pecados do mundo.

Esses gregos estavam bastante interessados em Jesus. Foram falar com Filipe em particular. Talvez por causa do nome grego do apóstolo, os estrangeiros acharam que ele seria o melhor contato. Ou, talvez, porque tivessem ficado sabendo que ele era uma espécie de administrador do grupo, alguém que tomava todas as providências para os discípulos. Vemos mais uma vez que, independentemente da posição de Filipe ser oficial ou circunstancial, ao que parece, ele era encarregado das questões operacionais. Assim, esses homens abordaram-no a fim de que arranjasse para eles uma reunião com Jesus.

Como típico administrador, é provável que Filipe tivesse mentalmente organizado um manual de protocolos e procedimentos. (Na verdade, se ele era como muitos administradores que conheço, é possível que tivesse até mesmo um manual escrito com as políticas do grupo, manual este que ele fastidiosamente havia criado e insistia para que fosse seguido ao pé da letra. Para mim, ele parece o tipo de pessoa que fazia tudo de acordo com o manual). De alguma forma, os tais gregos sabiam que Filipe era o encarregado desses assuntos, de modo que pediram para que ele arranjasse uma reunião com Jesus.

Não era um pedido difícil ou complicado. No entanto, aparentemente, Filipe não soube muito bem o que fazer com eles. Se verificou o manual, no item "Gentios e Jesus", pôde ter observado que, em certa ocasião, quando enviou seus discípulos, Jesus disse: "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 10:5-6). Em outra ocasião, Jesus disse: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 15:24).

Esse princípio significa que era proibido apresentar gentios a Jesus? Claro que não. Jesus estava simplesmente identificando a prioridade normal de seu ministério: "ao judeu primeiro, e também ao grego" (Romanos 2:10). Tratava-se de um princípio geral, não de uma lei petrificada. Gregos e outros gentios eram expressamente incluídos entre aqueles aos quais ele ministrava. O próprio Jesus havia revelado a uma mulher samaritana que ele era o Messias. Apesar de seu ministério concentrar-se primeiramente em Israel, ele era, afinal de contas, o Salvador do mundo e não só de Israel. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber, aos que creem no seu nome" (João 1:11-12).

No entanto, pessoas como Filipe não apreciam diretrizes gerais; querem que toda regra seja rígida e inviolável. Não havia nenhum protocolo no manual para apresentar gregos a Jesus. E Filipe não estava preparado para fazer algo tão fora do convencional.

Apesar disso, Filipe era um homem de bom coração. Assim, ele conduziu os gregos até André. André era capaz de levar qualquer um a Jesus. Portanto, "Filipe foi dizê-lo a André, e André e Filipe o comunicaram a Jesus" (João 12:22). Obviamente, Filipe não era um homem decidido. Não havia precedentes para se apresentar gentios a Jesus, de modo que ele apelou para André antes de fazer qualquer coisa. Desse modo, ninguém poderia culpar Filipe de não ter agido de acordo com o manual. Afinal de contas, André estava *sempre* levando pessoas a Jesus. Se alguém objetasse, André seria o culpado.

Podemos seguramente supor que Jesus recebeu os gregos com alegria. Ele próprio disse: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (João 6:37). João 12 não relata nada sobre o encontro de Jesus com os gregos, exceto o discurso feito por Jesus nessa ocasião: “Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará” (versículos 23-26).

Em resumo, ele pregou-lhes o evangelho e convidou-os a tornarem-se seus discípulos.

Foi certo levar aqueles gregos a Jesus? Sem dúvida alguma. O próprio Jesus recebe de braços abertos todos que vão beber da água da vida (Apocalipse 22:17). Teria sido errado mandar aqueles homens embora. Temos a impressão de que, em seu coração, Filipe sabia disso, mesmo que sua mente estivesse obcecada com protocolos e procedimentos.

O CENÁCULO

Temos uma última oportunidade de saber mais sobre Filipe logo depois disso, quando ele está no cenáculo com os outros discípulos, por ocasião da última ceia. É importante observar que essa foi a última noite do ministério de Jesus aqui na terra, a véspera de sua crucificação. O treinamento formal dos discípulos havia oficialmente chegado ao fim. No entanto, a fé que eles possuíam ainda era tragicamente frágil. Foi nessa mesma noite que eles se assentaram ao redor da mesa e discutiram quem era o maior, em vez de tomarem a toalha e a bacia e lavarem os pés de Jesus. Muitas das lições mais importantes que ele havia lhes ensinado pareciam não terem sido assimiladas. Como disse Jesus, eram “néscios e tardos de coração para crer” (Lucas 24:25).

Isso aplicava-se particularmente a Filipe. De todos os comentários tolos, impetuosos e tristemente ignorantes que, de tempos em tempos, os discípulos deixavam escapar, nenhum deles foi mais decepcionante que o de Filipe no cenáculo.

Naquela noite, o coração de Jesus estava cheio de pesar. Ele saiba o que estava reservado para ele no dia seguinte. Sabia que seu tempo com os discípulos estava acabando e, apesar de ainda parecerem um tanto despreparados do ponto de vista puramente humano, ele enviaria o Espírito Santo para dar-lhes poder, a fim de fossem suas testemunhas. Seu trabalho com eles aqui na terra estava quase concluído. Ele os enviava como ovelhas para o meio de lobos (veja Mateus 10:16). Assim, Jesus estava ansioso para consolá-los e encorajá-los quanto ao Espírito Santo que viria para dar-lhes poder.

Pediu que o coração deles não se perturbasse e prometeu que prepararia um lugar para eles (João 14:1-2). Prometeu também que voltaria para recebê-los para si mesmo, de modo que pudessem estar no lugar para onde ele estava indo (versículo 3). Então, acrescentou: “E vós sabeis o caminho para onde vou” (versículo 4). Obviamente, esse *onde* era o céu e o *caminho* para lá era o caminho que ele havia indicado no evangelho.

Contudo, eles demoraram a entender o que ele estava dizendo, e Tomé, provavelmente, disse o que todos estavam pensando quando perguntou: “Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?” (versículo 5).

Jesus lhe respondeu, “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (versículo 6). A essa altura, certamente, o significado deveria ter sido claro. Ele estava indo para o Pai, no céu, e o único caminho para chegarem lá era a fé em Cristo. É claro que esse é um dos textos-chaves da Bíblia sobre a exclusividade de Cristo. Ele estava ensinando expressamente que ninguém pode chegar ao céu sem confiar nele e aceitá-lo como único Salvador. Ele é o caminho — é o único caminho — para o Pai.

Então, Jesus acrescentou uma declaração explícita sobre sua própria divindade: "Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto" (versículo 7). Ele estava declarando na linguagem mais inequívoca possível que ele é Deus. Conhecer a Cristo é conhecer seu Pai, pois as diferentes Pessoas da Trindade, em essência, são uma só. Jesus é Deus. Vê-lo é o mesmo que ver a Deus. Os discípulos o haviam visto e conhecido, de modo que, com efeito, também já conheciam o Pai.

Foi nesse momento que Filipe falou: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta" (versículo 8).

"*Mostra-nos o Pai*"? Como é que Filipe podia dizer uma coisa dessas logo depois do que Jesus havia acabado de falar? É profundamente triste. Era de se esperar que, ao chegar nesse ponto, depois de tanto tempo seguindo a Jesus, Filipe já soubesse. Durante todo aquele tempo, ele havia ouvido Jesus ensinar. Havia testemunhado incontáveis milagres. Havia visto pessoas serem curadas das piores enfermidades e deformidades. Havia presenciado Jesus expulsar demônios. Havia passado tempo em comunhão íntima com Cristo, dia após dia, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, durante vários meses. Se tivesse verdadeiramente conhecido a Cristo, saberia que ele também era o Pai (versículo 7). Como ele podia chegar naquela noite e pedir "Mostra-nos o Pai?" (versículo 9). O que Filipe achou que estava fazendo durante os últimos dois ou três anos? De todas as pessoas, como pôde Filipe, que havia respondido com uma fé cheia de entusiasmo no início, fazer um pedido desses bem no final? Onde estava sua fé?

Jesus perguntou-lhe: "Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras" (versículos 10-11). O cerne do que Jesus estava dizendo era: "Eu sou para o Pai aquilo que você é para mim. Sou o apóstolo do Pai. Sou seu *shaliah*. Tenho uma procuração dele que me dá plenos poderes. Mais do que isso, sou um com o

Pai. Eu estou no Pai e o Pai está em mim. Compartilhamos da mesma essência divina".

Atente para o apelo: "Não crês? *Crede-me*!". Filipe já havia aceitado Jesus como o Messias. Cristo o instava a tirar a conclusão lógica dessa fé: Filipe já havia estado na presença do próprio Deus vivo e eterno. Ele não precisava de nenhum milagre ainda maior. Não precisava de nenhuma prova mais dramática. "Mostra-nos o Pai"? O que ele estava dizendo? O que ele achava que Jesus estava fazendo?

Durante três anos, Filipe havia contemplado a face do próprio Deus, e isso ainda não estava claro para ele. Seu modo terreno de pensar, seu materialismo, ceticismo, sua obsessão por detalhes práticos, sua preocupação com os detalhes operacionais e sua mentalidade tacanha o haviam impedido de compreender em toda sua extensão de quem era a presença da qual ele havia desfrutado.

Assim como os outros discípulos, Filipe era um homem cheio de limitações. Era um homem com uma fé frágil. Era um homem de entendimento imperfeito. Era cético, analítico, pessimista, relutante e inseguro. Queria fazer tudo de acordo com as regras o tempo todo. Fatos e números enchiam seus pensamentos. Com isso, ele era incapaz de ver a abrangência mais ampla da graça, a Pessoa e o poder divinos de Cristo. Demorava para entender, demorava para confiar e demorava para ver além das circunstâncias imediatas. Ainda queria mais provas.

Se estivéssemos entrevistando Filipe para desempenhar a função para a qual foi chamado por Jesus, é possível que disséssemos: "Ele não serve. Não há como transformá-lo numa das doze pessoas mais importantes da história do mundo".

Jesus, porém, disse: "Ele é exatamente o que estou procurando. Minha força é aperfeiçoada na fraqueza. Eu o transformarei num pregador. Ele será um dos fundadores da igreja. Farei dele um governante no reino e darei a ele uma recompensa eterna no céu. E escreverei o nome dele numa das doze portas da Nova Jerusalém". Felizmente, o Senhor usa pessoas como Filipe — muitas pessoas.

A tradição nos diz que Filipe foi um grande instrumento no crescimento da igreja primitiva e um dos primeiros apóstolos a sofrer o martírio. De acordo com a maioria dos relatos, ele foi morto por apedrejamento em Heliópolis, na Frígia (Ásia Menor), oito anos depois do martírio de Tiago. Antes de sua morte, multidões foram levadas a Cristo por intermédio de sua pregação.

É evidente que Filipe superou as tendências humanas que com tanta frequência eram um impedimento para sua fé e, juntamente com os outros apóstolos, é prova de que "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1Coríntios 1:27-29).

7

Natanael
O apóstolo sincero

Então exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és Rei de Israel!

João 1:49

Natanael, o companheiro mais chegado de Filipe, aparece nas quatro listas dos doze como Bartolomeu. No evangelho de João, é sempre chamado de Natanael. *Bartolomeu* é um sobrenome hebraico que significa "filho de Tolmai". *Natanael* quer dizer "Deus deu". Assim, ele é Natanael, filho de Tolmai ou Natanael Bar-Tolmai.

Os Evangelhos sinóticos e o livro de Atos não contêm detalhes sobre a origem, o caráter ou a personalidade de Natanael. Na verdade, cada um deles o menciona uma única vez, ao apresentar a lista dos doze discípulos. O evangelho de João mostra Natanael em apenas duas passagens: João 1, que traz o relato de seu chamado, e João 21:2, onde indica-se que ele foi um dos que voltou para a Galileia e foi pescar com Pedro, depois da ressurreição e antes da ascensão de Jesus.

De acordo com João 21:2, Natanael era da pequena cidade de Caná da Galileia, lugar em que Jesus realizou seu primeiro milagre, ao transformar água em vinho (João 2:11). Caná ficava bem próxima de Nazaré, a cidade de Jesus.

Como vimos no capítulo anterior, Natanael foi levado até Jesus logo depois de Filipe, após Cristo o ter encontrado e chamado. Ao que parece, Filipe e Natanael eram bons amigos, pois nas listas dos Evangelhos sinóticos, o nome de Natanael sempre aparece junto ao de Filipe. Nos relatos mais antigos da história da igreja primitiva e em muitas lendas da antiguidade sobre os apóstolos, os dois nomes também aparecem associados com frequência. Aparentemente, eles foram amigos ao longo dos anos em que estiveram com Cristo. Da mesma forma que Pedro e André (que são frequentemente colocados juntos por serem irmãos) e Tiago e João (que também eram irmãos), sempre vemos esses dois lado a lado, não como irmãos, mas como companheiros chegados.

Praticamente, tudo o que sabemos sobre Natanael Bar-Tolmai vem do que João relata sobre o chamado dele para ser discípulo. Lembre-se de que esse acontecimento ocorreu no deserto, logo depois do batismo de Jesus, quando João Batista apontou para Cristo e afirmou que ele era o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (João 1:29). André, João e Pedro (e, possivelmente, Tiago também) foram os primeiros a serem chamados (versículos 35-42). No dia seguinte, tendo resolvido ir à Galileia, Jesus procurou Felipe e também o chamou (versículo 43).

De acordo com o versículo 45, "Filipe encontrou a Natanael". Obviamente, eles eram amigos. As Escrituras não dizem se este era um relacionamento comercial, familiar ou apenas social. Mas fica claro que Filipe era próximo de Natanael e sabia que Natanael se interessaria pela notícia de que o Messias, há tanto esperado, havia finalmente sido identificado. Na verdade, não via a hora de contar-lhe as novas. Assim, mais que depressa, ele foi atrás de Natanael e o levou a Jesus.

Ao que parece, Natanael foi encontrado por Filipe no mesmo lugar ou perto de onde o Senhor o encontrara. A rápida descrição de como Natanael foi até Jesus nos oferece muitas pistas sobre seu caráter. A partir dela, aprendemos um bocado de coisas sobre o tipo de pessoa que era Natanael.

Seu amor pelas Escrituras

Um dos fatos marcantes sobre Natanael fica evidente na maneira que Filipe anunciou a ele que havia encontrado o Messias: "Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas" (João 1:45). Obviamente, a verdade das Escrituras era algo importante para Natanael. Filipe conhecia Natanael, de modo que sabia que Natanael ficaria curioso com a notícia de que Jesus era Aquele sobre o qual Moisés e os profetas haviam falado nas Escrituras. Portanto, quando Filipe contou a Natanael sobre o Messias, o qual haviam encontrado, ele o fez do ponto de vista da profecia do Antigo Testamento. O fato de Filipe apresentar Jesus dessa maneira sugere que Natanael *conhecia* as profecias do Antigo Testamento.

Isso, provavelmente, indica que Natanael e Filipe estudavam o Antigo Testamento juntos. É bem possível que tivessem ido juntos ao deserto para ouvir João Batista. Possuíam um interesse em comum pelo cumprimento da profecia do Antigo Testamento. Filipe, obviamente, sabia que a notícia sobre Jesus iria empolgar Natanael.

Observe que ele não disse: "Encontrei um homem que tem um plano maravilhoso para a sua vida". Não disse: "Encontrei um homem que resolverá os seus problemas pessoais e conjugais e dará sentido à sua vida". Não apelou para Natanael tomando por base como Jesus tornaria melhor a vida *dele*. Filipe falou de Jesus como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, pois sabia que Natanael estudava com avidez o Antigo Testamento e já estava em busca da verdade divina.

É interessante observar que, coincidentemente, todos os apóstolos, com exceção de Judas Iscariotes, já estavam, até certo ponto, buscando a verdade divina antes de se encontrarem com Jesus. Já estavam sendo atraídos pelo Espírito de Deus. O coração deles já se encontrava aberto para a verdade e ansiavam conhecê-la. Eram sinceros em seu amor a Deus e em seu desejo de conhecer a verdade e receber o Messias. Nesse sentido, eram muito diferentes da instituição religiosa, dominada pela hipocrisia e falsa devoção. Os discípulos eram autênticos.

É bem possível que Filipe e Natanael tivessem passado longas horas estudando juntos as Escrituras, procurando discernir na lei e nos profetas a verdade sobre a vinda do Messias. E o fato de serem tão bem treinados nas Escrituras, sem dúvida, explica por que foram também rápidos em responder ao chamado de Jesus. No caso de Natanael, isso ficou particularmente manifesto. Ele foi nítida e imediatamente capaz de reconhecer Jesus, pois possuía uma compreensão clara do que as Escrituras diziam a respeito dele. Natanael sabia o que dizia a promessa, de modo que, quando viu seu cumprimento, ele o reconheceu. Ele sabia sobre Aquele a respeito do qual Moisés e os profetas haviam escrito e reconheceu Jesus como sendo essa pessoa depois de um diálogo extremamente breve com ele. Natanael aceitou-o e recebeu-o sem delongas. Isso foi possível, pois Natanael havia estudado as Escrituras com grande diligência.

Filipe lhe disse: "[É] Jesus, o Nazareno, filho de José". "Jesus" era um nome comum — no aramaico, *Y'shua*. Trata-se do mesmo nome traduzido como "Josué", no Antigo Testamento. Seu significado expressivo é "Iavé é salvação" ("porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" — Mateus 1:21). Filipe usou a expressão "filho de José" como uma espécie de sobrenome — "Jesus Bar-José", assim como seu amigo era "Natanael Bar-Tolmai". Essa era a maneira comum de as pessoas se identificarem. (Era o equivalente hebraico dos atuais sobrenomes, como Júnior, Filho ou Neto. Ao longo da história, as pessoas têm sido identificadas dessa forma, com nomes e sobrenomes derivados dos de seus pais.)

Deve ter havido certa dose de surpresa na voz de Filipe. Era como se ele estivesse dizendo: "Você não vai acreditar, mas Jesus, filho de José, o filho do carpinteiro de Nazaré, é o Messias!".

Seu preconceito

Então, o versículo 46 nos revela um pouco mais do caráter de Natanael. Apesar de estudar as Escrituras e buscar o verdadeiro conhecimento de Deus; apesar de ter um forte interesse espiritual e ter sido fiel, diligente e

honesto em sua devoção a Deus, ele era humano. Natanael tinha certos preconceitos. Eis sua resposta: “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?”

Ele *poderia* ter dito: “De acordo com o que li no Antigo Testamento, o profeta Miqueias diz que o Messias virá de Belém [Malaquias 5:2] e não de Nazaré”. Poderia ter dito: “Mas Filipe, o Messias é identificado com Jerusalém, pois irá reinar lá”. Contudo, do fundo de seu preconceito vêm as palavras que escolheu: “De Nazaré pode vir alguma coisa boa?”.

Não se tratava de uma objeção bíblica ou racional; baseava-se na pura emoção e intolerância. Isso demonstra o quanto Natanael desprezava toda a cidade de Nazaré. Francamente, Caná também não era uma cidade de muito prestígio. Até hoje, não tem nada de excepcional. A menos que você esteja procurando o santuário construído no suposto lugar em que Jesus transformou água em vinho, é provável que você não queira ir para lá. Caná era uma cidade fora de mão, enquanto Nazaré pelo menos ficava numa intersecção de estradas. Para irem do Mediterrâneo à Galileia, as pessoas passavam por Nazaré. Uma das principais rotas que iam para o norte e o sul, entre Jerusalém e o Líbano, cortava Nazaré. Ninguém jamais “passava” pela pequena Caná; ela ficava afastada de tudo. Assim, a falta de qualquer atrativo em Nazaré não explica inteiramente o preconceito de Natanael. Seu comentário, provavelmente, reflete uma rivalidade cívica entre Nazaré e Caná.

Nazaré era uma cidade tosca. Era de uma cultura pouco requintada e cortês. (Não muito diferente do que é nos dias de hoje.) Não é um lugar particularmente pitoresco. Apesar de ficar num ponto agradável, nas encostas dos montes da Galileia, não é uma cidade muito memorável e era menos ainda nos tempos de Jesus. O povo da Judeia considerava os galileus inferiores, mas até mesmo os galileus desprezavam os nazarenos. Apesar de ser de uma vila ainda mais humilde, Natanael só estava repetindo o desdém geral dos galileus pelos nazarenos.

Vemos aqui, mais uma vez, que Deus se compraz de usar as coisas comuns, frágeis e humildes deste mundo para confundir os sábios e poderosos (veja 1Coríntios 1:27). Chama até pessoas dos lugares mais

desprezados. Ele também pode tomar uma pessoa imperfeita, cegada por seu preconceito e transformá-la num instrumento seu para mudar o mundo. No final, a única explicação é o poder de Deus, de modo que toda a glória cabe a ele.

Para Natanael, era inconcebível o Messias vir de um lugar tão deselegante quanto Nazaré. Era um lugar inculto, cheio de perversidade, corrupto, habitado por pecadores. Natanael simplesmente não esperava que qualquer coisa boa pudesse vir de lá. Estava alheio ao fato um tanto óbvio de que ele próprio havia vindo de uma comunidade igualmente desprezível.

Não há nada de belo no preconceito. As generalizações baseadas em sentimentos de superioridade e não em fatos podem ser espiritualmente debilitantes. O preconceito separa muitas pessoas da verdade. Aliás, grande parte de Israel rejeitou seu Messias por causa do preconceito. Também não puderam crer que seu Messias viria de Nazaré. Era inconcebível para eles que o Messias e todos os seus apóstolos fossem da Galileia. Zombavam dos apóstolos por serem galileus ignorantes. Os fariseus escarneceram de Nicodemos dizendo: "Dar-se-á caso que também tu és da Galileia? Examina e verás que dá Galileia não se levanta profeta" (João 7:52). Eles não gostavam do fato de que Jesus falava contra a instituição religiosa de Jerusalém. E tanto em relação aos líderes religiosos como as pessoas sentadas nas sinagogas, até certo ponto, foi o preconceito que os levou a rejeitá-lo. Isso ocorreu até mesmo na própria cidade natal de Jesus. Zombaram de Jesus por ser filho de José (Lucas 4:22). Ele não tinha honra nem mesmo em sua própria terra, pois não passava do filho de um carpinteiro (versí-culo 24). E a sinagoga toda em Nazaré — sua própria sinagoga, na qual ele havia crescido — encheu-se de tamanho preconceito contra Jesus, depois que ele pregou uma única mensagem, que tentaram levá-lo até o alto de um monte sobre o qual ficava a cidade, a fim de atirarem-no para baixo e matá-lo (versículos 28-29).

O preconceito distorceu a visão deles sobre o Messias. O povo de Israel tinha preconceito contra Jesus, pois era um galileu e nazareno. Tinham preconceito contra ele, pois era uma pessoa inculta, que não fazia parte da

instituição religiosa. Tinham preconceito especialmente contra sua mensagem. E seu preconceito separou-os do evangelho. Recusaram-se a ouvir Jesus por intolerância cultural e religiosa.

John Bunyan sabia do perigo do preconceito. Em sua famosa alegoria *Guerra santa*, ele retrata as forças de Emanuel vindo para trazer o evangelho à cidade de Alma-Humana. Elas concentraram seu ataque na Entrada do Ouvido, pois a fé vem pelo ouvir. Porém Diabolus, o inimigo de Emanuel e suas forças, desejava manter Alma-Humana cativa do inferno. Assim, Diabolus decidiu atacar, colocando um guarda especial na Entrada do Ouvido. O guarda que escolheu foi "o velho Sr. Preconceito, um sujeito irado e de péssima disposição". De acordo com Bunyan, fizeram do Sr. Preconceito "capitão daquela porta e colocaram sob seu comando sessenta homens, chamados de homens surdos; homens que apresentavam uma vantagem para aquele serviço, uma vez que não faziam caso de nenhuma palavra dos capitães nem dos soldados". Esta é uma descrição bastante vívida de quantas pessoas tornam-se impenetráveis à verdade do evangelho. São ensurdecidas para a verdade por seu próprio preconceito.

Vários tipos de preconceito fecham os ouvidos dos seres humanos para o evangelho: racial, social, religioso e intelectual. Com efeito, o preconceito levou grande parte de Israel, como nação, a permanecer surda ao Messias. Satanás havia colocado o Sr. Preconceito e seu bando de homens surdos à porta de Israel. Por isso, Jesus "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11).

John Bunyan usou a imagem da surdez. O apóstolo Paulo empregou a metáfora da cegueira: "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2Coríntios 4:3-4). Ensurdecidos e cegados pelo preconceito contra a verdade, não entenderam a mensagem. As coisas ainda são assim nos dias de hoje.

Natanael vivia numa sociedade de disposição preconceituosa. Na verdade, todos os pecadores têm essa propensão. Fazemos comentários

preconceituosos. Tiramos conclusões preconceituosas sobre indivíduos, classes de pessoas e sociedades inteiras. Assim como nós, Natanael tinha essa tendência pecaminosa. A princípio, seu preconceito o levou a duvidar quando Filipe disse-lhe que o Messias era nazareno.

Felizmente, seu preconceito não foi forte o suficiente para impedi-lo de chegar a Cristo. "Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê" (versículo 46). Essa é a forma correta de lidar com o preconceito: confrontá-lo com os fatos. O preconceito é subjetivo, baseia-se em sentimentos. Não reflete necessariamente a realidade da questão. Assim, o remédio para o preconceito é ver com honestidade uma realidade objetiva: "vem e vê".

Natanael foi. Felizmente, seu entendimento preconceituoso não era tão poderoso quanto seu coração, que buscava a verdade.

Sua sinceridade de coração

O aspecto mais importante do caráter de Natanael é expressado pelos lábios de Jesus. O Mestre já conhecia Natanael. Ele "não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana" (João 2:25). Assim, suas primeiras palavras ao ver Natanael foi um elogio de grande efeito sobre o caráter de Natanael. Jesus viu Natanael vindo em sua direção e disse sobre ele: "Eis um verdadeiro israelita, em que não há dolo!" (João 1:47).

Você pode imaginar algo mais maravilhoso do que ouvir palavras de aprovação como essas vindas da boca de Jesus? É uma daquelas coisas para se ouvir no fim da vida, juntamente com "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor" (veja Mateus 25:21, 23). Com frequência ouvimos discursos elogiosos em funerais que exaltam as virtudes do falecido. Mas o que você acharia se Jesus dissesse isso a você logo de início?

Essas palavras dizem muito sobre o caráter de Natanael. Desde o princípio, ele possuía um coração puro. Certamente, era humano. Tinha imperfeições pecaminosas. Seu entendimento era prejudicado por certo grau

de preconceito. No entanto, em seu coração não havia má-fé. Ele não era hipócrita. Seu amor a Deus e seu desejo de ver o Messias eram verdadeiros. Seu coração era sincero e sem malícia.

Jesus refere-se a ele como um "verdadeiro israelita". A palavra usada no texto grego é *alethos*, que significa "autêntico, genuíno". Ele era um israelita autêntico.

Não se trata de uma referência à sua descendência física de Abraão. Jesus não estava falando de genética. Estava associando a condição de Natanael, como verdadeiro israelita, ao fato de não haver nele nenhum dolo. Sua sinceridade era o que o definia como autêntico israelita. Grande parte dos israelitas do tempo de Jesus não eram pessoas autênticas e sim, hipócritas. Eram falsos. A vida que levavam era recoberta de um verniz de espiritualidade, mas não era real e, portanto, não podiam ser considerados verdadeiros filhos espirituais de Abraão. Natanael, porém, era verdadeiro.

Em Romanos 9:6-7, o apóstolo Paulo diz: "nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos". Em Romanos 2:28-29, ele escreve: "Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus".

Ele era um israelita autêntico, um dos verdadeiros filhos espirituais de Abraão. Ali estava alguém que adorava o verdadeiro Deus vivo, sem dolo e sem hipocrisia. Natanael era 100% legítimo. Mais tarde, em João 8:31, Jesus disse: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos". A palavra grega usada para "verdadeiramente" é a mesma, *alethos*.

Natanael era um verdadeiro discípulo desde o início. Não havia nele qualquer hipocrisia. Isso era muito incomum e particularmente raro na Israel do primeiro século. Lembre-se de que Jesus chamou de hipócritas todos que faziam parte da instituição religiosa da época. Mateus 23:13-33 relata um discurso violento e impressionante contra os escribas e fariseus,

no qual Jesus os chama de hipócritas de todas as maneiras possíveis. As sinagogas também estavam cheias deles. A hipocrisia era uma praga dentro daquela cultura e afetava desde os líderes em posições mais elevadas até o povo das ruas. Mas ali estava um verdadeiro judeu sem hipocrisia. Ali estava um homem cujo coração era circuncidado, purificado da corrupção. Sua fé era autêntica. Sua devoção a Deus era real. Ao contrário dos escribas e fariseus, não havia nele qualquer má-fé. Era verdadeiramente um homem justo — imperfeito por causa do pecado, como todos nós — mas justificado diante de Deus por meio de uma fé viva e verdadeira.

Sua fé desejosa

Pelo fato de seu coração ser sincero e sua fé ser real, Natanael superou o preconceito. Suas palavras a Jesus e a narração que segue revelam seu verdadeiro caráter. A princípio, Natanael ficou simplesmente admirado que Jesus parecia saber qualquer coisa a seu respeito. "Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces?" (João 1:48).

Devemos supor que Natanael ainda estava desconfiado se era possível que esse homem fosse o verdadeiro Messias. Com isso, não estava questionando a avaliação de Filipe; ele era seu amigo, de modo que Natanael, certamente, o conhecia bem o suficiente para saber que Filipe — o tipo organizacional indeciso — não teria chegado a uma conclusão precipitada. Certamente, não se tratava de um questionamento das Escrituras ou de Natanael ter uma tendência ao ceticismo. Era só que esse homem de Nazaré não parecia se encaixar com a imagem do Messias que Natanael havia formado em sua mente. Jesus era o filho de um carpinteiro, um joão-ninguém, um homem sem prestígio de uma cidade que não tinha nenhuma relação com qualquer profeta. (No tempo do Antigo Testamento, Nazaré nem sequer existia). E então, Jesus havia se dirigido a ele como se soubesse tudo a seu respeito e pudesse até mesmo ver seu coração. Natanael só estava tentado entender tudo aquilo.

“Donde me conheces?” Talvez com isso ele quisesse dizer: “Você só está me adulando? Está tentando transformar-me em um de seus seguidores ao cobrir-me de elogios? Como você poderia saber o que está em meu coração?”.

“Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira” (versículo 48). Aquilo mudava tudo. Não era adulação; era onisciência! Jesus não estava fisicamente presente para ver Natanael sob a figueira. Natanael sabia disso. De repente, ele se deu conta de que estava na presença de Alguém que podia ver o mais profundo de seu coração com olhos oniscientes.

Qual era o significado da figueira? É bem provável que fosse o lugar aonde Natanael ia para estudar e meditar sobre as Escrituras. As casas dos israelitas, normalmente, eram construções pequenas, com um só cômodo. Cozinhava-se quase tudo ali dentro, de modo que sempre havia um fogo aceso, mesmo no verão. Com isso, o cômodo podia ficar cheio de fumaça e abafado. Costumava-se plantar árvores ao redor da casa para mantê-la fresca e à sombra. Uma das melhores árvores para se plantar era a figueira, pois dava frutos maravilhosos e boa sombra. As figueiras atingem a altura máxima de quatro metros e meio. Têm um tronco relativamente curto e retorcido, e seus galhos são baixos e espalham-se por até sete a nove metros. Uma figueira perto de casa oferecia uma grande área externa protegida e com sombra. Se alguém queria escapar do barulho e do ambiente abafado da casa, podia sair e descansar sob a sombra da figueira. Era uma espécie de recanto particular ao ar livre, perfeito para meditar, refletir e ficar só. Sem dúvida, era para lá que Natanael ia, a fim de estudar as Escrituras e orar.

Na verdade, Jesus estava dizendo: “Sei qual é a disposição de seu coração, pois vi você debaixo da figueira. Sabia o que você estava fazendo. Ali era o seu refúgio particular. Era para lá que você ia, a fim de orar e meditar. Vi você naquele lugar secreto. Sabia o que você estava fazendo”. Não era apenas o fato de Jesus ter visto o seu *lugar*, mas de ter visto também o seu *coração*. Ele sabia da sinceridade do caráter de Natanael,

pois podia ver o mais profundo de seu ser, quando ele estava debaixo da figueira.

Para Natanael, isso bastou. “Exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és Rei de Israel!” (versículo 49).

O evangelho todo de João foi escrito para provar que Jesus é o Filho de Deus (João 20:31). As primeiras palavras de João são uma declaração de grande efeito sobre a divindade de Jesus (“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”). Todos os pontos de seu evangelho têm por objetivo provar que Jesus é o Filho de Deus — que compartilha da mesma essência de Deus — ao ressaltar seus milagres, seu caráter sem pecado algum, a sabedoria divina de seus ensinamentos e seus atributos, que são os atributos de Deus. João escreve para mostrar as muitas formas pelas quais Jesus manifestou-se como Deus. E aqui, no primeiro capítulo, ele apresenta o testemunho de Natanael, de que esse Jesus é o Filho onisciente de Deus. Ele consiste exatamente da mesma essência que Deus.

Lembre-se de que esta é justamente a mesma verdade que Filipe, o amigo de Natanael, ainda não havia entendido de todo dois anos depois, uma vez que ele disse a Jesus no Cenáculo: “Mostra-nos o Pai” (João 14:8-9). O que Filipe só foi entender no fim, seu amigo Natanael compreendeu bem no início.

Natanael conhecia o Antigo Testamento. Estava familiarizado com o que os profetas haviam dito. Sabia a quem deveria procurar. E agora, apesar do fato de Jesus ser de Nazaré, sua onisciência, sua percepção espiritual, sua capacidade de ver o que estava dentro do coração dele eram suficientes para que Natanael se convencesse de que aquele era, de fato, o Messias.

O conhecimento que Natanael possuía da mensagem profética sobre o Messias, no Antigo Testamento, pode ser visto claramente em sua resposta a Jesus (“Tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!”). O Salmo 2 indicava claramente que o Messias seria o Filho de Deus. Muitas profecias do Antigo Testamento referiam-se a ele como o “Rei de Israel”, incluindo Sofonias 3:15 (“O SENHOR afastou as sentenças que eram contra ti e lançou

fora o teu inimigo; e o Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de ti; tu já não verás mal algum") e Zacarias 9:9 ("Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta"). Miqueias 5:2, o mesmo versículo que predisse o seu nascimento em Belém, referiu-se a ele como "o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" — identificando-o não apenas como Rei, mas também como o Eterno. Assim, quando Natanael viu prova da onisciência de Jesus, reconheceu-o imediatamente como o Messias prometido, o Filho de Deus e Rei de Israel.

Natanael era como Simeão, que tomou nos braços o menino Jesus e disse: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel" (Lucas 2:29-32). Imediatamente, ele reconheceu Jesus como Aquele pelo qual ele estivera esperando. Natanael, um estudante dedicado das Escrituras, era um verdadeiro judeu que havia esperado pelo Messias e sabia que quando ele viesse, seria o Filho de Deus e o Rei. Em momento algum foi um daqueles que assumiram apenas um compromisso parcial. Desde o primeiro dia, entendeu completamente e comprometeu-se sem reservas.

"Ao que Jesus lhe respondeu: Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo, que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (João 1:50-51). Jesus confirmou a fé de Natanael e prometeu que ele veria coisas ainda maiores do que uma simples demonstração da sua onisciência. Se um mero comentário sobre a figueira fora suficiente para convencer Natanael de que aquele era o Filho de Deus e o Rei de Israel, então ele ainda não tinha visto nada. Dali em diante, tudo o que contemplaria, serviria para enriquecer e aumentar sua fé.

A maioria dos discípulos debateu-se só para conseguir chegar até o lugar em que Natanael estava depois de seu primeiro encontro com Cristo. Mas, para Natanael, o ministério de Cristo simplesmente confirmou o que ele já sabia ser verdade. Como é maravilhoso ver alguém tão digno de confiança e que confia com tanta facilidade desde o início, de modo que para ele, os três anos com Jesus foram apenas o desdobramento de um panorama de realidade sobrenatural!

No Antigo Testamento, Jacó teve um sonho no qual havia "uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela" (Gênesis 28:12). As palavras de Jesus a Natanael fazem referência a esse relato do Antigo Testamento. *Ele* era a escada. E Natanael veria os anjos de Deus subindo e descendo por ele. Em outras palavras, Jesus é a escada que liga o céu à terra.

Isso é tudo que sabemos sobre Natanael, tomando por base as Escrituras. Registros da igreja primitiva sugerem que ele ministrou na Pérsia e na Índia e levou o evangelho até a Armênia. Não há nenhum registro confiável de como ele morreu. Uma tradição diz que ele foi amarrado dentro de um saco e lançado ao mar. Outra tradição diz que ele foi crucificado. Todos os relatos, porém, afirmam que ele foi martirizado, como todos os outros apóstolos, exceto João.

O que, *de fato*, sabemos, é que Natanael foi fiel até o fim, pois foi fiel desde o começo. Tudo o que ele experimentou com Cristo e aquilo que veio a experimentar, depois do nascimento da igreja do Novo Testamento, acabou por tornar sua fé ainda mais forte. E, assim como os outros apóstolos, Natanael é prova de que Deus pode pegar as pessoas mais comuns, dos lugares mais insignificantes, e usá-las para sua glória.

8

Mateus
O coletor de impostos

Tomé
O Dídimo

Partindo Jesus dali, viu um homem, chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu.

Mateus 9:9

Então Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele.

João 11:16

Como vimos desde o começo, um dos fatos que se destaca na vida de todos os doze apóstolos é o quanto eram comuns e incultos quando Jesus os encontrou. Exceto por Judas Iscariotes, os doze vinham da Galileia. Aquela região toda era predominantemente rural, sendo formada por cidades pequenas e vilarejos. Seu povo não fazia parte da elite. Não eram conhecidos por terem um alto grau de instrução. Constituíam os mais comuns dentre os comuns — pescadores e lavradores.

Assim também eram os discípulos. Cristo intencionalmente ignorou os aristocratas e influentes e escolheu homens que, na maioria, eram

considerados ralé.

Deus sempre usou esse sistema. Ele exalta os humildes e abate os soberbos. “Da boca de pequeninos e crianças de peito [Deus suscitou] força” (Salmos 8:2). “Porque ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó. O pé a pisará; os pés dos aflitos, e os passos dos pobres” (Isaías 26:5-6). Deus disse a Israel: “Deixarei, no meio de ti, um povo modesto e humilde, que confia em o nome do SENHOR” (Sofonias 3:12). “Assim diz o SENHOR Deus: Tira o diadema e remove a coroa; o que é há não será o mesmo; será exaltado o humilde e abatido o soberbo” (Ezequiel 21:26).

Não deve causar surpresa, portanto, o fato de Cristo ter desdenhado do elitismo religioso. Os líderes religiosos do tempo de Jesus (assim como a maioria das celebridades religiosas até os dias de hoje) eram líderes cegos guiando outros cegos. A maioria dos membros da instituição judaica no tempo de Jesus era tão espiritualmente cega que, mesmo quando Cristo veio e fez milagres diante dos seus olhos, ainda assim não o considerou o Messias. Em vez disso, viu-o como um intruso. Eles encararam-no com um inimigo. E desde o começo, desde a primeira vez em que Jesus pregou em público, procuraram um modo de matá-lo (Lucas 4:28-29).

No final, o sumo sacerdote e o conselho governante de Israel lideraram a multidão num clamor pelo sangue de Jesus. Ele era odiado pela instituição religiosa. Assim, não é de se admirar que, quando chegou a hora de Jesus selecionar e nomear os apóstolos, ele ignorou a elite religiosa e, ao invés disso, escolheu homens simples de fé, os quais, pelos padrões humanos, eram absolutamente comuns.

Não se tratava de os líderes religiosos hipócritas não crerem nos milagres de Jesus. Em parte alguma nas páginas do registro dos Evangelhos alguém negou a *realidade* dos milagres de Jesus. Quem iria negá-los? Eram milagres demais e haviam sido realizados de modo público demais para serem rejeitados até pelos contestadores mais céticos. É claro que, em seu desespero, alguns tentaram atribuir os milagres de Jesus ao poder de Satanás (Mateus 12:24). No entanto, em momento algum alguém negou que

os milagres fossem *reais*. Qualquer um podia ver que Jesus tinha o poder de expulsar demônios e realizar milagres quando bem entendesse. Ninguém podia, honestamente, questionar se, de fato, ele possuía poder sobre o mundo sobrenatural.

Assim, o que irritava os líderes religiosos não eram os milagres. Eles poderiam ter se conformado com o fato de que ele era capaz de andar sobre as águas ou produzir comida para alimentar milhares de pessoas. O que *não* podiam tolerar, contudo, era serem chamados de pecadores. Não iriam reconhecer que eram pobres, cegos, cativos e oprimidos (Lucas 4:18). Eram hipócritas demais para isso. Assim, quando Jesus veio (como João Batista havia feito antes dele) pregando o arrependimento e dizendo que eram pessoas pecadoras, miseráveis, cegas e perdidas, prisioneiras de sua própria iniquidade e que precisavam de perdão e purificação, eles não quiseram e não puderam tolerar tais coisas. Dessa forma, em última análise, era por causa de sua *mensagem* que eles o odiavam, o difamavam e que, por fim, executaram-no.

É justamente por isso que, quando chegou a hora de Jesus designar os apóstolos, ele escolheu homens humildes e comuns. Eram homens que não relutavam em reconhecer sua própria pecaminosidade.

Mateus, o publicano

É bem provável que nenhum dos doze fosse um pecador mais declarado do que Mateus. Em Marcos 2:14, ele é chamado por seu nome judeu, "Levi, filho de Alfeu". Lucas refere-se a ele como "Levi", em Lucas 5:27-29, e como "Mateus", quando apresenta a lista dos doze, em Lucas 6:15 e Atos 1:13.

Mateus, obviamente, é o autor do evangelho que leva o seu nome. Por esse motivo, seria de se esperar que houvesse uma profusão de detalhes sobre esse homem e seu caráter. Mas a verdade é que sabemos muito pouco sobre Mateus. A única coisa da qual temos certeza é que ele era um homem humilde e retraído, que se colocou totalmente em segundo plano ao longo

de seu extenso relato da vida e do ministério de Jesus. Em todo o seu evangelho, ele menciona seu próprio nome em apenas duas ocasiões. (Uma delas é quando relata o seu chamado e a outra é quando apresenta a lista dos doze apóstolos).

Quando Jesus o chamou, Mateus era um coletor de impostos, um publicano. Essa é a última qualificação que poderíamos esperar encontrar num homem que viria a tornar-se um apóstolo de Cristo, um dos principais líderes da igreja e um pregador do evangelho. Afinal, os coletores de impostos eram as pessoas mais desprezadas de Israel. Eram odiados e rejeitados por toda a sociedade judaica. Eram considerados mais abjetos que os herodianos (judeus leais à dinastia idumeia de Herodes) e mais dignos de desdém do que os soldados romanos que haviam ocupado Israel. Os publicanos eram homens que compravam do imperador romano o direito de cobrar impostos e que depois extorquiam do povo de Israel o dinheiro para encher os cofres romanos e seus próprios bolsos. Com frequência, arrancavam dinheiro das pessoas à força através de seus capangas. Quase todos eram salafrários desprezíveis, odiosos e sem princípios.

Mateus 9:9 registra o chamado desse homem. O relato aparece do nada, pegando o leitor totalmente de surpresa: "Partindo Jesus dali [Cafarnaum], viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu". Esse é o único instante em que vemos Mateus em seu próprio evangelho.

Nos versículos seguintes, Mateus prossegue dizendo: "E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos" (versículo 10). Lucas revela que, na verdade, tratou-se de um enorme banquete que Mateus ofereceu em sua própria casa em homenagem a Jesus. Ao que parece, ele convidou muitos de seus colegas publicanos e vários outros párias da sociedade para conhecerem Jesus. Como vimos no caso de Filipe e André, o primeiro impulso de Mateus, depois de seguir a Jesus, foi levar a ele seus amigos mais próximos e apresentá-los para o Salvador. Ele estava tão empolgado de ter encontrado o Messias, que desejava apresentar Jesus para todos que

conhecia. Assim, ele organizou um grande banquete em homenagem a Jesus e convidou todas essas pessoas.

Lucas relata o que ocorreu naquela ocasião: “Então, lhe ofereceu Levi um grande banquete em sua casa; e numerosos publicanos e outros estavam com eles à mesa. Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores? Respondeu-lhes Jesus: Os sãos não precisam de médico e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento” (Lucas 5:29-32).

Por que Mateus convidou coletores de impostos e outros indivíduos desprezíveis? Pois eram o único tipo de gente que ele conhecia. Eram os únicos que se relacionavam com um homem como Mateus. Ele não conhecia bem o suficiente ninguém da elite social para convidá-los a irem à sua casa. Era um coletor de impostos, e os coletores de impostos encontravam-se na mesma classe social que as meretrizes (Mateus 21:32). Para um homem *judeu* como Mateus, ser um coletor de impostos era ainda pior. Tal ocupação transformava-o num traidor de sua nação, num pária social, no mais abjeto dos abjetos. Provavelmente, também era um excluído religioso, proibido de entrar em qualquer sinagoga.

Assim, os seus únicos amigos eram criminosos, vagabundos, prostitutas e gente dessa laia. Foram essas pessoas que ele convidou à sua casa para conhecer a Jesus. De acordo com o relato do próprio Mateus, Jesus e seus discípulos foram de bom grado e comeram com eles.

É claro que as pessoas da instituição religiosa ficaram indignadas e escandalizadas. Não tardaram em expressar suas críticas aos discípulos. No entanto, Jesus retrucou dizendo que eram justamente as pessoas doentes que precisavam de um médico. Ele não tinha vindo para chamar os hipócritas ao arrependimento, mas sim os pecadores. Em outras palavras, não havia nada que ele pudesse fazer pela elite religiosa enquanto seus membros teimassem em manter a aparência piedosa e dissimulada. Contudo, pessoas como Mateus, que estavam dispostas a confessar seus pecados, seriam perdoadas e redimidas.

É interessante observar que três coletores de impostos são mencionados especificamente nos Evangelhos e cada um deles encontrou o perdão. Em Lucas 19:2-10, vemos Zaqueu; um publicano é mencionado na parábola de Lucas 18:10-14; e Mateus é chamado por Jesus. Além disso, Lucas 15:1 diz que "Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir". Em Lucas 7:29, depois que Jesus elogiou o ministério de João Batista, "Todo o povo que o ouviu e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, tendo sido batizados com o batismo de João". Jesus admoestou os líderes religiosos com as seguintes palavras: "Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele" (Mateus 21:31-32).

A parábola do fariseu e do publicano, em Lucas 18:10-14, pode muito bem ter sido baseada num acontecimento real. Jesus disse:

> Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas todo o que se humilha será exaltado.

Observe que o publicano ficou "longe". Era preciso que o fizesse. Não tinha permissão de ir além do pátio dos gentios no templo. Na verdade, os coletores de impostos tinham de ficar afastados de qualquer grupo, uma vez que eram tão odiados. O Talmude judaico ensinava que era certo enganar um coletor de impostos e mentir para ele, pois era isso que merecia alguém cuja profissão baseava-se em extorquir dos outros.

Obviamente, os coletores de impostos tinham uma certa quantia que eram autorizados a coletar para o governo (veja Mateus 22:21; Romanos

13:7). No entanto, havia um acordo tácito com o imperador romano que permitia-lhes tributar outras taxas e impostos adicionais que conseguissem e ficar com uma porcentagem para si.

Havia dois tipos de coletores de impostos, os *gabbai* e os *mokhes*. Os gabbai eram coletores de impostos gerais. Coletavam impostos sobre propriedades, rendas e o imposto censitário, que todo adulto deveria pagar. Esses impostos eram determinados por tributações oficiais, de modo que, nesse nível, não havia muita corrupção. Os mokhes, porém, coletavam impostos sobre importações ou exportações, bens para o comércio interno e sobre praticamente tudo o que era transportado nas estradas. Colocavam cabines de pedágio nas estradas e pontes, e taxavam animais de carga e eixos dos carros de transporte; cobravam ainda tarifas sobre encomendas, cartas e tudo o que conseguissem taxar. Suas tributações eram, com frequência, arbitrárias e injustificadas.

Havia dois tipos de mokhes — os grandes mokhes e os pequenos mokhes. O grande mokhe ficava nos bastidores e contratava outros para arrecadarem impostos para ele. (Ao que parece, Zaqueu era um grande mokhe — "maioral dos publicanos" — Lucas 19:2). Mateus era, evidentemente, um pequeno mokhe, pois trabalhava numa coletoria, onde tratava diretamente com o público (Mateus 9:9). Ele era aquele que as pessoas viam e do qual mais se ressentiam. Era o pior dentre os piores. Qualquer judeu de bem, em sã consciência, jamais escolheria ser um coletor de impostos. Ele havia, sem dúvida alguma, se afastado não apenas de seu próprio povo, mas também de seu Deus. Afinal, tendo em vista que não podia frequentar a sinagoga e era proibido de oferecer sacrifícios e adoração no templo, na realidade, encontrava-se em pior situação do que um gentio. Assim, deve ter ficado estupefato quando Jesus o escolheu. Veio do nada. De acordo com o relato do próprio Mateus, Jesus o viu sentado na coletoria e disse: "Segue-me!" (Mateus 9:9).

Imediatamente e sem qualquer hesitação, Mateus "se levantou e o seguiu". Ele abandonou a coletoria. Deixou sua cabine de pedágio e renunciou à sua profissão amaldiçoada para sempre.

Uma vez tomada a decisão, era irreversível. Não havia escassez de pessoas gananciosas que cobiçavam uma franquia tributária como a de Mateus e, assim que ele saiu, certamente, outra pessoa assumiu seu lugar. Uma vez que Mateus renunciou à sua posição, não poderia nunca mais voltar atrás. De qualquer modo, em momento algum ele se arrependeu de sua decisão.

O que havia dentro de um homem como Mateus, que o fez largar tudo daquela forma? Podemos supor que ele era uma pessoa materialista. Do contrário, jamais teria se envolvido com uma ocupação como aquela. Então, por que ele deixou tudo para trás e seguiu a Jesus sem saber o que o futuro lhe reservava?

A melhor resposta que podemos deduzir é que, qualquer que fossem as experiências de sua alma atormentada por causa da profissão que havia escolhido, bem no fundo de seu ser, Mateus era um judeu que conhecia e amava o Antigo Testamento. Era um homem espiritualmente faminto. Em algum ponto de sua vida, mais provavelmente, *depois* de ter escolhido sua carreira desprezível, ele foi afligido por uma fome espiritual que o estava corroendo por dentro e, assim, Mateus começou sua busca. Obviamente, Deus *o* estava buscando e chamando para perto de si, e aquele chamado era irresistível.

Sabemos que Mateus conhecia muito bem o Antigo Testamento, pois seu evangelho cita o Antigo Testamento 99 vezes. São mais vezes do que Marcos, Lucas e João juntos. Fica evidente que Mateus estava consideravelmente familiarizado com o Antigo Testamento. Aliás, ele cita trechos da lei, dos salmos e dos profetas — ou seja, de todas as partes do Antigo Testamento. Assim, ele possuía um bom conhecimento das Escrituras que se encontravam à sua disposição. Ele deve ter realizado esse estudo do Antigo Testamento por iniciativa própria, uma vez que não podia ouvir a Palavra de Deus sendo explicada em nenhuma sinagoga. Ao que parece, em sua busca por preencher o vazio espiritual de sua vida, ele voltou-se para as Escrituras.

Ele acreditava no verdadeiro Deus. Por ter conhecimento do registro da revelação de Deus, ele compreendia as promessas sobre o Messias. Devia também saber sobre Jesus, pois ao trabalhar na coletoria à beira da estrada, é bem provável que ouvisse falar o tempo todo daquele homem que estava fazendo milagres, erradicando as enfermidades da Palestina e expulsando demônios das pessoas. Assim, quando Jesus apareceu e pediu a Mateus que o seguisse, sua fé era suficiente para que ele deixasse tudo e fosse com o Mestre. Sua fé é indicada claramente não apenas pelo modo imediato que respondeu ao chamado, mas também pelo fato de — depois de seguir a Jesus — ter realizado um banquete evangelístico em sua casa.

Isso é praticamente tudo o que sabemos sobre Mateus: ele conhecia o Antigo Testamento, cria em Deus, estava buscando o Messias, deixou tudo imediatamente quando encontrou Jesus e, na alegria de seu novo relacionamento, chamou os párias deste mundo e apresentou-os a Jesus. Tornou-se um homem de humildade silenciosa, que amava os excluídos e não dava lugar à hipocrisia religiosa — um homem de grande fé, que se entregou completamente ao senhorio de Cristo. Mateus é uma lembrança vívida de que o Senhor com frequência escolhe as pessoas mais desprezíveis deste mundo, redimindo-as, dando-lhes um novo coração e usando-as de formas admiráveis.

O perdão é o tema que permeia Mateus 9, depois do relato da conversão de Mateus. É claro que, mesmo como coletor de impostos, Mateus tinha consciência do seu pecado, da sua ganância e de que estava traindo seu próprio povo. Ele sabia que era culpado de corrupção, extorsão, opressão e abuso. No entanto, Jesus lhe disse: “Segue-me”. Mateus sabia que nesse chamado havia uma promessa inerente de perdão dos seus pecados. Seu coração há muito ansiava por esse perdão. E foi por isso que ele se levantou sem hesitar e dedicou o resto de sua vida a seguir a Cristo.

Sabemos que Mateus escreveu seu evangelho pensando no público judeu. A tradição diz que ele ministrou aos judeus, tanto em Israel como em outros lugares, durante muitos anos, antes de ser martirizado por sua fé. Não há nenhum relato confiável de como ele foi morto, mas as tradições

mais antigas indicam que foi queimado numa fogueira. Assim, esse homem, que abandonou uma carreira lucrativa sem pensar duas vezes, continuou disposto a dar tudo de si por Cristo, até o fim.

Tomé, o pessimista

O último apóstolo do segundo grupo de quatro, também é uma figura conhecida: Tomé. Ele, muitas vezes, é chamado de "Tomé, o descrente", mas é possível que esse não seja o título mais adequado para ele. Ele era melhor do que indica a tradição popular.

Contudo, provavelmente, é justo dizer que Tomé era uma pessoa um tanto negativa. Sofria de preocupação crônica. Pensava demais em tudo. Tinha a tendência de ficar ansioso e angustiado. Era como o burrinho Bisonho, nas histórias do ursinho Pooh. Sempre esperava pelo pior. Ao que parece, o pecado que mais o afligia era o pessimismo, e não a incredulidade.

De acordo com João 11:16, Tomé também era chamado de Dídimo, que significa, "algo formado de duas partes" ou "gêmeo". Aparentemente, tinha uma irmã ou irmão gêmeo que em momento algum é identificado nas Escrituras.

Assim como Natanael, Tomé é mencionado apenas uma vez nos três Evangelhos sinópticos. Em cada um dos casos, seu nome simplesmente aparece na lista juntamente com o dos outros doze apóstolos. Mateus, Marcos e Lucas não apresentam nenhum detalhe sobre ele. Tudo o que sabemos sobre seu caráter vem do evangelho de João.

A partir do relato de João, fica evidente que Tomé tinha uma tendência a olhar para as coisas mais tristes da vida. Em toda situação, parecia estar sempre esperando pelo pior. No entanto, apesar de seu pessimismo, alguns elementos maravilhosamente redentores de seu caráter transparecem naquilo que João diz sobre ele.

João menciona Tomé pela primeira vez no capítulo 11, versículo 16. É um único versículo, mas fala muito sobre o verdadeiro caráter de Tomé.

Nesse contexto, João está descrevendo o prelúdio da ressurreição de Lázaro. Jesus havia saído de Jerusalém, pois sua vida estava em risco naquela cidade, e "Novamente, se retirou para além do Jordão, para o lugar onde João Batista batizava no princípio; e ali permaneceu" (João 10:40). Grandes multidões foram ouvir Jesus pregar. João diz que "muitos ali creram nele" (versículo 42). É bem possível que esse tivesse sido o período mais produtivo de ministério que os discípulos haviam presenciado em todo o tempo desde que começaram a seguir Cristo. As pessoas estavam abertas para o evangelho. As almas começaram a ser convertidas. Jesus pôde ministrar livremente, sem a oposição dos líderes religiosos de Jerusalém.

Porém, esse tempo no deserto foi interrompido por um acontecimento. João escreve: "Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos" (11:1-2). Betânia ficava nas cercanias de Jerusalém. Jesus havia formado um relacionamento próximo e carinhoso com essa pequena família que ali vivia. Ele os amava com especial afeição. Havia se hospedado com aquela família e eles haviam suprido suas necessidades.

Agora, seu amigo Lázaro estava enfermo, e Maria e Marta mandaram avisar Jesus dizendo: "Senhor, está enfermo aquele a quem amas" (versículo 3). Elas sabiam que se Jesus fosse ver Lázaro, poderia curá-lo.

Era um dilema. Se Jesus chegasse tão perto de Jerusalém, certamente, enfrentaria o pior tipo de hostilidade. João 10:39 diz que os líderes procuravam prendê-lo. Já estavam determinados em seu intento de matá-lo. Ele havia conseguido escapar de suas garras uma vez, mas se voltasse a Betânia, certamente, seria descoberto e tentariam prendê-lo novamente.

Os discípulos devem ter dado um suspiro de alívio quando Jesus disse: "Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado" (11:4). O que ele *queria dizer*, obviamente, era que, *no final das contas*, a enfermidade de Lázaro não resultaria em morte. O Filho de Deus iria ser glorificado ao ressuscitar

Lázaro dentre os mortos. É claro que Jesus sabia que Lázaro iria morrer. Na verdade, sabia até a hora exata de sua morte.

Nas palavras de João, "Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava" (versículos 5-6). À primeira vista, essa justaposição de afirmações parece estranha: Jesus amava Lázaro e sua família, de modo que não fez nada enquanto Lázaro estava morrendo. Ele se demorou propositadamente, a fim de dar tempo para que Lázaro morresse. Mas este *foi* um ato de amor, pois, em última análise, a bênção que receberam com a ressurreição de Lázaro foi maior do que se ele tivesse simplesmente sido curado de sua enfermidade. Ela glorificou ainda mais a Cristo. Fortaleceu de forma imensuravelmente mais intensa a fé no Senhor. Assim, Jesus esperou mais dois dias de modo que, quando chegou a Betânia, Lázaro já havia falecido fazia quatro dias (versículo 39). É claro que, em seu conhecimento sobrenatural, Jesus sabia exatamente quando Lázaro havia morrido. Foi *por esse motivo* que ele esperou. "Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judeia" (versículo 7).

Os discípulos acharam que ele estava louco. Disseram: "Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?" (versículo 8). Eles francamente não queriam voltar a Jerusalém. O ministério no deserto estava desenvolvendo-se de modo fenomenal. Em Jerusalém, todos eles corriam o risco de ser apedrejados. Aquele não era um bom momento para visitar Betânia, que podia, praticamente, ser vista do templo, o "quartel-general" dos inimigos implacáveis de Jesus.

A resposta de Jesus é interessante. Ele apresenta-lhes uma ilustração. "Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz" (versículos 9-10). Em outras palavras, não havia necessidade de eles moverem-se furtivamente como se fossem criminosos. Ele estava decidido a fazer seu trabalho em plena luz do dia, pois é isso que se faz para *não* tropeçar. Aqueles que estavam andando em trevas é que corriam o risco de

tropeçar — especialmente os líderes religiosos que buscavam secretamente uma forma de matá-lo.

Jesus disse isso aos discípulos para que se acalmassem. Obviamente, não queriam que ele voltasse para lá e morresse. Jesus, porém, garantiu-lhes que não havia nada a temer. Sabia que a hora de sua morte viria de acordo com o tempo de Deus e não dos seus inimigos. Nosso Senhor deixou claro o seu propósito quando disse: "Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo" (versículo 11).

Os discípulos não entenderam e disseram: "Senhor, se dorme, estará salvo" (versículo 12). Se ele está apenas dormindo, por que não deixá-lo repousar? Afinal, Jesus já havia dito que a enfermidade de Lázaro não era para a morte. Os discípulos não conseguiam compreender a urgência da situação. Para eles, parecia que Lázaro estava em vias de se recuperar.

"Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono. Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele" (versículos 13-15).

Foi nesse momento que Tomé falou. É aqui que podemos encontrá-lo pela primeira vez nos relatos dos Evangelhos. "Então Tomé, chamado Dídimo, disse aos seus condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele" (versículo 16).

Trata-se de um comentário pessimista, o que é típico de Tomé. No entanto, é um pessimismo heroico. Tudo o que ele conseguia enxergar pela frente era uma tragédia. Estava convencido de que Jesus rumava diretamente para um apedrejamento. Contudo, se era isso que o Senhor estava decidido a fazer, Tomé estava firmemente resoluto a segui-lo e morrer com ele. Temos de admirar sua coragem.

Não é fácil ser um pessimista. É um modo miserável de se viver. Um otimista talvez teria dito algo como: "Vamos lá; vai dar tudo certo. O Senhor sabe o que está fazendo. Ele diz que não vai tropeçar. Vai dar tudo certo". Mas o pessimista diz: "Ele vai morrer e nós vamos morrer com ele". Pelo menos Tomé tinha coragem de ser leal, mesmo diante de seu

pessimismo. É muito mais fácil para um otimista ser leal. Ele sempre espera o melhor. É difícil um pessimista ser leal, pois ele está convencido de que vai acontecer o pior. Esse é o pessimismo heroico. Essa é a verdadeira coragem.

Tomé era dedicado a Cristo. Nesse sentido, é possível que fosse semelhante a João. Quando pensamos em alguém que amava a Jesus e era muito chegado a ele, normalmente, pensamos em João, pois ele estava sempre perto de Jesus. Contudo, fica claro, a partir desse relato, que Tomé não desejava viver sem Jesus. Se Jesus iria morrer, então Tomé estava preparado para ir com ele. Na realidade, ele diz: "Rapazes, aguentem firme; vamos lá para morrer. É melhor morrer com Cristo do que ser deixado para trás".

Tomé foi um modelo de força para o resto dos discípulos. Ao que parece, eles todos seguiram seu exemplo e disseram: "Tudo bem, vamos lá, vamos morrer" — de fato eles *foram* com Jesus para Betânia.

Fica evidente que Tomé possuía uma devoção profunda para com Cristo, que não podia ser enfraquecida nem mesmo por seu próprio pessimismo. Ele não se iludia, achando que seguir a Jesus seria fácil. Tudo o que podia ver eram as garras da morte prestes a prendê-lo. Mas seguiu a Jesus com uma coragem inabalável. Se preciso fosse, estava decidido a morrer pelo Senhor em vez de abandoná-lo. Preferia morrer a ser deixado para trás e separado de Cristo.

O amor profundo de Tomé pelo Senhor aparece novamente em João 14. Você deve se lembrar de nosso estudo sobre Filipe, que Cristo estava falando-lhes de sua partida iminente. "Vou preparar-vos lugar" (João 14:2). "E vós sabeis o caminho para onde eu vou" (versículo 4).

No versículo 5 Tomé fala: "Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?". Vemos, mais uma vez, o seu pessimismo. Na realidade: estava dizendo, "Você está partindo. Jamais chegaremos ao lugar para onde você está indo. Nem sabemos *como* chegar lá. De que maneira devemos proceder? O plano de morrermos com você era melhor, porque assim, não

nos separaríamos. Se morrêssemos juntos, permaneceríamos juntos. Mas, se você partir, como vamos encontrá-lo? Nem sequer sabemos o caminho".

Eis um homem cheio de amor profundo. O relacionamento de Tomé com Cristo era tão forte, que o apóstolo não queria em momento algum ser separado do Mestre. Entristeceu-se profundamente quando Jesus falou em deixá-los. Ficou arrasado. A ideia de perder a Cristo o paralisava. Havia se apegado tanto a Jesus ao longo daqueles anos, que ficaria feliz em morrer com ele, mas não poderia pensar em viver sem ele. Temos que admirar sua devoção a Cristo.

Para Tomé, tudo isso era forte ao extremo. Seus piores medos se concretizaram. Jesus morreu, e ele não.

Vemos o próximo retrato de Tomé em João 20. Depois da morte de Jesus, todos os discípulos estavam em profundo desalento. No entanto, reuniram-se, para que pudessem consolar-se mutuamente. Exceto Tomé. João 20:24 diz: "Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus".

Foi uma pena ele não estar lá, pois Jesus apareceu a eles. Haviam se trancafiado numa sala em algum lugar (mais provavelmente, no cenáculo, em Jerusalém). João escreve: "trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor" (versículos 19-20).

Tomé perdeu esse momento importante. Por que não estava lá? É possível que fosse uma pessoa tão negativa, tão pessimista, tão melancólica que estava se sentido absolutamente destruído e encontrava-se em algum lugar chorando sua miséria. Só conseguia ver o que havia de pior em tudo. Seu pior medo havia se concretizado. Jesus não se encontrava mais com eles e Tomé não estava certo se algum dia voltaria a vê-lo. É possível que ainda estivesse pensando em como, talvez, jamais acharia o caminho até onde Jesus estava. Sem dúvida, estava se lamentando por não haver morrido com Jesus, como decidira fazer desde o princípio.

É bem provável que estivesse se sentindo sozinho, traído, rejeitado e abandonado. Estava tudo acabado. Aquele a quem Tomé tanto amava havia partido, dilacerando seu coração. O discípulo não estava com ânimo para se encontrar com os outros. Estava desalentado, arrasado, destruído. Só queria ficar sozinho. Simplesmente não podia suportar o tumulto. Não estava com disposição para ficar no meio de uma porção de gente, mesmo que fossem seus amigos. "Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor" (versículo 25). Estavam em êxtase, transbordando de alegria, ansiosos para compartilhar as boas notícias com Tomé.

No entanto, alguém com a disposição de Tomé não seria animado com tanta facilidade. Ainda se comportava como um pessimista incurável. Tudo o que conseguia ver era o lado negativo das coisas e isso o que lhe haviam contado era bom demais para ser verdade. "Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo alguma acreditarei". É por causa dessa declaração que ele ficou conhecido como "Tomé, o descrente". Mas não seja duro demais com Tomé. Lembre-se de que os outros discípulos também não creram na ressurreição, até que viram Jesus. Marcos 16:10-11 diz que depois de Maria Madalena ter visto Jesus, "partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam. Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram". Os dois discípulos, no caminho para Emaús, andaram com Jesus por um bom tempo antes de perceberem quem ele era. E então, "indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito" (versículo 13). Quando Jesus apareceu no lugar em que os discípulos estavam reunidos, "lhes mostrou as mãos e o lado" (João 20:20). *Então* eles creram. Assim, *todos* eles demoraram a crer. O que diferenciou Tomé dos outros dez não foi uma incredulidade maior, mas sim, o fato de ele estar mais profundamente entristecido.

João 20:26 diz que oito dias se passaram até que Jesus apareceu novamente aos discípulos. Ao que parece, finalmente a grande tristeza de Tomé havia se abrandado. Isso porque, quando os apóstolos voltaram ao

lugar em que Jesus havia lhes aparecido antes, dessa vez Tomé estava com eles. Novamente, “Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!” (versículo 26).

Obviamente, ninguém precisou contar para Jesus o que Tomé havia dito. Ele olhou diretamente para Tomé e disse: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (versículo 27). O Senhor foi de uma compaixão extraordinária para com ele. Tomé havia errado por estar preparado para ser um tanto pessimista. Seu erro brotou de um amor profundo. Foi provocado pela tristeza, pela aflição, pela incerteza e o medo da solidão. Ninguém seria capaz de sentir-se como Tomé, a menos que amasse a Jesus da forma como Tomé o amou. Assim, Cristo compadeceu-se dele. Jesus entende nossas fraquezas (Hebreus 4:15). Por isso, ele entende nossa dúvida. É compassivo com nossa incerteza. É paciente como nosso pessimismo. E ao mesmo tempo em que reconhecemos essas coisas como fraquezas, devemos reconhecer também a devoção heroica de Tomé a Cristo, que o levou a crer que seria melhor morrer do que ser separado de seu Senhor. A prova desse amor foi a intensidade extraordinária de seu desespero.

Então Tomé fez aquela que, possivelmente, foi a maior declaração de um apóstolo: “Senhor meu e Deus meu!” (versículo 28). Aqueles que questionam a divindade de Cristo, que se encontrem com Tomé.

Subitamente, a melancolia, o desconsolo, as tendências negativas e temperamentais foram banidas para sempre com a aparição de Jesus Cristo. Naquele momento, Tomé foi transformado num grande evangelista. Pouco tempo depois, em Pentecostes, juntamente com os outros discípulos, ele foi enchido com o Espírito Santo e recebeu poder para exercer o ministério. Assim como seus companheiros, Tomé levou o evangelho até os confins da terra.

Há um número considerável de testemunhos da antiguidade que sugerem que Tomé levou o evangelho até a Índia. Existe até hoje uma colina perto do aeroporto de Chennai, na Índia, onde diz-se que Tomé foi enterrado. Há igrejas no sul da Índia cujas tradições remetem ao começo da

era cristã e, de acordo com as tradições, diz-se que foram fundadas pelo ministério de Tomé. As tradições mais fortes afirmam que ele foi martirizado por sua fé ao ser atravessado com uma lança — uma forma apropriada de martírio para um homem cuja fé alcançou a maturidade quando ele viu a marca da lança no lado de seu Mestre, e para alguém que desejava estar novamente ao lado de seu Senhor.

Dois homens transformados

É interessante que Deus tenha usado um publicano como Mateus e um pessimista como Tomé. Mateus era um dos mais infames pecadores — um pária social miserável e desprezível. Tomé era um indivíduo de bom coração, taciturno e melancólico. No entanto, ambos foram transformados por Cristo, da mesma forma que o Senhor transformou os outros. Você está começando a perceber que tipo de pessoa Deus usa? Ele pode usar *qualquer um*. Personalidade, condição social e descendência não têm qualquer relevância. A única coisa que todos esses homens, com exceção de Judas, possuíam em comum, era a disposição de reconhecer sua própria pecaminosidade e buscar a graça em Cristo. Jesus foi ao encontro deles com graça, misericórdia e perdão e transformou a vida desses homens numa vida que o glorificasse. Ele faz isso com todos aqueles que verdadeiramente confiam nele.

9

TIAGO
O menor

SIMÃO
O Zelote

JUDAS
(NÃO ISCARIOTES)
O apóstolo com três nomes

Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago.

Lucas 6:15-16

O último grupo de quatro apóstolos é aquele sobre o qual temos menos conhecimento, exceto por Judas Iscariotes, que conseguiu ficar famoso ao vender Cristo, para que o Senhor fosse crucificado. Ao que parece, esse era o grupo menos íntimo de Cristo quando comparado com os outros oito discípulos. Praticamente não dizem nada nas narrações dos Evangelhos. Sabe-se pouco sobre qualquer um deles, além do fato de terem sido

escolhidos para serem apóstolos. Falaremos desses três num único capítulo e deixaremos Judas Iscariotes, o traidor, para o último capítulo.

Deve ficar bem claro que os apóstolos foram homens que deixaram tudo para seguir Cristo. Pedro falou por todos eles quando disse: “Eis que nós deixamos nossa casa e te seguimos” (Lucas 18:28). Haviam deixado casa, trabalho, família e amigos para seguirem Cristo. O sacrifício deles foi heroico. Com exceção de Judas Iscariotes, todos eles tornaram-se testemunhas valentes e intrépidas.

Na realidade, não vemos muito desse heroísmo nos registros dos Evangelhos, pois seus escritores — dois deles apóstolos (Mateus e João), e os outros dois (Marcos e Lucas), amigos íntimos de apóstolos — retrataram com honestidade tanto seus pontos fracos como os fortes. Os apóstolos não nos são apresentados como figuras míticas, mas como pessoas reais. Não são retratados como celebridades proeminentes, mas como homens comuns. Por esse motivo, no que se refere aos relatos dos evangelhos, os apóstolos dão cor e vigor às descrições da vida de Jesus, mas raramente encontram-se no primeiro plano. Em momento algum são as personagens principais.

Quando assumem o primeiro plano, com frequência é para manifestar dúvida, incredulidade ou confusão. Em certas ocasiões, nós os vemos considerando-se maiores do que deveriam. Às vezes, falam quando deveriam permanecer calados e parecem não ter a mínima ideia das coisas que deveriam ter compreendido. Em alguns momentos, demonstram mais confiança em suas próprias aptidões e força do que devem. Assim, seus defeitos e fraquezas aparecem com mais frequência do que suas virtudes. Nesse sentido, a honestidade total dos relatos dos Evangelhos é impressionante.

Entretanto, há pouquíssimas manifestações de qualquer grande ato dos apóstolos. Diz-se que eles receberam o poder de curar, ressuscitar os mortos e expulsar demônios, mas até isso é narrado de modo a ressaltar as imperfeições dos apóstolos (veja Marcos 9:14-29). A única passagem, em todos os evangelhos, na qual um apóstolo faz algo verdadeiramente

extraordinário é quando Pedro começa a andar sobre as águas — mas não demora a ver-se afundando.

Os Evangelhos simplesmente não retratam esses homens como heróis. Seu heroísmo apareceu depois que Jesus voltou para o céu, enviou o Espírito Santo e deu-lhes poder. De repente, começamos a vê-los agindo de modo diferente. São fortes e corajosos. Realizam grandes milagres. Pregam com uma ousadia recém-descoberta. Mas, mesmo assim, os registros bíblicos são escassos. Em primeiro lugar, tudo o que vemos é Pedro, Tiago e João e, mais tarde, o apóstolo Paulo (que foi acrescentado a eles como "nascido fora de tempo"; 1Coríntios 15:8). O restante deles acabou na obscuridade.

O legado de sua verdadeira grandeza é a igreja, um organismo vivo que ajudaram a fundar e do qual tornaram-se as pedras fundamentais ("sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular"; Efésios 2:20). A igreja, agora com seus mais de dois mil anos, existe nos dias de hoje por causa desses homens que puseram em movimento a expansão do evangelho de Jesus Cristo até os confins da terra. Seu heroísmo será recompensado e lembrado por toda a eternidade na Nova Jerusalém, onde o nome deles estará para sempre gravado nos alicerces daquela cidade.

Os Evangelhos são o registro de como Jesus os treinou. As Escrituras relatam deliberadamente mais sobre a vida de Jesus e seus ensinamentos do que sobre e a vida desses homens. Tudo isso serve para nos lembrar de que o Senhor gosta de usar pessoas fracas e comuns. Não desanime se as falhas de caráter dos apóstolos e seus erros parecem espelhar os nossos. O Senhor deleita-se em usar pessoas assim.

A única coisa que diferenciou esses homens de outros nos Evangelhos foi a durabilidade de sua fé. Em nenhuma passagem isso fica mais claro do que em João 6, logo depois das cinco mil pessoas terem sido alimentadas, quando multidões começaram a reunir-se em volta de Jesus, esperando receber mais comida. Nesse exato momento, Jesus começou a pregar uma mensagem que muitos consideraram chocante e ofensiva. Ele descreveu-se como o verdadeiro maná do céu (versículo 32). *Isso* foi tão chocante, pois

ao descrever-se como tendo vindo do céu (versículo 41), ele estava afirmando ser Deus. Os líderes judeus e o povo entenderam corretamente essa afirmação como uma declaração de divindade (versículo 42). Jesus respondeu dizendo mais uma vez que ele era o verdadeiro pão da vida (versículo 48). Acrescentou então que daria sua carne como vida para o mundo e disse: "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele" (versículos 54-56). É óbvio que ele não estava falando literalmente de canibalismo; estava usando uma alegoria vívida para falar do compromisso absoluto que ele requeria de seus seguidores.

Nas palavras de João, "Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?" (versículo 60). Nesse versículo, a palavra "discípulos" refere-se ao grupo mais amplo de seguidores de Jesus e não especificamente aos doze apóstolos. João prossegue dizendo: "À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele" (versículo 66). Naquele mesmo dia, dezenas de discípulos que haviam se sentado para ouvir os ensinamentos de Jesus e testemunhar os seus milagres deixaram de segui-lo. Suas palavras haviam sido muito duras, e suas exigências, muito rigorosas. Os doze, porém, permaneceram resolutamente com Jesus.

Enquanto a multidão dissipava-se em choque, Jesus olhou para os doze ao seu redor e perguntou: "Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?" (versículo 67). Aquela era a oportunidade de partir, caso desejassem fazê-lo.

Pedro falou pelo grupo quando respondeu: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna" (versículo 68). Ficariam com ele independentemente do que acontecesse. Com exceção de Judas Iscariotes, eram homens de verdadeira fé.

Jesus sabia desde o começo que alguns de seus discípulos não eram crentes sinceros e sabia que Judas o trairia. Disse-lhes: "Contudo, há

descrentes entre vós. Pois, Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair" (versículo 64). No versículo 70, ele responde a Pedro: "Não vos escolhi em número de doze? Contudo, um de vós é diabo". Ele conhecia o coração deles. Exceto por Judas, eles haviam rompido permanentemente com seu passado. Haviam deixado tudo para seguir a Jesus.

Esse é o fato mais heroico de todos revelado a respeito dos apóstolos nos Evangelhos. A realidade de Judas não assumir esse compromisso, enquanto fingia tê-lo feito, era o que o tornava tão desprezível.

Ao estudarmos este último grupo de apóstolos, descobrimos que, apesar das Escrituras não falarem muito sobre eles, ainda assim, tinham suas próprias distinções.

Tiago, filho de Alfeu

O nome que ocupa o nono lugar na lista de apóstolos apresentada por Lucas (Lucas 16:14-16) é "Tiago, filho de Alfeu" (versículo 15). A única coisa que as Escrituras nos dizem sobre esse homem é o seu nome. Se, porventura, ele escreveu alguma coisa, ela perdeu-se na história. Se, porventura, ele alguma vez perguntou algo a Jesus ou fez alguma coisa que o destacasse do grupo, não há registro disso nas Escrituras. Em momento algum ele chegou a ter qualquer fama ou notoriedade. Não era o tipo de pessoa que chamava a atenção. Era absolutamente obscuro. Até mesmo seu nome era comum.

Há vários homens com o nome de *Tiago* no Novo Testamento. Já falamos sobre Tiago, filho de Zebedeu. Havia outro Tiago, que era filho de Maria e José e, portanto, meio-irmão de Cristo (Gálatas 1:19). Ao que parece, o Tiago que era meio-irmão de Cristo, tornou-se um líder da igreja de Jerusalém. Ele foi o porta-voz que transmitiu a decisão do Concílio de Jerusalém, em Atos 15:13-21. Acredita-se que ele também foi o Tiago que escreveu a epístola com seu nome. Não se trata, porém, do mesmo Tiago citado no terceiro grupo de quatro apóstolos.

Praticamente tudo o que sabemos sobre o Tiago em questão aqui, é que ele era filho de Alfeu (Mateus 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:15; Atos 1:13). Marcos 15:40 nos informa que a mãe de Tiago se chamava Maria. Esse versículo, juntamente com Mateus 27:56 e Marcos 15:47, citam o nome de José, outro filho de Maria. José deve ter sido um seguidor bastante conhecido do Senhor (porém não um apóstolo), pois seu nome é mencionado repetidamente. Fica evidente que sua mãe, Maria, também era uma seguidora devota de Cristo. Ela presenciou a crucificação. Além disso, era uma das mulheres que foram preparar o corpo de Jesus para o sepultamento (Marcos 16:1).

Exceto por esses poucos detalhes sobre sua família, esse Tiago é completamente desconhecido. Sua falta de proeminência reflete-se até em seu apelido. Em Marcos 15:40, ele é chamado de "Tiago, o menor".

A palavra grega que foi traduzida como "menor" é *mikros*. Significa, literalmente, "pequeno". Seu principal significado é "de pequena estatura", de modo que poderia tratar-se de uma referência às suas características físicas. Talvez ele fosse um homem baixo ou franzino.

Essa palavra também pode referir-se a alguém mais jovem. É possível que ele fosse mais jovem que Tiago, filho de Zebedeu, de modo que o título o distinguia como o mais jovem dos dois. Na verdade, mesmo que não fosse essa a principal alusão de seu apelido, é provável que ele fosse mais jovem do que o outro Tiago; de outro modo, teria sido chamado de "Tiago, o mais velho".

No entanto, o mais provável é que o nome se refira à sua influência. Como vimos anteriormente, Tiago, filho de Zebedeu, era um homem proeminente. Sua família era conhecida do sumo sacerdote (João 18:15-16). Ele fazia parte do círculo mais íntimo de amigos do Senhor. Dos dois Tiagos, ele era o mais conhecido. Portanto, Tiago, filho de Alfeu, era chamado de "Tiago, o menor". *Mikros*. Tiaguinho.

É bem possível que todas essas coisas correspondessem a Tiago, de modo que ele era uma pessoa franzina, jovem e quieta que, na maior parte do tempo, ficava nos bastidores. Tudo isso é coerente com o perfil pouco

saliente no meio dos doze. Podemos dizer que sua marca de distinção era a obscuridade.

Esse fato em si é importante. Ao que parece, ele não buscava qualquer reconhecimento. Não demonstrava uma grande aptidão para liderança. Não fazia perguntas críticas. Não apresentava nenhum ponto de vista surpreendente. A única coisa que ficou foi seu nome, enquanto toda obra de sua vida encontra-se envolta em mistério.

Contudo, ele era um dos doze. Por algum motivo, o Senhor o escolheu, treinou, deu poder, como fez aos outros, e o enviou para testemunhar. Ele me faz lembrar das pessoas de Hebreus 11:33-38, cujo nome não é mencionado:

> Os quais por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam bocas de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.

A eternidade revelará o nome e o testemunho dessas pessoas, bem como de Tiago, o menor, do qual o mundo mal se lembra e sobre o qual nada sabe.

Grande parte da história da igreja primitiva também não diz nada sobre esse homem chamado Tiago. Algumas das lendas mais antigas sobre ele confundem-se com aquelas sobre Tiago, o irmão do Senhor. Há indícios de que Tiago, o menor, levou o evangelho à Síria e à Pérsia. Os relatos de sua morte diferem entre si. Alguns dizem que ele foi apedrejado; outros, que ele foi espancado até a morte; ainda outros dizem que ele foi crucificado como seu Senhor.

De qualquer modo, podemos ter certeza de que ele se tornou um poderoso pregador, como os outros. Ele, certamente, apresentou "as credenciais do apostolado [...] por sinais, prodígios e poderes miraculosos" (2Coríntios 12:12). Seu nome será gravado em um dos portões da cidade celestial.

Eis uma ideia interessante sobre Tiago, filho de Alfeu: talvez você lembre que, de acordo com Marcos 2:14, Levi (Mateus) também era filho de um homem chamado Alfeu. É possível que esse Tiago fosse irmão de Mateus. Afinal, Pedro e André eram irmãos, como também o eram Tiago e João. Por que não esses dois? As Escrituras não procuram de forma alguma fazer uma distinção entre os dois Alfeus. Por outro lado, Mateus e Tiago não são identificados em parte alguma como irmãos. Simplesmente não temos como saber se esse era o caso ou não.

Outra pergunta interessante sobre a linhagem de Tiago surge quando comparamos Marcos 15:40 com João 19:25. Ambos os versículos mencionam outras duas Marias que estavam perto da cruz de Cristo, junto com Maria, mãe de Jesus. Marcos 15:40 menciona "Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José". João 19:25 cita "a mãe de Jesus, a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena". É possível, talvez até mesmo provável, que a irmã da mãe de Jesus ("Maria, mulher de Clopas") e "Maria a mãe de Tiago, o menor" sejam a mesma pessoa. ("Clopas" podia ser outro nome para Alfeu, ou talvez a mãe de Tiago tivesse se casado novamente depois que o pai dele faleceu). Isso faria de Tiago, o menor, primo de Jesus.

Tiago era primo de nosso Senhor? Era irmão de Mateus? Não sabemos. As Escrituras não nos falam expressamente. A importância dos discípulos não vinha de sua ascendência. Se isso fosse importante, as Escrituras teriam registrado para nós tais informações. O que tornava esses homens importantes era o Senhor ao qual serviam e a mensagem que proclamavam. Não faz mal se nos faltam detalhes sobre os homens em si. O céu revelará a mais completa verdade sobre quem e como eles eram. Enquanto isso, basta sabermos que foram escolhidos pelo Senhor, receberam poder do Espírito e

foram usados por Deus para levar o evangelho a todo o mundo de sua época.

Todos os homens em si, em maior ou menor grau, acabam desaparecendo das narrações bíblicas depois de Pentecostes. Em nenhum caso as Escrituras nos dão uma biografia completa. Isso porque as Escrituras sempre mantêm toda a atenção voltada para o poder de Cristo e o poder da Palavra. Isso é tudo que precisamos, de fato, saber. O importante não é o instrumento, mas sim o Mestre.

Ninguém resume essa verdade melhor do que Tiago, o menor, filho de Alfeu. Talvez ele pudesse dizer que era irmão de Mateus ou primo de Jesus, mas atravessou toda a narração do Novo Testamento silencioso e despercebido. O mundo não se lembra de quase nada sobre ele. Na eternidade, porém, ele será plenamente recompensado (Marcos 10:29-31).

Simão, o Zelote

O próximo nome apresentado em Lucas 6:15 é "Simão, chamado Zelote".

Ao que parece, em algum momento Simão foi membro de um partido político de homens conhecidos como zelotes. O fato de ele receber esse título ao longo de toda a sua vida também pode sugerir que possuía um temperamento impetuoso e zeloso. No entanto, no tempo de Jesus, esse termo referia-se a uma facção política proscrita muito conhecida e temida, e, ao que parece, Simão havia sido membro desse grupo.

O historiador Josefo descreveu quatro principais partidos judeus da época de Cristo. Os *fariseus* eram seguidores inflexíveis da lei; eram os fundamentalistas religiosos daquele tempo. Os *saduceus* eram liberais religiosos; negavam tudo o que fosse sobrenatural. Além disso, eram ricos, aristocráticos e poderosos. O templo encontrava-se sob a responsabilidade deles. Os *essênios* não aparecem em parte alguma das Escrituras, mas tanto Josefo como Filo descrevem-nos como ascetas e celibatários que viviam no deserto e dedicavam sua vida ao estudo da lei. O quarto grupo, os *zelotes*, eram mais voltados para a política do que qualquer outro grupo, com

exceção dos herodianos. Os zelotes odiavam os romanos e seu objetivo era livrar-se da ocupação romana. Com esse propósito, trabalhavam principalmente através do terrorismo e de atos sub-reptícios de violência.

Os zelotes eram extremistas em todos os sentidos. Assim como os fariseus, interpretavam a lei literalmente. Mas, ao contrário dos fariseus (que estavam dispostos a abrir mão de certas coisas por motivos políticos), os zelotes eram militantes, violentos e foras da lei. Acreditavam que somente o próprio Deus tinha o direito de governar sobre os judeus. Assim, tinham como certo que estavam realizando a obra de Deus ao assassinar soldados romanos, líderes políticos e qualquer um que se opusesse a eles.

Os zelotes estavam esperando um Messias que iria liderá-los na expulsão da ocupação romana e restaurar o reino de Israel em sua glória salomônica. Eram patriotas apaixonados, prontos a morrer a qualquer instante por aquilo em que criam. Nas palavras de Josefo sobre eles:

> Judas, o galileu, foi o fundador da quarta seita da filosofia judaica. Tais homem concordam em todas as outras coisas com as ideias farisaicas, contudo possuem uma ligação inviolável com a liberdade e dizem que Deus é seu único Governante e Senhor. Também não se importam em morrer qualquer tipo de morte e nem fazem conta da morte de seus parente e amigos, nem tal medo pode levá-los a chamar qualquer homem de senhor. E, uma vez que sua única e imutável resolução é conhecida de muitos, não irei mais me demorar em tal assunto; também não temo que qualquer coisa que tenha a dizer a respeito deles venha a ser duvidada, mas sim que minhas palavras fiquem aquém da determinação demonstrada por eles em face da dor. E foi no tempo de Géssio Floro que a nação começou a enlouquecer com esse desatino, sendo que Floro foi nosso procurador e levou os judeus a perderem a razão com todo seu abuso de autoridade e fê-los revoltarem-se contra os romanos. [8]

A revolta que Josefo descreve no “tempo de Géssio Floro”, ocorreu no sexto ano depois de Cristo, quando um grupo de zelotes rebelou-se contra o imposto censitário romano. O líder e fundador dos zelotes, também mencionado por Josefo, era Judas, o galileu, cujo nome é citado em Atos 5:37.

Os zelotes estavam convencidos de que pagar tributos a um rei pagão era um ato de traição a Deus. Essa ideia era amplamente aceita no meio do povo, que já se encontrava sobrecarregado com a taxação romana. Judas, o galileu, aproveitou a oportunidade, organizou suas forças e iniciou uma revolta de assassinatos, saques e destruição. De sua base de operações na região da Galileia, Judas e seus seguidores realizaram guerrilhas e atos de terrorismo contra os romanos. No entanto, não tardou para que os romanos suplantassem a rebelião, matassem Judas, o galileu, e crucificassem seus filhos.

O partido zelote simplesmente tornou-se um movimento secreto. Seus atos de terror passaram a ser mais seletivos e cautelosos. Conforme foi observado no capítulo 2, formaram um grupo de assassinos secretos chamados de *sicarii* — "homens da adaga" — em função das letais adagas curvadas que carregavam nas dobras de suas túnicas. Aproximavam-se sorrateiramente de soldados romanos e de políticos, e feriam-nos nas costas, entre as costelas, perfurando habilidosamente o coração.

Gostavam de queimar construções romanas na Judeia e, então, escondiam-se em áreas remotas da Galileia. De acordo com a descrição de Josefo, na citação acima, eram conhecidos por sua disposição a sofrer qualquer tipo de morte e suportar qualquer dor, por maior que fosse — incluindo a tortura de seus próprios parentes. Os romanos podiam torturá-los e matá-los, mas jamais iriam arrefecer sua paixão.

Muitos historiadores acreditam que quando os romanos saquearam Jerusalém, durante o governo de Tito Vespasiano, no ano 70 d.C., esse terrível holocausto foi, em grande parte, precipitado pelos zelotes. Durante o tempo em que a cidade foi sitiada pelos romanos, depois que o exército de Roma já havia cercado Jerusalém e cortado seus suprimentos, os zelotes começaram a matar outros judeus que desejam negociar com Roma, a fim de acabar com o cerco. Não permitiam que ninguém se entregasse com o intuito de salvar sua própria vida. Quando Tito viu quão desesperadora era a situação, destruiu a cidade, massacrando milhares dos habitantes e levando embora os tesouros do templo. Assim, o ódio cego dos zelotes contra Roma

e todas as coisas romanas acabou provocando a destruição de sua própria cidade. O espírito de seu movimento era de um fanatismo insensato e, em última análise, autodestrutivo.

Josefo sugere que o nome *zelote* era uma designação equivocada, "como se fossem zelosos de coisas boas quando, na verdade, seu zelo dedicava-se às mais terríveis ações, sendo mais extravagante neles do que em quaisquer outros". [9]

Simão era um deles. É interessante que quando Mateus e Marcos apresentam a relação dos doze, colocam Simão logo antes de Judas Iscariotes. Na ocasião em que Jesus enviou os discípulos dois a dois, em Marcos 6:7, é possível que Simão e Judas Iscariotes tivessem formado uma das duplas. Os dois, provavelmente, seguiram a Cristo por motivos políticos semelhantes. No entanto, em algum ponto ao longo do caminho, Simão tornou-se um verdadeiro crente e foi transformado. Judas Iscariotes jamais chegou a crer de verdade.

Quando Jesus não derrubou o governo romano, mas, em vez disso, começou a falar em morrer, pode ser que alguns esperassem que Simão fosse o traidor — o homem de tal intensidade, zelo e convicção política a ponto de associar-se a terroristas. Mas isso foi antes de ele ter um encontro com Jesus.

Claro que, como um dos doze, ele também teve de relacionar-se com Mateus, o qual encontrava-se no extremo oposto do espectro político, coletando impostos para o governo romano. Em certo momento de sua vida, Simão, provavelmente, teria matado Mateus. No fim, tornaram-se irmãos espirituais, trabalhando lado a lado pela mesma causa — a expansão do evangelho — e adorando o mesmo Senhor.

É impressionante que Jesus tivesse escolhido um homem como Simão para ser apóstolo. No entanto, ele era um homem de intensa lealdade, paixão, coragem e zelo admiráveis. Simão havia crido na verdade e aceitado a Cristo como seu Senhor. O entusiasmo ardoroso, que antes havia dedicado a Israel, passou a expressar-se em sua devoção a Cristo.

Várias fontes da antiguidade afirmam que depois da destruição de Jerusalém, Simão levou o evangelho para o norte e pregou nas ilhas britânicas. Assim como tantos dos outros, Simão simplesmente desaparece do relato bíblico. Não há nenhum registro confiável do que aconteceu com ele, mas todos os relatos dizem que ele foi morto por pregar o evangelho. Esse homem que, em certa ocasião, estava disposto a matar e ser morto por motivos políticos, dentro das fronteiras da Galileia, encontrou uma causa muito mais profícua para dar sua vida: a proclamação da salvação para pecadores de todas as nações, línguas e tribos.

Judas, filho de Tiago

O último nome da lista de discípulos fiéis é "Judas, filho de Tiago". O nome *Judas*, em si, é um ótimo nome. Significa "Jeová conduz". No entanto, por causa da traição de Judas Iscariotes, o nome *Judas* sempre terá uma conotação negativa. Quando o apóstolo João o menciona, chama-o de "Judas, não o Iscariotes" (João 14:22).

Judas, filho de Tiago, na verdade, tinha três nomes. (Jerônimo refere-se a ele como "Trinômio" — o homem com três nomes). Em Mateus 10:3, ele é chamado de Tadeu e, em algumas traduções, de Lebeu, cujo sobrenome era Tadeu. *Lebeu* e *Tadeu* eram, em essência, apelidos. *Tadeu* significa "criança de peito", evocando a ideia de um bebê sendo amamentado. Chega a ter quase um tom pejorativo, como "queridinho da mamãe". Talvez ele fosse o mais jovem de sua família e assim, o caçula dentre vários irmãos, recebendo carinho especial de sua mãe. Seu outro nome, *Lebeu*, é parecido. Vem de um radical hebraico que se refere ao coração — literalmente, "criança do coração".

Os dois nomes sugerem um coração terno e semelhante ao de uma criança. É interessante pensar que uma alma tão gentil poderia estar no meio do grupo de quatro apóstolos com Simão, o Zelote. No entanto, o Senhor pode usar os dois tipos de pessoas. Os zelotes podem transformar-se em grandes pregadores. Mas almas gentis, doces, compassivas e meigas,

como Judas Tadeu, também podem. Juntos, eles contribuem para um conjunto bastante complexo e intrigante de doze apóstolos. Há pelo menos um representante de todo tipo imaginável de personalidade.

Assim como os outros dois membros fiéis do terceiro grupo apostólico, Judas Tadeu encontra-se um tanto envolto em mistério. No entanto, essa obscuridade não deve anuviar nosso respeito por eles. Todos tornaram-se grandes pregadores.

O Novo Testamento registra um episódio envolvendo Judas Tadeu. Para vê-lo, voltamos à descrição feita por João do discurso de Jesus no cenáculo. Em João 14:21, Jesus diz: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele".

Então, João acrescenta: "Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-se a nós e não ao mundo?" (versículo 22). Vemos aqui a terna humildade desse homem. Ele não diz nada ousado, impetuoso ou excessivamente confiante. Não repreende o Senhor como fez Pedro em certa ocasião. Sua pergunta é cheia de brandura e humildade, e desprovida de qualquer orgulho. Ele não podia crer que Jesus iria manifestar-se a esse grupo de onze homens da ralé e não o faria ao mundo todo.

Afinal, Jesus era o Salvador do mundo. Era o herdeiro legítimo da terra, Rei dos reis e Senhor dos senhores. Todos eles haviam partido do pressuposto de que ele havia vindo para fundar o seu reino e subjugar todas as coisas debaixo de si. As boas-novas de perdão e salvação, certamente, eram boas-novas para todo o mundo. E os discípulos as conheciam bem, mas o resto do mundo encontrava-se, como um todo, alheio a essas novas. Assim, Judas Tadeu queria saber: "Por que você vai se revelar a nós e não ao mundo todo?".

Ele era um discípulo piedoso e crente. Era um homem que amava seu Senhor e que sentiu o poder da salvação em sua própria vida. Tinha muitas esperanças para o mundo e, a seu próprio modo, com seu jeito de criança, desejava saber por que Jesus não iria mostrar-se para todos. É evidente que

ele ainda estava esperando pela vinda do reino à terra. Certamente, não podemos considerar que estivesse errado; foi assim que Jesus ensinou seus discípulos a orarem (Lucas 11:2).

Jesus deu-lhe uma resposta maravilhosa, que foi tão cheia de ternura quanto a pergunta. “Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (João 14:23). Cristo iria manifestar-se a qualquer um que o amasse.

Judas Tadeu ainda estava pensando em termos políticos e materiais. “Como você ainda não dominou o mundo? Por que você não se manifesta para o mundo?”.

A resposta de Jesus significava: “Não vou assumir o controle do mundo exteriormente; vou dominar corações, um de cada vez. Se alguém me ama, vou manter minha palavra. Juntos, meu Pai e eu vamos estabelecer o reino em seu coração”.

A maioria das tradições mais antigas sobre Judas Tadeu sugerem que alguns anos depois do Pentecostes, ele levou o evangelho para o norte, para Edessa, uma cidade real na Mesopotâmia, na atual região da Turquia. Existem diversos relatos antigos sobre como ele curou o rei de Edessa, um homem chamado Abgar. No século quatro, o historiador Eusébio disse que os arquivos de Edessa (que mais tarde foram destruídos), continham registros completos da visita de Judas Tadeu e da cura de Abgar. [10]

O símbolo apostólico tradicional de Judas Tadeu é uma clava, pois diz a tradição que, por causa de sua fé, ele foi espancado até a morte com uma clava.

Assim, essa alma de coração terno seguiu fielmente o seu Senhor até o fim. Seu testemunho foi tão poderoso e abrangente quanto o dos discípulos mais conhecidos e extrovertidos. Também como eles, Judas, filho de Tiago, é prova de que Deus usa pessoas absolutamente comuns de formas admiráveis.

10

JUDAS
O traidor

Então Judas, que o traía, perguntou: Acaso, sou eu, Mestre?

Mateus 26:25

O mais famoso e universalmente desprezado de todos os discípulos é Judas Iscariotes, o traidor. Seu nome aparece por último em todas as listas bíblicas, exceto por Atos 1, onde ele nem sequer é citado. Toda vez que Judas é mencionado nas Escrituras, também encontramos uma observação de que ele é o traidor. Ele é o símbolo mais colossal de decadência em toda a história humana. Cometeu o mais terrível e hediondo ato individual de todos os tempos. Traiu o Filho de Deus, perfeito e sem pecado, por um pouco de dinheiro. Sua história sinistra é um exemplo tocante da torpeza a que o coração humano pode chegar. Ele passou três anos com Jesus Cristo, mas durante todo esse tempo, seu coração tornou-se apenas mais endurecido e cheio de ódio.

Os outros onze apóstolos servem todos de grande encorajamento para nós, pois exemplificam como pessoas comuns, com seus defeitos típicos, podem ser usadas por Deus de forma incomum e admirável. Judas, por outro lado, serve de advertência sobre o potencial perverso do descuido espiritual, das oportunidades desperdiçadas, dos desejos pecaminosos e do ódio no coração. Eis um homem que chegou tão perto do Salvador quanto é

humanamente possível. Gozou de todos os privilégios oferecidos por Cristo. Teve conhecimento íntimo de tudo o que Jesus ensinou. No entanto, permaneceu na incredulidade e partiu para a eternidade sem qualquer esperança.

Judas era tão comum quanto os outros, sem credenciais terrenas e sem quaisquer características que o fizessem destacar-se do grupo. Começou exatamente onde os demais haviam começado. No entanto, jamais se apropriou da verdade pela fé, de modo que nunca foi transformado como o resto. Ao mesmo tempo em que os outros estavam crescendo na fé como filhos de Deus, ele tornava-se cada vez mais um filho do inferno.

O Novo Testamento nos dá várias informações sobre Judas, o suficiente para conseguirmos fazer duas coisas: em primeiro lugar, a vida de Judas nos faz lembrar de que é possível estar perto de Cristo, associar-se de modo muito próximo (porém superficial) a ele e, ainda assim, tornar-se completamente endurecido. Em segundo lugar, Judas nos lembra de que não importa o quanto uma pessoa tenha pecado, o quanto ela pode trair a Deus, a realização do propósito de Deus não pode ser impedida. Até a pior das traições trabalha para que o plano divino se cumpra. O plano soberano de Deus não pode ser frustrado nem mesmo pelo mais ardiloso subterfúgio daqueles que o odeiam.

Seu nome

Judas é uma outra forma do nome *Judá*. Significa "Jeová conduz", o que indica que, quando ele nasceu, seus pais, provavelmente, esperavam que ele fosse conduzido por Deus. A ironia do nome é que nenhum indivíduo foi mais conduzido por Satanás do que Judas.

Seu sobrenome, *Iscariotes*, indica a região de onde ele veio. É derivada do termo *ish* ("homem") e do nome da cidade Queriote — "homem de Queriote". É bem provável que Judas fosse de Queriote-Hezrom (veja Josué 15:25), uma cidade humilde no sul da Judeia. Ao que parece, ele é o único apóstolo que não vinha da Galileia. Como sabemos, vários dos outros eram

irmãos, amigos e colegas de trabalho antes de encontrarem a Cristo. Judas era uma figura solitária, vinda de longe, e que passou a fazer parte do círculo de apóstolos. Apesar de não haver qualquer evidência de que ele tenha sido, em algum momento, excluído ou desprezado pelo grupo, é possível que se considerasse um estranho no meio deles, o que teria servido para ajudá-lo a justificar sua traição.

A pouca familiaridade dos discípulos galileus com Judas pode ter favorecido a deslealdade dele. Os outros conheciam pouca coisa sobre sua família, suas origens ou sua vida antes de tornar-se discípulo. Assim, era fácil agir como hipócrita. Como sabemos, Judas conseguiu chegar até uma posição de confiança, uma vez que acabou tornando-se o tesoureiro do grupo e usou esse cargo para surrupiar fundos (João 12:6).

O pai de Judas chamava-se Simão (João 6:71). Além do parentesco, não sabemos nada sobre esse Simão. Obviamente, era um nome comum, tendo em vista que dois dos discípulos também se chamavam Simão. Fora isso, não temos nenhuma outra informação sobre a família ou as origens sociais de Judas.

Assim como os outros discípulos, Judas era comum em todos os sentidos. É importante observar que quando Jesus predisse que um deles o trairia, ninguém voltou suas suspeitas contra Judas (Mateus 26:22-23). Ele era tão hábil em sua hipocrisia que, aparentemente, ninguém desconfiou dele. No entanto, Jesus conhecia seu coração desde o princípio (João 6:64).

Seu chamado

O chamado de Judas não se encontra registrado nas Escrituras. É óbvio, porém, que ele seguiu Jesus de livre e espontânea vontade. Ele vivia num tempo de crescente esperança messiânica e, como a maior parte de Israel, esperava pelo Messias que estava por vir. Quando ouviu falar de Jesus, deve ter se convencido de que aquele era o verdadeiro Messias. Semelhantemente aos outros onze, deixou para trás sua ocupação, qualquer que esta fosse e, possivelmente, passou a seguir a Jesus em tempo integral.

Judas permaneceu com Cristo até mesmo quando discípulos menos dedicados começaram a abandonar o grupo (João 6:66-67). Havia aberto mão de sua vida para seguir Jesus. No entanto, não havia entregado ao Senhor o seu coração.

É provável que Judas fosse um jovem judeu zeloso e patriota, que não queria que os romanos governassem, e esperava que Cristo fosse subjugar os opressores estrangeiros e restaurar o reino em Israel. Obviamente, podia ver que Jesus tinha poderes como nenhum outro homem. Havia motivos de sobra para que um homem como Judas fosse atraído por isso.

É igualmente óbvio, porém, que a atração de Judas por Cristo não era espiritual. Ele seguiu a Jesus em função de desejos egoístas, da ambição mundana, da avareza e da ganância. Judas sentiu o poder de Jesus e desejou igual poder para si. Seu interesse no reino não vinha do amor à salvação ou a Cristo. Seu interesse era no que ele próprio poderia obter. Suas ambições eram alimentadas pela cobiça de riquezas, poder e prestígio.

Por um lado, fica claro que ele *escolheu* seguir a Cristo. Ele continuou a segui-lo mesmo quando as dificuldades surgiram. Ele perseverou mesmo quando seguir a Jesus exigiu que ele fosse um hipócrita ainda mais astuto, a fim de acobertar a verdade sobre quem ele era de fato.

Por outro lado, Jesus também o escolheu. A tensão entre a soberania divina e a escolha humana fica clara no chamado de Judas, assim como no chamado dos outros apóstolos. Todos eles haviam escolhido Jesus, mas ele os escolheu primeiro (João 15:16). Semelhantemente, Judas havia escolhido seguir a Cristo. No entanto, ele também havia sido escolhido *por* Jesus, mas não para a redenção. Seu papel de traição havia sido determinado antes da fundação do mundo, conforme profetizado no Antigo Testamento.

O Salmo 41:9, uma profecia messiânica, diz: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”. Jesus citou esse versículo em João 13:18 e disse que seu cumprimento se daria com a traição dele. O Salmo 55:12-14 diz: “Com efeito, não é o inimigo que me afronta; se o fosse, eu suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas

és tu, homem meu igual, meu companheiro, e meu íntimo amigo. Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à casa de Deus". Essa passagem também prenunciou a traição de Judas. Zacarias 11:12-13 diz: "Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata. Então, o SENHOR me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojei ao oleiro, na Casa do SENHOR". Mateus 27:9-10 identifica essas palavras como outra profecia sobre Judas. Assim, o papel de Judas havia sido preordenado.

As Escrituras chegam a dizer que quando Jesus escolheu Judas, ele *sabia* que Judas seria aquele a cumprir as profecias de traição. Ciente disso, ele o escolheu para cumprir o plano.

No entanto, de forma alguma Judas foi coagido a agir como fez. Não havia mãos invisíveis forçando-o a entregar a Cristo. Ele agiu de livre e espontânea vontade, sem coerção externa. Foi responsável por seus próprios atos. Jesus disse que Judas carregaria sobre si a culpa de seus feitos por toda a eternidade. Sua própria ganância, sua própria ambição e suas próprias concupiscências foram as únicas forças que o compeliram a trair a Cristo.

Como podemos conciliar o fato de que a traição de Judas foi profetizada e predeterminada com o fato de que ele agiu por vontade própria? Não é preciso conciliar esses dois fatos. Eles não se encontram em contradição. O plano de Deus e o ato perverso de Judas estavam em perfeita concordância. Judas fez o que fez porque seu coração era mau. Deus, que opera em todas as coisas como convém à sua vontade (Efésios 1:1), havia preordenado que Jesus seria traído e que morreria pelos pecados do mundo. O próprio Jesus afirmou essas duas verdades, em Lucas 22:22: "Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas ai daquele que por intermédio de quem ele está sendo traído!".

Ao tratar dessa tensão entre a soberania divina e a escolha humana, Spurgeon disse:

> Se [...] encontro numa parte da Bíblia o ensinamento de que tudo é preordenado, isso é verdade; e, se encontro em outra passagem das Escrituras que o ser humano é responsável por

> todas as suas ações, isso é verdade; e é apenas minha insensatez que me faz imaginar que em algum momento essas duas verdades podem estar em contradição. Não creio que dentro de meu entendimento terreno elas poderão um dia vir a transformar-se em uma só verdade, mas certamente o serão na eternidade. Chegam tão perto de serem paralelas, que a mente humana, mesmo ao perscrutá-las com todas as suas forças, jamais descobrirá que elas são convergentes; contudo, de fato, elas convergem e algum dia se encontrarão na eternidade, próximo ao trono de Deus, de onde procede toda verdade. [11]

Deus ordenou os acontecimentos através dos quais Cristo viria a morrer e, no entanto, Judas realizou seu ato perverso de vontade própria, sem impedimento ou coerção de qualquer força externa. A perfeita vontade de Deus e os propósitos malignos de Judas cooperaram para que Cristo viesse a morrer. Judas o fez por mal, Deus o fez por bem (veja Gênesis 50:20). Não há contradição.

Do ponto de vista humano, Judas tinha o mesmo potencial que os outros. A diferença é que em momento algum ele foi verdadeiramente atraído pela pessoa de Cristo. Ele viu em Jesus apenas o meio de alcançar um fim. O objetivo secreto de Judas era a prosperidade pessoal — o ganho próprio. Ele nunca aceitou pela fé os ensinamentos de Jesus. Ele nunca teve um grama sequer de amor por Cristo. Seu coração nunca foi transformado e, portanto, a luz da verdade serviu apenas para endurecê-lo.

Judas teve diversas oportunidades de deixar o pecado — tantas oportunidades quanto qualquer pessoa já teve. Ele ouviu vários apelos de Cristo instando-o a *não* fazer o que estava planejando. Ouviu todas as lições ensinadas por Jesus durante seu ministério. Muitas dessas lições aplicavam-se diretamente a ele: a parábola do administrador infiel (Lucas 16:1-13); a mensagem sobre a veste nupcial (Mateus 22:11-14); e as pregações de Jesus contra o amor ao dinheiro (Mateus 6:19-34), contra a ganância (Lucas 13:13-21) e contra o orgulho (Mateus 23:1-12). Jesus chegou a dizer explicitamente para os doze: “Um de vós é diabo” (João 6:70). Ele os acautelou com um “ai” sobre a pessoa que o trairia (Mateus 26:24). Judas ouviu tudo isso e não foi tocado. Em momento algum colocou as lições em prática. Apenas manteve sua farsa.

Sua desilusão

Nesse ínterim, Judas estava ficando cada vez mais desiludido com Cristo. Sem dúvida, a princípio, *todos* os discípulos pensavam no Messias dos judeus como um monarca oriental que iria derrotar os inimigos da Judeia, livrar Israel da ocupação pagã e restabelecer o reino de Davi com glória nunca antes vista. Sabiam que Jesus operava milagres. Era evidente que possuía poderes sobre o reino das trevas. Também tinha autoridade sobre o mundo físico. Ninguém jamais havia ensinado o que ele ensinava, falado como ele falava ou vivido como ele vivia. No que se referia aos discípulos, ele era o cumprimento claro das promessas messiânicas do Antigo Testamento.

No entanto, nem sempre Jesus preenchia suas expectativas e ambições pessoais. Para ser bem honesto, nem todas as expectativas deles tinham cunho espiritual. Temos provas disso ocasionalmente, por exemplo, quando Tiago e João pediram para assentar-se nos lugares de honra no reino. A maioria deles esperava ver um reino terreno, material, político, militar e econômico. Apesar de terem deixado tudo para seguir a Jesus, fizeram-no na expectativa de que seriam recompensados (Mateus 19:27). O Senhor garantiu-lhes que *seriam* recompensados, mas que seu galardão final e completo lhes seria dado na era vindoura (Lucas 18:29-30). Se estavam contando com recompensa material e imediata, ficariam decepcionados.

Aos poucos, o restante dos apóstolos havia começado a compreender que o verdadeiro Messias não era aquilo que esperavam inicialmente. Aceitaram o entendimento superior das promessas bíblicas que Jesus lhes mostrou. Seu amor por Cristo superou suas ambições terrenas. Receberam seus ensinamentos sobre a dimensão espiritual do reino e ficaram satisfeitos em tornarem-se participantes dele.

Entrementes, Judas só abriu as portas de sua vida para a desilusão. Na maior parte do tempo, escondeu-a sob uma capa de hipocrisia, pois estava procurando lucrar alguma coisa com os anos que havia investido em Jesus. Os interesses mundanos de seu coração jamais foram vencidos. Em

momento algum ele aceitou o reino espiritual de Cristo. Mesmo que secretamente, continuou sendo um estranho no meio dos discípulos.

Os poucos lampejos que temos de Judas, mostrados ocasionalmente nos Evangelhos, sugerem que ele vinha ficando cada vez mais decepcionado e amargurado havia muito tempo, mas que ocultou seus sentimentos de todos. Já em João 6, durante o ministério de Jesus na Galileia, Jesus referiu-se a Judas como "diabo". Jesus tinha conhecimento de algo que ninguém mais sabia: Judas já estava desapontado. Continuava incrédulo, impenitente e irregenerado; além disso, com o passar do tempo, seu coração endurecia cada vez mais.

Quando Jesus e os apóstolos foram a Jerusalém para a Páscoa, no último ano do ministério de Jesus aqui na terra, Judas encontrava-se na mais completa alienação espiritual. Em algum ponto durante aqueles últimos dias, sua desilusão transformou-se em ódio, e este, junto com a ganância, acabou em traição. É bem provável que Judas tivesse se convencido de que Jesus lhe havia roubado a vida — roubado dois anos de possíveis rendimentos. Pensamentos como esse o corroeram por dentro e, por fim, ele tornou-se o monstro que traiu a Cristo.

Sua avareza

Logo depois da ressurreição de Lázaro e pouco antes da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, Jesus e os discípulos voltaram a Betânia, nas cercanias de Jerusalém. Era ali que Lázaro havia sido ressuscitado e que vivia com suas irmãs, Maria e Marta. Jesus foi convidado para uma refeição na casa de "Simão, o leproso" (Mateus 26:6). Seu querido amigo Lázaro estava presente, juntamente com Maria e Marta, que ajudavam a servir a refeição. João 12:2-3 relata os acontecimentos: "Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo".

Esse gesto foi chocante por sua extravagância. Não apenas foi um gesto explícito de adoração, mas também teve a aparência de desperdício. É evidente que perfumes — especialmente fragrâncias caras como aquelas — são feitos para serem usados em pequenas quantidades. Uma vez derramado, o perfume não pode ser reaproveitado. Derramar quase meio litro de um óleo tão caro e usá-lo para ungir os pés de alguém parece um enorme exagero.

"Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse: Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?" (versículos 4-5). Trezentos denários era um bocado de dinheiro para qualquer perfume. Lembre-se que um denário era basicamente o salário de um dia de trabalho (Mateus 20:2). Trezentos denários correspondem ao salário de um ano (descontados os sábados e feriados). Já comprei perfumes caros para minha esposa, mas jamais pensaria em gastar o salário de um ano inteiro num frasco de perfume! Tratava-se de um gesto de luxo extraordinário por parte daquela família que, provavelmente, era de posses. A reação de Judas foi um artifício astuto. Fingiu ter preocupação com os pobres. Temos a impressão de que seu protesto também pareceu razoável aos outros apóstolos, pois Mateus 26:8 diz que todos eles concordaram com a indignação de Judas. Ele havia se transformado num especialista em falsidade! Ao refletir sobre esse incidente anos mais tarde, o apóstolo João escreveu: "Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava" (João 12:6). É claro que, naquela ocasião, nem João e nenhum outro dos apóstolos conseguiu enxergar a falsidade de Judas; mas em retrospectiva, ao escrever seu livro sob a inspiração do Espírito Santo, João declarou expressamente qual era a motivação de Judas: pura ganância.

Encontramos a resposta de Jesus a Judas nos versículos 7 e 8: "Deixa-a! Que ele guarde isto para o dia em que me embalsamarem; porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes". Diante das circunstâncias, e uma vez que Jesus sabia perfeitamente bem o que havia no

coração de Judas, essa repreensão parece um tanto branda. Ele poderia ter arrasado Judas com uma condenação violenta e exposto suas verdadeiras motivações, mas não o fez.

De qualquer modo, sua terna repreensão parece ter causado ainda mais ressentimento em Judas. Ele não se arrependeu. Nem sequer examinou seu próprio coração. Na verdade, esse episódio parece ter servido como ponto crítico para ele. Trezentos denários teriam sido uma quantia considerável para se acrescentar ao tesouro, oferecendo uma oportunidade perfeita para Judas embolsar parte do dinheiro. Por causa da disposição de Jesus de receber uma adoração tão extravagante, Judas perdeu uma excelente oportunidade de estelionato.

No que se refere à Judas, temos a impressão de que essa foi a gota d'água, pois, logo depois de narrar a história da unção de Cristo, Mateus diz: "Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata. E desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar" (Mateus 26:14-16). Ele saiu sorrateiramente de Betânia, andou cerca de dois quilômetros e meio até Jerusalém, encontrou-se com os principais sacerdotes e vendeu Jesus aos seus inimigos por um punhado de moedas. Trinta moedas de prata. Foi tudo o que conseguiu. De acordo com Êxodo 21:32, esse era o preço de um escravo. Não era muito dinheiro. Mas foi tudo o que ele pode negociar.

O contraste é assustador: nosso Senhor é a um tempo ungido com amor inexprimível por Maria e traído com ódio inexprimível por Judas.

Observe que essa foi a primeira vez que Judas se expôs de alguma forma. Até esse ponto, ele havia se misturado completamente com o resto do grupo. Esse é o primeiro registro de Judas falando como indivíduo e é a primeira vez que mereceu uma repreensão direta de Cristo. Ao que parece, isso foi tudo de que ele precisou para levá-lo à deslealdade. Havia reprimido sua amargura e desilusão o quanto pudera. Deixou que transbordassem, então, na forma de traição secreta.

SUA HIPOCRISIA

João 13:1 começa o longo relato do apóstolo sobre o que ocorreu no cenáculo na noite em que Jesus foi preso. Já tendo aceitado o dinheiro para trair a Cristo, Judas voltou, misturou-se com o resto do grupo e fingiu que nada de mais havia acontecido. João diz que foi o diabo que colocou no coração de Judas o intento de trair Jesus (versículo 2). Não é de causar espanto. Como já dissemos, Judas fez isso de livre e espontânea vontade, sem qualquer coerção. Satanás não podia *obrigá-lo* a trair Jesus. No entanto, através de certos meios, Satanás sugeriu a trama, tentou Judas quanto a isso e plantou a semente de deslealdade no coração dele. O coração de Judas era tão hostil para com a verdade e tão cheio de perversidade que Judas tornou-se um instrumento do próprio Satanás.

Foi exatamente nesse momento que Jesus deu aos apóstolos uma lição sobre a humildade, ao lavar-lhes os pés. Ele lavou os pés de todos os doze, o que significa que lavou até mesmo os pés de Judas. Este, por sua vez, nem se abalou enquanto Jesus lavava seus pés. O pior pecador do mundo também era o melhor hipócrita.

Pedro, por outro lado, foi profundamente tocado pelo gesto de humildade de Jesus. A princípio, ficou envergonhado e recusou-se a deixar que Jesus lavasse seus pés. Porém, quando Jesus disse: "Se eu não te lavar, não tens parte comigo" (versículo 8), Pedro respondeu: "Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça" (versículo 9).

Jesus respondeu: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, *mas não todos*" (versículo 10, ênfase minha). Deve ter havido um burburinho pela sala quando Jesus disse isso. Só havia doze homens e Jesus estava dizendo que um dos membros do grupo encontrava-se impuro. João acrescenta: "Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos" (versículo 11).

Nos versículos 18 e 19 Jesus declarou de forma ainda mais direta: "Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes,

para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU". Obviamente, ele estava dizendo que o ato de Judas era um cumprimento do Salmo 41:9.

Tudo isso parece ter passado despercebido para a maioria dos apóstolos. Assim, no versículo 21, Jesus faz uma previsão ainda mais explícita sobre o ato de traição iminente: "Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá". Todos os discípulos, exceto Judas, ficaram perplexos e perturbados com isso. Ao que parece, cada um começou a examinar seu próprio coração, pois Mateus 26:22 diz: "E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura sou eu, Senhor?". Até mesmo Judas, cuidando para manter a aparência de que era como todos os outros perguntou: "Acaso sou eu, Mestre?" (versículo 25). No entanto, no caso dele não houve qualquer reflexão sincera. Ele fez a pergunta simplesmente porque estava preocupado que os outros iriam perceber; ele já sabia que era aquele de quem Jesus havia falado.

O apóstolo João conclui seu relato desse episódio escrevendo:

> Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa. Nenhum, porém, dos que estavam à mesa, percebeu a que fim lhe dissera isto. Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres. Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite. (João 13:23-30)

O dia da salvação havia se encerrado para Judas. A misericórdia divina havia dado lugar ao julgamento divino. Pode-se dizer que Judas foi

entregue a Satanás. O pecado havia triunfado em seu coração. Satanás entrou nele.

Observe, porém, que, apesar de Jesus ter acabado de falar sobre o traidor e ter dado a Judas o pedaço de pão para identificá-lo, *ainda assim* a mente dos apóstolos não assimilou esse fato. Ninguém parecia esperar que Judas seria o traidor. Era tão hábil em sua falsidade que enganou a todos, menos Jesus, até o último instante.

Jesus o mandou embora, algo facilmente compreensível. Cristo é puro, sem pecado, imaculado e santo. Diante dele, encontrava-se aquela presença maligna, um homem no qual Satanás havia literalmente entrado. Jesus não estava disposto a ter a primeira Santa Ceia com o diabo e Judas presentes na mesma sala. *Saia daqui*.

Somente depois de Judas ter partido, foi que Jesus instituiu a Ceia do Senhor. Até hoje, quando nos aproximamos da mesa do Senhor, somos instruídos a nos examinar, para que não o façamos em hipocrisia, trazendo julgamento sobre nós mesmos (1Coríntios 11:27-32).

O apóstolo João afirma que, ao longo de todo o episódio, até o momento em que Judas saiu da presença dos apóstolos, "angustiou-se Jesus em espírito" (João 13:21). É claro que Jesus estava angustiado! Aquela presença miserável, possuída por Satanás, estava poluindo a comunhão dos apóstolos. A ingratidão de Judas, sua rejeição à bondade de Jesus e o ódio que cultivava secretamente contra Cristo, a repulsa à presença de Satanás, o caráter hediondo do pecado, os horrores de saber que as portas abertas do inferno estavam à espera de um de seus companheiros mais chegados — tudo isso angustiava e inquietava Jesus. Não é de se admirar que ele tenha mandado Judas embora.

Sua traição

Ao que parece, ao sair do cenáculo, Judas foi direto para o Sinédrio. Relatou aos seus membros que havia surgido a oportunidade e que sabia onde poderiam prender Jesus sob a cobertura da escuridão. Judas vinha

procurando, secretamente, uma oportunidade conveniente para trair Jesus desde que havia fechado negócio com o Sinédrio (Marcos 14:11). Era chegada a hora de agir.

Afinal de contas, o que ele estava esperando? De acordo com Lucas 22:6, Judas estava aguardando "uma boa ocasião de lho entregar [Jesus] *sem tumulto*" (ênfase minha). Era um covarde. Sabia como Jesus contava com a simpatia do povo. Tinha medo da multidão. Como todo hipócrita, estava obcecado com a preocupação do que as pessoas pensavam dele, de modo que tinha esperança de trair Jesus o mais discretamente possível. Estava procurando a porta mais conveniente para o inferno. E quando a encontrou, entrou sem hesitar.

Assim, no exato momento em que Jesus estava instituindo a Santa Ceia, no cenáculo, Judas estava combinando como seria sua captura. Ele sabia que Jesus ia com frequência ao Getsêmani para orar com os discípulos. Lucas 22:39 diz que Jesus costumava ir sempre àquele lugar. João 18:2 diz que Judas "também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos". Assim, Judas sabia exatamente aonde levar as autoridades para que prendessem Jesus.

A próxima vez que vemos Judas é em João 18, quando sua conspiração de deslealdade atinge o ápice. A noite estava chegando ao fim. Jesus havia deixado o cenáculo e se dirigido ao seu lugar habitual de oração, no jardim de oliveiras conhecido como Getsêmani. Lá, ele derramou seu coração diante do Pai com tamanha agonia que seu suor transformou-se em gotas de sangue. Havia deixado oito discípulos a certa distância e passado a uma parte mais interna do jardim com Pedro, Tiago e João (Marcos 14:32-33).

"Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas" (João 18:3). A "escolta", provavelmente, consistia de parte de uma legião romana do forte de Antônia, que ficava ao lado do templo. Uma legião inteira tinha cerca de seiscentos homens. Não são apresentados números exatos, mas todos os escritores dos Evangelhos falam de uma grande multidão (Mateus 26:47; Marcos 14:43; Lucas 22:47) — possivelmente,

centenas de soldados. Fica evidente que esperavam o pior, uma vez que chegaram lá armados até os dentes.

"Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?" (João 18:4). Ele não esperou que Judas o indicasse aos guardas, não tentou esconder-se; Jesus "adiantou-se", apresentando-se a eles e disse: "Sou eu" (versículo 5).

Judas havia combinado um sinal para identificar Jesus: "Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o" (Mateus 26:48). Que forma diabólica de mostrar qual deles era Jesus! No entanto, sua torpeza era tão profunda e sua hipocrisia tão maliciosa que, aparentemente, a consciência de Judas não o acusava. Além disso, uma vez que Jesus adiantou-se e identificou-se, o sinal era desnecessário. Mas Judas — que havia se tornado um homem cínico e vil — ainda assim o beijou (Marcos 14:45).

"Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?" (Lucas 22:48). Beijar era um sinal de reverência, amor, afeição, carinho, respeito e intimidade. Os sentimentos fingidos de Judas para com Cristo apenas tornavam seu ato ainda mais perverso. Foi uma hipocrisia desleal, que procurou manter a aparência de respeito até o amargo fim.

Jesus, sempre bondoso, chegou a chamá-lo de "amigo" (Mateus 26:50). Ele havia sido sempre amigável com Judas, mas Judas não era um verdadeiro amigo de Jesus (veja João 15:14). Era um traidor e um enganador. Seus beijos eram os beijos do pior tipo de traição.

Naquela noite, Judas profanou a Páscoa. Profanou o Cordeiro de Deus. Profanou o Filho de Deus. Profanou o lugar de oração. Traiu seu Senhor com um beijo.

Sua morte

Judas vendeu Jesus por uma ninharia. Contudo, assim que a transação havia se completado, a consciência de Judas foi imediatamente despertada. Viu-se no inferno que ele mesmo havia criado, sendo aturdido pela própria mente por aquilo que havia feito. O dinheiro, que antes tinha sido tão essencial

para ele, já não importava mais. Mateus 27:3-4 diz: “Então Judas, o que traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente”.

Seu remorso não era o mesmo que arrependimento, como os acontecimentos subsequentes mostram claramente. Ele sentia pesar, mas não era por ter pecado contra Cristo, e sim porque o seu pecado não o havia satisfeito da forma como esperava.

Os principais sacerdotes e anciãos não mostraram qualquer empatia. “Que nos importa? Isso é contigo” (versículo 4). Haviam conseguido o que queriam. Judas podia fazer o que bem entendesse com o dinheiro. Não havia nada que pudesse anular sua traição.

Nas palavras de Mateus, “Então Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se” (versículo 5). Judas já estava no inferno que havia criado para si. O pecado traz culpa e o pecado de Judas trouxe sobre ele infâmia insuportável. Devemos repetir que seu remorso não era arrependimento verdadeiro. Se fosse o caso, ele não teria se matado. Simplesmente estava aflito, pois não gostava daquilo que sentia.

Infelizmente, Judas não buscou o perdão de Deus. Não clamou por misericórdia. Não buscou livramento das garras de Satanás. Em vez disso, tentou calar sua consciência ao cometer suicídio. Tratava-se da profunda tristeza de um louco que havia perdido o controle.

Mateus conclui seu relato sobre Judas dizendo: “E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros. Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue” (Mateus 27:6-8).

Atos 1:18-10 acrescenta uma última observação à tragédia de Judas, com mais detalhes sobre sua morte e a aquisição do Campo de Sangue: “Ora, este homem adquiriu campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se

derramaram; e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue".

Alguns imaginam que existe uma contradição entre Mateus e Atos, mas todas as aparentes discrepâncias podem ser conciliadas. Mateus indica que os sacerdotes compraram o campo com o dinheiro sujo. Assim, é verdade que Judas adquiriu o campo com "o preço da iniquidade". O campo foi comprado *para* ele pelos principais sacerdotes, mas a compra foi realizada com seu dinheiro. O campo passou a ser uma posse de Judas. Seus herdeiros — caso houvesse algum — teriam direito de herança sobre o campo. Portanto, é correto dizer que ele "adquiriu o campo com o preço da iniquidade", mesmo tendo sido comprado *para* ele, como que por procuração.

Por que esse determinado campo? Pois foi justamente o lugar em que Judas se enforcou. Ao que parece, ele escolheu uma árvore que pendia sobre pedras pontiagudas. (Em Jerusalém, há um campo que se encaixa perfeitamente nessa descrição e, de acordo com a tradição, foi lá que Judas se enforcou). A corda ou o galho da árvore se partiu e Judas caiu diretamente sobre as pedras. A descrição bíblica é bastante explícita e desagradável: "rompeu-se pelo meio e todas as suas entranhas se derramaram" (Atos 18:1). Judas foi uma figura tão trágica que nem sequer conseguiu se matar da forma como queria. Ainda assim, ele morreu.

Essas são praticamente as últimas palavras das Escrituras sobre Judas: "suas entranhas se derramaram". Sua vida e sua morte foram tragédias grotescas. Ele era um filho do inferno e da perdição, e foi para o lugar ao qual pertencia. Jesus disse estas tristes palavras: "Melhor lhe fora não haver nascido!" (Marcos 14:21).

A MORAL DE SUA VIDA

Podemos tirar algumas lições importantes da vida de Judas. Em *primeiro* lugar, Judas é um exemplo trágico de oportunidades perdidas. Dia após dia,

durante cerca de dois anos, ele ouviu Jesus ensinar. Poderia ter feito a Jesus qualquer pergunta que quisesse. Poderia ter buscado e recebido do Senhor qualquer ajuda de que precisasse. Poderia ter trocado o fardo opressor do pecado por um jugo suave. Cristo havia apresentado um convite aberto a todos que desejassem fazê-lo (Mateus 11:28-30). Porém no fim, Judas foi amaldiçoado por não dar atenção àquilo que havia escutado.

Em *segundo* lugar, Judas é um exemplo de privilégios desperdiçados. Dentre todos os seguidores de Jesus, ele recebeu o lugar mais privilegiado, mas não soube aproveitar — trocou-o por um punhado de moedas e, mais tarde, resolveu que não as queria mais. Que transação mais estúpida!

Em *terceiro* lugar, Judas é a ilustração clássica de como o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (1Timóteo 6:10).

Em *quarto* lugar, Judas exemplifica a indignidade e perigo da traição espiritual. Quem dera aquele Judas fosse o único hipócrita a ter traído o Senhor, mas esse não é o caso. Todas as eras têm os seus Judas — pessoas que aparentam ser discípulos verdadeiros e seguidores fiéis de Cristo, mas que se voltam contra ele por motivos desonestos e egoístas. A vida de Judas serve de lembrança para cada um de nós da necessidade de examinar-se a si mesmo (2Coríntios 13:5).

Em *quinto* lugar, Judas é prova dos ternos afetos de misericórdia de Cristo, da sua paciência e eterna bondade. "O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras" (Salmos 145:9). Ele mostra suas ternas misericórdias a réprobos como Judas. Lembre-se de que Jesus ainda o chamou de "amigo", mesmo no meio da traição. Em momento algum, Jesus demonstrou por Judas algo que não fosse bondade e caridade, mesmo que o Senhor soubesse desde o princípio o que Judas planejava fazer. De modo algum, Cristo levou Judas a fazer o que fez.

Em *sexto* lugar, Judas demonstra como a vontade de Deus não pode ser frustrada de maneira alguma. À primeira vista, sua traição a Cristo pareceu ser a maior vitória de todos os tempos para Satanás. Contudo, na realidade, foi um sinal da derrota absoluta do diabo e de todas as suas obras (Hebreus 2:14; 1João 3:8).

Em *sétimo* lugar, Judas é uma demonstração vívida de toda a futilidade da hipocrisia e da falsidade. Ele é o galho mencionado em João 15:6 e que não permanece na Videira verdadeira. Esse galho não dá frutos, é cortado fora e lançado ao fogo para ser destruído. Judas era tão habilidoso em sua hipocrisia, que nenhum dos outros onze jamais suspeitou dele. Mas ele não podia enganar a Jesus. Nenhum hipócrita pode. Cristo é o justo Juiz que dará a cada pessoa o que lhe é devido (João 5:26-27). Hipócritas como Judas não poderão culpar ninguém mais além de si mesmos pela destruição de sua alma.

Quando Judas negociou a vida de Cristo, estava, com efeito, vendendo sua própria alma ao diabo. Ele mesmo criou a tragédia de sua vida. Ignorou a luz à qual havia sido exposto durante todos aqueles anos e assim condenou-se à escuridão eterna.

Depois da ressurreição de Jesus, o lugar de Judas foi ocupado por Matias (Atos 1:16-26). O apóstolo Pedro disse: "Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu encargo" (versículo 20). Matias foi escolhido, pois havia estado com Jesus e os outros apóstolos "começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas" (versículo 22).

Não se sabe nada sobre Matias além disso. Seu nome aparece nas Escrituras em duas ocasiões, ambas em Atos 1, no relato de como ele foi escolhido. Desse modo, no final, um outro homem perfeitamente comum foi escolhido para tomar o lugar de um homem de excepcional abjeção. Assim, juntamente com os outros discípulos, Matias tornou-se uma poderosa testemunha da ressurreição de Jesus (versículo 22) — mais um homem comum que o Senhor elevou a um chamado extraordinário.

Notas

[1] Bruce, Alexander Balman. *The Training of the Twelve.* Nova York: Doubleday, 1928. p. 29-30 [publicado no Brasil sob o título *O treinamento dos doze.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007].

[2] Maxwell, John C. *The 21 Irrefutable Laws of Leadership*. Nashville: Thomas Nelson, 1998. p. 71 [publicado no Brasil sob o título *O livro de ouro da liderança.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011].

[3] As versões *King James* e *New King James* parecem sugerir que esse episódio ocorreu depois da ceia, enquanto outras versões sugerem que foi durante a ceia. A palavra grega traduzida como "terminada" na KJV é *ginomai*, um verbo com significado muito amplo, incluindo, "ser preparado, ser realizado, ter acabado."

O contexto deixa claro que foi na preparação para a refeição, e não durante o período em que esta estava sendo realizada ou terminada, que Jesus levantou-se para lavar os pés dos discípulos. Obviamente, foi depois disso que Jesus molhou um pedaço de pão e entregou-o a Judas (versículo 26). Assim, fica evidente que os pés foram lavados (conforme exigia o protocolo) antes da refeição, e não depois.

[4] Cesareia, Eusébio de. *Ecclesiastical History*, 3:1. p. 30 [publicado no Brasil sob o título *História Eclesiástica.* Rio de Janeiro: CPAD, 2014].

[5] Pollock, John C. *Moody: A Biographical Portrait of the Pacesetter in Modern Evangelism*. Nova York: Macmillan, 1963. p. 13.

[6] Day, Richard Ellsworth. *Bush Aglow: The Life Story of Dwight Lyman Moody*. Filadélfia: Judson, 1936. p. 65.

[7] Cesareia, Eusébio de. *Ecclesiastical History*, 2.9.2-3.

[8] Josefo, Flavio. *Antiquities*, 18.6.

[9] Idem, *Wars of the Jews*, 4.3.9.

[10] Cesareia, Eusébio de. *Ecclesiastical History*, 1.13.5.

[11] Spurgeon, Charles H. "A Defense of Calvinism" em Spurgeon, Susannah, Harrald, Joseph (eds.). *The Autobiography of Charles H. Spurgeon*. Vol. 1. Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1895. p. 177.


GÊNESIS A APOCALIPSE
VERSÍCULO POR VERSÍCULO
COMENTÁRIO BÍBLICO
MAC ARTHUR
THOMAS NELSON

Comentário bíblico MacArthur

MacArthur, John
9788566997637
2048 páginas

Compre agora e leia

Desvendando a verdade da palavra de Deus, versículo a versículo A obra um que você tem em mãos é uma das principais produções de John MacArthur, demonstrando a maturidade de sua teologia e a grande experiência de muitos anos de estudo e dedicação. No Comentário bíblico MacArthur, o autor faz uma minuciosa análise do texto bíblico, versículo a versículo, trecho a trecho, destacando pontos de interesse geral e particularidades para os mais atentos pesquisadores. Dessa forma, de modo profundo e, ao mesmo tempo, prático, esta é uma obra de segura contribuição para os cristãos em geral e para estudiosos de todos os níveis de interesse. • Comentário versículo a versículo, com remissão interna • Mapas e contextualizações de termos e culturas dos tempos bíblicos • Introdução, livro a livro, da bíblia • Introduções de blocos internos, como os testamentos da bíblia e demais divisões do texto bíblico • Esboço introdutório aos livros a serem estudados • Interpretação de termos e trechos que, em geral, apresentam dificuldade

Compre agora e leia


MICHAEL J. GORMAN
INTRODUÇÃO
À EXEGESE BÍBLICA
COMPLETO · LÓGICO · PRÁTICO
Thomas Nelson
BRASIL

Introdução à exegese bíblica

J. Gorman, Michael
9788578609733
320 páginas

Compre agora e leia

INTRODUÇÃO À EXEGESE BÍBLICA é um guia fundamental para estudantes, professores e ministros do evangelho que anseiam por uma abordagem clara e direta para a complexa tarefa da exegese bíblica. Altamente prático e didático, o livro mostra que essa tarefa pode ser facilmente executada por meio de sete subsídios principais: pesquisa, análise contextual, análise formal, detalhamento do texto, síntese, reflexão e expansão e aprimoramento da exegese. Para cada um desses elementos, o renomado e premiado autor Michael J. Gorman fornece uma explicação acessível, sugestões objetivas e úteis — como erros a evitar e descobertas a fazer —, além de exercícios para ajudar o leitor a desenvolver perícia exegética. Para melhorar ainda mais a assimilação do aprendizado e seu desenvolvimento, o autor fornece recursos atualizados da mídia impressa e da Internet para os que desejam prosseguir o estudo em qualquer aspecto da exegese. Os apêndices fornecem exemplos e diretrizes práticas para escrever um acurado trabalho de pesquisa exegética.

Compre agora e leia


DOUGLAS GONÇALVES
sounós
A IMAGEM DE DEUS EM NÓS

Sou Nós

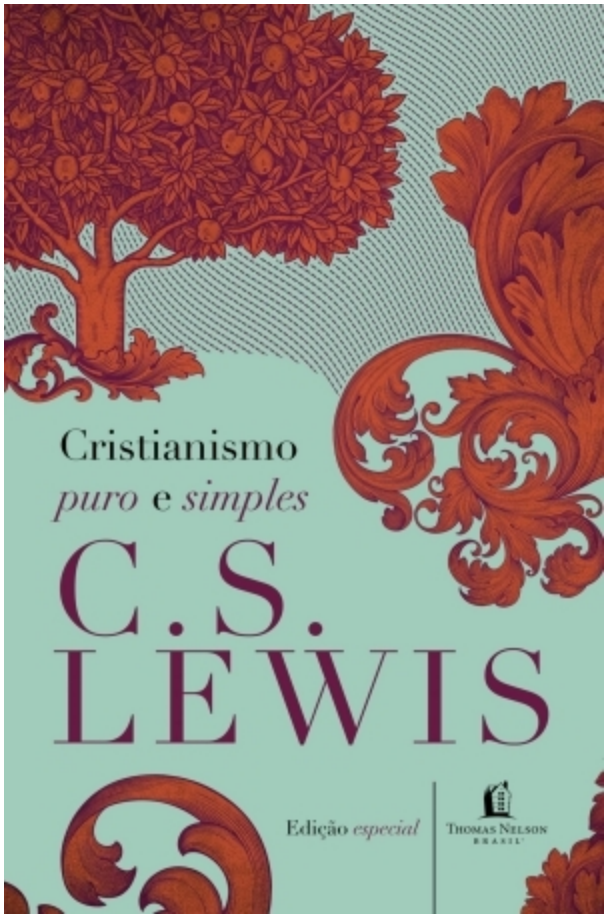
Gonçalves, Douglas
9788571670945
224 páginas

Compre agora e leia

Numa era em que as pessoas são cada mais individualistas, tudo o que importa é a satisfação pessoal, a realização profissional, o alcance individual de metas e objetivos e assim por diante. Embora a internet tenha proporcionado formas novas de conectar as pessoas umas com as outras, o ser humano parece cada vez mais isolado e solitário. Com tanta evolução tecnológica, com tanto avanço da ciência, com tantas liberdades individuais, o que será que a humanidade está fazendo de errado? Por que as pessoas parecem tão perdidas e insatisfeitas? Suspeito que o problema esteja justamente no individualismo. Este livro vai na contramão do que a sociedade do século 21 tanto valoriza. Acreditamos tanto na relevância dessa mensagem para fazer frente ao individualismo que decidimos fazer um esforço na tentativa de espalhá-la a todos os cantos, para que ela alcance outras comunidades e promova muitos benefícios. O entendimento a respeito do que vem a ser o homem coletivo é transformador e, com certeza, fará diferença na vida de cada leitor e, consequentemente, em suas respectivas igrejas. Espero que Deus o abençoe nessa jornada rumo à compreensão de que você, o irmão que senta a seu lado na igreja e eu, todos nós somos um em Cristo. Meu desejo é que cada comunidade cristã, em cada recanto do mundo, possa experimentar também essa transformação e

passe a enfrentar todos os desafios gritando sempre bem alto, para quem quiser ouvir: É nós!

Compre agora e leia


Cristianismo
puro e simples
C.S.
LEWIS
Edição especial
Thomas Nelson
Brasil

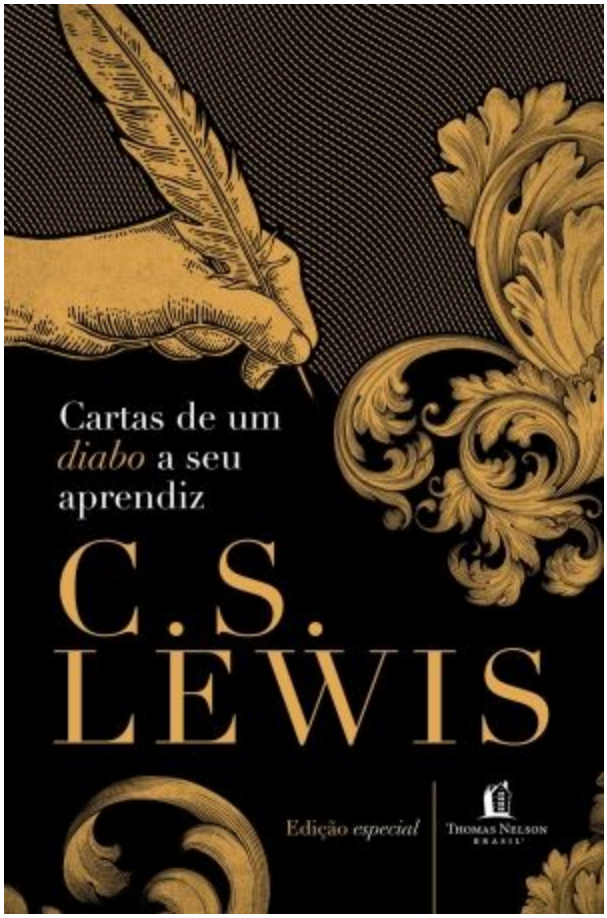
Cristianismo puro e simples

Lewis, C. S.
9788578601577
272 páginas

Compre agora e leia

Em um dos períodos mais sombrios da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, C.S. Lewis foi convidado pela BBC a fazer uma série de palestras pelo rádio com o intuito de explicar a fé cristã de forma simples e clara. Mais tarde, ajustado pelo próprio Lewis, esse material daria origem a Cristianismo puro e simples, um grande clássico da literatura. Na obra mais popular e acessível de seu legado, Lewis apresenta os principais elementos da cosmovisão cristã, gradativamente conduzindo o leitor a temas mais profundos e complexos, provocando reflexão e debate. Nesta edição especial e com tradução de uma das maiores especialistas em Lewis do Brasil, você vai encontrar as palavras que encorajaram e fortaleceram milhares de ouvintes em tempos de guerra — e ainda reverberam mais de 70 anos depois.

Compre agora e leia


Cartas de um
diabo a seu
aprendiz
C. S.
LEWIS
Edição especial
Thomas Nelson
Brasil

Cartas de um diabo a seu aprendiz

Lewis, C. S.
9788578607265
224 páginas

Compre agora e leia

Irônica, astuta, irreverente. Assim pode ser descrita esta obra-prima de C.S. Lewis, dedicada a seu amigo J.R.R. Tolkien. Um clássico da literatura cristã, este retrato satírico da vida humana, feito pelo ponto de vista do diabo, tem divertido milhões de leitores desde sua primeira publicação, na década de 1940; agora com novo projeto gráfico e tradução atual.Cartas de um diabo a seu aprendiz é a correspondência ao mesmo tempo cômica, séria e original entre um diabo e seu sobrinho aprendiz. Revelando uma personalidade mais espirituosa, Lewis apresenta nesta obra a mais envolvente narrativa já escrita sobre tentações — e a superação delas.

Compre agora e leia